

O ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA RENUNCIADO

Rev. D. M. Canright
1889

**Décima Quarta Edição
1915**

Tradução: Valter Contessoto
2016

PREFÁCIO

“Crítico, expor e condenar outros não é uma tarefa agradável, mas quando professores religiosos entronam o erro e desviam pessoas honestas, o silêncio seria rude e censurável.”

Estando profundamente convencido de que o adventismo do sétimo dia é um sistema em erro, eu sinto que é meu dever publicar o que eu sei sobre ele. Entretanto, eu o faço no temor do Senhor. Considerando o pesar que esse sistema religioso trouxe ao meu coração e ao coração de milhares de pessoas, eu sinto que devo alertar outros sobre ele. Eu não questiono a honestidade dos adventistas, mas a sinceridade deles não santifica os seus erros. A maneira com que eu falo, neste livro, é com muita clareza, porém, com brandura. Eu tive que tratar cada assunto brevemente, e deixar muitos intocados, mas os principais pilares da fé adventista são abordados aqui. Se estes pilares caírem, o todo se desmoronará.

Está fazendo agora vinte e cinco anos que este livro foi primeiramente publicado. Esta é a décima quarta edição. Ele tem sido traduzido em várias línguas, vendido por inúmeras casas publicadoras, ido pelos fins da Terra onde quer que o adventismo tenha ido, e tem sido o maior obstáculo por ele encontrado. No entanto, os adventistas não se aventuraram a respondê-lo. Eles dizem o que podem, mas fica evidente que eles ficariam felizes em poder respondê-lo, se eles pudessem fazê-lo com segurança.

Réplicas ao Pastor Canright, citado nesta obra, não é uma resposta a este livro, mas a uns poucos artigos que eu escrevi para um jornal, bem antes de este livro ser publicado. Os panfletos por si mesmos provam isto. A folha de rosto tem a data de 1888, enquanto meu livro só foi publicado um ano depois, em 1889. Vejam a minha folha de rosto. Na página 80 do panfleto deles, eu leio: “Ele promete um próximo livro, no qual, nós presumimos, ele planeja cobrir tudo o que os seus artigos deixaram para trás. Ele receberá a devida atenção, se houver algo que valha a pena, quando ele surgir.” Isto mostra que esta réplica não é uma resposta ao meu livro. Uma foi prometida, mas nunca apareceu. O livro discorre sobre muitos assuntos que nem foram mencionados nos artigos, e, é claro, é muito mais completo em todos os sentidos. Considerando que os adventistas estão sempre prontos para debates, discussões e réplicas, como é que este livro, que tem tanto os importunado, mais do que todos os outros que tem aparecido contra eles, é por eles tão cuidadosamente deixado de lado? A razão é evidente aos que são sinceros.

Aqui está o que os meus irmãos adventistas pensavam de mim antes que eu os deixasse:

Battle Creek, Michigan, 13 de Julho de 1881.

“Irmão Canright: Eu sinto mais interesse em você do que em qualquer outro homem, porque eu sei do seu valor como um trabalhador quando o Senhor está contigo.” Tiago White.

“Battle Creek, Michigan, 22 de Maio de 1881. É hora de haver uma mudança nos oficiais da Conferência Geral. Eu confio que se nós formos verdadeiros e fiéis, o Senhor se agrada em que nós ocupemos dois lugares naquele quadro de oficiais.” Tiago White.

“Battle Creek, Michigan, 06 de Agosto de 1884. Você tem estado há muito tempo conosco, e todos nós o amamos.” G. I. Butler.

“Martinsburg, Nevada, 14 de Julho de 1884. Você foi um poder ao mundo, e fez muitas coisas boas... nós precisamos grandemente de sua ajuda na obra. Seu talento precioso, se humildemente e completamente consagrado a Deus, seria muito útil. Há muitos lugares onde ele seria de grande ajuda.” G. I. Butler
Advent Review, Março de 1887.

“Nós nos sentimos extremamente tristes, ao ver quebrar nossa conexão religiosa com alguém, que temos por tanto tempo estimado como um querido irmão.”
Advent Review, 22 de Março de 1887.

“Ao deixar-nos, ele tem tomado um rumo muito mais louvável, e com muito mais hombridade que a maioria daqueles que tem se retirado de nós, vindo voluntariamente aos nossos líderes, e com franqueza, declarar a condição mental em que ele se encontrava. Ele fez isso perante a sua própria igreja, em nossa presença, e, tanto quanto nós sabemos, não tem se utilizado de nenhum meio injusto e dissimulado para nos prejudicar. Ele se vai de nosso meio, sem nenhuma mancha imoral sobre o seu caráter, para escolher associações que lhe agradam mais. É este o privilégio de cada homem, se ele optar por assim tomá-lo.”

As citações dos livros adventistas, que utilizo aqui, são dos que foram publicados até 1889, ano em que eu escrevi este livro. Desde então, a maioria dos livros deles tem sido reimpressos e paginados de forma diferente. Para estar em conformidade com estes livros, como eles estão agora paginados, eu precisaria mudar muito as minhas referências. Para fazer isso, eu teria que reimprimir todo o meu livro. Como é feito em placas galvanotípicas, para mudar algumas placas, seria necessário uma mudança em todas. Por isso, eu as deixei como estavam. As citações estão todas lá, apenas algumas estão em páginas diferentes nas suas edições atuais. Eu tive grande cuidado em apresentar cada citação corretamente. Elas são confiáveis.

Eu pretendo ser perfeitamente justo com os meus irmãos adventistas. Eu estive com eles por vinte e oito anos, desde os meus 19 até os 47, os anos mais ativos de minha vida. Eu fui muito amado por eles, e eu os amava muito. Eu ainda os amo. Tenho milhares de amigos queridos entre eles ainda. Foi uma provação terrível romper com todos esses laços afetivos. Mesmo agora, as lágrimas caem enquanto eu escrevo estas linhas. Mas a verdade e o dever foram mais importantes para mim do que os laços sociais.

Novamente lhes dou testemunho de que eles são pessoas sinceras, dedicadas, abnegadas, completamente acreditando naquilo que eles professam. Eles possuem qualidades excelentes, e há muitas pessoas cristãs adoráveis entre eles. Como todas as igrejas, eles têm a sua quota de membros indesejáveis, não provenientes de ensinamentos imorais, mas como resultado da fragilidade humana, comum em todas as igrejas. Diariamente eu oro por eles, para que o Senhor possa abençoar tudo aquilo que há de bom neles, e perdoar, e, de alguma forma, não levar em conta quando eles estiverem em erro. Isto é tudo o que ousou pedir.

D. M. Canright, 1914.

MINHA POSIÇÃO ATUAL

Quando um homem proeminente deixa uma igreja ou partido, se junta a uma igreja oponente e dá suas razões para isso, ele pode esperar uma resposta de seus antigos companheiros. Eu não esperava uma exceção no meu caso, quando eu renunciei o adventismo, portanto, eu não fui decepcionado. A grande maioria dos meus antigos irmãos tem sido muito amigável comigo, e tem me tratado gentilmente. Poucos, muito poucos, têm feito de outra forma. Seu objetivo tem sido neutralizar a minha influência, contra o que eles consideram ser a obra de Deus. Estes poucos começaram a relatar, que eu tinha me arrependido por ter deixado o adventismo, que eu mesmo tinha dito isso, que eu tinha tentado voltar para eles, que havia confessado que o meu livro era falso, e alguns disseram que eu estava muito pobre, e estava física e

mentalmente arrasado, sem esperança de salvação, etc.. Estes relatos são aceitos como fatos por irmãos honestos, e eles são repetidos, até serem acreditados por muitos adventistas em todo o mundo. Eu os neguei em todos os sentidos possíveis, mas eles ainda são acreditados e repetidos, e sem dúvida sempre serão. Deixo que Deus julgue entre nós.

Eu, aqui e agora, pela centésima vez, solenemente afirmo perante Deus, que eu renunciei o adventismo porque eu acreditava ser ele um erro. Eu nunca tive, uma vez sequer, lamentado por ter feito isso, nunca insinuei a qualquer pessoa, que eu tivesse o menor desejo de voltar para aquele povo. Seria impossível para mim, fazer tal coisa e ser um homem honesto. Estou agora (1915) bem, no corpo e na mente, tenho uma boa casa no valor entre US \$10.000 e US \$12.000, tenho quatro filhos adultos, pelos quais qualquer homem ficaria orgulhoso. Ao sair do adventismo, entrei para a Igreja Batista em Otsego, Michigan, e tornei-me o seu pastor. Pude vê-la tornar-se muito próspera. Eles têm sido os meus amigos chegados até este dia. Vinte anos atrás, eu me mudei para Grand Rapids, Michigan, e assumi uma nova missão e tive sucesso, e organizei uma igreja a qual tem se tornado uma das mais fortes igrejas da cidade, tendo centenas de membros, assim como, um bom edifício. Fui pastor ali por duas vezes, sempre um membro ativo. Atualmente, eu leciono em uma grande classe bíblica para adultos, todos os domingos, e, frequentemente, prego para eles. Tenho estado sempre em perfeita harmonia com a igreja. Eles me honram como seu pai, e me consultam sobre todas as questões importantes, e grandemente ressentem os relatos tolos que alguns circulam sobre mim.

De dezenas de testemunhos impressos perante mim, eu seleciono apenas alguns que falam por si mesmos:

Grand Rapids, Michigan, 01 de Novembro de 1907.

Para quem possa interessar:

“Tendo recebido muitas cartas de todas as partes dos Estados Unidos daqueles que foram informados pelos adventistas que o reverendo D. M. Canright não era membro de uma Igreja Batista e muitas outras coisas referentes ao seu caráter. Nós, muito enfaticamente, denunciemos tais declarações, e afirmamos que ele é agora e sempre tem sido, por muitos anos, um membro ativo da Igreja Bereana Batista desta cidade, e foi por duas vezes seu pastor. Ele é um homem acima de qualquer suspeita, e, sobretudo, um nobre cristão.”

Respeitosamente,

W. H. Andrews, ex-funcionário e membro da igreja citada acima.

Certifico ao escrito acima.

Reverendo Robert Gray,

Pastor da Igreja Bereana Batista.

Grand Rapids, Michigan, 09 de Abril de 1910.

Para quem possa interessar, por todo o mundo:

“Queridos irmãos: Esta carta é para dizer que eu conheço o rev. D. M. Canright, por muitos anos; sendo ele um homem sério, cristão consagrado, e um verdadeiro ministro de Jesus Cristo. Ele tem sido ‘uma testemunha fiel e verdadeira’ contra os erros dos adventistas do sétimo dia em seus livros e folhetos, por muitos anos.”

Oliver W. Van Osdel

Moderador da Associação do Grand River Valley

Alexander Dodds

Presidente da Sociedade de Missão Batista da Cidade

W. I. Coburn

Presidente da Conferência dos Ministros Batistas

Os batistas não são as únicas pessoas que pensam bem do rev. Canright. Um ministro congregacional acrescenta a sua palavra:

“Isto certifica que tenho me familiarizado com o reverendo desta cidade, D. M. Canright, por mais de quarenta e cinco anos, dos quais, pelo menos por vinte anos, ele foi um pregador adventista, e durante aqueles anos, sua reputação como um homem cristão e como um pregador de rara capacidade, era altamente reconhecida. Seu nome entre o povo adventista deste estado era muito estimado e um sinônimo

de retidão de caráter. Ele foi um hábil defensor de sua fé, e quando ele deixou a denominação adventista, todos os que o conheciam, se todos estiverem imbuídos do espírito cristão, devem admitir que a mudança feita por ele, foi devido a uma convicção sincera, consciente do que ele acredita ser certo, não poderia haver outro motivo, no seu caso, pois ele era bem sucedido acima de muitos de seus irmãos, e honrado por eles em alto nível. Durante pelo menos vinte anos, ele e sua amada família viveram nesta cidade, e ele tem mantido a mesma reputação que tinha, como um cavalheiro cristão e cidadão respeitado. O que escrevi é de conhecimento pessoal do rev. D. M. Canright e da denominação adventista deste estado.”

J. T. Husted

Pastor da Igreja Congregacional Wallin

Grand Rapids, Michigan, 12 de Abril de 1910.

Os pastores metodistas adicionam seu tributo da seguinte forma: “Vários questionamentos têm chegado aos diferentes membros da Associação relativos ao caráter e posição do reverendo D. M. Canright. A reunião mensal regular da Associação dos Ministros Metodistas de Grand Rapids, Michigan, por unanimidade, aprovou a seguinte expressão de sua confiança a respeito do valor pessoal e utilidade ministerial do irmão Canright. O rev. D. M. Canright, um ex-ministro da Associação Adventista do Sétimo Dia, mais recentemente, um ministro na Associação Batista da cidade, tem sido conhecido por alguns dos nossos membros, em pessoa, durante vários anos, e pela reputação, pelo restante; e todo o nosso conhecimento e informação a respeito dele são dos mais favoráveis. Quaisquer recriminações feitas sobre o seu caráter pessoal como homem, marido, cidadão, filho ou cristão, são destituídas de fundamento. De fato, são injustificadas pelos fatos atestados por seus conhecidos íntimos. Ele é honrado entre os seus irmãos, respeitado na sua própria comunidade, e é elogiado por nós como sendo digno de confiança. Ele teve um ministério honrado e útil, e, em nenhum sentido, é merecedor dos ataques feitos contra ele.”

Escrito em Grand Rapids, Michigan, no dia 11 de Abril de 1910, pela autoridade da Associação de Ministros Metodistas de Grand Rapids.

John R. T. Lathrop, Superintendente do Distrito.

Charles Nease, Presidente.

J. R. Wooten, Secretário.

Grand Rapids, Michigan, 11 de Abril de 1910.

“É com sincero prazer que eu escrevo sobre o caráter e a integridade do rev. D. M. Canright. Eu o conheci, juntamente com sua família, há muitos anos, e não hesito em dizer que eles são pessoas muito estimáveis, e eles têm a confiança de seus vizinhos e amigos na comunidade. Eu considero o Sr. Canright como sendo um cavalheiro cristão em todo o sentido da palavra. Um homem da maior integridade. Aquele que deseja, em cada projeto com o qual ele está ligado, fazer da justiça a sua guia para a ação. Ele tem feito negócios com nosso banco por muitos anos, e eu tenho tido razão para testar sua integridade, e assim, não há qualquer equívoco na minha expressa confiança nele.”

Atenciosamente,

Charles W. Garfield. (Sr. Garfield é presidente de um banco com US \$ 2.000.000).

Os adventistas, algumas vezes, dizem que eu os deixei quatro ou cinco vezes. Eu me afastei daquela igreja apenas uma vez, não mais, e isso é tudo. Seus registros da igreja em Battle Creek e Otsego vão mostrar isso. Por anos eu andava perturbado com dúvidas sobre algumas de suas doutrinas, e por três vezes parei de pregar por um tempo, mas continuei a ser um membro regular. Em uma grande reunião campal, eu fui persuadido a engolir minhas dúvidas e assumir o trabalho outra vez. Confesso que eu tinha estado no escuro, e continuei lá novamente. Eu deixei meus julgamentos de lado, perante as súplicas de meus irmãos e o amor que eu tinha por antigos colaboradores, e disse coisas das quais eu logo me arrependi. Eu achei que era uma luta terrível romper com o que tinha me segurado por tanto tempo.

Desde que eu os deixei, eles tentam fazer parecer que eu não faço nenhuma diferença. “Uvas azedas!”, disse a raposa para o delicioso fruto que ela não conseguia alcançar. Como uma refutação de suas deprecições, consulte o capítulo 2 do meu livro. Vou aqui mencionar apenas alguns fatos brevemente:

Durante dois anos, 1876, 1877, eu era um dos três, da Comissão da Conferência Geral, que tinha o controle de toda a obra deles no mundo. Não há autoridade maior na denominação. Como é que eu fui colocado nesse cargo, se eu não era um dos seus melhores homens? Ano após ano, fui eleito nos concílios, tendo a responsabilidade pelas suas instituições mais importantes, tais como a sua editora, universidade, clínicas de saúde, Associação da Escola Sabatina, etc., etc.. Para a prova disto, vejam seus anuários impressos, onde meu nome aparece constantemente. Eu me formei professor de teologia na sua faculdade, fui presidente de uma conferência estadual, editor associado de um jornal, etc. Eu selecionei e organizei o curso de leitura, que todos os seus ministros tinham de seguir, e fui enviado para as conferências anuais do estado para examinar estes pregadores nesses estudos, em sua teologia, e na sua aptidão para o ministério. É esse tipo de trabalho geralmente atribuído a um homem sem valor?

Mas foi como um escritor em seus jornais, como o autor de inúmeros folhetos, panfletos e livros que cobrem quase todos os pontos de sua fé controversa, como palestrante e debatedor em defesa de suas doutrinas, que eu fiquei conhecido como o melhor, durante os últimos quinze anos em que eu estive com eles. Nestas linhas, nenhum homem entre eles tornou-se tão proeminente quanto eu. Todos aqueles que estavam familiarizados com a obra deles durante aquele período, sabem que eu digo a verdade. Eles o sabem também. Pelos meus escritos, uma vez, me pagaram US \$ 500 e muitas outras vezes, outros valores. Depois de vinte e sete anos, eles ainda publicam e usam vários de meus escritos, pois eles são melhores do que qualquer coisa que eles tenham sido capazes de produzir desde então.

Minha longa e profunda familiaridade com o adventismo e todos os seus argumentos, me tem preparado para responder a eles como nenhum outro poderia. Centenas de ministros de todas as partes me escreveram com seus agradecimentos, pela ajuda que meu livro tem sido a eles ao se depararem com o adventismo. Não têm Deus, em sua providência, me preparado para este trabalho? Eu, humildemente, acredito que sim! E isso me reconcilia com as longas e amargas experiências que tive naquele cativeiro. Mas se Deus e a verdade são honrados, estou contente.

A única pergunta é: Eu conheço as suas doutrinas bem o suficiente para apontá-las de forma clara, e tenho a capacidade de responder-lhes claramente? Deixe meu trabalho ser a resposta.

Desde que eu me retirei, os adventistas têm publicado cinco ou seis panfletos diferentes, para acabar com a minha influência. Se eles não se importam comigo nem um pouco, por que todo esse esforço? O que eles fazem, refuta o que eles dizem. Deus tem me preservado, para sobreviver a quase todos os ministros adventistas com quem comecei trabalhando. Aos setenta e cinco anos de idade, estou cheio de fé em Deus e na esperança da vida eterna através do nosso Senhor Jesus Cristo. Eu amo aqueles irmãos ainda, e sei que a maioria deles são pessoas cristãs e honestas, mas que permanece no erro em relação a muitas das suas teorias. Eu ficaria feliz em poder ajudá-los, se pudesse.

D. M. Canright, pastor emérito da Igreja Batista Bereana. Grand Rapids, Michigan.

INTRODUÇÃO

Rev. Theo. Nelson. L.L.D., Presidente do Kalamazoo College.

Conheci pela primeira vez o autor de *O Adventismo Renunciado*, no outono de 1865. Ele era então um jovem ministro em ascensão, altamente estimado pelo seu povo. Naquele tempo, como agora, eu tinha plena confiança em sua sinceridade. Não acho estranho que, depois de mais de vinte anos dedicados à causa adventista, ele tenha finalmente renunciado as suas doutrinas, e retornado para a fé ortodoxa. Não é necessário imputar quaisquer motivos sinistros ou indignos. Pelo contrário, é fácil o suficiente acreditar que a experiência e estudo, ou a evolução da inteligência, bem como a lógica irresistível de eventos, inevitavelmente, levaria a efeito este resultado. Os adventistas sempre deram grande importância aos “sinais dos tempos”, “terremotos e estrelas cadentes”, “guerras e rumores de guerras”. Argumentos que podem profundamente impressionar a imaginação de um jovem, durante o período conturbado da nossa grande guerra civil, perderia naturalmente sua influência, sobre um julgamento maduro de um homem nestes “tempos de cachimbo da paz.”

Em relação aos adventistas como um povo, eu guardo nada mais que sentimentos de simpatia. Geralmente, sua piedade é, sem dúvida genuína, embora misantrópica e melancólica. Eles têm uma visão baixa da natureza humana, e praticamente se isolam dos seus vizinhos e daqueles assuntos que dizem respeito ao bem-estar da sociedade como um todo. Eles afastam-se de cada movimento que olha para o progresso humano, porque eles acreditam que o progresso humano é impossível, e que a humanidade já está condenada, que a destruição é iminente, “bem às portas”. Na verdade, sua fé religiosa restringe se não destrói, o seu sentimento de patriotismo, e faz com que eles considerem com desconfiança, se não com sentimentos de hostilidade, o governo livre em que vivem. Nada pode ser mais absurdo do que as suas interpretações dos eventos atuais, e, principalmente, sua crença de que nossos governos gerais e estaduais estão prestes a serem convertidos em máquinas de perseguição religiosa e despotismo. Não poderia ser diferente, que muitos sinceros adventistas, que tem vivido assim, seguindo o que eles acreditam ser a necessidade imperativa do ensino das Escrituras, serão gratos ao Sr. Canright, por ajudá-los a remover um jugo, que aprisiona a sua utilidade e exaspera sua mente.

Os adventistas acreditam e ensinam que antes da segunda vinda de Cristo, os Estados Unidos irão formar uma união entre Igreja e Estado, e, como a França e Espanha no século XVII, vão se tornar um poder perseguidor. Eles sustentam que as Escrituras proféticas claramente preveem essa mudança extraordinária, na forma e no espírito do nosso governo. Ao referir sobre a exatidão das interpretações das Escrituras, sobre as quais as suas expectativas se baseiam, eles não admitem qualquer possibilidade de erro. Eles dizem que tem o conhecimento da chave da profecia, que têm “a verdade presente”. Eles creem e ensinam que os adventistas serão especialmente testados nesta provação que está sendo preparada pelo governo civil; que eles serão as principais vítimas das terríveis perseguições que serão travadas contra os “santos do Altíssimo”, que eles sofrerão prisões, torturas, “a perda de seus bens”, e talvez a própria morte, nas mãos do poder secular. Na verdade, eles apoiam todo o seu sistema de doutrinas no significado da Palavra de Deus, e consideram estes acontecimentos, que eles alegam serem preditos pela Bíblia, serem tanto uma realidade, como se esses eventos já tivessem ocorrido. Esses eventos são uma realidade para eles, e tem o mesmo valor em discussão, e a mesma autoridade em ação, como a própria história. Em suas publicações e discursos, eles muitas vezes adotam o estilo do confessor que já é levado ao cadafalso, ou amarrado ao poste; eles falam em um tom desafiante, uma submissão heroica, como se os feixes estivessem sendo aceso e a coroa do martírio estivesse em plena vista. Para quem está familiarizado com a história das perseguições religiosas, e tem estudado o progresso e desenvolvimento da liberdade religiosa, especialmente nas nações anglo-saxônicas, para aquele que está bastante familiarizado com o espírito da época e do país em que vivemos, esta ostentação de um espírito de mártir de nossos amigos adventistas parece ser um grande absurdo. Se não fosse por sua bem conhecida retidão e probidade de caráter, a ânsia por encontrar prova e confirmação para sua crença em eventos que não têm tal significado, seria vista com suspeitas. Sob a nossa forma de governo, seria possível conseguir uma mais íntima e perfeita união, entre Igreja e Estado, do que a incorporada no governo inglês monárquico? Tal mudança seria um milagre maior, do que para Deus fazer crescer um carvalho gigante em um instante. As tendências da nossa civilização e as correntes mais poderosas da opinião pública estão todas em direção oposta. No entanto, mesmo na Inglaterra, os adventistas são livres para publicar suas doutrinas peculiares, para estabelecer igrejas, e desenvolver suas vocações, como os outros homens. A liberdade religiosa é o espírito da época, e, acima de tudo, o espírito da época nos Estados Unidos. Por isso, dizemos que, não há necessidade de temor para os sombrios pressentimentos de nossos amigos do Advento. Theo. Nelson

CAPÍTULO I

DOCTRINAS E MÉTODOS DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

O adventismo do sétimo dia originou-se há mais ou menos 75 anos atrás, na obra de Guilherme Miller, que definiu o tempo para o fim do mundo para 1843-1844. Adicionando algumas doutrinas à fé original, Tiago White e sua esposa, em 1846, tornaram-se os líderes do ramo do adventismo do sétimo dia. Sua sede foi, em épocas diferentes, localizadas em Paris, ME, Saratoga, Oswego, e Rochester, NY. Em 1855, eles estabeleceram-se permanentemente em Battle Creek, Michigan, onde o centro da obra permaneceu até recentemente.

SUAS DOCTRINAS

Na doutrina, eles diferem radicalmente das igrejas evangélicas. Os pontos principais são estes, como ensinado em todos os seus livros: eles se apegam à materialidade de todas as coisas; acreditam na filiação de Cristo; acreditam que somente eles têm um entendimento correto das profecias, às quais eles dão a sua maior atenção; que o fim do mundo está a ocorrer nesta geração; que estamos agora no julgamento que começou em 1844; que o sétimo dia, sábado, deve ser guardado; que a guarda do domingo é a marca da besta; que todos devem pagar o dízimo; que a Sra. White é inspirada, como foram os escritores da Bíblia; que a Bíblia deve ser interpretada de forma a harmonizar com os seus escritos; que eles são chamados por Deus para dar a última advertência ao mundo; que os mortos estão inconscientes; que os ímpios e o diabo serão aniquilados; que todas as igrejas, menos as deles, são a Babilônia e assim, rejeitados de Deus; que todos, com exceção deles, em breve se tornarão espíritas; que quando Cristo voltar, somente 144.000 de todos os que estarão vivos na terra serão salvos, e todos eles serão adventistas do sétimo dia. Assim, eles não têm comunhão com outros cristãos, de nenhuma maneira trabalham com eles, mas zelosamente fazem proselitismo com todos.

Eles acreditam na Bíblia, na conversão, na pureza da vida, na temperança rígida, em estrita moralidade, e em outras coisas boas, comuns a todas as igrejas. Há muitas pessoas excelentes entre eles. Em caráter, eles não podem ser comparados com os espíritas, infieis, etc., como às vezes é injustamente feito.

A EXTENSÃO DE SEU TRABALHO

O Livro do Ano de 1912 da IASD relata o seguinte:

Conferências: 129
Campos de missão: 87
Igrejas organizadas: 2.769
Filiação: 90.808
Não organizada: 15.758
Total: 104.528.
Ministros ordenados: 828
Ministros licenciados: 458
Missionários: 1.234
Colportores: 1.697
Trabalhadores no total: 4.346
Escolas Sabatinas: 4151
Membros: 101.161
Escolas da igreja: 594
Estudantes: 13.357
Faculdades e escolas básicas: 86
Estudantes: 7.169
Editoras: 28
Funcionários: 610
Clínicas: 74
Funcionários: 1.989
Dízimos: US \$1.338.689,65

Média por membro: US \$12,81

Contribuições para as missões, trabalho da igreja local, dízimos e todos os fundos por parte da denominação: US \$2.223.767,52.

Eles publicam 121 periódicos em vinte e oito idiomas. Livros e folhetos publicados em noventa e um idiomas.

Os dados acima dão uma boa ideia da força dessa igreja. No entanto, a sua principal eficiência é na distribuição de sua literatura. Cada membro, velho, jovem e até criança pequena, é ensinado e convidado a participar em todas as formas possíveis na distribuição destes folhetos, papéis e livros através de todos os canais possíveis. Cada um acredita que, ao fazer isso, está fazendo a obra de Deus. Por isso, cada membro é um missionário de alguma forma. O resultado é que a sua literatura está sendo amplamente espalhada por todo o mundo. No entanto, os resultados de todo esse enorme dispêndio de dinheiro e trabalho são muito escassos. Nos últimos quatro anos, com 4.000 trabalhadores no campo de evangelismo, eles tiveram, em média, um ganho de 4.000 membros por ano, isto é, um para cada trabalhador. Eles têm estado a trabalhar, por cerca de setenta e cinco anos, para conseguir 104.000 novos membros. Os mórmons, começando praticamente na mesma data, agora possuem 500.000 membros, quase cinco vezes mais. Os cientistas cristãos, tendo a metade da idade deles, têm mais de um milhão de membros. Há muito pouco poder espiritual real na Igreja Adventista. O trabalho é feito principalmente pelo trabalho duro e argumentação, e não por qualquer poder poderoso como presenciado no trabalho dos apóstolos, ou de Lutero ou de Wesley, ou de Moody e muitos outros. O trabalho deles agora se estende a todas as partes do mundo civilizado e em muitas terras pagãs.

O número de seus reais membros convertidos não representam o mal que eles fazem. Onde eles convertem uma alma, confundem umas vinte, que depois disso não firmam a fé em nenhuma outra igreja, e são inúteis para qualquer trabalho cristão. Outras pessoas conscienciosas tornam-se incomodadas e preocupadas durante anos, sem saber o que fazer.

SUA HOSTILIDADE PARA COM OUTRAS IGREJAS

Uma das características altamente censuráveis desse sistema é a amarga hostilidade dos seus crentes para com todas as outras igrejas. Sua teoria é que todas as igrejas, menos a sua própria, foram totalmente rejeitadas por Deus, em 1844, por não aceitarem a doutrina de Miller. Assim, Ellen White diz: “Eu vi o estado das diferentes igrejas desde que o segundo anjo proclamou sua queda [em 1844]. Elas foram se tornando cada vez mais corruptas... Satanás tomou posse plena das igrejas como um corpo... as igrejas foram deixadas como foram os judeus, e elas foram se enchendo de toda ave imunda e detestável. Eu vi grande maldade e vileza nas igrejas... mas elas professam ser cristãs. Suas profissões, as suas orações e as suas exortações são uma abominação aos olhos de Deus. Disse o anjo, Deus não vai cheirar (o aroma das orações) em suas reuniões. Egoísmo, fraude e engano são praticados por eles sem reprovação da consciência”. *Dons Espirituais, Vol. I*, página 189, 190. Ela diz que é o diabo que responde às suas preces. Assim: “Eu os vi olharem para o trono e orar, ‘Pai, dá-nos o teu Espírito!’ Satanás soprava sobre eles uma influência profana.” *Primeiros Escritos*, página 47. Mais uma vez: “As igrejas nominais estão cheias de fornicação e adultério, crimes e assassinatos, o resultado das baixas e concupiscentes paixões; mas essas coisas são mantidas encobertas.” *Testemunhos, Vol. II*, página 449. Todas as pessoas inteligentes sabem que tais declarações são uma má representação das igrejas evangélicas de hoje. Tiago White diz: “Babilônia, a igreja nominal, caiu. O povo de Deus tem que sair dela. Ela é agora a sinagoga de Satanás.” *Verdade Presente*. Abril de 1850.

Portanto, eles dizem que os reavivamentos e conversões nas igrejas são em grande parte um engano, a obra do diabo, e que não são de Deus. Ellen White diz deles: “Os convertidos não são renovados no coração ou mudados em seu caráter.” “Elas exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente nelas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás vai espalhar sua influência sobre a terra. Ele espera enganar a muitos, levando-os a pensar que Deus está ainda com as igrejas.” *Grande Conflito*, página 294, 296. A *Review and Herald*, 03 de maio de 1887, diz: “estamos conscientes em assumir que este trabalho de reavivamento, indubitavelmente aceito por todas as igrejas, não é genuíno, e que fará com que as mãos da cristandade sejam levantadas em santo horror... Se ele [Deus] está conosco, ele não está com as igrejas populares em hipótese alguma, considerando que elas rejeitaram a mensagem do Advento de 1843-4, e elas estão se alegrando com aparências enganadoras, e uma prosperidade que não tem uma existência de fato. A mão de Deus não pode dirigir dois movimentos tão antagônicos em natureza.”

Acreditando nisso, eles ansiosamente atentam para as evidências que “comprovam” o fato e fecham os seus olhos para os fatos que são contra eles. Então eles se alegram com qualquer coisa desfavorável que eles possam ouvir contra ministros, igrejas ou membros. E aí, eles os relatam, repetem, publicam, ampliam, e demoram-se neles. Enfraquecer, dividir, ou quebrar uma igreja, é o seu prazer. Eles, alegremente, se juntam aos mundanos, infiéis e ateus em sua oposição às igrejas, e, assim, fortalecem a sua incredulidade e colaboram com a sua perdição. Eles coletaram as coisas mais desfavoráveis possíveis que possam ser encontradas contra as igrejas, e as colocaram em um livro que contém trinta páginas, e ele tem sido distribuído, para alcançar o máximo de pessoas. É triste ver homens honestos dedicando suas vidas a um trabalho tão altamente censurável, que com certeza, agrada muito a Satanás.

QUEM É ENGANADO?

Os adventistas do sétimo dia falam muito em como é fácil ser enganado, ser conduzido por Satanás, pensando que é o Senhor - acreditando em uma mentira pensando ser verdade. É divertido ver quão inocentemente eles aplicam isso a todos os outros, e nunca sonham que isso tem qualquer aplicação a eles mesmos. Como assim? Estão eles enganados? Desencaminhados? Impossível! Eles sabem que eles estão certos. É exatamente assim como se sentem os mórmons, os shakers, os católicos ou não católicos. Os próprios adventistas são uma ilustração da facilidade com que as pessoas são induzidas ao erro.

SEUS MÉTODOS DE TRABALHO

Reuniões em tendas. Na maioria das vezes, eles usam tendas para entrar em novos campos. Sendo uma novidade, eles atraem a atenção. No início, eles apresentam temas que não ofendem a ninguém, até ganhar a confiança do povo. Aos poucos, eles introduzem os seus dogmas peculiares, em seguida, vão com mais ousadia, até que finalmente, eles denunciam todas as outras igrejas como Babilônia, e os seus pastores como mercenários e enganadores. Eles dizem que esses pastores não podem defender suas doutrinas, nem se atrevem a tentar. Eles oferecem recompensas para qualquer um que provar isso e aquilo. Eles gabam-se de como eles amedrontaram este, derrotaram aquele e silenciaram outro. Se nos sermões de outras igrejas é feita qualquer menção a eles, eles dizem que é perseguição, e aí, eles distribuem seus escritos atacando as igrejas, e fazem de tudo para provocar uma controvérsia. Quando os pastores de outras igrejas são obrigados a se defender, os adventistas alegam que foram muito injustiçados.

Se um médico, advogado, professor, ou homem de negócios entrasse em uma cidade e denunciasse todos os outros de sua profissão chamando-os de charlatões, tolos, ou enganadores, como ele iria ser tratado? Todos se juntariam contra ele, tratando-o como um inimigo.

Esta é a forma como os pastores e igrejas enfrentam os ataques dos adventistas, pois são obrigados a fazer isso. Parfraseando Ismael, “a mão dos adventistas é contra todos, e, portanto, a mão de todos está contra eles”. Gen. 16:12. É inútil para eles negar isso, pois todos eles sabem que isso é verdade. Todos eles fazem isso. Eu fui ensinado naquela prática, e eu a segui, e ensinei outros a fazerem o mesmo.

Reuniões Campais. Os adventistas realizam muitas reuniões campais anualmente. Ali, seus oradores mais hábeis pregam suas doutrinas a milhares, e distribuem sua literatura amplamente. Eles contratam os jornais para publicar longos artigos lisonjeiros sobre as suas reuniões, artigos que eles mesmos escrevem. Seus repórteres são treinados para este trabalho especial. Eles ganham grande atenção, e impressionam a muitos, desta maneira.

Leituras bíblicas. Centenas de seus homens, mulheres e até meninas, são treinados com lições impressas que eles memorizam, para ir de casa em casa para darem estudos bíblicos. No início, eles escondem seu verdadeiro objetivo e nome, até que eles conseguem uma vantagem. Em seguida, eles, cuidadosamente, introduzem os seus princípios, ensinam contra pastores e igrejas, e levam muitos a se afastar deles.

Venda de Livros. Centenas de membros contratados vendem seus livros doutrinários. A verdadeira natureza do livro é cuidadosamente escondida, e o assinante é enganado em comprar um livro adventista radical.

Distribuição de folhetos. Em todas as formas possíveis, publicamente, em particular, em tendas ou igreja, livrarias, pelos colportores, ou particulares, em comércios, em barcos, em lojas, nas famílias pelo correio, por meio de venda, empréstimo ou como presente, os folhetos são persistentemente apinhados em todos os lugares.

Missões. Eles têm missões em muitas das grandes cidades e em terras estrangeiras; mas eles são, em grande parte, agências de proselitismo. Eles fazem muito pouco entre os pagãos, ou para o pobre e caído, mas vão às melhores famílias, quando têm acesso a elas, e colhem os convertidos que outros missionários haviam ganhado para Cristo. Assim, a Sra. White os instrui: “Os erros foram cometidos em não visar atingir ministros e as classes mais altas com a verdade... eduquem homens e mulheres para trabalhar por essas classes mais elevadas, tanto aqui e ali e em outros países.” *Testemunho N° 33*, páginas 108, e109. Jesus enviou seus discípulos para os caminhos e atalhos para os pobres, coxos e cegos, para os publicanos, meretrizes e pecadores, mas a Sra. White não aprecia esse estilo. Ela quer “os ministros e classes mais altas”, “todos aqueles que não necessitam de médico”, aqueles que podem trazer talento e dinheiro para a causa.

Onde trabalham. Os adventistas têm mais sucesso em novos campos, onde são menos conhecidos. Assim, eles são mais numerosos nos estados ocidentais. Na Nova Inglaterra, onde eles começaram, eles tiveram que lutar muito para se estabelecer. Em alguns dos campos mais antigos, eles têm perdido em números, em outros, o ganho é muito pequeno. Em centenas de lugares onde eles eram em número razoável, igrejas ativas no passado, agora não existe nenhuma, ou são uns poucos em dificuldades e desencorajados. Battle Creek é uma boa ilustração. Esta foi sua sede durante quarenta anos. Outrora, havia 2.000 guardadores do sábado ali. Todos unidos. Agora, há menos de 1.000, divididos em quatro partes opostas e a sua influência totalmente extinguida. O mesmo é verdade em outros locais. Quase todos os conversos que eles fazem, permanecem como no início. Depois de alguns anos de familiaridade, eles perdem a influência, e poucos se juntam a eles. Suas igrejas vão diminuindo, ao ponto deles nem serem mais notados. Atualmente, a média do número de membros em suas igrejas é de 29 - muito pequena! Que diferença das igrejas evangélicas que, quanto mais permanecem em uma cidade, mais forte elas crescem, e mais influência elas exercem, em geral. Mas com o adventismo, não é assim.

COMO LIDAR COM OS ADVENTISTAS

As pessoas são levadas para o adventismo por falta de informação. Assim, quando o adventismo entra numa cidade deveria ser explicado claramente às pessoas o que realmente ele é, quais são os seus efeitos, e que seus ensinamentos não são bíblicos. De modo geral os pastores erram em permitir que eles entrem em seus territórios e em deixá-los ficar ali por semanas sem serem incomodados, até que ganham terreno. Eu sempre observei que, quando os pastores se uniam e trabalhavam contra nós desde o início, nós fazíamos muito pouco. Então, eu aconselharia igrejas e pastores a tomar firme posição sobre o assunto e de uma maneira séria, logo que as pessoas estiverem interessadas nele. Preguem sobre ele, visitem aqueles que estão sendo persuadidos, façam sessões de estudo da bíblia, forneçam-lhes livros e folhetos sobre o assunto, sentem-se com os irmãos e pacientemente respondam aos seus argumentos. Visite-os de novo e de novo. Os adventistas irão trabalhar o ano inteiro, visitarão os irmãos centenas de vezes, irão dar-lhes dezenas de folhetos para catequizar uma pessoa. Se trabalhássemos pelo menos um décimo disso, raramente alguém seria levado por eles. As pessoas amam ser notadas. A própria atenção que os irmãos recebem dos adventistas, muitas vezes os ganham mais facilmente do que os seus argumentos.

QUAL SERÁ O FIM DELES?

O adventismo foi fundado pelo tempo, e o tempo vai matá-lo. Iniciou-se pela criação de um tempo definido para o fim do mundo (1844), e falhou. Agora eles dizem que isso deve acontecer no início desta geração, começando em 1844. Esta é apenas outra forma de marcar datas. Com o tempo, tudo isso vai falhar e o seu sistema será destruído. Em seguida virá dúvida, desânimo, divisões, apostasia, infidelidade, e ruína das almas. Este fim é inevitável. Quanto maior a sua influência agora, mais terrível a tragédia será. Estes movimentos frenéticos, entusiastas e fanáticos que terminam em fracasso são o deleite de Satanás, pois eles trazem desgraça sobre a causa de Cristo e terminam em infidelidade. Tal será o fim do adventismo, não tenho dúvida.

FALTA DE EDUCAÇÃO E TALENTO ENTRE OS LÍDERES ADVENTISTAS

Os homens a quem Deus escolheu para levar avante os grandes movimentos religiosos do passado, com poucas exceções, eram homens de alta educação, refinamento e grande talento. Moisés, o fundador do judaísmo, “foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras.” Atos 7:22. Neemias, que restaurou Jerusalém depois do cativeiro, era copeiro do rei. Neemias 2. Então, Daniel, o grande profeta, tinha “conhecimento e habilidade em toda cultura e sabedoria”. Dan. 1:17. Ele foi primeiro-ministro de um poderoso império por muitos anos. Paulo era tão renomado por sua erudição, que o rei lhe disse: “Muito aprendizado te faz delirar.” Atos 26:24. Ele fez para o cristianismo, dez vezes mais do que todos os outros apóstolos juntos. É a ele, e não aos outros apóstolos, que o mundo gentio está em dívida, em relação ao cristianismo. E os doze, embora sem instrução, tinham a vantagem sobre todos os outros reformadores, pois eles foram ensinados diretamente pelo Filho de Deus, e podiam fazer milagres.

Santo Agostinho, 353-430 dC, o pai da teologia cristã, a quem a Igreja deve quase tanto quanto a Paulo, era altamente educado. Como é bem sabido, Lutero era um estudioso profundo, educado nas melhores escolas de sua época, e ocupou uma cadeira de professor de uma universidade. Assim também, Calvino e Melancton foram ambos profundos estudiosos, ocupando cadeiras de professor em salas de ensino. Zwinglio, o grande reformador suíço, foi celebrado por sua erudição e escolaridade. Wycliffe, a “Estrela da Manhã da Reforma,” era um graduado de Oxford, Inglaterra, e um doutor em divindade. Cranmer, o grande reformador inglês, era um graduado, doutor em divindade, arcebispo e regente do reino. Wesley, o pai do metodismo, era um graduado de Oxford, um homem de vasta leitura, autor e editor de comentários, gramáticas, dicionários, etc. É uma falsa ideia de que Deus geralmente usa homens ignorantes como líderes na reforma, como os grandes nomes acima podem mostrar.

Agora olhe para os fundadores de nossas seitas heréticas. Joanna Southcott era totalmente analfabeta, uma mera lavadeira. Ann Lee, a fundadora dos shakers, recebeu nenhuma instrução, trabalhava numa fábrica de algodão, e foi cozinhar em um hospital. Joseph Smith, o fundador do mormonismo, recebeu nenhuma educação, e Brigham Young, muito pouca. Nenhuma dessas pessoas eram de influência no mundo, fora do círculo de seus próprios seguidores iludidos.

E quanto aos líderes do adventismo? Guilherme Miller, o fundador, foi criado no sertão, na pobreza, e recebeu apenas os pobres benefícios de uma escola distrital comum. Exceto pelo que conseguiu com a leitura, isto é tudo o que ele obteve em termos de educação escolar.

Tiago White, o líder do grupo adventista do sétimo dia, só obteve educação suficiente para ensinar em uma escola comum do distrito. Ele não era um estudioso de livros. Em todas as minhas viagens que fiz com ele, eu raramente o vi ler, nem por meia hora, qualquer livro. Das línguas ou ciências nada sabia, e mesmo da história comum, pouco sabia. Ellen White não recebeu nenhuma educação escolar, com exceção de algumas semanas, quando criança. Ela, como Joanna Southcott, Ann Lee, e Joseph Smith, era totalmente analfabeta, não conhecendo as regras mais simples de gramática. Nenhum dos principais homens daquela obra se formou em uma faculdade ou universidade, e muitos, como a própria Sra. White, eram analfabetos. O pastor J. N. Andrews, pastor Uriah Smith, e mais um ou dois, pelo estudo diligente e práticas de leitura fora da escola, tornaram-se homens bem informados em seu campo. Após Tiago White, vieram os pastores Butler e Haskell como líderes, nenhum deles homens educados, não tinham nem a metade do talento natural de Tiago White. Os atuais líderes são homens pequenos também. Tais homens são mal preparados para conduzir uma grande reforma nesta era tão educada. Nenhum homem entre eles tem agora, ou tem tido, qualquer partícula de influência no mundo, ou em qualquer escritório ou posição de responsabilidade no estado ou nação. Como isto é diferente dos grandes reformadores do passado, que muitas vezes tinham uma vasta influência para o bem, não só com as massas, mas com os grandes homens e reis da terra. Assim, de qualquer lado que vemos o adventismo, ele não tem nenhuma das marcas de uma genuína reforma enviada por Deus para abençoar o mundo.

O pastor A. A. Phelps, que durante anos foi editor de um jornal dos adventistas do primeiro dia diz: “Eu assisti e esperei, e trabalhei, com paciência, humildade e lealdade, em assídua cooperação, e com um sincero desejo de ver união, dedicação, amplitude e força moral, como deveriam caracterizar um movimento inspirado pelo céu e verdadeiro à bíblia. Quão devagar e relutantemente abandonei a convicção (forçado pelos fatos tristes e ilustrações que eu nem sequer ousa detalhar) que eu só estava jogando fora a minha vida ao nutrir estas ondas de discórdia, indolência, frouxidão, estreiteza, o dogmatismo e a morte espiritual, coisas que eu não podia superar.”

Leitor, se você ainda estiver fora desta Babilônia espiritual, atente para a advertência daqueles que já passaram pelo lagar e ficaram de fora.

Mais tarde, em 1914, homens fortes entre eles admitiram que: (1) Ellen White tinha cometido muitos erros em seus escritos inspirados; (2) Agora contradizem o que ela uma vez escreveu; (3) Eles reconhecem que o que ela reivindica como revelação de Deus, foram ideias copiadas de muitos outros autores; (4) Que ela tem sido muitas vezes influenciada por outras pessoas para escrever o que essas pessoas queriam, para assim, serem elas ajudadas em seus projetos. O tempo provou isso tão claramente que já não se pode ser negado. Assim, suas revelações estão constantemente perdendo influência sobre os seus homens de talentos. Ela agora tem oitenta e sete anos de idade e é dito que ela tem perdido grande parte de sua saúde mental. Os leigos, especialmente em terras estrangeiras, sendo ignorante de todos esses fatos, ainda a consideram como a voz de Deus dirigida a eles.

CAPÍTULO II

UMA EXPERIÊNCIA DE VINTE E OITO ANOS NO ADVENTISMO

Por muito tempo eu hesitei em trazer assuntos pessoais para este livro, mas não consegui encontrar uma maneira de contar a minha história, sem eles. Minha experiência ilustra o poder que erro e superstição têm sobre os homens. Fico admirado comigo mesmo por ter ficado lá por tanto tempo, mesmo após, por um melhor julgamento, estar convencido de que eu estava em erro. Proponho-me a contar os fatos, claramente, do jeito que eles sucederam, atingindo a quem quer que seja. Homens públicos tornam-se propriedade pública, e por também ser assim a sua conduta e obras, eles devem ficar abertos e serem discutidos. Esta é a minha razão por criticar a carreira de Tiago White e sua esposa, e outros. Eles atraem críticas quando afirmam serem reformadores, sendo assim, melhores do que outras pessoas.

Eu nasci em Kinderhook, BranchCounty, Michigan, em 22 de setembro de 1840. Eu não tive formação religiosa até os meus dezesseis anos. Eu fui convertido entre os metodistas pelos trabalhos do pastor Hazzard, e batizado por ele em 1858. Logo fui para Albion, Nova Iorque, para frequentar a escola. Ali, em 1859, ouvi Tiago White e sua esposa. Ele pregou sobre a questão do sábado. Eu não tinha nenhuma instrução, e sabia muito pouco sobre a Bíblia. Eu não tinha ideia da relação entre o Antigo e o Novo Testamento, a lei e o evangelho, ou a diferença entre o sábado e o dia do Senhor. Eu acreditei que naquela pregação, o pastor White havia provado que o sétimo dia ainda estava em vigor, e que não havia nenhuma autoridade para se guardar o domingo.

Por eu estar ansioso em andar direito com Deus, eu comecei a guardar o sábado, mas não esperava acreditar em mais nenhuma de suas doutrinas. É claro, eu assistia suas reuniões aos sábados e trabalhava aos domingos. Isso me separou inteiramente dos outros cristãos, e me senti inteiramente envolvido com os adventistas. Logo aprendi deles que todas as outras igrejas eram a Babilônia, e que elas estavam em escuridão e sob o desagrado de Deus. Os adventistas do sétimo dia eram o único povo verdadeiro de Deus. Eles tinham “a verdade”, toda a verdade e nada mais que a verdade. Eles defendiam o trabalho do Sr. Miller de 1844, acreditavam nas visões de Ellen White, o sono dos mortos, a aniquilação dos ímpios, lavagem dos pés, etc. Inicialmente, essas coisas mexeram comigo e pensei em recuar; mas eles as explicaram de forma plausível e as suavizaram. De qualquer maneira, eles disseram, elas não eram um teste. Não tendo ninguém para me ajudar de forma inteligente, eu comecei a ver as coisas como eles as viam, e em poucas semanas passei a acreditar em todo o sistema. Eu fui novamente batizado, como seus convertidos de outras igrejas em geral o são, de forma a ficar limpo da Babilônia. Convencido de que o tempo era curto, eu desisti de ir à escola, cancelei todos os outros tipos de estudo. Eu ouvia suas pregações, devorava seus livros e estudava a minha Bíblia dia e noite para sustentar esses novos pontos de vista. Agora eu era um crente entusiasta, e desejava converter todos à fé. Eu não tinha qualquer dúvida de que era a pura verdade. Este tipo de experiência é a mesma que todos os que estão com eles têm, como eu tenho aprendido desde então.

Em maio de 1864, eu estava licenciado para pregar. Em breve, comecei a trabalhar com o pastor Van Horn em Ithaca, Michigan. Tivemos grande sucesso; empreendemos três projetos naquele ano. Em 1865, trabalhei em Tuscola County, e tive muito sucesso. Fui ordenado pelo pastor Tiago White naquele ano. Até aquela data, eu não tinha qualquer dúvida sobre a veracidade da nossa fé. A partir do momento que eu comecei a conhecer mais Tiago White, ver como tratava sua mulher e o trabalho na sede, eu descobri que havia muitos problemas com ele. Vi que ele tinha o controle de tudo, e que todos temiam muito a ele. Vi que ele era muitas vezes mal-humorado e irracional. Isso me perturbava um pouco, mas não tão seriamente. Em 1866, fui enviado para Maine com o pastor J. N. Andrews, o homem mais qualificado entre eles. Isto foi muito importante para mim. Atirei-me ao trabalho com grande entusiasmo, e era muito feliz. O pastor Andrews era forte na fé e muito radical; eu compartilhava de seu espírito. Tivemos muito sucesso. Por esta altura eu tinha me tornado um bom escritor. Voltei para Battle Creek em 1867. Naquela época havia um grande problema com o pastor White, e muitas reuniões da igreja foram realizadas para investigar o assunto. Ficou claro para mim que ele estava errado, mas a Sra. White o apoiava em seus “testemunhos” e culpava severamente a igreja. O pastor Andrews e alguns outros se propuseram a ficar firmes pelo que era direito, e arcar com as consequências. Eu me simpatizava com eles, mas outros temiam, e, finalmente, todos desistiram e confessaram que “temos sido cegados por Satanás”. Esta confissão foi assinada pelos principais ministros, e, humildemente, aceita por toda a igreja. Consulte *Testemunhos, Vol. 1*, página 612. Isto sacudiu muito a minha fé, e eu comecei a questionar a inspiração de Ellen White. Vi que suas revelações sempre favoreciam o pastor White e a ela

mesma. Se alguma pessoa ou pessoas ousassem questionar os pontos deles, logo recebiam uma revelação contundente denunciando a ira de Deus contra eles.

Por este tempo, vários dos nossos bons ministros, que estavam efetuando bom trabalho no Ocidente, retiraram-se da obra, em oposição ao pastor White e as visões de sua esposa. Eles foram denunciados como “rebeldes”, foram condenados à perdição, e a previsão era de que em breve viria a sua ruína. Mas eles continuaram os seus trabalhos por mais 50 anos, tendo em suas fileiras milhares de crentes. Sua sede fica em Stanberry, Missouri, onde publicam dois artigos, livros, etc.. Eles têm feito um bom trabalho em expor a falácia da inspiração de Ellen White.

Mas eu não ousava abrir minha mente para ninguém. Eu era apenas um jovem e tinha pouca experiência. Os homens mais velhos e mais fortes haviam desistido e retrataram-se. O que eu poderia fazer? Eu não disse nada, mas me sentia terrível. Eu desejava que eu nunca tivesse ouvido falar dos adventistas. Logo eu estava de volta ao meu campo no Maine. Ocupado com o meu trabalho, pregando a nossa doutrina, e cercado com homens que acreditavam nela com firmeza, eu logo superei minhas dúvidas. Eu tenho aprendido desde então, que dezenas de outros já passaram por um processo semelhante.

Em 1868, eu fui a Massachusetts. Estar longe da dificuldade na sede, me ajudou finalmente a continuar. Mas, em maio de 1869, eu estive em Battle Creek por um mês. As coisas estavam em mau estado. O pastor White estava com problemas com a maioria dos líderes, e eles com ele. Eu estava bem convencido de que ele era a verdadeira causa de tudo isso, mas a Sra. White o apoiou e resolveu-se a questão. Eles eram líderes escolhidos por Deus, e não deviam ser criticados ou afetados por rixas. Eu me sentia triste. Eu estava trabalhando duro para ganhar almas para “a verdade”, como eles dizem; para persuadir as pessoas de que este era um povo livre das falhas de outras igrejas, para em seguida, ver tal estado de coisas entre os líderes. Isto me desanimava muito. Até aquele momento, eu mesmo não tinha tido qualquer problema com eles, e era bem tratado pelo pastor White. Mas eu vi então que se eu chegasse a ter qualquer destaque na obra, eu deveria ter que esperar o mesmo tratamento que todos os outros tinham. Quanto mais eu analisava a obra, mais objeções eu via nela. Eu não vou parar de mencioná-las aqui, como também irei mencioná-las com mais detalhes, no capítulo V.

Eu tinha estado tão completamente impregnado com as doutrinas do adventismo que eu acreditava firmemente que a Bíblia ensinava-as todas. Desistir da fé do adventismo era desistir da Bíblia. Assim todos os meus irmãos diziam, e assim eu pensava. Naquele ano, eu fui para Iowa para trabalhar, onde fiquei quatro anos, trabalhando com o pastor Butler, que logo se tornou presidente da Conferência Geral. Tivemos grande sucesso e levantamos várias igrejas. Eu finalmente abri meu coração para o pastor Butler, e contei a ele os meus medos. Eu sabia que essas coisas o perturbavam, assim como a mim, pois, muitas vezes nós falávamos sobre elas. Ele me ajudou um pouco, e novamente eu ganhei coragem e continuei, me sentindo melhor. Ainda assim, eu continuei vendo a cada ano, mais e mais, que de alguma forma, a coisa não funcionava como eu supunha que seria ou deveria. Em qualquer igreja que o pastor White e esposa estivessem, eles sempre tinham problemas com os irmãos, e até com os melhores deles. Cheguei a temer ir ao encontro deles, ou recebê-los onde eu estivesse, porque eu sabia que haveria problemas com alguém ou alguma coisa, e isso nunca deixava de acontecer. Vi igreja após igreja dividirem-se por causa deles, vi os melhores irmãos ficarem desanimados e muitos, irritados, serem expulsos, enquanto eu era obrigado a pedir desculpas por eles continuamente. Durante anos, naquela época, o principal negócio em todas as nossas grandes reuniões foi ouvir as queixas do pastor White contra os irmãos. Nenhum homem da liderança escapou - Andrews, Waggoner, Smith, Loughborough, Amadon, Cornell, Aldrich, Walker, e uma série de outros tiveram de tomar sua vez em serem “quebrados pela roda da tortura.” Às vezes, por horas, e por incontáveis vezes, eu me sentava nas reuniões e ouvia o pastor White e sua mulher denunciar esses homens, até que eu comecei a sentir que havia pouca integridade neles. Com isto, todas as minhas ideias sobre o que é direito e justo foram violadas, e agitou-se em mim a indignação. Portanto, qualquer que seja a votação requerida pelo pastor White, todos nós votávamos por unanimidade, eu e os outros. Então eu saía sozinho e me odiava por minha covardia, e desprezava meus irmãos pela fraqueza deles.

O pastor White e sua esposa administravam e governavam tudo com mão de ferro. Nenhuma indicação para a administração, nenhuma resolução e nenhum item de negócio eram postos em prática em reuniões de negócios até que todos tivessem sido apresentados primeiramente ao pastor White para a sua aprovação. Até anos mais tarde, nós nunca vimos um voto de oposição sobre qualquer questão, pois ninguém se atrevia a fazê-lo. Assim, todas as votações oficiais eram apenas uma farsa. A vontade de

pastor White resolvia tudo. Se alguém ousasse a se opor a qualquer coisa, mesmo humildemente, o pastor White ou sua esposa rapidamente o silenciava. Longos anos neste tipo de treinamento ensinaram as pessoas a deixar seus líderes pensarem por eles. Assim, eles viviam sob uma sujeição tão completa quanto os católicos.

Estas, e outras coisas, me atiraram na dúvida e desânimo, e fui tentado a sair da obra. Eu vi um excelente ministro e dezenas de homens valiosos nos deixarem porque não suportaram tal tratamento. Eu invejava a fé e a confiança dos irmãos que viviam ignorante a tudo isso, supondo que Battle Creek era um pequeno céu, quando, na realidade, estava tão parecido a um purgatório como qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Muitas pobres almas têm entrado lá cheias de fé e esperança, mas logo saem descrendo em Deus. Em 1872, eu fui para Minnesota, onde tive muito sucesso. A essa altura, eu já tinha escrito muito, e por isso, era bem conhecido de todo o nosso povo. Em julho de 1873, eu e esposa fomos para o Colorado, para passar algumas semanas com o pastor White e esposa, nas montanhas. Logo descobrimos coisas muito desagradáveis na família deles. Então, a minha vez tinha chegado, e ao invés de mais uma vez relevar e focar somente naquilo que era o meu dever, como a maioria dos outros tinha feito, eu contei tudo o que sentia ao pastor, livremente. Isso nos levou a uma ruptura. Ellen White ouviu tudo, mas não disse nada. Em poucos dias, ela tinha um longo “testemunho” escrito, para minha esposa e para mim. Nele, ela justificava o marido em tudo, e nos colocava como rebeldes contra Deus, sem esperança do Céu, a menos que houvesse uma entrega total a eles. Minha esposa e eu lemos o testemunho muitas vezes com lágrimas e orações, mas não podíamos ver nenhuma maneira de conciliá-lo com a verdade. Ele continha muitas declarações que sabíamos serem falsas. Vimos que ele foi ditado por um espírito de retaliação, uma determinação para quebrar nossa razão ou esmagar-nos. Por algum tempo estivemos em grande perplexidade, mas ainda assim a minha confiança na maior parte da doutrina e meu medo de estar errado me conteve; mas eu fiquei completamente miserável por semanas, sem saber o que fazer. No entanto, eu preguei enquanto estava no Colorado. Em seguida, fui para a Califórnia, onde eu trabalhei na lavoura por três meses, e ali, fiquei pensando no que eu iria fazer. Os pastores Butler, Smith, White e outros escreveram para nós, e tentaram reconciliar-nos com a obra. Não sabendo mais o que fazer, eu finalmente decidi esquecer todas as minhas objeções, e continuar como antes. Por isso, nos retratamos ao pastor White em tudo o que era possível, e ele generosamente nos perdoou. Mas, daquele momento em diante, minha fé na inspiração de Ellen White enfraqueceu. O pastor White foi muito amigável comigo novamente, depois daquele incidente.

Agora, os adventistas dizem que eu os deixei cinco vezes, e esta foi uma das cinco. Isto é absolutamente falso. Eu simplesmente parei de pregar por algumas semanas, mas não abandonei a igreja, nem renunciei à fé. Se isto significa deixá-los, então, a maioria dos seus líderes os tem deixado também, pois todos eles tiveram seus momentos de provação, quando eles deixaram a obra por algum tempo. Em 1856, os pastores J. N. Andrews e J. N. Loughborough, que eram então os ministros mais proeminentes entre eles, e várias outras pessoas, deixaram a obra e entraram para o ramo de negócios em Waukon, Iowa. Ellen White falou sobre isso em *Visões e Experiências*, páginas 219-222. O pastor White e esposa foram lá, e, depois de um longo esforço, os trouxeram de volta. Ellen White diz: “Um grupo insatisfeito tinha se estabelecido em Waukon...o irmão J. N. Loughborough, desanimado, tinha ido trabalhar em seu negócio. Ele estava prestes a comprar terras”, etc., página 222. Estes homens fizeram exatamente o que eu fiz.

O pastor Uriah Smith, de longe o homem mais capaz em suas fileiras, também teve seus momentos de dúvida, quando ele deixou de trabalhar na obra e se envolveu em empregos seculares. Ouça a sua própria confissão: “Que eu tenha tido na minha experiência períodos ocasionais de teste, eu não nego. Houve momentos em que as circunstâncias pareciam muito confusas, quando a forma de harmonizar aparentemente visões conflitantes não aparecia, e sob o que parecia, para aquele tempo, tentações fortes para retirar-se da obra, eu debatia a questão até que ponto isso poderia razoavelmente ser feito, ou o quanto deste trabalho poderia ser consistentemente renunciado”. *Respostas ao Pastor Canright*, página 107. Suas próprias palavras mostram que ele duvidava de diferentes partes da teoria, o mesmo que aconteceu comigo. Por anos, nós estivemos em estreito relacionamento; muitas vezes viajamos e trabalhamos em conjunto. Nós livremente falamos sobre estes assuntos. Suas dúvidas e provações eram muito parecidas com as minhas. Isso continuou por um longo período de anos, até que se pensava que ele iria desistir da obra totalmente. Sua esposa foi quase levada à loucura ao passar por provações semelhantes. Finalmente, eles se entregaram, “confessaram” do mesmo jeito que eu fiz uma vez, e agora professavam estarem satisfeitos. Ele escreveu-me dizendo que ele teve que endossar as visões de Ellen White por isso ser politicamente correto. Este tipo de atitude é tão irracional, que a maioria deles, é por vezes, em diferentes níveis, perturbada a respeito de tudo, assim como aconteceu comigo. Na linguagem de J. W. Morton, “Tenho pena de suas ilusões, e abomino a tirania espiritual sob a qual eles são

submetidos, vivendo em dogmas que não são bíblicos”. Mesmo o Sr. Smith, a quem, apesar de ter me denunciado, eu entretenho os maiores sentimentos de simpatia, está em uma posição que requer terna comiseração. É esperado dele, como sendo o grande homem da denominação (pois ele, sem dúvida, é de longe, o homem mais capaz que eles têm), dar um apoio completo e claro da reivindicação de que Ellen White foi inspirada. Qualquer que analisa as suas declarações públicas sobre esta questão, (especialmente aquele que têm a habilidade de “ler nas entrelinhas”) pode ver que o seu endosso é tão fraco a ponto de ser nenhum endosso em realidade. Tal posição é aquela em que eu não colocaria o meu pior inimigo. Ele está, pelo menos em parte, sob o tacão de uma tirania espiritual. Ah, se Uriah Smith tivesse a coragem e a hombridade, de afirmar, diante de Deus e dos homens, o seu direito àquela ‘liberdade de alma’, que é a herança de cada filho de Deus!

O pastor G. I. Butler, que por muitos anos tomou o lugar do pastor White como líder da denominação, entrou em conflito com seus irmãos e está praticamente fora da obra. Até a sua meia-idade, ele era um pequeno agricultor. Naturalmente, ele era um bom homem, humilde, com um forte senso de justiça. O pastor White ficou com ciúmes dele. Mais tarde, a Sra. White também se voltou contra ele e exigiu uma submissão servil que ele não aceitaria. Ele disse que se chegasse um tempo em que ele não pudesse mais ser um adventista e ser um homem, então ele seria um homem, como os outros tinham decidido ser. Decepcionado e amargurado, sob o pretexto de falta de saúde, ele foi para a Flórida retirando-se em uma pequena fazenda. Este foi outro exemplo do efeito destruidor do adventismo. Ele agora está fazendo o que eu fiz duas ou três vezes, apenas movido por uma causa diferente. Será que ele, então, os deixou?

Em 1874, o pastor White havia organizado um grande debate realizado em Napa City, Califórnia, entre o pastor Miles Grant, de Boston, Mass., e um de nossos ministros. Embora o pastor White e esposa, pastor Cornell e pastor Loughborough, seus homens mais capazes, estivessem lá, eles me selecionaram para defender o nosso lado, o que fiz por cerca de uma semana, enquanto os outros ministros só ficavam sentados. Digo isto para mostrar a confiança que eles tinham em mim, apesar de eu ter estado em tão grande provação, alguns meses antes. Em 1875, voltamos para Michigan. O pastor Butler estava em desfavor com o pastor White, que aproveitava todas as oportunidades possíveis para esnobá-lo, mas eu estava em alta estima. Fui enviado para participar nas suas reuniões estaduais em Vermont, Kansas, Ohio e Indiana. Com o pastor Smith, fui enviado como delegado à Conferência Geral da Igreja Batista do Sétimo Dia. Em 1876, fui enviado para Minnesota, em seguida, para o Texas, e assim por diante durante a maior parte dos estados do sul, para cuidar de nossos interesses lá. A cada ano, maiores responsabilidades foram colocadas sobre mim. Naquele ano, eu ergui uma grande igreja em Roma, Nova York, e trabalhei por todo o Estado. Fui com o pastor White e esposa para Indiana e Illinois, e fui então enviado para Kansas para realizar um debate, e a Missouri para o mesmo fim. Naquele ano fui eleito um dos membros do Comitê de Três da Conferência Geral, com o pastor White e Haskell, e continuei no comitê por dois anos. É a mais alta autoridade oficial na denominação.

Em 1877, fui para a Nova Inglaterra, onde eu ergui duas igrejas além de outro projeto. Passei 1878 em trabalhos gerais por vários estados, como: Massachusetts, Michigan, Nova York, Iowa, Wisconsin, Minnesota, Colorado e Ohio. No outono, fui presidente da conferência de Ohio. Em 1879 trabalhei em Michigan, Ohio, Indiana, Kentucky e Tennessee. Na conferência geral de Battle Creek, no outono, as coisas estavam em péssimo estado. O pastor White estava irritado e a Sra. White lidava duramente com vários ministros. Dureza, atribuições de culpas, e provações eram a ordem do dia. Eu senti que havia muito pouco do espírito de Cristo presente. Eu fui embora o mais rápido possível. Eu vi cada vez mais claramente que um espírito de opressão, críticas, desconfiança e discórdia era o resultado do nosso trabalho, em vez de mansidão, gentileza e amor entre os irmãos. No próximo ano, esses sentimentos avolumavam-se sobre mim, até que eu comecei a temer que estivessemos fazendo mais mal do que bem. Meu trabalho me chamou entre as igrejas antigas, onde eu podia ver o fruto dele. Geralmente elas eram frias e mortas, desviadas, ou em conflitos, ou quase extintas, onde uma vez tinham sido igrejas grandes e florescentes. Eu desanimei em erguer mais igrejas, com receio de vê-las acabarem do mesmo jeito. Um dia eu decidia parar totalmente com este trabalho, e no dia seguinte eu resolvia ir em frente e fazer o melhor que pudesse. Eu nunca sofri tanta angústia mental em toda a minha vida. Eu trabalhei naquele ano em Nova York, Pensilvânia, Illinois, Michigan e Ohio.

No outono de 1880, resolvi deixar os adventistas, e, se eu pudesse, eu iria para alguma outra igreja. Eu era o presidente da conferência de Ohio naquele ano. Nosso encontro anual do Estado estava em Clyde, Ohio. O pastor e Sra. White estavam lá. Em minha mente, eu estava resolvido a deixá-los assim que a reunião terminasse. Contra o meu protesto, eles me reelegeram presidente. A Sra. White pediu ao esposo por isso. Disse que eu era simplesmente o homem para a posição; mas a sua especial reivindicação não era de

ser capaz de revelar os erros escondidos na igreja? Aqui está um assunto importante. Por que ela não teve uma revelação sobre isso? Tudo o que ela sabia era que estava tudo certo comigo. Na semana seguinte, pedi demissão, fui para o leste, e escrevi ao pastor White que eu não estaria mais com eles. Então, ela me enviou uma longa revelação por escrito, denunciando-me como um filho do inferno, o mais ímpio dos homens, embora, somente duas semanas antes, eu era apto para ser presidente de uma conferência!

Durante três meses, eu ensinei oratória. Eu não sabia o que fazer. Conversei com ministros de outras igrejas, mas eles não sabiam como me ajudar. Eu não conseguia achar uma solução. Agarrei-me ao meu cristianismo e amor a Cristo e à Bíblia, e preguei e trabalhei, quando tive oportunidade. Eu estava feliz por ter decidido deixar os adventistas, e me sentia muito melhor. Finalmente eu conheci a minha atual esposa, que era adventista. Então, eu tive uma longa conversa com o pastor Butler, pastor White, Ellen White e outros, e fui convencido de que as coisas não eram como eu tinha imaginado. Eles disseram que eu estava no escuro, guiado por Satanás, e iria à ruína. Toda a influência de velhos amigos, associações, hábitos e ideias por tanto tempo cultivados vieram sobre mim e eram fortes demais para um melhor julgamento. Cedi, e resolvi novamente viver e morrer com eles. Em meu julgamento e consciência, tive vergonha da rendição que eu tinha feito, mas eu tentei me sentir bem e seguir em frente.

A MORTE DO PASTOR WHITE

No início de 1881, eu fui com o pastor White para Nova York. Nessa época ele tinha perdido a liderança do povo. Os pastores Butler e Haskell tinham tomado o seu lugar, e, portanto, ele foi muito hostil com eles, trabalhando contra eles, e planejando o tempo todo a fim de tirá-los e voltar novamente ao seu antigo posto. Mas as pessoas tinham em grande parte perdido a confiança nele como um líder. Ele desejava que eu trabalhasse com ele, contra eles, dizendo que então, nós estaríamos juntos no Comitê da Conferência Geral. Ele tinha boas razões para se opor a Haskell, que sempre foi um homem astuto, dissimulado. O pastor White me escreveu assim: “11 de fevereiro de 1881- Eu gostaria que Haskell fosse um homem aberto, franco; sendo assim, eu nem preciso vê-lo.” Mais uma vez:... “Battle Creek, Michigan, 24 de maio, 1881. Os pastores Butler e Haskell tem tido uma influência sobre minha esposa que eu espero ver quebrada. Isto tem quase acabado com ela. Estes homens não devem ser apoiados por nosso povo para fazer o que eles tem feito... Eu quero que você se una a mim... É tempo de haver uma mudança na administração da Conferência Geral. Tenho fé que, se formos verdadeiros e fiéis, o Senhor se agradará em nos ver ocupando dois lugares naquele comitê.”

Eu poderia dar muito mais exemplos para mostrar quão pouca confiança os homens de liderança tinham uns nos outros. Eu escrevi para o pastor White dizendo que eu não poderia me unir a ele, nem trabalhar com ele. Em 13 de julho de 1881, ele me escreveu novamente: “Eu tenho repetidamente abusado de você, e se você está se dirigindo para a destruição, onde muitos, para dizer o mínimo, estão dispostos a ir, você deveria ir em frente, eu nunca deveria me sentir que eu tivesse tido qualquer participação em sua destruição... eu não vejo como poderia qualquer homem trabalhar comigo.” Não muito tempo após isso, ele morre. Eu não tenho nenhuma dúvida de que o pastor White acreditava na doutrina do Advento, e convenceu-se de que ele foi chamado por Deus para ser um líder. Ele tinha algumas qualidades excelentes, e sem dúvida ele foi destinado a ser um cristão, mas seu forte desejo de governar e executar tudo, juntamente com um temperamento irritável, manteve-o sempre com problemas com as pessoas. Ninguém poderia trabalhar com ele muito tempo em paz. O pastor Butler me disse que sua morte foi providencial para salvar a igreja de uma ruptura. Ellen White estava tão ofendida com Butler, que ela não manteve nenhuma comunicação com ele por um longo tempo. Todas essas coisas me ajudaram a ver que eu estava sendo conduzido por homens ambiciosos, egoístas, que eram pobres exemplos de reformadores religiosos.

Naquele ano, eu trabalhei no Canadá, Vermont, Maine, Nova Inglaterra, e Michigan, e fui eleito membro do Comitê Executivo Estadual de Michigan naquele outono. Eu trabalhei outro ano em Michigan, mas eu estava infeliz. Eu não conseguia superar minhas dúvidas. Eu não tinha o coração na obra. Vários ministros líderes, no estado, sentiam o mesmo. Eu, então, decidi abandonar silenciosamente o ministério e ir para a agricultura. Foi o que fiz por dois anos, mas mantive minha associação com a igreja e trabalhei junto com eles. Mas eu estava no purgatório todo o tempo, tentando acreditar no que eu não podia. No entanto, eu não estava decidido por qualquer outra igreja, e temia que eu pudesse avançar no erro e por isso me aquietei. No outono de 1884, o pastor Butler, meu velho amigo, e agora à frente da obra do Advento, fez um grande esforço para me ver reconciliado e de volta ao trabalho novamente. Ele me escreveu várias vezes, para as quais eu não respondi. Finalmente ele me telegrafou, e pagou minha

passagem para a reunião campal. Lá, eu encontrei velhos amigos e pessoas com quem eu tinha me associado, e tentei ver as coisas tão favoravelmente quanto possível, ouvi explicações, etc., etc., até que finalmente cedi novamente. Eu estava cansado de ter uma posição indecisa. Eu pensei que eu poderia fazer algo de bom ali de qualquer maneira; todos os meus amigos estavam ali, eu acreditava muito na doutrina ainda, e eu poderia ir para a ruína se eu os deixasse. Agora resolvi engolir todas as minhas dúvidas, acreditar na coisa toda, de alguma forma, e ficar com eles para melhor ou para pior. Então eu fiz uma confissão forte, da qual eu tive vergonha mesmo antes de tudo se esfriar.

Eu estava satisfeito? Não! No fundo do meu coração eu tinha vergonha de mim mesmo, mas tentei sentir que não era assim. Mas logo me senti melhor, por ter tomado uma decisão. Aos poucos minha fé voltou, até que eu de novo me senti realmente forte em toda a doutrina; mas não tinha ideia de que eu logo iria deixá-la novamente. Em poucas semanas, fui enviado para assistir a grandes reuniões na Pensilvânia, Nova York, Minnesota, Iowa e Nova Inglaterra. Assisti reuniões de reavivamento em Battle Creek; fui apontado juntamente com o pastor Butler, para dar palestras para ministros sobre a forma de trabalhar com êxito; realizei um curso semelhante na Academia em South Lancaster, Massachusetts; participei das reuniões do estado de Nova York, Michigan, Indiana e Ohio. Na primavera de 1886, fui nomeado para lecionar para a classe teológica no Battle Creek College e para ser editor associado da revista *Sickle*.

Por causa do meu apelo insistente, foi feito um esforço para ingressar nossos ministros em algum plano de estudo nas áreas onde eles fossem muito deficientes. Eu estava no comitê para organizar isso. Escolhi o curso de estudos e arranjei todas as perguntas, pelas quais eles deveriam ser examinados; eu recebia então, um boletim taquígrafado. No verão, fui enviado a dez estados diferentes, a saber, Ohio, Indiana, Illinois, Kansas, Colorado, Iowa, Wisconsin, Minnesota, Dakota, e de Michigan, para atender as suas conferências estaduais, examinar seus ministros, relatar as suas reuniões para a imprensa diária, etc., e isso eu fiz. Em nosso conflito com os discípulos em Des Moines, Iowa, foi acordado que, cada lado, deveria selecionar um homem representante e realizar um debate sobre a questão do sábado. Eles selecionaram o professor D. R. Dungan, presidente da Universidade de Drake. Nosso povo me escolheu. A expectativa era de momentos notáveis, e eu fiz todos os esforços possíveis para estar pronto. Essa preparação fez muito para me convencer da inconsistência de algumas das nossas posições sobre os concertos, as duas leis, etc. Em nossa Conferência Geral naquele outono, uma divisão aguda ocorreu entre nossos dirigentes sobre a lei em Gálatas. Uma parte afirmava que era sobre a lei cerimonial, o outro sobre a lei moral - uma contradição completa. Depois de uma longa e acalorada discussão, a conferência foi fechada, com cada uma das partes mais confiante do que antes. Houve também muita discordância sobre outros pontos de doutrina, e uma boa dose de sentimentos acalorados nos grupos. Isto, com outras coisas, trouxeram meus velhos sentimentos de dúvida, e eu decidi que era hora de eu agora analisar e pensar por mim mesmo, e não ser levado nem intimidado por homens que não poderiam sequer concordar entre si.

Eu usei cada minuto que eu poderia ter, por várias semanas, com cuidado e oração, examinando todas as provas sobre o sábado, a lei, o santuário, as visões, etc., até que eu não tive mais dúvida de que a fé do adventismo do sétimo dia era uma ilusão. Então, eu coloquei a questão perante os homens de liderança de Battle Creek, renunciei a todas as posições que eu detinha, e pedi para ser dispensado da igreja. Isto foi concedido em 17 de fevereiro de 1887. Essa foi a primeira e única vez que me retirei da igreja. Não houve qualquer acusação feita contra mim, durante os vinte e oito anos em que estive com eles. Assim que eu levei a minha posição com firmeza, para ser um homem livre e pensar por mim mesmo, um grande fardo que eu tinha levado por todos esses anos, saiu de cima de mim. Eu me senti como um novo homem. Finalmente, eu estava fora do cativeiro. Eu nunca tive, por um momento sequer, lamentado o passo que eu dei.

Eles relatam agora que eu os deixei por quatro ou cinco vezes antes, e depois voltei. Isto é inteiramente falso. A partir do momento que me juntei a eles, em 1859, até que eu me retirei, em 1887, estive em boa posição naquela igreja. Depois que eu fui licenciado para pregar em 1864, minhas credenciais foram renovadas a cada ano, exceto um, quando eu estava na agricultura e não pedi por elas. Até eu os deixar, em 1887, eu nunca preguei e nem escrevi contra eles uma vez sequer; nem eu me uni com qualquer outra igreja, nem ensinei qualquer doutrina contrária à deles. Que eles neguem qualquer dessas declarações, se puder! Eles dizem que eu ainda posso retornar a eles. Eles sabem que não. No momento em que eu tomei a minha posição decididamente, o assunto foi resolvido para sempre. O fato de que eu fiquei com eles, sob todas essas provocações, por vinte e oito anos, mostra que não sou um homem vacilante, como eles agora querem pensar.

PORQUE NÃO OS DEIXEI MAIS CEDO

Muitas vezes, pessoas me perguntam por que eu não os deixei mais cedo. Por que levei tanto tempo para descobrir que estava em erro. Então, os adventistas afirmam que eu devia ter sido desonesto, enquanto com eles, ou eu estou sendo desonesto agora. Eles dizem que eu sou um apóstata agora, porque eu os deixei e me juntei aos batistas. A minha resposta é a seguinte: se mudar de opinião e juntar-se a outra igreja faz de alguém um apóstata, então, mais da metade dos seus membros são apóstatas, porque eles vieram de outras igrejas para se juntar aos adventistas. Novamente, eles distribuem e recomendam muito um livro chamado *Cinquenta Anos em Roma*, escrito por um homem que foi por muitos anos, um conhecido padre na Igreja Romana. Eles dizem que a sua posição elevada e a longa experiência nessa igreja faz com que seu livro seja inestimável. Mas eles dizem que o fato de que eu estava com eles em alta posição por tanto tempo, e agora tê-los deixado, prova que eu sou um hipócrita.

Qualquer homem sincero pode ver a inconsistência de suas posições. Eu me uni com os adventistas quando eu era um mero menino, sem instrução, sem conhecimento da Bíblia, da história ou de outras igrejas. Eu fui para eles através da ignorância. Durante anos, o meu zelo para com aquela fé, e minha confiança ilimitada nos seus líderes, me cegou aos seus erros. Mas, quando eu fiquei mais maduro, eu li mais a minha Bíblia, li mais história, reuni-me com outras igrejas, ouvi sermões e li livros que eram contra o adventismo, tornei-me mais familiarizado com os nossos líderes, com o funcionamento dentro da igreja, aprendi mais sobre a sua origem duvidosa, os muitos erros que fizeram, vi o fruto dela em igrejas tradicionais, nas famílias e na sociedade, consegui os primeiros escritos de Ellen White e outros. Aos poucos, comecei a ver que o adventismo não era exatamente o que eu supunha que era a princípio. Quando eu o abracei, em 1859, o adventismo do sétimo dia tinha apenas quatorze anos de idade, os crentes eram poucos, e era relativamente inexperiente. Mas quando o adventismo completou vinte e cinco anos, e era dez vezes maior, tinha plenamente desenvolvido seu espírito e mostrado os seus frutos. Ao obter educação, observação e experiência de um quarto de século, meu parecer sobre o assunto tinha mais valor, do que quando eu o abracei, quando era um tenro menino.

Novamente, foi apenas durante os últimos anos que eu tive posse dos primeiros documentos adventistas, que mostram ensinamentos que eles agora negam e contradizem. Estes documentos são agora suprimidos ou mantidos fora de vista, de modo que nenhum, em mil deles, sabe ou vai acreditar que alguma vez eles existiram. Minhas dúvidas quanto ao sistema não vieram a mim, todas ao mesmo tempo, e de forma clara. Era sabido, que nos últimos doze anos em que estive com eles, eu andava muito perturbado sobre essas coisas. Gradualmente, ano após ano, a evidência foi se acumulando, até que finalmente ela pesou mais que a doutrina, e, em seguida, relutante e tristemente, eu tive que abandoná-la e renunciá-la. Deus tenha piedade da alma que tiver que passar pelo que eu passei, por ser honesto com minhas convicções ao que é direito.

AS POSIÇÕES QUE EU OCUPAVA QUANDO EU OS DEIXEI

Não obstante, era bem conhecido de todos, que eu frequentemente tinha sérias dúvidas sobre a fé adventista, mas, todas as vezes que eu voltava a me apegar a eles, eles imediatamente me apresentavam e me colocavam na obra mais importante. O pastor Butler disse que: “Ele, sem dúvida, teria sido (eleito para um cargo importante) se ele não tivesse se mostrado não confiável em tantas ocasiões. Sua capacidade o teria justificado.” *Review and Herald Extra*, 22 de novembro de 1887. Suponha, agora, se eu tivesse sido um homem em busca de cargos, me preocupando mais por lugar e posição do que pela verdade e consciência, o que eu teria feito? Eu teria agido normalmente, fingindo estar cheio de fé e em harmonia com eles. Mas, ao invés disso, por várias vezes, eu fui diretamente ter com seus homens influentes, os pastores White, Butler, Haskell, etc., e contei-lhes as minhas dúvidas. Que os homens sinceros julguem os meus motivos.

Na época em que eu os deixei, eu ocupava os seguintes cargos: Fui professor de teologia no colégio de Battle Creek, onde tive uma classe de quase duzentos de seus melhores jovens; fui editor associado do *Gospel Sickle*; estava escrevendo as lições para todas as suas Escolas Sabatinas para todo o mundo; tinha ao meu encargo cerca de dezoito igrejas em Michigan; fui membro do Comitê Executivo da Associação da Escola Sabatina Internacional; membro do Comitê Executivo da Associação da Escola Sabatina do Estado de Michigan; e na última sessão da Conferência Geral, fui diretor da Associação da Escola Sabatina Internacional, e estava em nove comissões distintas, vários delas as mais importantes na conferência, como aquela na área de distribuição de trabalhadores por todo o mundo, a comissão

teológica, uma na área de reuniões campais, outra na área de curso especial de estudo em nossa faculdade, na melhoria do ministério, etc. Isso mostra o que eles achavam da minha capacidade. Eu tinha acabado de produzir um novo panfleto, *Notas Críticas*, do qual eles imprimiram uma edição de 10.000 depois que eu os deixei. Eles têm revisado outros trabalhos meus, tirando o meu nome, e os utilizando ainda. Por que reimprimir meu trabalho depois de eu tê-los deixado e renunciado o que eles ensinam? Eles agora dizem que meus escritos são banais e sem valor. Mas enquanto eu estava com eles, eles publicaram mais de vinte diferentes produções minhas, e circularam centenas de milhares delas, traduzindo vários delas para outras línguas, e me pagaram centenas de dólares por elas. Estranho que de repente, eu me tornei tão imbecil, e meus escritos tão inúteis. Qualquer um pode ver o que está por trás de tudo isso.

O pastor Smith, em *Respostas à Canright*, página 25, diz que eu os deixei num ponto, em que a minha retirada os envergonhava mais do que se eu a tivesse feito em qualquer outro momento. Isto revela que eu estava me tornando cada vez mais útil para eles, e todos eles sabem que isto é verdade. No momento em que saí, eu estava recebendo salários mais elevados do que nunca antes, e estava vivendo uma atmosfera amigável com todos. Todos os homens principais, como Butler, Haskell, Smith, etc., eram meus calorosos amigos pessoais, prontos para fazer tudo ao seu alcance para me ajudar. Se eu tivesse desejado um cargo de comando, ou uma melhor posição, tudo que eu tinha que fazer era seguir o andamento normal, sem vacilar, e as posições viriam para mim, mais rápido do que eu as poderia preencher. Mas se eu os deixasse, para onde eu iria? O que eu poderia fazer? Como ganhar a vida? Eu levei tudo isto em consideração, e isto, requeria toda a coragem e fé em Deus que eu pudesse exercitar, para assumir o risco.

Sofri uma terrível agonia pelo sacrifício implicado; pois ao fazê-lo, eu tive que deixar todos os meus amigos de longa data, as sonhadas esperanças de minha juventude, toda a obra da minha vida, todos os meios de meu suporte financeiro, cada posição honrosa que eu ocupava, trazendo sobre mim reprovação, ódio e perseguição. Eu tive que começar uma nova vida, entre estranhos, com métodos desconhecidos, incerto para onde ir, ou o que fazer. Ninguém, que não tenha experimentado isso, perceberá a terrível luta que é requerida. É o medo de tudo isso, que mantém muitos com eles, apesar de estarem insatisfeitos onde estão. Eu sei que isto é assim, porque muitos confessaram isso para mim, e ainda assim permaneceram onde estavam. Qualquer um que seja sincero e justo pode ver facilmente, que o interesse próprio e ambição pessoal teriam me segurado com eles. No entanto, assim que eu os deixei, embora eu saísse calma e pacificamente, não os importunando, e até mesmo falando favoravelmente deles, eles imediatamente atribuíram a mim todos os tipos de maus motivos como pecados sujos e planos ambiciosos. Eles pareciam sentir que era um dever sagrado destruir a minha reputação, e destruir a minha influência, se possível. “Apóstata” foi o título que todos aplicaram a mim. Eu fui comparado a Balaão, a Corá, Datã e Abirão, a Judas, Dimas, e toda uma lista de personagens do mal. Nenhum motivo honesto ou digno foi concedido a mim. Os relatórios mais vis e perversos foram divulgados, de tudo o que eu tinha feito ou dito. Coisas que eu desprezaria só de pensar. No entanto, todas foram prontamente aceitas e acreditadas como verdade indubitável. Mas eu esperava por isso, pois essa é a maneira como são tratados todos os que se atrevem a deixá-los e dar a razão para isso.

Durante os vinte anos que se passaram, após tê-los deixado, eles tiveram espiões constantemente em minha pista, que assistiram e relataram as mínimas coisas que eu tinha dito ou feito, e as distorciam para o mal, se possível. Isto, eles faziam circular até os confins da terra, e elas voltavam para mim, em forma de jornais e cartas. Eles produziram quatro publicações diferentes contra mim, e a Sra. White, em sua última “revelação”, dedicou três artigos direcionados a mim! No entanto, eu não sou nada, nunca fui. “Uvas verdes”, você vê? Foi amplamente divulgado que eu estava sofrendo de uma doença terrível, tinha destruído a minha igreja, foi expulso da denominação, e mais coisas, a respeito das quais, que o Senhor julgue entre nós. Os pastores de todas as igrejas aqui, e os homens públicos locais tiveram que fazer declarações escritas para lidar com esses ataques, em estados distantes. Às vezes, isso pareceu difícil de suportar, mas sabendo que eu estava certo, eu tive a graça e paciência para me manter firme em meu trabalho, e deixar o resto com Deus e com os meus amigos.

Estou constantemente recebendo cartas de todas as partes do país, dizendo que os adventistas afirmam que pedi para ser levado de volta para eles. Eles irão dizer isso até a minha morte, e por muito tempo depois. Este livro será a minha resposta. Eles estão certos que a maldição de Deus seguirá a todos os que os deixarem, ou que eles se tornarão incrédulos, ou voltarão para eles, pois eles não poderiam estar reconciliados com Deus de outra forma.

Um exemplo de carta:

Glenwood Springs, Colorado, 29 de março de 1889.

D. M. Canright, Otsego, Michigan.

“Meu querido amigo e irmão - Se uma descarga de um relâmpago tivesse rasgado o meu couro cabeludo e o separado da minha cabeça, eu não teria ficado mais surpreso do que estou hoje ao receber em minhas mãos, o seu panfleto intitulado *O Sábado Judeu*. Eu tenho lido seus livros durante anos, tenho vendido suas valiosas obras, e pregado a “Mensagem do Terceiro Anjo.” Agora, eu gostaria de lhe perguntar, como é que o nosso povo está tratando você? Até onde eu estou sabendo, você era um grande favorito, e citado com mais frequência do que qualquer um próximo à liderança máxima. Será que eles retribuirão a você tão duramente como eles fizeram com Snook? Eu suponho que sua grande pesquisa e estudo de toda uma vida sobre este assunto não vale nada para eles, e que você está sendo classificado entre os anjos caídos. F. A. B.”

ORDENADO MINISTRO BATISTA

Em 19 de abril de 1887, em Otsego, Michigan, onde eu tinha vivido durante oito anos, fui ordenado pastor da Igreja Batista Regular, por um grande concílio, composto por vários dos mais hábeis ministros do Estado. A “União Otsego” dessa data diz: “Delegados regularmente nomeados, estiveram presentes vindo de Igrejas Batistas de Grand Rapids, Kalamazoo, Plainwell, Three Rivers, White Pigeon, Allegan, Battle Creek, Paw Paw, Hickory Corners, Prairieville e Otsego. O rev. A. E. Mather, DD, de Battle Creek, foi eleito moderador do concílio e o rev. T. M. Shanafelt, DD, de Three Rivers, secretário. A ordem dos exercícios foi a seguinte: Leitura das Escrituras, pelo rev. H. A. Rose, de Kalamazoo; Oração, pelo rev. D. Mulhern, DD, de Grand Rapids; Sermão da ordenação, pelo rev. Kendall Brooks, DD, Presidente da Kalamazoo College; oração de ordenação, pelo rev. M. W. Haynes, de Kalamazoo, com imposição de mãos pelo rev. H. B. Taft, de White Pigeon, rev. E. A. Gay, de Allegan, e rev. H. A. Rose, de Kalamazoo; mão da fraternidade, pelo rev. T. F. Babcock, de Prairieville; encargo do pastor, pelo rev. L. B. Fish, de Paw Paw, encargo para a igreja, pelo rev. I. Butterfield, de Grand Rapids. rev. D. M. Canright foi assim plenamente reconhecido, por um conselho amplo e representativo, como um pastor regular batista, e pastor da Igreja Batista de Otsego.”

Nunca me arrependi de deixar os adventistas, nem por um momento senti a menor vontade de voltar.

CAPÍTULO III

ADVENTISMO: UM JUGO DE ESCRAVIDÃO

Em grande parte, as pessoas são atraídas para a doutrina dos adventistas do sétimo dia através do medo, medo de serem condenadas, se a recusarem. Uma vez dentro, eles tentam se sentir felizes, mas poucos realmente conseguem se sentir assim. Com uma grande classe, os mais inteligentes, há muitas dúvidas e medos. Eles vivem anelando algo que eles não conseguem encontrar, e assim, eles se tornam infelizes. Muitos de seus ministros passaram pelas mesmas provas que eu passei, e dezenas os deixaram como eu o fiz, enquanto outros se corrigiram e permaneceram com eles. O pastor White tinha dúvidas. Ellen White diz dele: “Ele deve fazer uma regra de não falar incredulidade ou desânimo.” “Meu marido tem valorizado essa escuridão por muito tempo vivendo de um passado infeliz, e tem pouco poder de controlar sua mente quando tem que lidar com essas coisas.” *Testemunhos, Vol. III*, páginas 96, 97. A Sra. White, ela própria, como seria de se esperar, ficou preocupada com a sua fidelidade. Ela diz: “À noite, eu tenho despertado o meu marido, dizendo: ‘Tenho medo de me tornar uma infiel.’” *Testemunhos, Vol. I*, página 597. Quase todos os seus ministros proeminentes tiveram o seu tempo de prova, o mesmo que eu tive, quando eles pararam de pregar e foram para outro trabalho, como já vimos.

Vou citar algumas palavras de cartas recebidas: “Eu tive muitas vezes tempos sombrios na minha experiência por causa dessas dúvidas... Uma vez eu decidi que deveria seguir as convicções do meu próprio julgamento nessas coisas, mas quando chegou a hora da pressão, foi tão forte que eu tentei me convencer de que eu estava errado... o fato é que, estou acabado... parece uma coisa terrível tomar um rumo, que fará com que todos os seus amigos queridos deste mundo olhem para você, como alguém caído da graça, e aqui estou eu, preso com estas correntes.” Outro escreveu: “Parece-me que as posições defendidas pelos adventistas do sétimo dia são tão pesadas, que um dia elas me esmagarão. Elas são um jugo de escravidão que não posso suportar. Ainda assim, eu quero estar no que é certo.” Outro ministro, D. H. Lamson, escreve: “Como estaria tudo certo para mim, enquanto que cadeias estão sendo forjadas para a maioria dos membros que não as deseja?... Em que sofrimento nós nos encontramos como um povo. Quão deplorável! E não há alívio!” E ainda outro ministro talentoso, W. C. Gage me escreve: “Nossos pastores e também os membros, estão a crescer para ser uma denominação de hipócritas, por um temor servil de expressar uma opinião honesta... Estou cansado e desanimado!... A base da confiança se foi, e eu só devo aguardar o resultado disso.” Ainda outro, Uriah Smith, escreve: “Os que estão no poder tem um medo, que é: livre pensamento e livre discussão. Como tem sido até agora, é uma vergonha e desgraça para nós.” E, no entanto estes irmãos colocam “panos quentes” no assunto de alguma forma, e vão em frente como se nada estivesse errado. Eu tenho pena deles, pois eu mesmo já passei precisamente pela mesma experiência. E outro escreve: “Eu desejaria nunca ter ouvido a doutrina do Advento sendo pregada. Antes disso, eu sei que eu desfrutava as bênçãos de Deus; eu não estava preocupado sobre doutrina... Eu acho que naquela época, eu tinha alguma influência para o bem para com os outros, mas temo que minha mudança de fé, causou uma má influência sobre os meus filhos.” É estranho dizer, mas estes são os mesmos homens que agora denunciam o pior de mim, porque eu tive coragem de expor as minhas convicções, enquanto eles não tiveram.

Estes são bons exemplos de como dezenas deles se sentem, desde homens em posições de liderança, até o mais humilde da igreja. Em grande parte eles guardam tudo para si, mas de vez em quando eles põem tudo para fora. Muitos deles quase saem, e, em seguida recuam, para ficarem com os outros em cativeiro por todo o resto de suas vidas. Mas se essas pessoas vivem em tal cativeiro, por que não se soltam e se libertam? Quem iria prejudicá-los? Que seja lembrado que existe uma escravidão pior do que a escravidão africana – a escravidão da tirania religiosa e da superstição. Eu estive preso lá, por anos, e conheço o seu poder.

Milton F. Gowell, de Chicago, fornece uma verdadeira imagem da experiência de alguém no adventismo. Eu citarei um trecho de uma carta que ele enviou para mim. Eu vivia frequentemente na casa de seu pai, em Portland, ME, quando ele era um menino. Ele diz: “As minhas lembranças daqueles dias estão cheias de medo da lei, gráficos proféticos, visões de Ellen White, o sábado, sábado, sábado, reforma da saúde, vestidos ridículos, e um grande zelo por trabalhar muito no domingo, e pouco ou nada de Cristo. Todo o FAZER era indelevelmente gravado em minha mente de menino, mas, o ensinamento CRER em Cristo para a salvação, e DESCANSAR em sua obra cumprida, eu não tenho nenhuma lembrança de ter ouvido. Quantos há que se filiam aos adventistas do sétimo dia, absolutamente não salvos, sabendo nada sobre a graça de Deus, ouvindo quase nada sobre a lei. Eu me juntei a eles com a idade de quatorze anos,

convicto de que eu era culpado diante de Deus, mas não salvo, embora fosse batizado e recebido na igreja como um GUARDADOR DO SÁBADO. Eu não recebi nenhuma paz, nem sossego, até que entrei no real descanso ao crer na verdade, cerca de três anos e meio atrás. E assim, eu fui salvo estando às margens da infidelidade”. Isto é a exata impressão que todos os filhos daquelas pessoas estão recebendo - o legalismo frio. Enquanto este jovem foi finalmente salvo da infidelidade, centenas deles não o são, como eu bem sei.

PESSOAS PROEMINENTES QUE DEIXARAM OS ADVENTISTAS

Não é novidade que homens possam deixar um grupo, bom ou mau; mas um número tão grande de pessoas proeminentes deixar os adventistas, a todos causa surpresa. É claro que deve haver algo de errado no sistema em si mesmo. Em primeiro lugar, de acordo com o melhor do meu julgamento, de um terço a metade de todos os que começam a observar o sábado, mais cedo ou mais tarde o abandonam.

Em épocas diferentes, grande número os tem deixado, principalmente por causa das visões de Ellen White. Vamos citar alguns dos ministros que os deixaram: J. B. Cook e T. M. Preble, os pioneiros que iniciaram o movimento, ambos renunciaram; O. R. L. Crosier e Ann Arbor, Michigan, renunciaram o sábado; pastor B. F. Snook, o homem líder em Iowa, é agora um Universalista; pastor W. H. Brinkerhoof, de Iowa, renunciou a fé; pastor Moses Hull, o orador mais capaz que já tiveram, é agora um espírita, e o pastor Shortridge, um ministro de muito talento, também se foi da mesma maneira; os pastores Hall e Stephenson, que eram na época muito proeminentes na obra, se foram para o movimento Age-to-Come (A Era Porvir); C. B. Reynolds, de Nova York, tornou-se um blasfemo famoso; o pastor H. C. Blanchard, Avilla, Missouri, renunciou a doutrina; T. J. Butler, do mesmo estado, e o pastor L. L. Howard, Maine, H. F. Haynes, New Hampshire, os deixou; Nathan Fuller, Wellsville, Nova Iorque, tornou-se um libertino; M. B. Czechowski foi para a Europa e morreu infiel; H. F. Case e os pastores Cranmer e Philip Strong, todos de Michigan, os deixaram.

O pastor J. B. Frisbie, seu pioneiro e o mais eficiente pregador por anos em Michigan, finalmente os deixou. Dr. Lee, de Minnesota, que inaugurou a obra entre os suecos, agora se opõe a ela. Pastor A. B. Oyen, missionário para a Europa, e editor do jornal dinamarquês adventista, renunciou a fé. Vivendo bem à frente da obra por muitos anos, ele teve as melhores oportunidades para saber tudo sobre o funcionamento dela. O pastor D. B. Oviatt, durante muitos anos presidente da Associação da Pensilvânia, renunciou à fé, e agora é um ministro batista. Os pastores Rosquist e Whitelaw, ambos de Minnesota, recentemente os deixaram e foram para os batistas. Outros ministros do Ocidente também têm ido para os batistas. C. A. Russell, Otsego, Michigan, um homem excelente que uma vez pregou a doutrina comigo. Ele é agora um metodista. H. E. Carver, H. C. Blanchard, J. W. Cassady, A. C. Longa, Jacob Brinkerhoof, J. C. Day, H. W. Ball, Goodenough, Bunch, e outros, uma vez, membros dessa igreja, agora escrevem contra ela. O pastor Hiram Edson e o pastor S. W. Rhodes, grandes pioneiros da obra, morreram excêntricos confirmados, e uma provação para a igreja. O triste exemplo de seus principais ministros que têm sido culpados de adultério, prova que sua igreja não tem nada para se vangloriar das outras igrejas pela pureza de seus ministros e membros.

SEUS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Eles têm sido muito infelizes com seus professores universitários. O professor S. S. Brownsburger, o primeiro diretor do Colégio de Battle Creek, Michigan, cargo que ocupou durante anos, e depois preencheu a mesma posição na faculdade adventista da Califórnia, está agora totalmente desconectado da obra. O pastor W. H. Littlejohn, que em seguida, esteve à frente do colégio, foi expulso da igreja e mergulhou nas dúvidas. Em seguida veio o professor A. McLearn como diretor do colégio. Ele renunciou a fé, e agora os opõe fortemente a ela. O professor Vesey, um professor educado nessa faculdade, abandonou a fé. O professor C. C. Ramsy, nascido na fé, foi professor de matemática na faculdade de Battle Creek por três anos; em seguida, preencheu a mesma posição por três anos na faculdade da Califórnia; logo, foi chamado para cuidar da escola de ensino médio no Oriente, o que ele fez por durante três anos. Ele foi editor da revista educacional adventista, destaque na obra da Escola Sabatina, e em muitas outras coisas. Ele renunciou a fé, mas continua sendo um cristão fervoroso. Outros de seus professores menos proeminentes também os deixaram. Qual é a causa de tais resultados? Deve haver algo de errado!

SEUS MÉDICOS

Eles têm sido igualmente infelizes com seus médicos do sanatório em Battle Creek. Dr. H. S. Ley, um homem excelente, foi o primeiro médico-chefe em exercício. Ele deixou a instituição ao passar por uma provação, e ficou fora da obra por anos. Dr. William Russell, um médico talentoso, veio em seguida. O adventismo que ele viu lá fez dele um infiel, e, ele foi demitido. Em seguida, veio Dr. M. G. Kellogg. O tratamento que recebeu o levou ao ceticismo por muitos anos. Então veio Dr. Sprague e Dr. Farfield, ambos renunciaram a fé, e, creio eu, são céticos agora. Sra. Lamson e Sra. Fellows, ambas, matronas do sanatório, perderam a fé na doutrina. Dr. Smith, educado na fé, renunciou a ela. Aqui, novamente, vemos que a educação incapacita os homens para o adventismo. Eu não estou familiarizado com outra igreja que perdeu uma quantidade tão grande de seus homens mais proeminentes. Todos os anos, muitos os tem abandonado. Eles perderam mais talentos do que os que agora permanecem com eles.

O ADVENTISMO LEVA A INFIDELIDADE

Um argumento forte em favor dos adventistas é que, a maioria das pessoas que os deixa, se torna infiel, como todos sabem. Mas, após longa observação, tornei-me convencido de que é o adventismo que os tornam infiéis. Olhe para o romanismo. Onde quer que eles se tornem presentes, a terra se enche de infiéis. Vá entre os mórmons em Salt Lake. Um grande número de seus filhos está se tornando infiéis. O resultado natural do fanatismo e da superstição é a infidelidade e ceticismo. Aqui mesmo, em Otsego, temos vários infiéis, os filhos crescidos de adventistas. Eu os conheço e os encontro por toda parte do país, e o seu número está aumentando. Tenho certeza de que o fruto maduro do adventismo nos próximos anos será uma geração de céticos.

A APOSTASIA DA IGREJA ADVENTISTA

Os adventistas do sétimo dia reivindicam serem eles um movimento suscitado por Deus, para reformar a igreja de hoje. Eles afirmam serem mais puros, mais espirituais, e estarem num plano mais elevado do que os outros cristãos. Todas as outras igrejas são apóstatas, a Babilônia; enquanto eles são os santos escolhidos. Mas agora, após a sua igreja ter apenas 50 anos de existência, e, portanto, ainda é pequena e jovem, assim mesmo, é melhor do que as igrejas maiores e mais antigas. Eu posso citar confissões de seus próprios escritores, provando que eles são tão mundanos e apóstatas e corruptos como eles fazem crer que são as outras igrejas. Vou dar alguns exemplos. O pastor G. I. Butler, na *Advent Review*, 10 de maio de 1887, diz: “Um terrível estupor como o que envolveu os discípulos na agonia do Salvador no jardim, parece pairar sobre a massa do nosso povo.” Ellen White, em *Testemunhos, Vol. I*, diz: “O Espírito do Senhor está morrendo na igreja”, na página 113; “As igrejas têm quase perdido sua espiritualidade e fé”, página 119; “Eu vi a verdade terrível de que o povo de Deus está conformado com o mundo, sem distinção, exceto no nome”, na página 133; “A cobiça, egoísmo, amor ao dinheiro, e o amor do mundo, estão presentes nas fileiras dos observadores do sábado”, página 140; “Piedade vital está faltando”, na página 153; “Há muito pouco amor ao próximo. Um espírito egoísta é manifesto. Desânimo abateu sobre a igreja.” Página 166; “A espiritualidade e devoção são raros”, página 469. “Muitos deles, nem sequer são honestos.” Ela diz: “Eu vi o espírito de defraudar em todos os lugares, de maldade, mesmo entre alguns professos observadores do sábado. Eu chorei de angústia!”, na página 480; “Há muito pouca oração. Na verdade, a oração é quase obsoleta.” Página 566; “Nem um em cada vinte daqueles que têm uma boa posição com os adventistas do sétimo dia, está a viver os princípios abnegados da palavra de Deus.” Página 632. Da igreja de Battle Creek, ela diz: “Eu posso selecionar família após família dos filhos desta casa. Cada um dos quais é tão corrupto como o próprio inferno.” “Bem aqui nesta igreja, corrupção prolifera por toda parte”, *Vol. II*, páginas 360, 361; “Pecado e vício existem nas famílias dos que guardam o sábado”, página 391; “Nós temos um ministério anão e defeituoso”, *Vol. IV*, página 441. Em *Testemunho No. 33*, que acaba de ser publicado, Ellen White diz: “Há uma deplorável falta de espiritualidade entre o nosso povo... Houve um espírito de autossuficiência, e uma disposição de lutar por posição e supremacia. Tenho visto que a autoglorificação estava se tornando comum entre os adventistas do sétimo dia,” páginas 255, 256. Assim, à medida que eles envelhecem, eles têm que confessar a todos, as fraquezas e deficiências, que eles têm tão avidamente imputadas à outras igrejas.

Eu poderia citar páginas inteiras de tais confissões como estas, de Ellen White e de seus principais homens. Eles são obrigados a dizê-lo. É comum em suas reuniões campais ver metade dos seus membros seguirem em frente como apóstatas. Sua pregação é em grande parte usada para repreender seus membros de sua frieza. Na verdade, a coisa é na prática um fracasso, em qualquer ângulo que você olhar para ela. Eles são melhores, mais espirituais do que as igrejas regulares que eles acusam serem assim? Não, como mostrado acima. Depois de estar bem familiarizado com ambos, eu digo com segurança, que há mais devoção e espiritualidade entre as igrejas evangélicas do que entre os adventistas.

Se, então, essas coisas em outras igrejas provam que elas são a Babilônia, elas também provam a mesma coisa da Igreja Adventista. (Ver Anexo A)

CAPÍTULO IV

ORIGEM, HISTÓRIA E FALHAS DO ADVENTISMO

De tempo em tempo, desde os dias de Cristo até agora, indivíduos, e muitas vezes grandes seitas, têm surgido, proclamando o segundo Advento às portas, sendo eles, mensageiros designados por Deus para advertir o mundo. A respeito deste ponto, Jesus advertiu sua igreja: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane... O fim ainda não chegou.” Mat. 24: 4-6. No entanto, logo em seguida, foi dito que Jesus viria antes que João morresse. João 21:23. Os tessalonicenses tiveram que ser corrigidos por Paulo por esperar o Advento às portas. 2 Tess. 2: 1-8.

No meio do segundo século surgiu o montanismo. A *Enciclopédia Schaff-Herzog* diz: “históricas visões anunciando a aproximação da segunda vinda de Cristo... foram estabelecidas como revelação divina.” Os montanistas, como os adventistas do sétimo dia, adotaram uma disciplina severa, condenando o uso de ornamentos, o relacionamento com o mundo, etc. Eles produziram uma grande sensação, obtiveram numerosos seguidores, e floresceram por um século ou mais.

O ADVENTISMO DO SÉCULO X

A seguinte passagem é do livro *História da Igreja Cristã*, de M. Reuter, DD, “Século X”, cap. 2, páginas 202, 203: “Entre as numerosas opiniões, no entanto, que desgraçaram a igreja católica e produziram ao longo do tempo tais agitações violentas, nenhuma ocasionou tal pânico universal, nem tais impressões terríveis de terror ou desânimo, como uma noção que prevaleceu durante este século [décimo] da abordagem imediata do dia do juízo.” “Edifícios públicos e privados eram abandonados, ou mesmo demolidos, por causa da ideia de sua inutilidade, uma vez que a destruição de todas as coisas estava para acontecer.”

“Por volta de 1660, os homens da quinta monarquia da Inglaterra” acreditavam que o tempo estaria próximo, quando perante as quatro grandes monarquias da visão profética de Daniel, apareceria a quinta, que viria para quebrar em pedaços todas as outras, e “ficar para sempre”. *Enciclopédia de Johnson*, artigo quinto, “Homens de Monarquia”. Eles comprometeram-se a estabelecer o reino ao derrubarem o governo Inglês.

Os irvingitas da Inglaterra “declaram a vinda eminente de Cristo”. Eles tem “profetas”, “revelações”, “línguas”, “dons”, etc. Eles se reúnem em grandes congregações e estão se espalhando pelo mundo inteiro.

Swedenborg, Ann Lee, Joanna Southcott, Joe Smith, etc., todos tem feito da breve volta de Cristo, o fundamento de seus sistemas, como é bem conhecido. Assim, os movimentos deste tipo não são novidades.

O adventismo do sétimo dia originou-se no conhecido movimento de Guilherme Miller, que definiu o tempo do fim do mundo para 1843-44. Eles afirmam agora, que o movimento de Miller estava certo, e que surgiu pela providência de Deus. Eles afirmam estarem levando em frente, o mesmo trabalho que ele começou. Em todos os seus livros e sermões, eles apontam para 1844 como a sua origem, e endossam o trabalho dos milleritas em 1843 e 1844. O seguinte texto da Sra. White confirma esta questão: “Tenho visto que o diagrama de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que ele não deve ser alterado, que sua mão estava presente, e ocultou um engano em algumas das figuras.” *Primeiros Escritos*, página 64. Deus os ajudou a cometer o erro. “Eu vi que Deus estava na proclamação do tempo, em 1843.” *Dons Espirituais, Vol. I*, página 133. Assim, Deus queria que eles marcassem aquele tempo. “Eu vi que eles estavam corretos em sua contagem dos períodos proféticos, o tempo profético cumprido em 1844.” Página 107. Mais uma vez: “O movimento do Advento de 1840-1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus.” *Grande Conflito, Vol. IV*, página 429. O pastor White diz: “Consideramos que o grande movimento do Segundo Advento, que começou com os escritos e palestras públicas de Guilherme Miller, tem sido, nas suas características principais, um cumprimento da profecia. Consistentemente com este ponto de vista, nós também sustentamos que na providência de Deus, o Sr. Miller foi escolhido para fazer este trabalho específico”. *Vida de Miller*, página 6. Por isso, é visto que os adventistas do sétimo dia ainda

acreditam e defendem os movimentos milleritas de 1843 e 1844. Na verdade, eles afirmam que todas as outras igrejas, que não aceitam e apoiam o trabalho de Miller, foram rejeitados por Deus nesta questão. Assim, Ellen White diz: “À medida que as igrejas se recusam a receber a mensagem do primeiro anjo [a obra de Miller], elas rejeitam a luz do céu e caem do favor de Deus.” *Primeiros Escritos*, página 101.

Aqui, então, temos a origem do adventismo do sétimo dia, a fonte da qual ele brotou. Sabendo que o fluxo será como a sua fonte, vamos examiná-lo. O pastor White e a Sra. White, os pastores Bates, Andrews, Rhodes, Holt e Edson, e todos os fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia estiveram no movimento de Miller, e ajudaram na criação e pregação do tempo de 1843, 1844, e em seguida, levaram em frente a obra do Advento.

O trabalho do Sr. Miller é tão bem conhecido, que eu preciso tão somente referir aos principais fatos sobre ele. Guilherme Miller nasceu em Pittsfield, Mass., 1782, mas ele foi criado em Low Hampton, NY. Ele era um fazendeiro, tendo recebido como educação, os poucos benefícios de uma escola rural. Ele uniu-se à Igreja Batista. Em 1831, ele afirmou que tinha descoberto pelas profecias, a hora exata, o ano exato, e, por fim, o dia exato em que Cristo apareceria, e conseqüentemente, o fim do mundo. Ele conseguiu converter talvez umas cinquenta mil pessoas aos seus pontos de vista. A primeira data fixada foi 1843. Ele falhou. Em seguida, ele fixou um dia em outubro de 1844, e que falhou também. Muitas outras datas foram fixadas pelos seguidores do Sr. Miller, e todas falharam. E após passarem 50 anos, o fim ainda não havia chegado.

Qual foi o grande fardo de Miller, que foi o único ponto em que ele diferia das igrejas evangélicas? Todas essas igrejas acreditavam fortemente no Segundo Advento pessoal de Cristo, assim como Miller. Eles também adoravam Jesus e pregavam o Segundo Advento, ensinando até mesmo que ele estava próximo. Mas os milleritas disseram que sabiam o tempo em que era para ser, e que o tempo era 1843-4. Eles apostaram tudo em cima disto. A questão era clara e definida. Todos os que não aprovassem o seu tempo definido eram “opositores”, “inimigos”, “na escuridão”, “servos do mal”, “rejeitados de Deus” e “perdidos”, só porque eles não acreditavam em definir um tempo para o fim. Aqui estão as palavras de Miller: “Eu acredito que o tempo pode ser conhecido por todos os que desejam compreender... Entre 21 de março de 1840, e 21 de Março de 1844, de acordo com o modo judaico de cálculo de tempo, Cristo virá.” *Vida de Miller*, página 172. Jesus diz: “Vós não sabeis quando chegará o tempo.” Marcos 13:33. Mas os milleritas pensavam que sabiam melhor do que Jesus Cristo. Então eles condenavam todos os que não concordavam com eles. Aqui está um simples exemplo do que eles diziam e o espírito que os possuía: “Esta é a verdade de Deus, é tão verdadeira quanto a Bíblia.” “Não há nenhuma possibilidade de erro neste momento.” “Aqueles que rejeitam esta luz estarão perdidos.” “Aqueles que não aceitam este argumento são apóstatas”, etc. *História da Mensagem do Advento*, página 596. E este é o espírito que os seguiam desde então - um duro, espírito denunciador contra todos os que não concordavam com as suas figuras, interpretações e teorias.

Mas seu tempo definido veio e passou sem a menor atenção aos seus números e fatos, provas e manifestações, orações e previsões. O velho tempo, sem remorso algum, o verdadeiro testador de cada teoria, marchou em frente e demoliu todos eles. Isto demonstrou a loucura do erro dos adventistas. A previsão de Miller foi um miserável aborto. Ele pregou e disseminou uma falsidade. Ele pregava que o mundo acabaria em 1843, e o mundo não acabou; ele estabeleceu 1844 para o que viria, e não aconteceu. Se alguma vez um movimento religioso na Terra foi demonstrado ser uma farsa e uma falha, este foi o millerismo. Mas se o millerismo foi um fracasso naquele tempo, então o adventismo do sétimo dia também o está sendo agora, pois aquela era a fonte da qual este fluiu; aquela foi a fundação sobre a qual este está construído. Deut. 18:22 diz : “Quando o profeta falar em nome do Senhor, se a coisa não acontecer, nem vir a passar, esta não é a palavra que o Senhor falou”. Isto, certamente, é um teste simples e justo. Por esta regra, o Senhor não estava no movimento de Miller.

“Mas não estavam os adventistas em 1843-4 confiantes de que eles estavam certos?” Confiantes não é a melhor palavra para descrever o que sentiam. Eles tinham certeza de que eles estavam certos, pois provavam tudo pela Bíblia, cada palavra dela, de forma positiva. A Bíblia dizia assim, negar o que pregavam, era negar a Bíblia. Mas tudo fracassou do mesmo jeito. E é assim com os adventistas do sétimo dia de hoje. Eles são as pessoas mais positivas no mundo, embora eles tenham cometido dezenas de erros terríveis.

Que ninguém saberá o tempo do Segundo Advento é muito claramente ensinado pela simplicidade das palavras. Leia o seguinte: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai”, “Vigiai, pois, porquanto não sabeis a que hora vem o vosso Senhor”, “Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não penseis, o Filho do homem virá”; “Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Filho do homem virá.” Mat. 24:36, 42, 44; 25:13. “Guardai-vos, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo.” Marcos 13:33. “Não é para vocês saberem o tempo ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.” Atos 1:7. Jesus disse: “Vós não sabeis quando chegará o tempo.” Miller disse: “Nós sabemos tudo sobre ele.” Jesus disse: “Não é para vocês saberem os tempos ou as estações.” Miller disse: “Nós sabemos tudo sobre eles.” Jesus disse: “Ninguém sabe o dia”, Miller disse: “Nós sabemos o dia exato.” Quem estava certo? As decepções dos adventistas, vez após vez, durante os últimos cinquenta anos, na definição da data para o fim do mundo, demonstraram claramente a sua loucura. Todo o movimento do Advento foi concebido em erro, nascido em um erro, tem crescido em loucura, e deve morrer em desgraça. “Mas não eram os milleritas, sinceros?”, alguém pode perguntar. Não há dúvida sobre isso, mas isso não prova nada quanto à sua exatidão.

O FRUTO DO MILLERISMO

“Pelos seus frutos os conhecereis.” O millerismo, por cerca de quatro anos, em alguns estados, criou uma grande excitação. Igrejas foram divididas e fragmentadas, os pastores deixaram seus rebanhos a mercê das “palestras” sobre o “tempo”, enquanto argumentos e conflitos era a ordem do dia. À medida que o tempo definido se aproximava, em milhares de casos, os adventistas não só deixaram seu trabalho e seus negócios, mas doavam suas propriedades. Lavouras foram deixadas sem serem colhidas e os bens foram distribuídos livremente, de modo que muitos que estavam bem financeiramente, agora foram deixados sem um tostão. Depois que o tempo definido passou, estas pessoas passaram necessidades e suas famílias sofreram. Muitos tiveram de ser detidos, e colocados sob tutela, para proteger suas famílias. Em seguida, o fanatismo radical irrompeu, aqui e ali, o que trouxe desgraça para o próprio nome da religião. Muitos disseram que o Senhor havia voltado; o tempo da graça havia terminado; era pecado trabalhar; todos os bens deveriam ser mantidos em comum; todas as igrejas eram apóstatas, Babilônia, etc. Alguns adventistas tinham esposas espirituais, alguns foram para os shakers, muitos voltaram às igrejas, alguns em desespero, e centenas em dúvida e incredulidade - exatamente o que se poderia esperar. A doutrina gloriosa do Segundo Advento estava coberta de vergonha, Satanás regozijou-se, enquanto a causa de Cristo estava sendo prejudicada. Para a prova desses fatos, refiro-me aos testemunhos de milhares que vivem agora, e as obras publicadas pelos próprios adventistas. Assim o pastor U. Smith foi compelido a dizer: “O corpo do advento formaram uma unidade [em 1844] e seu testemunho abalou o mundo. De repente, seu poder foi quebrado, sua força paralisada. Eles passaram do ponto de sua esperança, e não perceberam a sua esperança. Que um erro tinha sido feito em algum lugar, ninguém podia negar. A partir daquele ponto da história, uma maioria, que uma vez eram pessoas felizes e unidas, agora estava marcada pela discórdia, divisão, confusão, especulação, novos erros, novas decepções, desintegração e apostasia.” *O Santuário*, páginas 13, 14.

Paulo disse: “Deus não é o autor de confusão.” 1 Cor. 14:33. Então, certamente ele não foi o autor do adventismo, pois a confusão que ele produziu não tem paralelo na história religiosa. Em cada dez almas que foram arruinadas por ele, uma foi recuperada. Logo após 1844, eles se separaram em várias partes, cada uma contradizendo, e condenando todo o resto. Em vez de renunciar a coisa toda, como pessoas sãs deveriam ter feito, cada um pôs-se a encontrar alguma “explicação” de seu erro. Dificilmente duas pessoas concordavam em um ponto, enquanto que cada um tinha certeza que ele tinha a verdadeira explicação. Sua total confusão é bem ilustrada pela seguinte história contada pelo próprio Miller: A primeira pessoa em sua própria igreja que adotou totalmente seus pontos de vista foi uma mulher idosa, uma cristã humilde. Miller mandou seus papéis a ela quando ele lhes tinha lido. Em uma semana, ele recebeu dezesseis artigos diferentes, todos professando ser publicações do Advento, mas a maior parte deles defendia ideias contraditórias. Ele enviou-os para aquela senhora. Em seguida, ela pediu sua visita, e em sua chegada começou a perguntar: “Você já leu todos esses papéis?” “Eu dei uma olhada.” “Mas eles são todos papéis do Advento?” “Eles professam ser.” “Bem, então”, disse ela, “Eu não sou mais uma adventista. Tomarei a velha Bíblia e ficarei somente com ela.” “Mas”, disse Miller, “nós não temos qualquer confiança na metade do que é defendido nesses papéis.” “Nós?” exclamou a velha senhora, “quem é ‘NÓS?’” “Ora”, respondeu o Sr. Miller, “Somos aqueles que não comungam dessas coisas.” “Bem, mas eu quero saber quem é ‘nós.’” “Ora, todos nós que ficamos na antiga fé”. “Mas isso não está me dizendo quem é ‘nós’. Eu quero saber quem é ‘nós.’” “Bem”, disse o Sr. Miller, relatando a história:

“Eu estava confuso, e fui incapaz de dar-lhe qualquer informação de quem éramos nós.” *História da Mensagem do Segundo Advento*, páginas 414 e 415.

E assim, isso continuou até este dia. Em que os adventistas creem? Vá, pergunte qual foi a língua falada pelo povo depois que o Senhor confundiu suas línguas em Babel. O adventismo é uma segunda Babel. Mas adventistas do sétimo dia dizem: “Estamos unidos, acreditamos na mesma coisa.” Parcialmente verdadeiro, mas eles são apenas um ramo desta Babel do advento. Tal ninhada, tão cheia de erros e heresias como o que resultou do adventismo, não pode ser encontrada na história da igreja cristã. Marcação de datas, visões, milagres, fanáticos, falsos profetas, sono dos mortos, aniquilação dos ímpios, a não ressurreição dos ímpios, futura tribulação, a restauração, a comunidade de bens, negação da divindade de Cristo, nenhum diabo, nenhum batismo, nenhuma organização, etc., etc. Misericórdia! E estas são as pessoas enviadas com uma “mensagem” para alertar a igreja. Seria melhor para eles, voltar atrás, aprender e concordar entre eles, sobre o que realmente a sua “mensagem” é, antes de correr para divulgá-la.

Os outros adventistas têm marcado o tempo para o fim do mundo para 1843, 1844, 1847, 1850, 1852, 1854, 1855, 1863, 1866, 1867, 1868, 1877, e assim por diante, até ficarem cansados de contar, aprendendo nada com o passado, e cada vez mais confiantes que antes.

Este trabalho fanático trouxe desgraça sobre a doutrina do Segundo Advento, de modo que as outras igrejas já não se dedicam mais sobre o assunto, como era antes. O estudo das profecias foi exposto ao descrédito pela conduta imprudente dos adventistas. Nenhum homem sensato pode deixar de ver isso.

OS ADVENTISTAS E A MARCAÇÃO DE DATAS

Os adventistas do sétimo dia se vangloriam de que eles nunca marcaram datas. Eles não acreditam nisso. Mas eles enganam a si mesmos e enganam os outros quando eles dizem isso. O pastor White, o seu líder, pregou três datas diferente para a vinda do Senhor, a saber, 1843, 1844 e 1845. Aqui estão as suas próprias declarações sobre isso: “Eu encontrei-me feliz na fé de que Cristo viria pelo ano de 1843.” *Incidentes da Vida*, página 72. Em seguida, ele conta como ele pregou. Em 1844, ele diz: “Eu declarei a minha convicção de que Cristo viria no décimo dia do sétimo mês judaico daquele ano [1844].” Páginas 166, 167. “É bem sabido que muitos estavam esperando a vinda do Senhor no sétimo mês de 1845. Que Cristo viria, nós acreditávamos firmemente. Poucos dias antes do tempo passar, eu estava em Fairhaven e Dartmouth, Mass., com uma mensagem sobre esta questão do tempo.” *Uma Palavra ao Pequeno Rebanho*, por Tiago White, página 22. Assim, seu líder era um marcador de datas. Ellen White, a sua profetisa, estava na marcação das datas de 1843 e 1844. Ela mesma diz: “Estávamos firmes na crença de que a pregação dos tempos definidos era de Deus.” *Testemunhos, Vol. I*, página 56. Da primeira data, ela diz: “Com cuidado e tremor, nos aproximamos do momento em que o nosso Salvador era esperado para aparecer.” Em seguida, ela conta sua decepção. *Testemunhos, Vol. I*, página 48. De novo: “Nossas esperanças agora estavam centradas na vinda do Senhor para 1844.” Página 53. Ela foi uma marcadora de tempo também. Os pastores: Bates, Andrews, Rhodes e toda a primeira colheita de adventistas do sétimo dia estavam na marcação de tempo de 1843 e 1844. Eles ainda apoiam a marcação de Miller para as datas de 1843 e 1844, como certa e aprovada por Deus. Quanta verdade, então, há em suas afirmações de que eles nunca marcaram datas? Mas eles dizem: “Nós não guardávamos o sétimo dia quando marcamos as datas, portanto, nós nunca as marcamos.” Isto é muito fraco. O ladrão diz: “Eu não usava este casaco quando eu roubei a ovelha, portanto, eu nunca a roubei!” Eles dizem que eles têm dado as três mensagens. Bem, a primeira mensagem foi em 1844, quando eles marcaram datas. São elas as mesmas pessoas, não são?

Mais uma vez eles apoiam o trabalho de Miller como sendo de Deus. Mas, Miller é responsável por toda a marcação de datas feita pelos adventistas desde o seu tempo, porque eles são a consequência legítima do seu trabalho. Ele começou com a definição de tempo. Ele fez isso pela segunda vez. Ele ensinou-lhes como fazê-lo. Ele teve a ideia. Ele a incutia em todos os seus seguidores. Eles, então, simplesmente a tomaram e continuaram o que ele tinha começado. Os adventistas do sétimo dia afirmam serem os adventistas originais, e apoiam o trabalho de Miller. Ao fazer isso, eles endossam a marcação de datas, e assim, merecidamente, devem suportar todo o ódio que este negócio fanático atrai.

Os adventistas do sétimo dia não têm explicado por que eles ficaram desapontados em 1843, e novamente em 1844, por todos estes quarenta anos que já se passaram? Sim, mas, naturalmente, torna-se um pouco

suspeito, o homem que é obrigado a estar constantemente explicando sua conduta. Obras corretas não precisam de explicação. Eles dizem que o Senhor fez com que eles se decepcionassem em 1843, com o propósito de testar a sua fé, isso foi tudo. Em 1844, eles cometeram apenas um pequeno erro, isso foi tudo. Eles, então, passaram a ensinar que a Terra era o santuário. Descobriram que o santuário está no céu, e que Jesus veio realmente, em certo sentido, naquele mesmo ano. Então, eles tinham razão, afinal. Você não vê? É tão claro como o dia! Agora, eles têm toda a questão removida da terra, onde os fatos podem ser testados, para as belas teorias do céu, onde ninguém pode ir para se informar sobre fatos que possam estragar suas teorias. Agora eles podem especular e argumentar em segurança. Mas homens sensatos podem ver com transparência isso. É meramente uma alternativa que eles encontraram para sair da dificuldade.

CONFISSÃO DE MILLER - ELE SE OPÕE AO ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

Todos os outros adventistas, há muito tempo, abandonaram a marcação das datas de 1843-4, por ser ela um erro. Assim: “A maioria dos adventistas assumiu a posição de que aquelas datas foi um erro de julgamento humano.” *Mensagem da História do Segundo Advento*, página 383. Ouça o próprio Miller dizer: “Na passagem da data marcada que eu divulguei ser a correta, eu francamente reconheci a minha decepção... nós esperávamos pela vinda pessoal de Cristo na época, e agora, afirmar, que nós não estávamos enganados, seria desonesto. Nós nunca deveríamos ter vergonha de francamente confessar nossos erros. Eu não tenho nenhuma confiança em qualquer das novas teorias que cresceram fora desse movimento, ou seja, que Cristo veio então como o Esposo, que a porta da misericórdia foi fechada, que não há salvação para os pecadores, que a sétima trombeta tocou, ou que era um cumprimento da profecia, em qualquer sentido.” *História da Mensagem do Advento*, páginas 410 e 412.

Ao ler isso, nós vemos que: 1. Miller, o fundador e líder daquele movimento, assumiu que o movimento foi um erro. 2. Ele repudiou a ideia de que era um cumprimento da profecia, em qualquer sentido. 3. Ele especialmente aponta a posição do adventismo do sétimo dia, como sendo totalmente errada. Ele sabia tudo sobre os argumentos deles: as três mensagens, o santuário, o sábado, etc., e ainda assim ele não só os rejeitou, mas sinceramente avisou o seu povo contra eles, de modo que muito poucos adventistas originais os aceitaram. Ouça o que diz a Sra. White sobre este ponto: “Eu vi homens de liderança assistindo Guilherme Miller, temendo que ele pudesse abraçar a mensagem do terceiro anjo e os mandamentos de Deus. Quando ele inclinava-se para a luz do céu, estes homens elaboravam algum plano para desviar a sua mente para longe. Eu vi uma influência humana exercida para manter sua mente na escuridão, e para manter a sua influência sobre eles. Por fim, Guilherme Miller levantou sua voz contra a luz do céu.” *Dons Espirituais, Vol. I*, página 167.

Assim, o pai e fundador do adventismo, Guilherme Miller, condenou e se opôs a posição que os adventistas do sétimo dia tomaram em relação a seu próprio trabalho. Ele teve suficiente sensatez para ver, e honestidade suficiente para confessar que tudo foi um erro. Mas eles não pensavam da mesma forma. Eles sabiam melhor do que ele próprio. Eles sempre dirão que foi um cumprimento maravilhoso de Apocalipse 14:6, 7. Miller o nega. Assim, será visto que os adventistas do sétimo dia dão uma interpretação ao trabalho de Miller, que ele próprio condenou. Nenhum homem de liderança na obra de Miller abraçou as visões dos adventistas do sétimo dia, mas sempre se opuseram a eles, considerando-os como fanáticos ou como de importância secundária. Nenhum dos líderes do adventismo do sétimo dia, como White, Andrews, Bates, Rhodes, etc., foram sequer mencionados na obra de Miller, embora eles todos estivessem nela, mesmo sabendo que eles alegavam serem os únicos, que tiveram a visão correta da obra, e que todo o resto estava “no escuro”, eram as “vírgens loucas”, os “apóstatas”, etc. Como são modestos!

OS ERROS DOS ADVENTISTAS

Um povo que tem cometido tantos erros como os adventistas, deveria ser muito mais modesto em suas reivindicações, e deveria ver que eles foram liderados por homens e não por Deus. 1. Eles marcaram o tempo para o fim do mundo em 1843, e falharam. 2. Eles remarcaram novamente para 1844 e falharam. 3. O pastor White, o líder dos adventistas do sétimo dia, estipulou 1845 para o fim do mundo, e falhou novamente. 4. Eles concluíram em 1844, que a Terra era o santuário, outro erro, como eles admitem agora. 5. Todos defendiam que durante algum tempo, após 1844, a chance de salvação para os pecadores havia terminado - um erro medonho. Veja o capítulo VIII deste livro. 6. Durante dez anos, os adventistas do sétimo dia começavam a guarda do sábado às 18h, em vez de ao pôr do sol, como agora. Assim, eles

transgrediam o sábado a cada semana. 7. Eles mantiveram suas crianças fora da escola durante anos, porque o tempo era tão curto que não seria necessário mais nenhuma educação. Aquelas crianças agora têm netos. 8. Eles doaram os seus bens em 1844, porque não precisariam deles depois da vinda de Cristo. 9. Eles não votavam, pois isso seria agir como as igrejas caídas. Agora eles votam livremente. 10. Eles sustentavam que era errado defender um nome da igreja, pois isso era ser Babilônia. Agora eles têm um nome. 11. Organização da Igreja era algo errado, por que isso seria agir como a Babilônia. Agora eles se organizaram. 12. Durante anos, eles disseram que quem plantasse árvores estava negando sua fé porque elas nunca iriam crescer para dar frutos. 13. Conduzido por uma revelação de Ellen White, as irmãs se vestiam com vestido curto com calças por baixo. Nenhuma delas usa isso agora. 14. Durante trinta anos, eles não faziam nenhuma coleta de dinheiro aos sábados. Agora eles fazem isso a cada semana. 15. Por 50 anos, eles têm esperado pelo fim do mundo que viria dentro de cinco anos, e ele ainda não chegou. 16. Eles disseram que Jesus viria à Terra em 1844. Agora eles dizem que foi um erro; ele foi para o julgamento no santuário celestial. Assim: “Os adventistas de 1844... pensavam que o noivo viria, e ele não veio - não a esta Terra, como eles incorretamente pensavam, mas para o casamento.” “Eles simplesmente confundiram o tipo de vinda à qual foi referido”. U. Smith, na *Parábola das Dez Virgens*, página 13 e 14. Ele assume que: eles tiveram o tempo errado em 1843, o lugar errado e o evento errado. Ele então adiciona que a coisa toda estava errada, mas o movimento estava certo. 17. Após passar a data, eles disseram que a porta estava fechada, Mat. 25:10; agora eles dizem que isso estava errado; ela está aberta ainda. Assim: “Não pode haver nenhum outro lugar para a porta fechada, mas no outono de 1844.” Pastor White, em *Verdade Presente*, Maio de 1850. “A porta ainda está aberta, e outros convidados podem vir.” U. Smith, na *Parábola das Dez Virgens*, página 17, de fevereiro de 1889. Estas são as pessoas que sabem que elas sempre estão certas. 18. Eles uma vez, adotaram uma dieta vegetariana muito rígida - sem carne, manteiga, apenas duas refeições por dia, etc., mas foi um fracasso. Ela matou muitos e arruinou outros mais, até que tiveram que modificá-la e voltar a viver como as outras pessoas.

Estes são apenas alguns exemplos dos numerosos erros que os adventistas têm cometido; e isso eles fizeram, tendo uma profetisa inspirada bem próxima deles, durante quarenta e quatro anos. Estes simples e inegáveis fatos, por si só, deveriam ser suficientes para abrir os olhos de todos, para ver que o Senhor não os tem guiado em sua obra.

CAPÍTULO V

AS MINHAS OBJEÇÕES AO ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

1. Ele nasceu em um erro. O adventismo surgiu na marcação das datas de 1843 e 1844 por Guilherme Miller, o que todos sabem que foi um erro.
2. Essa obra produziu grande fanatismo e desastre a milhares de almas.
3. Como resultado desse movimento, tem se desenvolvido uma série de erros, como eles mesmos admitem.
4. O adventismo do sétimo dia é como o sistema do papado, isto é, um poder de um homem só. Desde o início, o pastor White tomou esta posição, e moldou todo o sistema para se ajustar a esta ideia. Ele criava regras e mandava em tudo, em todos os campos. Ele tornava extremamente difícil para alguém que se atrevesse a começar alguma coisa, que ele não tivesse ordenado. Ele era o chefe e presidente de tudo. E assim, poucos comandavam tudo. A palavra deles era lei, e sendo contrária ao Evangelho, resultou na degradação mental de pessoas em massa. Alguns pensando por todos.
5. A mera palavra de Ellen White, uma mulher sem instrução, é aceita como a voz de Deus para eles, ditando em tudo. “Quanto ao meu povo, crianças são os seus opressores, e mulheres dominam sobre eles.” Isaías 3:12.
6. Desde o início, o pastor e a Sra. White tomavam as falhas, reais ou imaginárias, de qualquer um, ministros, editores e outros, e expunham-lhes diante de toda a congregação. Se qualquer um objetava, era tido com “rebelde”. Tudo isso foi depois impresso em seus “Testemunhos” como sendo inspiração, e divulgado para todos lerem. Isso tem gerado nas pessoas, o hábito de criticar e detectar falhas, o que é extremamente condenável. Qualquer um poderia ter previsto que isso seria o resultado. A Sra. White agora diz: “Tem havido uma colheita de palhas. E quando não havia quaisquer dificuldades reais na igreja, elas foram fabricadas.” *Testemunhos, Vol. I*, página 144. “O amor de uns pelos outros tem desaparecido, e uma procura de falhas, e espírito acusador tem prevalecido. Tem sido considerado ser uma virtude, procurar tudo sobre os outros que pareça ser errado, e fazê-lo parecer tão ruim quanto ele o foi mesmo.” Página 164. A própria Sra. White deu o exemplo, e ela foi imitada em grande medida, até que eles se tornaram uma denominação de censuradores.
7. É uma doutrina fundamental entre eles, que todas as outras igrejas são apóstatas e corruptas. Portanto, eles ficam ansiosos observando cada erro que eles possam detectar contra elas. Isto é muito pobre, e produz neles mesmos, um espírito de desamor.
8. Eles estão constantemente atentando para qualquer prova que eles possam coletar, mostrando que o mundo está, cada vez mais, ficando pior. Isto também tem um efeito ruim sobre eles mesmos, o que tende a torná-los amargos e sombrios.
9. Seus ministros são meros professores, indo de um lugar para outro, ficando apenas algumas semanas de cada vez, e repetindo os mesmos sermões antigos. Como consequência, o movimento tornou-se tacanho, pequeno e sem vida. Sua pregação é quase totalmente doutrinária e argumentativa. Isso os torna duros e combativos, em vez de ternos e amorosos.
10. Suas igrejas são muito pequenas, geralmente de 15 a 40. Eles não têm pastores, e raramente ouvem qualquer pregação. Suas reuniões são realizadas aos sábados, quando os outros estão no trabalho, portanto, nenhuma alma congrega com eles, exceto eles mesmos. Assim, suas reuniões são pequenas, maçantes e cansativas, especialmente para jovens e crianças. Nunca se misturando com outras igrejas, eles logo caem em uma mesmice, sem vida. A grande massa deles é inculta, e seus líderes locais são agricultores ou mecânicos. O decoro visto em outras igrejas é geralmente deficiente nas suas igrejas. Seus filhos são barulhentos, e muitas vezes os membros também. Isto não é bom.

11. Sua teoria obriga-os a serem tacanhos e sem amor. Eles não podem trabalhar em conjunto com os outros cristãos em qualquer coisa. Esta é outra característica ruim desse sistema. Eles condenam todos os trabalhadores cristãos que não os seguem. Veja como Jesus repreendeu aquele espírito tacanho e intolerante: “E João lhe respondeu, dizendo: Mestre, nós vimos um homem expulsar demônios em teu nome, e ele não nos segue. Jesus, porém disse: Não o proibais, pois não há homem que faça milagre em meu nome, e possa logo falar mal de mim; porque quem não é contra nós, é por nós.” Marcos 9:38-40.

12. Em uma comunidade, eles não têm qualquer influência sobre os que não são religiosos. Nenhum deles atende suas reuniões; nenhuma criança fora de suas próprias famílias frequenta suas escolas aos sábados. Outras igrejas, segundo as suas reuniões públicas, sermões e escolas aos domingos têm uma poderosa influência para o bem, sobre os que não são convertidos.

13. O seu trabalho é em grande parte proselitismo. Verdadeiramente, “eles vasculham mar e terra para fazer um prosélito”. Eles trabalham tão duramente para conseguir um bom cristão de outra igreja, como aquela igreja o faz para converter um pecador. Eles destroem mais do que constroem.

14. Eles consideram aqueles que rejeitam a sua “mensagem”, como perdidos. Suas missões das quais eles se vangloriam tanto, são o terror de todos os outros missionários, pois eles trabalham tão duramente para catequizar os membros de outras igrejas como os missionários o fazem para converter pagãos ou pecadores. Haskell diz assim sobre a “missão” deles em Londres: “Treze pessoas assumiram sua posição sobre o sábado... Estes vieram principalmente da Igreja da Inglaterra.” *Review*, 10 de abril de 1888. Sim, seus convertidos são sempre, “principalmente”, de outras igrejas. Eu fiquei farto de tal trabalho.

15. Pelos seus argumentos eles confundem a mente de muitos, de modo que essas pessoas não sabem nem em que acreditar. Eles colocam as pessoas contra as outras igrejas, e assim elas se afastam de todos e ficam inteiramente perdidas. Os adventistas têm feito muito deste tipo de trabalho e sua influência nessa linha é preocupante.

16. Muitos dos seus filhos crescem e passam a não guardar nem sábado, nem domingo, nem a participar de qualquer igreja, e, portanto, tornam-se irreligiosos.

17. Os que não guardam o domingo, que caçam, pescam, praticam esportes ou trabalham naquele dia, são encorajados a fazer isso pelos argumentos e exemplos dos adventistas. Isto é certamente um mal. A comunidade onde vivem os sabatistas não tem, afinal, um dia de descanso silencioso.

18. O poder de Deus não se faz presente na obra adventista como deveria, se ela fosse sua obra especial. Durante a minha longa experiência com eles, fiquei impressionado com o fato de que, em geral, a sua obra era extremamente sem vida e impotente. Isso me desanimou muito. Vi que era assim com todos os seus ministros, desde o grande até o pequeno. O seu anuário de 1888 mostra que eles não fizeram na média, um convertido para cada pastor.

19. Nos campos onde eles têm estado por mais tempo e são mais conhecidos, eles têm menos sucesso. Assim que é bem compreendido quem eles são na realidade, eles não podem realizar muito.

20. Os apóstolos, os reformadores, e outros a quem Deus enviou, construíram grandes sociedades, e nelas, exerceram grande influência para o bem. Mas os adventistas nunca fizeram isso. Eles não têm influência para o bem na sociedade. Esta característica da obra muitas vezes me perturbou. Observe como as seitas heréticas e fanáticas geralmente se afastam da comunidade e constroem uma pequena sociedade exclusiva para eles. Veja os shakers, os Mórmons, a Comunidade Oneida, os seguidores da Sra. Southcott, etc. Os adventistas do sétimo dia se tornam um grupo exclusivo, em qualquer comunidade onde eles estão. Eles vão, por si só, e não participam de quase nada do que é do interesse das outras igrejas. Tome minha própria cidade como um exemplo. Eles tiveram uma igreja aqui há trinta anos, com 50-75 membros. Eles não tomavam parte nem interesse em qualquer trabalho social, literário, moral, na área sanitária, de temperança ou trabalho religioso, que estivesse fora do seu próprio. Eles nunca são vistos como colaboradores em qualquer trabalho que seja necessário e nobre. Eles nunca participam de uma reunião de oração, uma campanha de reavivamento, ou uma Escola Bíblica, exceto a sua própria. A Associação Cristã de Jovens, que não possui uma denominação, está fazendo um trabalho nobre para salvar os jovens locais. Nenhum adventista frequenta ou se interessa por ele. Pelo contrário, a loja adventista fica aberta

para o comércio e, assim, torna-se um local para ociosos e para os que não respeitam o domingo. De qualquer maneira, a sua influência é prejudicial para os interesses da religião e da boa sociedade.

Como foi diferente com os seguidores dos verdadeiros reformadores, Lutero, Wesley, Calvino, etc. Eles estavam com o povo, trabalhavam para eles, e tornaram a sociedade em geral, melhor.

No momento em que uma pessoa se torna adventista do sétimo dia, ele é impedido dali para frente de ser útil na sociedade. Isto é o que é informado sobre eles, em todos os lugares, por aqueles que os conhecem. Converter os homens para sua doutrina é a paixão de suas vidas, deixando-os sem interesse, tempo nem meios para qualquer outra coisa.

21. Eu compreendi que o grande fardo dos adventistas são as teorias meramente especulativas, sobre as quais, eles não podem saber positivamente se eles estão corretos. Tais são as suas teorias sobre o sono dos mortos, a destruição dos ímpios, o santuário no Céu, o momento em que Jesus virá, a sua interpretação da imagem da besta de Apo.13:11-18, a marca da besta, etc. Será que eles se sentem seguros sobre as suas teorias? Não, mas eles pensam que sim, apesar de alguns homens honestos, piedosos e inteligentes, pensarem de forma diferente. Eu vi que era loucura gastar a minha vida me dedicando àquilo que, afinal de contas, eu não sabia se era realmente daquele jeito. Entretanto, sabemos que é certo evangelizar os pagãos e os viciados de nossas cidades, salvar o bêbado e o caído, pregar Cristo e converter os pecadores e trabalhar em tudo que possa melhorar a condição dos homens e da sociedade. Mas com os adventistas estas coisas são secundárias ou negligenciadas por completo, enquanto eles constantemente colocam suas teorias de estimação em primeiro lugar e se debruçam sobre elas a maior parte do tempo.

22. Tudo em seu sistema, que tem sido uma bênção para eles, é também defendida por todas as igrejas evangélicas, como a fé em Deus, em Jesus e na Bíblia; um coração puro, vida santa, a abnegação, etc. Nada de bom têm vindo para eles ou para o mundo, pelas doutrinas que são peculiares aos adventistas, como o tempo do Advento, a condição dos mortos, o sábado, as visões, etc.

23. Tendo sido decepcionados tantas vezes e por tanto tempo, tendo uma visão tão sombria das coisas em geral, eles são um grupo de pessoas muito desanimado e infeliz.

24. É “outro evangelho”, Gal. 1:6, que os apóstolos nunca pregaram. Eu vivi por muitos anos impressionado com o fato de que nós adventistas pregávamos muito diferente dos apóstolos. Por exemplo, nós sempre pregávamos e escrevíamos sobre o sábado, enquanto Paulo em todas as suas catorze epístolas menciona apenas uma vez, Col. 2:16, e tão somente para condená-lo. “Nós encontramos no Novo Testamento a expressão ‘pregar o evangelho’, cinquenta vezes; ‘pregar a Cristo’, vinte e três vezes; ‘pregar a palavra’, dezessete vezes; ‘pregar o reino’, oito vezes; ‘pregar a lei’, ou o ‘sábado’, nenhuma vez.” Warner.

25. Eles não são patriotas. Ninguém deles, homem ou mulher, quando em época de guerra, no campo ou nos hospitais, levantou um dedo para ajudar a pôr fim à rebelião ou a escravidão. Eles ficavam em casa e só procuravam defeitos. Veja *Testemunhos de Ellen White, Vol. I*, páginas 253-268. Se um homem fosse para a guerra, ele seria expulso da igreja, pois, a Sra. White proibia isso. Vamos ouvi-la: “Foi-me mostrado que o povo de Deus, que é o seu tesouro peculiar, não pode se envolver nesta guerra medonha, pois ela se opõe a todos os princípios de sua fé.” *Testemunhos, Vol. I*, página 361. Eles sustentam que nossa nação é “a besta” do Apocalipse 13:11-18, e que em breve se tornará uma tirania. Ellen White diz: “A nação vai estar do lado do grande líder rebelde, o diabo.” *Testemunho nº 31*, página 132. Assim, é o que todos eles pensam.

26. Suas ideias falsas sobre o domingo os levam a se juntarem aos infieis, ateus, judeus, donos de bares e os irreligiosos, geralmente, na oposição a qualquer restrição a profanação do domingo. É uma das anomalias desta era, ver uma igreja cristã unir-se com os piores elementos da sociedade e os inimigos de Cristo, para se opor aos melhores interesses da sociedade e do trabalho, feito com tanto sacrifício pelos homens mais devotados e inteligentes da terra. Para que serve, então, uma religião, afinal, se ela desqualifica uma pessoa para toda a utilidade prática na sociedade? O que significa o “amar o próximo”?

OS ADVENTISTAS E AS PROFECIAS

Os adventistas alegam possuir grande luz, acima de todos os outros, em relação às profecias. Mulheres idosas e as crianças pequenas entre eles, confiantemente acreditam que eles sabem mais sobre as profecias, do que todos os comentaristas e estudiosos do mundo. Eles podem dizer exatamente o que cada chifre, asa, cabeça e cauda, trompete e vaso, besta, ou anjo em todas as profecias significam. Qualquer possibilidade de erro? Nenhuma! No entanto, provavelmente, nenhum povo já cometeu tantos erros, em um mesmo período de tempo, que os adventistas.

Considere o quão pouco conhecimento crítico das datas históricas exatas e fatos, as pessoas comuns realmente possuem. A grande massa de homens de negócio, agricultores, mecânicos, mães e donas de casa seria um fraco juiz em tais assuntos. A maioria deles não sabe nada a respeito disso. Eles não podem, de forma inteligente, debater qualquer declaração que um professor possa fazer sobre tais pontos. Esses pregadores do Advento vão perante uma plateia, noite após noite, durante seis ou oito semanas, com as suas declarações, corajosamente feitas e muitas vezes repetidas, até que seus ouvintes iludidos se convençam de que eles sejam, na verdade, os historiadores mais maravilhosos, e aceitam as suas declarações como verdades indiscutíveis. Assim, são os seus “obreiros bíblicos”, que vão de casa em casa para expor as coisas profundas de Deus. Conheça-os bem, tenho ensinado muitos deles, e tenho estado em suas escolas de formação. Muitos deles não conseguiriam obter um certificado de terceiro grau, nenhum deles sequer já leu um volume de história. Eles simplesmente aprendem de forma mecânica, como um papagaio, uma lição que eles repetem eloquentemente ao agricultor espantado ou a uma mãe iletrada. Tire-os fora do seu trilho, e eles emudecem. Eles são como aqueles a quem Paulo repreendeu: “Desejando serem mestres da lei, não compreendem o que dizem nem o que afirmam.” Tim.1:7. Isso se encaixa exatamente neles.

CAPÍTULO VI

A BESTA DOS DOIS CHIFRES E AS MENSAGENS ANGÉLICAS

Os adventistas do sétimo dia insistem muito sobre a sua interpretação deste símbolo em Apo. 13:11-18. Sua teoria da marca da besta e a sua imagem, o selo de Deus, a mensagem do Terceiro Anjo e toda a sua obra especial sobre o sábado, é construída sobre o entendimento deles acerca da besta. Se eles estão enganados nisto, todo o seu sistema entra em colapso. Eles afirmam que esta besta é os Estados Unidos, e que em breve teremos aqui Igreja e Estado unidos, e assim, será formada a imagem da besta, isto é, o papado. A marca da besta é a guarda do domingo. Uma lei irá impor isso sobre adventistas do sétimo dia. Eles não vão obedecer. E então, eles serão banidos, perseguidos e condenados à morte. De todas as especulações adventistas sobre as profecias, essa merece estar entre as mais insensatas.

1. A Bíblia diz que esta besta é os Estados Unidos? Não, mas eles assumem e defendem isso.
2. Eles SABEM que os seus argumentos sobre essa teoria, são infalivelmente corretos? Não!
3. Estavam os seus líderes seguros em 1843, e em 1844, que eles estavam certos? Sim, e ainda assim, eles falharam duas vezes!
4. Eles não cometeram muitos erros de interpretação das profecias? Sim, muitos deles!
5. O pastor White, o seu líder, não definiu diferentes datas para o fim do mundo, e falhou em todas? Sim!
6. Não poderiam eles então, POSSIVELMENTE estarem errados também nesta teoria? Claro que poderiam! Como eles bem podem admitir. Então, seu sistema se baseia em uma incerteza; ou eles são infalíveis?
7. A nossa esperança pelo Céu depende de tais incertezas como essas? Não seria mais seguro seguir os preceitos simples de Cristo (Mat. 7:24,25.), do que se voltar para essas especulações incertas? Sim, melhor do que seguir o exemplo dos adventistas, que vem cometendo erros, um após o outro, durante oitenta anos. “Acautelai-vos, que ninguém vos engane.” Jesus disse. Mateus 24:4. Eu vou apresentar alguns fatos, tirados dentre muitos, que mostram que a aplicação adventista para este símbolo não é correta.

Enquanto os adventistas do sétimo dia, em grande parte citam e seguem os comentaristas de igrejas protestantes na sua aplicação dos outros animais, aqui eles dão um salto radical no escuro, não sendo apoiados por nenhum erudito bíblico. Evidentemente, esta besta em forma de cordeiro representa o papado, ou o poder espiritual e eclesiástico da Igreja Romana, e, é assim aplicada por todos os comentaristas que eu tenho consultado. Assim: “Esta besta é o império eclesiástico latino (católico), em outras palavras, a hierarquia romana.” Clarke, sobre Apo. 13:11. “Foi, portanto, o emblema da hierarquia romana.” Scott, sobre Apo. 13:11. “Os intérpretes, em geral, aplicam esta segunda besta como sendo o poder papal.” *Comentário Eclético Sobre Apocalipse 13:11-18*. “Uma descrição exata do aumento do poder espiritual do papado.” Notas Sobre Apo. 13:11, pela *American Tract Society*. “A besta com dois chifres como de um cordeiro é a hierarquia romana, ou o corpo do clero, regular e secular.” Joseph Benson. “A igreja romana é a besta de dois chifres.” Bispo Newton. Albert Barnes, fala o mesmo. Na verdade, há um acordo perfeito entre todos os comentaristas que esta besta semelhante a um cordeiro representa o papado. Para analisar os argumentos, eu gostaria de direcionar o leitor aos comentários.

Contra este acordo unânime de todas as igrejas e autoridades protestantes, você tem as especulações, não apoiadas bíblicamente, dos adventistas, que cometeram tantos erros antes. As provas de que esta besta semelhante a um cordeiro é o papado são muitas, e elas são claras e facilmente vistas; enquanto que se exige muito esforço, com argumentos complicados e rebuscados, para aplicá-la aos Estados Unidos. Assim, nas *Reflexões sobre o Apocalipse* de Uriah Smith, ele dedica apenas onze páginas para o dragão do capítulo 12:1-17, e oito páginas à besta semelhante ao leopardo, do capítulo 13:1-10, mas vagueia pesadamente, por mais de uma centena de páginas, sobre os oito versos relacionados com a besta de dois

chifres. Isso, por si só, é uma prova da tarefa desesperada que lhe deram para provar que aquela besta representa os Estados Unidos.

Começando com Apo. 11:19 e terminando com Apo. 14:5, vemos uma linha de profecia atingindo desde o primeiro até o segundo Advento - o dragão, a besta semelhante ao leopardo, e os animais semelhantes a cordeiros. O dragão, capítulo 12:1-17, é o império romano pagão. Nisto, todos concordam e os adventistas do sétimo dia também. O dragão tinha “sete cabeças e dez chifres.” Versículo 3. Esta foi suplantada, capítulo 13:1-10, pela besta leopardo com “sete cabeças e dez chifres.” O que é isso? Evidentemente, o mesmo império romano, os mesmos dez reinos da Europa, com apenas uma mudança de religião, da pagã para a Católica. Assim diz o Dr. Clarke: “A besta aqui descrita é o império latino (católico), que apoiou a Igreja Romana.” Apo. 13:1, assim diz Scott e todos os outros livros que eu já li. Este foi o poder civil ou político dos dez reinos depois de professar o cristianismo. Que a besta leopardo de dez chifres não é o papado, nem a Igreja Católica, é mostrado em Apocalipse 17:1-5, onde a mesma besta é novamente introduzida, tendo uma mulher cavalgando-a e governando sobre ela. A besta é o poder civil, enquanto a mulher é a igreja. Até mesmo o pastor Uriah Smith teve de confessar isso. Ele diz: “Nós aqui temos a mulher, a igreja, sentada sobre uma besta de cor escarlata. O poder civil pelo qual ela é mantida, e o que ela controla e guia para os seus próprios fins, é como um cavaleiro que controla um cavalo.” Então, em Apocalipse 17:1-5, a besta leopardo é o poder civil. O mesmo que está em Apocalipse 17 é o que está em Apocalipse 13. Será que o papado tinha dez chifres? Será que ele tinha sete cabeças? Não, mas a Roma política, sim!

Que a besta semelhante a um cordeiro de Apocalipse 13:11-18 não é os Estados Unidos, mas é o papado, ou poder eclesiástico e espiritual da Igreja Romana, está claro. Vejamos: 1. Apo. 17:1-5, onde a mulher, a igreja, é distinta da besta leopardo de dez chifres e rege sobre ela, mostra que a besta não é o papado. 2. Assim sendo, a besta semelhante a um cordeiro de Apocalipse 13 domina por meio do poder da besta leopardo. 3. Qualquer que seja a mulher que é mostrada em Apocalipse 17, esta é a besta semelhante a um cordeiro que está em Apocalipse 13. Assim, ambas são o mesmo poder, isto é, o poder papal de Roma.

Observe a semelhança entre os dois capítulos: uma mulher em um lugar, um cordeiro no outro, ambos tendo a aparência de doçura e inocência. A igreja é representada por uma mulher pura, 2 Cor. 11:2, e por cordeiros, João 21:15; falsos mestres religiosos são representados por mulheres más, Apo. 2:18-23, e por animais vestidos como ovelhas, Mat. 7:15. A mulher e a besta trabalham juntas no Capítulo 17; do mesmo modo, a besta semelhante a um cordeiro e a besta leopardo trabalham juntas em Apocalipse 13: 12, 14. A mulher está embriagada com o sangue dos santos, Apo. 17:6; a besta semelhante a um cordeiro faz com que os santos sejam mortos, Apocalipse 13:15. A mulher foi queimada a fogo, Apo. 18:8; assim aconteceu o mesmo com a besta semelhante a um cordeiro, Apo. 19:20. A mulher senta-se sobre a besta, conduzindo-a e dominando sobre ela, Apocalipse 17:3, de modo que a besta semelhante a um cordeiro “exerce todo o poder da primeira besta,” Apo. 13:12. Ela (besta semelhante a um cordeiro) não se limita a exercer poder semelhante, ou tanto poder quanto o da primeira besta, mas ela usa o poder da própria besta, do mesmo jeito que a mulher. Ela própria não mata ninguém, mas faz com que os santos sejam mortos, Apo. 13:15. Isto é exatamente o que o papado fez. Ele governou sobre os reis da terra, Apo. 17:18, e fez com que os “hereses” fossem condenados à morte pelo poder secular. “Ele exerce todo o poder da primeira besta.”

A Igreja Romana sempre ostentou que ela nunca matava os hereges. ELA simplesmente os amaldiçoava, entregando-os ao poder civil, e por sua influência com estes, FAZIA COM QUE eles fossem mortos pelos poderes seculares. Como é precisa essa linguagem: ela fazia com que a morte deles fosse levada a termo. “Exerce [faz uso de] todo o poder da primeira besta.”

Os adventistas do sétimo dia argumentam que a besta leopardo de Apocalipse 13:1-10, é o papado, porque ele faz o mesmo trabalho que o chifre pequeno de Dan. 7:8, 25, o que é aceito por todos. Mas eles ignoram o fato de que, a besta leopardo faz toda a sua obra simplesmente como o agente da igreja, a mulher em Apocalipse 17, e a besta semelhante a um cordeiro, no cap. 13. Por isso, é claro, ela faz a mesma obra que o chifre pequeno de Daniel 7.

Observe a conexão inseparável entre a besta leopardo e a besta de dois chifres, o governo civil romano e o papado. **1.** A besta semelhante a um cordeiro controla todo o poder da primeira besta. Verso 12. **2.** Ela faz isso na presença e à vista da primeira besta. Verso 12, 14. Isto mostra que ambos ocupam o mesmo território. **3.** Ela leva os homens a adorar a primeira besta. Versículo 12. **4.** Ela leva os homens a fazer

uma imagem à besta. Verso 14. **5.** Ela leva os homens a receber a marca da primeira besta. Versos 16, 17. **6.** As duas bestas estarão trabalhando juntas, quando Cristo vier. Apo. 19 e 20. **7.** E juntas, elas vão para o fogo. Verso 20.

Evidentemente, então, estas duas bestas operam em conjunto, em toda a sua obra. Isto é precisamente o que a Igreja Católica e os poderes políticos católicos da Europa tem feito há muito tempo, como todos sabem. Têm os Estados Unidos cooperado, alguma vez, com o papado? Enfaticamente, não! Será alguém tão fanático o suficiente para acreditar que isto um dia acontecerá? O papado cumpriu exatamente todas as especificações da besta semelhante a um cordeiro. 1. Ele veio no lugar certo, “na sua presença.” *Diaglott, União da Bíblia, Oráculos Vivos*, etc. 2. Ele veio no momento certo, após o ferimento da cabeça. Apo. 13: 3. A interpretação disso, adotada por Clarke, Scott, e os melhores autores, “refere-se à extinção do antigo Império Romano sob a forma imperial, na última parte do século V, e seu renascimento novamente sob Charlemagne”. Notas de *American Tract Society*. 3. O papado surgiu da maneira correta, pacificamente e em silêncio. 4. Ele tinha a aparência de um cordeiro. 5. Ele falou como um dragão. 6. Ele exerceu todo o poder de Roma civil. 7. Ele trouxe a terra em sujeição a Roma. 8. Por seus grandes sinais e prodígios, tem enganado milhões, por séculos. 9. Ele fez uma imagem para a besta. 10. Ele tem feito com que milhões de “hereges” fossem mortos. 11. Impôs seu culto e marca sobre todos. 12. Ele proibiu hereges de comprar ou vender. Isto é muito bem conhecido, para se exigir provas.

A besta semelhante a um cordeiro não é os Estados Unidos, por que:

1. “Esta besta de dois chifres simboliza um governo religioso ou eclesiástico. O falso profeta de Apocalipse 19:20 executa o mesmo trabalho que esta besta (ver versículo 14), e, portanto, deve ser idêntico a ele. Isto é admitido por adventistas do sétimo dia. Agora, como um profeta é um mestre religioso, um falso profeta deve ser um falso professor de religião, e como isso se aplica a um governo, deve, portanto, aplicar-se a um governo eclesiástico. Tal governo não são os Estados Unidos, pois seu governo é puramente político. Uma cláusula de sua constituição reza o seguinte: ‘O Congresso não estabelecerá nenhuma religião, ou proibirá o livre exercício a ela.’” *A Besta de Dois Chifres*, por A. C. Long.

2. A forma de sua ascensão. A besta semelhante a um cordeiro surge em silêncio, e pacificamente, “da terra.” Apo. 13:11, enquanto os outros animais surgem do mar. Apocalipse 13:1. Assim, o papado surgiu em silêncio no início, com toda a aparência de um cordeiro, mas depois falou como um dragão. Atente para as suas perseguições e tirania. Não foi assim com a nossa nação. Ela nasceu em uma terrível guerra de sete anos. Depois se seguiu a guerra de 1812, a guerra com o México, a guerra da rebelião e a guerra contra os índios, quase todos os anos. Não foi nada pacífico.

3. Ela veio para exercer todo o poder da primeira besta. Os adventistas do sétimo dia dizem que a primeira besta é o papado, que destinou a morte mais de cinquenta milhões de pessoas, regeu sobre reis, e sobre a consciência dos homens. Mesmo os adventistas não acreditam que os Estados Unidos possam um dia fazer isso.

4. “A Igreja e o Estado estavam unidos. Isso é contra um dos princípios fundamentais de nosso governo. A Constituição proíbe isso expressamente, e para que isso ocorra, ela deve primeiramente ser mudada. E será que os eleitores inteligentes dos Estados Unidos, com a história dos tempos passados perante eles, deliberadamente mudariam um dos principais pilares do nosso governo, para se levantar a inquisição, a perseguição, a tortura, etc., e, assim, condenando à morte muitas pessoas, simplesmente por sua fé religiosa? isso não parece ser razoável.” A. C. Long. Além disso, toda a tendência desta era está contra a união de Igreja e Estado.

ARGUMENTOS RESPONDIDOS

1. “A besta de dois chifres deve ser os Estados Unidos, porque não se pode aplicar isso a nenhuma outra coisa.”

RESPOSTA: Aplica-se admiravelmente ao papado.

2. “Deve haver algum símbolo para representar esta grande nação.”

RESPOSTA: Não há nenhum símbolo para a Rússia, para o México, Brasil, Japão, China, e uma dúzia de outras nações; a maioria deles professa o cristianismo também.

3. “Os Estados Unidos surgiram no momento certo, cerca de 1800, quando a cabeça recebeu sua ferida mortal. Apocalipse 13:3.”

RESPOSTA: Este mesmo ponto derruba o argumento que a besta é os Estados Unidos; a ferida mortal foi dada logo no aparecimento da besta leopardo, mais de 1.200 anos antes de 1798. Veja o versículo 3-10. Toda a obra da besta vem depois da ferida, e não antes. Isto localiza o surgimento da besta semelhante a um cordeiro, na época em que o papado surgiu.

4. “Os Estados Unidos surgiram no lugar certo.”

RESPOSTA: Isso é exatamente o que não aconteceu. A besta está localizada na Europa, e todo um oceano existe entre os dois. Considerando que a besta de dois chifres era para surgir “em sua presença”, isso só pode ser feito na Europa, não na América.

5. “O nosso governo ‘tornou-se’, a partir de um pequeno começo, uma nação maravilhosa.”

RESPOSTA: O papado, de um começo muito menor, ‘tornou-se’ muito maior.

6. “O nosso governo é semelhante a um cordeiro.”

RESPOSTA: Assim também foi o papado em sua ascensão com todas as suas profissões. Um cordeiro na aparência, um dragão no coração, Roma se encaixa muito melhor. Nosso governo não se coloca em pele de cordeiro para esconder desígnios perversos. Ele age de forma aberta e corajosamente. Mas, o papado professou por fora ser um humilde seguidor do Cordeiro, enquanto internamente era um dragão.

7. “Sem coroa em seus chifres. Por isso, deve ser uma república - Estados Unidos.”

RESPOSTA: A besta de dez chifres de Dan. 7 não tem coroas, mas todos são governos régios. O dragão de Apocalipse 12:3 não tem coroas em seus dez chifres, mas todos são governos régios. Assim, apesar de não haver coroas sobre suas sete cabeças, várias delas representam formas de governo. Portanto, este argumento é falho.

8. “O espiritismo operou milagres aqui, nos Estados Unidos.”

RESPOSTA: Os milagres do espiritismo são uma farsa, e nem são de alguma forma reconhecida ou utilizada por nossa nação ao se fazer as leis. Mas na profecia, os milagres são realizados pela autoridade oficial, e não por particulares, feito para proteger e fazer cumprir as leis de perseguição, versículo 14. O espiritismo não faz isso. E, certamente, a nossa nação nunca vai se rebaixar à operação de milagres por uma autoridade oficial. Mas, a Roma papal abundou em milagres mentirosos, pelo qual ela enganou seus seguidores por séculos. Nossa nação tem agora mais de cem anos de idade, e, de acordo com os adventistas, cinco ou dez anos mais, vai terminar a sua obra. De oito versos da profecia, apenas um ainda não está cumprido, é a nossa nação. 1. A besta surgiria. Profecia realizada. 2. Ela surgiria da terra. Profecia realizada. 3. Ela teria dois chifres. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 4. Seria semelhante a um cordeiro. Profecia realizada. Essas características são mais satisfeitas pelo papado, do que pelos Estados Unidos. 5. Falaria como um dragão. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 6. Exerceria todo o poder da primeira besta. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 7. Faria com que a terra adorasse a primeira besta. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 8. Deveria fazer grandes maravilhas. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 9. Traria fogo do céu. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 10. Faria milagres. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 11. Faria uma imagem à besta. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 12. A imagemalaria. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 13. Faria com que todos, que não adorassem a besta, fossem mortos. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 14. Faria com que todos recebessem a marca. PROFECIA NÃO CUMPRIDA. 15. Proibiria a todos que não tivessem a marca, de comprar ou vender. PROFECIA NÃO CUMPRIDA.

De quinze pontos apenas quatro foram cumpridas, e se referem simplesmente ao seu surgimento. De toda a obra que era para ela fazer, nada tem sido feito ainda. Os adventistas estão sempre dizendo que o restante está prestes a acontecer. Mas, nos últimos quarenta anos, nenhum único ponto foi cumprido e nem há a menor possibilidade de se cumprirem. A menos que Deus opere um milagre, nenhuma das coisas que eles estão esperando pode ser realizada, de qualquer forma.

A marca era para ser feita nos escravos, versículo 16; mas a escravidão já foi abolida, e isto não pode ser cumprido aqui, mas foi cumprido sob Roma papal. Almas foram decapitadas por não adorar a besta. Apo. 20:4. Isso tudo foi cumprido sob o papado, mas os próprios adventistas do sétimo dia dizem que ninguém será morto aqui.

Temos agora provado conclusivamente que a besta de dois chifres não é os Estados Unidos. Sendo assim, os adventistas estão errados sobre a imagem da besta, a marca da besta, a mensagem do terceiro anjo, e a questão do domingo, e, portanto, toda a sua teoria desmorona.

A IMAGEM DA BESTA. O QUE É ISTO?

Em Apocalipse 13:14-17, 14:9-11, 15:2, 19:20 e 20:4, grande destaque é dado à “imagem da besta”. A ira de Deus é prometida contra todos os que a adoram. Ela deve então, ser alguma coisa muito má. Os adventistas do sétimo alegam que a imagem será formada por uma união de Igreja e Estado, em nossa nação. Isso vai ser uma imagem ao catolicismo, a besta, eles dizem. Veja *Reflexões sobre o Apocalipse*, página 581. Eles dizem que a sua grande missão é alertar os homens quanto à vinda desta imagem. A guarda do domingo, o sábado do papa, seria a principal característica desta imagem. Após uma investigação aprofundada, estou convencido de que não há nenhuma verdade nesta afirmação.

1. Se uma união entre Igreja e Estado constitui uma imagem à besta, então, essa imagem foi formada há muitos anos atrás, e por diferentes nações, onde quer que tenha havido uma união entre Igreja e Estado, como na Inglaterra, Escócia, Irlanda, Alemanha, Suíça, Rússia, Noruega e Suécia, México, Brasil, Abissínia, Nova Inglaterra puritana, etc. Isso derruba a teoria adventista do sétimo dia que diz que a imagem nunca foi formada antes.

2. Eles dizem que o papado é a besta para quem a imagem é formada. O pastor Smith define assim o papado: “O papado, naquela época, era uma igreja revestida de poder civil.” *Reflexões sobre o Apocalipse*, página 585. É esta definição correta? Não, é absolutamente falsa! Como todo estudioso bem sabe. Ela foi criada para encaixar em uma teoria tão falsa quanto a sua definição. Olhe para qualquer dicionário. “Papado: 1. O cargo do papa... 2. Os papas tomados coletivamente.” O papado já existia muito antes de ser revestido de poder civil. Não tem nenhum poder civil agora, no entanto, é o papado ainda. Assim, então, uma imagem ao papado não inclui necessariamente poder civil ou uma união de Igreja e Estado. Nesta falsa premissa, está construída a teoria adventista da imagem da besta.

3. O que é o papado? É um sistema eclesiástico de culto do qual o papa é a cabeça. Suas marcas distintivas são estas: 1. Papas. 2. Cardeais. 3. Monges. 4. Freiras. 5. O celibato. 6. A missa. 7. Culto da Virgem Maria. 8. Culto dos santos. 9. Uso de imagens. 10. Sinal da cruz. 11. O confessionário. 12. O uso de incenso. 13. Água benta. 14. Reivindicação de infalibilidade. 15. Um culto pomposo e coisas semelhantes. Este é o papado, como é conhecido por todos, em todo o mundo. Agora, uma nossas igrejas protestantes com o nosso estado, aprove uma lei e multe os observadores do sábado, e veja quantas das características distintivas acima do papado você teria? Nenhuma! Para haver uma imagem ao papado, você deve ter pelo menos os pontos principais, como relacionados acima. Mas mesmo os adventistas não esperam ver qualquer um dos itens acima em sua lei dominical. Sua ideia de uma imagem à besta é um assunto sem sentido, não bíblica, do princípio ao fim.

4. Uma lei dominical nacional rigorosa, como os adventistas esperam, seria de forma alguma constituída de uma imagem ao papado, porque os católicos nunca tiveram, e nem ensinaram tal instituição do domingo, como os adventistas acham que ela deveria ser. Seu domingo é, e sempre foi um feriado, um dia para jogos, esportes, rodas de cerveja, bares, danças, votação, e até mesmo trabalho, com um pouco de culto e missa pela manhã. Olhe para o domingo, em qualquer país católico ou comunidade. Tal domingo, rigoroso como os adventistas esperam, não se vê assim. Os adventistas mostraram que a doutrina de um domingo rigoroso não se originou com os católicos, mas com os presbiterianos e puritanos do século

XVI. *História do Sábado*, capítulo XXV. Assim, então, a sua lei dominical faria uma imagem para a Igreja da Escócia, em vez da Igreja de Roma. Sua teoria se rompe por todos os lados.

5. Tudo isto é construído na suposição de que o papado é a besta leopardo, para a qual a imagem será feita. Mas temos provado que a besta leopardo não é o papado, mas o império de Roma, sob os dez reinos, após a sua adoção do cristianismo. Mas a sua conversão foi apenas nominal. Eles trouxeram com eles, em grande parte as suas doutrinas pagãs, costumes, ritos religiosos, imagens, deuses, santuários, templos, e a pompa do culto. Isto se tornou o modelo, após o qual, o papado foi gradualmente, mas finalmente, formado. O papado, em seu desenvolvimento completo e final, foi uma imagem de um reino mundano, metade pagã e metade cristã.

A FERIDA MORTAL, E COMO ELA FOI CURADA

A falácia absoluta da teoria adventista do sétimo dia sobre estes animais é demonstrada pelo fato, de que eles localizam a ferida mortal de Apocalipse 13:3 em 1798, ao final dos quarenta e dois meses do verso 5, depois de quase toda a obra da besta ser feita. Mas na profecia, ela é claramente localizada no início da obra da besta leopardo. Leia Apocalipse 13:1-10, e veja onde a ferida foi feita, versículo 3. A adoração da besta, seu poder, suas blasfêmias, suas perseguições aos santos, seus quarenta e dois meses, o seu 1.260 anos de reinado e a sujeição de toda a terra a ela - tudo isto vêm DEPOIS que a ferida foi curada, e não antes. Com a queda do paganismo, a quebra do império pelos bárbaros do norte e a sua extinção final estavam prestes a serem totalmente consolidadas. Mas, o cristianismo conquistou esses bárbaros, e trouxe-os sob a influência crescente do papado. Vida nova foi infundida na velha carcaça, o império foi reavivado, e a ferida foi curada. Veja Barnes, Clark, Scott, etc.

A MARCA DA BESTA. O QUE É ISSO?

Os adventistas do sétimo dia afirmam, da maneira positiva, que o papa mudou o sábado para o domingo. “O papa mudou o dia de descanso do sétimo para o primeiro dia.” Ellen White, *Primeiros Escritos*, página 55.

2. Assim, eles afirmam que “a guarda do domingo deve ser a marca da besta.” *A Maravilha das Nações*, por U. Smith, página 183. “O sábado-domingo é simplesmente um filho do papado. É a marca da besta.” *Advent Review*, Vol. I, No. 2, de agosto de 1850. Eles vociferam isso nos ouvidos do povo, e os ameaçam com a ira de Deus, se eles guardarem o domingo; até que, assustando almas ignorantes, os fazem se render a eles.

3. Esta mudança no Sábado, dizem eles, foi feita pelos papas no Concílio de Laodiceia, 364 dC. *Respostas ao Pastor Canright*, página 151. Isto aconteceu há mais de 1.500 anos.

4. Todos os que guardam o domingo, eles afirmam, adoram a besta e recebem o sinal. “A guarda do domingo é uma instituição da primeira besta, e todos os que submetem a obedecer a esta instituição, enfaticamente, adoram a primeira besta e recebem o seu sinal, a marca da besta.” “Aqueles que adoram a besta e a sua imagem, observando o primeiro dia, são certamente idólatras, como eram os adoradores do bezerro de ouro.” *Advent Review Extra*, páginas 10 e 11, de agosto de 1850. Esta linguagem é simples demais para ser mal compreendida. Todos os que guardam o domingo têm a marca da besta.

5. Mas, é estranho dizer, eles agora negam que alguém já tenha recebido a marca da besta. “Nós nunca temos defendido isso.”, diz Smith, *Maravilha das Nações*, página 184. Tudo bem, mas isso é uma negação plena do que uma vez foi ensinado, como vimos acima. É uma coisa comum para eles mudarem suas posições e, em seguida, negar. Vamos prosseguir:

6. “Os Estados Unidos logo vão passar uma lei dominical rigorosa e unirá Igreja e Estado. Então, todos os que guardarem o domingo receberão a marca.” *Maravilha das Nações*, página 185.

RESPOSTAS:

A Bíblia diz que a marca da besta é a guarda do domingo? Não, com certeza! Isto é apenas mais um dos seus pressupostos. Para estabelecer isso, eles têm que fazer uma longa série de argumentos, construídos sobre inferências, nenhum dos quais faz sentido. A teoria deles é falsa, por que:

1. O sábado judaico foi abolido na cruz. [Col. 2:16] Assim, não foi alterada pelo papa.
2. O “dia do Senhor”, de Apo. 1:18, é o domingo. Veja o Capítulo X deste livro.
3. O papa nunca mudou o sábado. Eu tenho provado isto, acima de qualquer dúvida, no capítulo XI. Este fato por si só, abala toda a argumentação deles sobre a marca da besta.
4. O papado não é a besta a quem a imagem é feita, como eles assumem. Aqui, novamente, toda a teoria adventista é demolida.
5. Não se faz uma imagem ao papado por simplesmente guardar o domingo, como eu tenho mostrado.
6. A besta de dois chifres não é os Estados Unidos, mas é o papado, como já foi claramente provado.
7. A imagem da besta foi feita há séculos pelo papado. Assim, cada um de seus argumentos em relação a marca da besta, falha.

OS ABSURDOS DE SUA POSIÇÃO

1. A guarda do domingo tem sido a marca da besta por 1.500 anos. Durante todo esse tempo, milhões têm guardado o domingo sob a autoridade da Igreja Romana, e nenhum deles recebeu a marca.
2. A guarda do domingo tem sido uma vez ou outra, em muitos países, imposta por lei e penalidades severas, assim como eles dizem que será no futuro aqui, e nenhum daqueles que guardaram o domingo, como foi exigido, tiveram a marca da besta.
3. A Igreja e o Estado foram unidos em vários países, e foi imposta esta instituição do papado, como eles chamam, e mesmo assim, ninguém recebeu a marca da besta.
4. Por mais de 1.500 anos, todos os justos da terra, os mártires, os reformadores, os Luteranos, os Wesleyanos, observaram o domingo e desfrutaram das bênçãos de Deus, mas agora, de repente, o mundo inteiro, e todos os cristãos, serão condenados a beber da ira de Deus, por fazer exatamente o que todos os homens santos têm feito por séculos. Da guarda do domingo, no futuro, Ellen White diz: “Isso deve ser um terrível pecado que atrai a ira de Deus, sem mistura de misericórdia.” *Grande Conflito*, página 282. Este terrível pecado é, simplesmente, o que toda a Igreja de Cristo tem praticado por séculos, e ainda tiveram as bênçãos de Deus. Que absurdo!
5. Eles tentam evitar este ponto, ao dizer que os cristãos de outras eras não tiveram a luz do sábado. Eu tenho mostrado a falsidade disto nas outras páginas. Lutero, Bunyan, Baxter, Milton, todos estes receberam a “luz” sobre a questão do sábado, e a rejeitaram e escreveram contra ela. Então, eu posso fazer o mesmo, e não receber a marca da besta, como ocorreu com eles.
6. Se alguém adora a besta por descansar do trabalho físico no domingo, após saber que o domingo é o sábado do papa, então muitos adventistas do sétimo dia são adoradores da besta. Por quê? Porque muitas vezes descansam no domingo os colportores, professores, pessoas que visitam parentes, ministros em novos lugares, etc., todos com frequência, descansam no domingo, e até mesmo vão à igreja neste dia. Eles são adoradores da besta? Por que não? Você pode dizer que eles o fazem apenas por conveniência. Se é assim, quando a lei exigir, os não adventistas poderão descansar no domingo pela mesma razão, e não adorar a besta, assim como os adventistas o fazem agora, isto é, por conveniência.

7. Eles podem negar o quanto quiserem, mas os ensinamentos dos adventistas do sétimo dia fazem de todos os guardadores do domingo, tanto agora como em épocas passadas, adoradores da besta, que têm a marca da besta. Aqui está a prova em suas próprias palavras:

1. O papa mudou o sábado. O domingo é o dia do papa somente. Veja acima.

2. “A marca da besta é a mudança que a besta fez na lei de Deus”, quer dizer, no sábado. *Maravilha das Nações*, página 175. Então, a marca da besta começou a existir, logo que a alteração foi feita; o que eles mesmos dizem que aconteceu há 1.500 anos. Não é esta uma conclusão inevitável? Se a marca da besta é a mudança do sábado que foi feita pelo papado no século IV, então, essa marca tem existido desde então. Não há como escapar dessa conclusão.

3. Todos os que têm guardado a lei desde aquela data, conforme alterada pela besta, tem guardado a lei da besta, não a lei de Deus; tem sido adoradores da besta, não adoradores de Deus. Aqui está o próprio argumento deles para isso: Referindo-se a profecia de que o papado devia “mudar os tempos e as leis”, como está em Dan. 7:25, qual eles afirmam que foi cumprido pelo papa em 364 dC, alterando o sábado para o domingo, o pastor Smith diz: “Quando isso é feito [1.500 anos atrás], o que as pessoas possuem, então? Eles possuem duas leis exigindo obediência - a lei de Deus e a lei do papa. Se eles guardam a lei de Deus, como dado por ele, eles adoram e obedecem a Deus; se guardam a lei como alterada pelo papado, eles adoram esse poder... Por exemplo, se Deus diz que o sétimo dia é o sábado, no qual temos que descansar, mas o papa diz que o primeiro dia é o sábado, e que devemos guardar este dia, e não o sétimo, então QUALQUER UM que observar o preceito, como originalmente foi dado por Deus, é, assim, distinguido como um adorador de Deus, e aquele que o guarda da forma alterada, é, assim, MARCADO como um seguidor do poder que fez a alteração. Nenhuma mente sincera pode discordar desta conclusão.” *Maravilha das Nações*, páginas 174 e 175.

Então, durante os últimos 1.500 anos, todos os que têm guardado o domingo foram “marcados” como seguidores da besta e a adoraram. A partir do próprio argumento deles, não é isso, inevitavelmente, o que se conclui? É claro que sim! Quando eles tentam negar e fogem desta tremenda conclusão, eles simplesmente se contradizem, e se fazem insensatos. Ou seu argumento é uma falácia, ou então se chega a esta conclusão. Olhe para este monstro hediondo que eles criaram para amedrontar os ignorantes: O papa, no século IV, mudou a lei de Deus transferindo o sábado para o domingo. Esta mudança é a marca da besta; quem depois disso guarda a lei assim modificada, guarda não a lei de Deus, mas a lei do papa e está adorando não a Deus, mas o papa. Mas, todos os cristãos, por 1.500 anos, têm guardado o domingo, o sábado do papa, a marca da besta, e, como diz Smith, “foram, assim, marcados como seguidores do poder que fez a alteração.” A partir desta conclusão, não há escapatória. E assim, todos os guardadores do domingo receberam a marca da besta, e a recebem agora.

Mas eles dizem que não ensinam que todos receberam a marca da besta. Isso mostra o absurdo de seu argumento. A guarda do domingo é a marca da besta, mas os guardadores do domingo não receberam a marca da besta. Por exemplo: Eu tenho uma centena de notas falsas. Eu as dou para cinquenta homens em minha cidade, e eles levam e as guardam, mas nenhum deles tem uma nota falsa. Isto é tão límpido como um lamaçal! Mas eles não sabem que elas são notas falsas, e por isso não são culpados por tê-las. Mas eles não receberam as notas falsas? Certamente! Assim, se a guarda do domingo é a marca da besta, então, todo o homem que guarda o domingo tem a marca da besta, quer ele saiba ou não. Deus pode não considerá-los culpados por isso, mas isso não muda o fato de que eles possuem a marca. Agora, se estes cinquenta homens são informados de que as suas notas são falsas, não serão considerados culpados se eles usá-las depois disso? Sim! Tão logo um homem é informado de que o domingo é a marca da besta, e se ele o guarda depois disso, ele não teria a marca da besta tão verdadeiramente como ele sempre a teve? E se ele ainda guarda o domingo voluntariamente, não é ele tão culpado diante de Deus como quando a lei obrigava-o a guardá-la? Sim, e mais ainda; agora ele não tem desculpa; enquanto que antes, ele poderia alegar que ele era obrigado a fazê-lo. Assim, então, não é necessária nenhuma lei dominical para impor aos homens a marca da besta. Todos os guardadores do domingo já possuem a marca, e, assim que eles forem informados de que o domingo é a marca da besta, eles serão culpados de serem adoradores dela. Os adventistas do sétimo dia já informaram milhares sobre este ponto. Então, se eles não têm a marca da besta, porque não os têm? Certamente eu já fui informado sobre isto, e ainda assim eu continuo guardando o domingo, o sábado do papa, a marca da besta. Tenho eu a marca da besta? Deixe que eles respondam, se eles ousarem. Lembre-se que Lutero, Milton, Baxter, Bunyan e Miller foram todos

informados sobre a questão do sábado, e ainda escreveram contra ele, e guardaram o domingo. Caro leitor, esta “marca da besta” adventista é um absurdo e apenas um “espantinho”. Não tenha medo!

Mesmo se o papa mudou o sábado para o domingo, isso não faz do domingo a sua marca. A marca de qualquer pessoa era aquela que ela usava, para marcar as coisas como pertencentes a ela. Nos tempos bíblicos, um mestre iria colocar sua marca na mão direita ou na testa de seus escravos. Deuses pagãos tiveram seus adoradores marcados assim. Este costume é referido e usado aqui como uma ilustração. Assim, os adoradores da besta seriam obrigados a fazer algo, que iria marcá-los ou distingui-los como seus seguidores. Mas, guardar o domingo não distingue um católico dos membros de outras igrejas, pois todas as igrejas guardam o domingo - a Igreja Grega, Armênia, Luterana, Episcopal, Metodista, etc. O papa nunca usou o domingo para distinguir os seus seguidores de outras pessoas, nem como prova de sua autoridade como cabeça da igreja. Ele aponta para as chaves de São Pedro e sua sucessão apostólica que veio a partir dele, como prova de sua autoridade. Diz Dowling: “Os papas alegam o seu direito divino de supremacia, em consequência da sua afirmação de serem os sucessores do apóstolo Pedro”. *História do Romanismo*, página 44. Sobre isso, e não sobre a guarda do domingo, é onde eles baseiam sua reivindicação de poder. Alguns obscuros catecismos são citados, alegando autoridade da igreja “de comandar festas e dias santos”, porque a igreja fez do domingo, um dia santo. Isto fica infinitamente aquém, na questão de fazer do domingo uma prova de toda a sua autoridade, isto é, a “marca” daquela igreja.

4. É um absurdo dizer que descansar no domingo é um crime tão terrível, como afirmam os adventistas. Ouça o pastor Smith: “A guarda do domingo deve ser a marca da besta.” “A recepção de sua marca deve ser algo, que envolve a maior ofensa que pode ser cometido contra Deus”. *Maravilha das Nações*, páginas 170, 183. Então, guardando o domingo é pior do que mentir, roubar, ou mesmo assassinato ou idolatria. Tal afirmação é monstruosa. Na mente de qualquer homem sincero, pensante, ela deve se quebrar sob o peso de sua própria insensatez.

O QUE É, ENTÃO, A MARCA DA BESTA? (Ver Anexo D)

O pastor Smith, claramente, fez esta seguinte declaração: “É evidente que vai haver algum ato ou atos, pelos quais, os homens serão obrigados a reconhecer a autoridade dessa imagem e prestar obediência aos seus mandatos.” “Assim, a marca da besta, ou do papado, deve ser algum ato ou profissão pelo qual a autoridade daquele poder é reconhecida.” *Maravilha das Nações*, páginas 169, 172. Exatamente! Qualquer ato ou atos, pelos quais, os homens mostram sua reverência para com a besta ou a sua imagem, qualquer forma de adoração pelo qual eles reconhecem sua autoridade, seria adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca. Dr. Clarke diz: “A Adoração Latina [Católica] é a insígnia universal de distinção da Igreja Latina, de todas as outras igrejas na face da terra, e, é, portanto, a única MARCA infalível, pelo qual, um genuíno católico pode ser distinguido do resto da humanidade.” Sobre Apo. 13:16. Esta é a posição tomada pelos protestantes em geral, e eu acredito que seja correto. A conformidade com o sistema de adoração instituído pelo papado, aquele grande poder anticristão, a imagem da besta, seria adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca. Adorar a besta é um grande crime, mas seria um crime dedicar um dia para Deus, embora a Bíblia não exija isso? Certamente que não! Paulo diz: “Aquele que faz caso de dia, o faz ao Senhor.” Romanos 14: 6. Sobre como fazer isso, ele diz: “Cada um esteja inteiramente convicto em sua própria mente.” Verso 5. Então, temos a liberdade de dedicar o domingo para o Senhor, se assim decidirmos. Então, isso não pode ser um pecado como reivindicam os adventistas, e, portanto, não pode ser a marca da besta.

AS TRES MENSAGENS ANGÉLICAS – APOCALIPSE 14:6-12

Uma grande reivindicação dos adventistas do sétimo dia é que eles estão pregando as três mensagens de Apocalipse 14:6-12. Este é o seu tema constante. Assim também, os mórmons afirmam que Joseph Smith pregou esta mensagem. Mas não há um mínimo de fundamento para esta alegação, em ambos os casos. Leia a primeira mensagem, versículos 6, 7. Um anjo é visto pregando o evangelho a toda nação, dizendo: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque a hora de seu julgamento é chegada, e adorai aquele que fez o céu e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” Isto foi cumprido pelos apóstolos e pelos primeiros cristãos, quando eles pregaram o evangelho a todas as nações. Jesus disse: “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.” Marcos 16:15. O anjo em Apocalipse 14:6, 7, é visto pregando o evangelho a toda nação, como Jesus ordenou. Compare o sermão de Paulo aos pagãos idólatras em Listra, Atos 14:15, com as palavras da primeira mensagem, Apo. 14:7, e vocês verão que eles são quase

idênticos. Disse Paulo, “Nós pregamos para que vos convertais dessas vaidades para o Deus vivo que fez o céu, e a terra, e o mar e todas as coisas que estão nele.” Apo. 14:7 diz: “Adorai aquele que fez o céu e a terra, e o mar.” Esta, então, foi uma mensagem para os idólatras, anunciando-lhes o Deus vivo, que fez todas as coisas, mas de quem haviam estado ignorantes. Isto é exatamente o que a igreja primitiva pregou para as nações pagãs, até que a idolatria foi extinta.

Paulo diz que o evangelho “foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu,” Col. 1:23. Isso foi antes dele morrer, e isso cumpriu exatamente Apo. 14:6,7. Mas a obra do Advento de 1844 foi um caso local, pequeno, limitado a alguns estados. Muito menos, foi sua mensagem pregada a todas as nações.

Os adventistas reivindicam que Guilherme Miller pregou esta mensagem em 1840-4. Ele não fez nada disso. A essência da pregação era que o fim do mundo viria em 1843, e depois em 1844. Contudo, aquilo que ele pregou falhou duas vezes, como se sabe. Será que Deus enviaria homens para cometerem tais erros como esses? Miller não pregou a hora do julgamento por vir. Esta foi uma reflexão posterior, uma interpretação sobre a sua obra, que não foi pensado na época.

Eles alegam que os apóstolos não poderiam ter pregado essa mensagem, considerando que o julgamento não veio nos dias deles. Vamos analisar: Jesus pregou assim: “O julgamento deste mundo é agora.” João 12:31. Jesus disse: “O juízo é AGORA!” Quem vai contradizê-lo e dizer que não foi? Pedro disse: “Pois já É VINDO o tempo para que o julgamento comece pela casa de Deus.” 1 Ped. 4:17. E ali, o julgamento começou. Aqui estão dois testemunhos diretos, e isso é suficiente. Assim, em exata harmonia com estes, o primeiro anjo anuncia, “A hora do seu juízo chegou”. Apo. 14:7. Se alguém quiser ver a verdade, isto é suficientemente claro, se não quiser, nem adianta discutir.

A SEGUNDA MENSAGEM, VERSO 8

“E outro anjo seguiu, dizendo: ‘Caiu! Caiu Babilônia, a grande cidade que fez todas as nações beber do vinho da ira da sua prostituição!’” O que é representado pela Babilônia, a grande cidade? Ela é plenamente descrita em Apocalipse 17 e 18, e, é considerada por todos os protestantes como a Igreja Romana. Os adventistas concordam com isso, embora eles se esforcem para fazer com que a Babilônia represente também as igrejas protestantes. Na visão deles, Babilônia, “a grande”, deve referir-se a Roma, incluindo outras igrejas caídas, como uma ideia secundária, como sendo suas filhas. Os adventistas do sétimo dia alegam de que esta mensagem foi pregada pelos Milleritas em 1844. Quando as igrejas se recusaram a acreditar em Miller, que dizia que o fim do mundo viria em 1844, e que ele poderia marcar o dia exato; então, por esta incredulidade, todas estas igrejas foram rejeitadas por Deus, e caíram. Ellen White diz: “Satanás tomou plena posse da igreja como um corpo... sua profissão, suas orações, e as suas exortações são uma abominação aos olhos de Deus.” *Primeiros Escritos*, página 135. Que coisa horrível eles tinham feito para cair assim? Foi por que, Miller disse que o mundo acabaria em 1844, e eles disseram que não. Ele estava errado e eles estavam certos, mas Deus rejeitou-os e abençoou os Milleritas. Esta é uma boa ilustração do egoísmo e inconsistência dos adventistas. Será que eles pregam o que Apocalipse 14:8 diz? Não! Eles dizem que a Babilônia havia caído PORQUE ela rejeitou o Millerismo, mas a mensagem dá uma razão muito diferente. “Babilônia caiu, porque ela fez todas as nações beber do vinho da sua prostituição.” A Bíblia dá uma razão, os adventistas dão outra. Será que as igrejas protestantes nos Estados Unidos no curto espaço de cinco anos, durante a pregação de Miller, e simplesmente por rejeitar sua teoria de tempo, fizeram com que todas as nações bebessem do vinho da prostituição? A ideia é absurda! Esta mensagem deve ter um significado muito mais profundo e mais amplo do que isso. Então, eles nunca pregaram esta mensagem. Apenas algumas das igrejas nos estados do oriente dos Estados Unidos ouviram e rejeitaram o Millerismo. Como consequência disso, as dezenas de milhões de membros das igrejas em todo o mundo, que nunca sequer ouviram falar de Miller, foram rejeitados por Deus. Que posição sem sentido! Mais uma vez, Babilônia deve ao menos incluir Roma. Será que a igreja católica caiu em 1844? Não, pois ela caiu há séculos como todos os protestantes sabem. Assim, a queda de Babilônia não é o que os adventistas dizem; nem eles pregam o que a mensagem realmente diz.

Mil vezes mais provável, é a aplicação desta mensagem à obra de Lutero e da Reforma. Até o tempo de Lutero, a igreja papal era suposta ser a verdadeira igreja, e, como tal, ela governava sobre os reis da terra e a consciência dos homens. Lutero surpreendeu o mundo com a proclamação ousada que a Igreja Romana era a “mãe das prostitutas”, “a grande Babilônia” de Apocalipse 17:1-6, e que ela havia caído, tal

como mencionado em Apocalipse 14:8; 18:1-4. Em 06 de outubro de 1520, ele publicou seu famoso livro, *O Cativo Babilônico da Igreja*.

Eu vou citar a *História da Reforma, Vol. II*, de D'Aubigne: “Lutero tinha preparado uma mina, uma explosão que abalou o edifício de Roma até a sua fundação. Foi a publicação de seu famoso livro *O Cativo Babilônico da Igreja*, que apareceu em 06 de outubro de 1520.” Página 130. Nele, ele disse: “Eu sei que o papado não é outro senão o reino de Babilônia.” Página 131. “Os cristãos são o verdadeiro povo de Deus, levados cativos para a Babilônia.” Página 133. “Todos os males que afligiam a cristandade, ele sinceramente atribuía a Roma.” Página 138. Diz Lutero: “É verdade que eu tenho atacado o tribunal de Roma, mas nem você, nem qualquer outro homem na terra, pode negar que ela é mais corrupta que Sodoma”. Página 139. “Essa Babilônia, que é a própria confusão em si mesma.” “Roma, por muitos anos, tem inundado o mundo, com tudo o que pode destruir o corpo e a alma. A igreja de Roma, que foi uma vez, a mais importante em santidade, tornou-se covil de ladrões, o mais vergonhoso de todos os bordéis, o reino do pecado, da morte e do inferno.” Página 140.

Este foi um anúncio da queda de Babilônia, que era digna do nome. Verdadeiramente, Roma tinha feito com que todas as nações se embriagassem com o seu vinho. Ela havia governado sobre todas as nações, se enriqueceu, viveu em esplendor; tinha matado os santos, tornou-se a morada de todos os espíritos malignos. Tudo isso é exatamente retratado em Apocalipse 17:1-6, onde “a grande Babilônia”, do capítulo 14:8 é descrita mais pormenorizadamente. Então, em Apocalipse 18:1-4, o anúncio da queda de Babilônia, como notado no capítulo 14:8, é mais completamente explicado, mas é a mesma mensagem. Isso se enquadra exatamente com a obra de Lutero.

A mensagem de Lutero foi um clamor poderoso, que esclareceu tudo ao mundo, anunciou as corrupções aterrorizadoras de Roma, e chamou para fora dela, milhões de pessoas, e deu ao mundo um grande poder: o protestantismo. Em toda a história do mundo, um movimento religioso tão poderoso nunca tinha sido visto antes. Ele era digno de uma menção na profecia.

Considere este fato: Enquanto os adventistas encontram centenas de profecias, capítulos inteiros, aplicando à sua pequena obra, eles não encontram nenhum texto que prenunciasse o grande movimento religioso da Reforma que revolucionou o mundo. Isso ilustra como eles interpretam tudo para encaixar neles mesmos. Não, a segunda mensagem de Apocalipse 14:8, a queda de Babilônia, aplica-se à Igreja Católica, e não aos protestantes, e foi dada, 350 anos atrás, por Lutero, e não pelos Milleritas, em 1844.

A TERCEIRA MENSAGEM ANGÉLICA, APOCALIPSE 14:9-12

Esta advertência contra a adoração da besta e sua imagem, e sua marca, foi dada por todas as igrejas protestantes nos últimos trezentos anos. Olhe o grande número de livros que existem contra o papado e as corrupções do catolicismo. Através da imprensa e púlpito, tem sido dada uma advertência contínua contra a apóstata Roma. Nunca foi uma profecia cumprida tão claramente como esta.

Os adventistas do sétimo dia dizem que esta mensagem foi dada a eles. Nunca uma reivindicação foi tão absurda!

1. Eles estão totalmente enganados no que diz respeito ao que a besta, a imagem e a marca são, como eu tenho mostrado.
2. De acordo com o que eles próprios mostram, eles têm pregado por setenta anos, contra uma coisa que não existe - a imagem, a qual eles dizem que ainda está para ser feita.
3. Aquela parte da mensagem sobre o tormento dos ímpios, sua fumaça subindo para todo o sempre, etc., eles nunca pregam, pois é exatamente o que eles não acreditam.
4. Sua egoística reivindicação de que eles são os únicos que “guardam os mandamentos de Deus”, é mostrado ser falsa no Capítulo XX.

5. Há seis anjos mencionados em Apocalipse 14. Se os três primeiros representam mensagens de advertência, então, os outros três também o fazem, e, portanto, há ainda mais três mensagens para vir após a terceira mensagem angélica. O que os adventistas têm a dizer sobre isso? Nada.

Estes breves pontos são suficientes para mostrar, que a aplicação deles das três mensagens angélicas está totalmente errada.

É O SÁBADO, O SELO DE DEUS?

Os adventistas do sétimo dia afirmam que “o selo de Deus é seu santo sábado.” *Pensamentos sobre o Apocalipse*, página 452. “Eles são enviados para “selar” os 144.000 de Apocalipse 7:1-8, para que eles estejam prontos para a transladação. Nem uma alma viva na terra será salva quando Jesus vier, a menos que ela estiver selada, guardando aquele dia.” *Primeiros Escritos*, página 11.

1. A Bíblia diz que o sábado é o selo de Deus? Não! Esta é outra suposição adventista, que eles alegam provar através de um conjunto rebuscado de inferências longas, cheias de rodeios. É necessária uma hora, para um de seus mais hábeis oradores fazer a teoria parecer plausível, mesmo não tendo alguém lhe opondo. Mesmo assim, poucos conseguem se convencer.

2. A palavra “selo”, como um substantivo e um verbo, é usado sessenta e cinco vezes na Bíblia, mas nenhuma vez, ela diz ser ele o sábado.

3. Eles argumentam que SINAL e SELO são termos sinônimos, significando a mesma coisa, e como o sábado é chamado um sinal (Ex. 31:17), é, portanto, um selo. Eu discordo disso, porque (1) SELO nunca é definido pela palavra SINAL, nem SINAL pela palavra SELO. Nunca é um termo dado como sendo o sinônimo do outro. Examinei cuidadosamente catorze dicionários diferentes, léxicos e enciclopédias, e não encontrei nenhuma exceção a esta declaração. (2) O termo original para selo (em hebraico, *chotham*, e em grego, *Sphragis*) nunca é interpretado como sinal. (3) A palavra original para o sinal (em hebraico, *oth* e em grego, *semeion*) nunca é interpretado como selo. Portanto, eles não são termos sinônimos.

4. Rom. 4:11 é usado para provar que um sinal é um selo; mas este texto não prova isso. Qualquer coisa pode ser utilizada para duas funções completamente diferentes, assim como eu posso utilizar uma vara como uma bengala ou um bastão, mas é, portanto, a bengala e o bastão a mesma coisa? Não! Em Rom. 4:11, a circuncisão foi usada como um sinal e também como um selo; mas isso não prova que um sinal é um selo. Assim, o sábado é um sinal. Ex. 31:17 Possivelmente Deus também poderia tê-lo utilizado como um selo, mas ele o fez? Onde está a prova? Em lugar algum!

5. O sábado era um sinal entre Deus e os filhos de Israel. Ex. 31:17. Assim era a circuncisão. Rom. 4:11. Mas nenhum dos dois é sinal para os cristãos.

6. O sábado foi abolido na cruz. Col. 2:16. Por isso, ele não pode ser o selo de Deus agora.

7. Se o sábado é o selo de Deus, com o qual ele sela o seu povo para a transladação, então, cada um que tem o sábado está selado, e pronto para a transladação. Quando Deus coloca seu selo sobre um homem, fica assim confirmado que ele pertence a Deus. Assim, em Apocalipse 7:2-4, onde o anjo sela um homem com o selo de Deus, não se entende que o homem se torna um dos 144.000 que estavam “sem culpa?” Apocalipse 14:1-5. Sim! Então, se o sábado é o selo, todos os que o guardam estão selados e prontos para o Céu. Mas, (1) todos os antigos fariseus guardaram o sábado estritamente; (2) milhões de judeus o guardam agora; (3) todos os batistas do sétimo dia o guardam; (4) o grupo Marion, que amargamente se opõe aos adventistas do sétimo dia, também o guarda; (5) muitos adventistas do sétimo dia, que foram expulsos de suas igrejas por seus pecados, o guardam. São todos estes selados e prontos para a salvação? Não! Então o sábado, como um selo, como a prova do favor de Deus, como um teste de caráter e aptidão para o Céu, falha inteiramente. Por isso, ele não pode ser o selo de Deus.

O que é, então, o selo de Deus? Ele está claramente indicado ser o Espírito Santo. Assim: “Quem também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações.” 2 Cor. 1:22. “Em quem também, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” Ef. 1:13. “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.” Ef. 4:30. Estes textos são claros o suficiente para

demonstrar qual é o selo do Senhor. É o Espírito Santo. Estranho que os homens põem de lado esses textos claros, e tentam por longos e duvidosos argumentos fazer com que o velho sábado judeu seja o selo, quando a Bíblia nunca diz uma palavra sobre isso.

Os adventistas argumentam que o sábado é o selo no Decálogo. Eles dizem que não há mais nada nos Dez Mandamentos que declare quem deu essa lei. A afirmação é totalmente falsa. As primeiras palavras do Decálogo dizem quem o deu: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.”. Ex. 20:2, 3. Isto diz muito claramente quem deu essa lei, e corta pela raiz, o argumento adventista sobre o selo. Agora olhe para qualquer ilustração deles da “Lei de Deus”. As palavras iniciais, como Deus as pôs, são deixadas de fora. Se eles as mantiverem, elas claramente iriam contradizer os seus argumentos.

CAPÍTULO VII

O SANTUÁRIO

Os adventistas do sétimo dia fazem com que tudo gire em torno de sua visão do santuário. É vital para eles. Se eles estiverem errados sobre isso, toda a sua doutrina se destrói. O leitor deve, portanto, estudar este assunto com cuidado. Eles insistem sobre esse ponto constantemente e afirmam que eles são os únicos em toda a cristandade que têm a luz sobre o assunto. Vou dedicar apenas algumas páginas sobre ele, apenas o suficiente para mostrar a falácia do seu sistema.

Eles basearam a data de 1844 em cima de Dan. 8:14. “Até duas mil e trezentos dias, então o santuário será purificado.” O santuário era a terra. Era para ser purificada pelo fogo na segunda vinda. Os 2.300 dias terminaram em 1844. Para isso, Cristo deveria ter vindo naquele ano. Eles provaram tudo pela Bíblia, e, portanto, não poderia haver nenhum erro, eles diziam. Mas Cristo não veio, e agora? Fanatismo não morre fácil, homens radicais não gostam de ceder. Então, após o desapontamento, eles descobriram que o santuário não significava a terra, como eles tinham dito, mas um edifício real no céu, assim como o tabernáculo que Moisés construiu. Esse era uma tenda com dois quartos, o Santo lugar, contendo a mesa da proposição, um candelabro, e o altar de ouro e o Santíssimo, ou o Santo dos Santos, contendo a arca, na qual estavam as tábuas de pedra, e sobre a qual estava o propiciatório e os querubins de ouro. Veja Heb. 9:17. Os sacerdotes ministravam no primeiro compartimento todos os dias do ano, mas somente o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, no último dia do ano. Lev. 16. Naquele dia, ele limpava o santuário dos pecados confessados lá, durante o ano todo. Tudo isso era um tipo de um edifício no Céu, onde Cristo ministra. Heb. 8:1-5; 9:1-9,24. Em 1844, ele deixou o primeiro lugar e entrou no Santo dos Santos para purificar o santuário celeste, o que, realmente, é o julgamento. Isso explica a sua decepção. Jesus entrou no Santíssimo do santuário celestial para iniciar o julgamento em 1844, em vez de vir para a Terra, como eles esperavam e pregavam a princípio. Para provar tudo isso eles fazem longas inferências e argumentações, que dão margem a inúmeras objeções.

1. Estão os adventistas certos sobre esta questão? Não!
2. Se o assunto é tão simples e tão importante como eles dizem que é, é estranho que ninguém nunca o encontrou antes.
3. Depois de estar perfeitamente familiarizado com este ponto de vista deles, e conhecer todos os seus argumentos, hoje eu tenho certeza de que eles estão errados sobre isso.
 - 3.1. Deus enviou os adventistas com uma última mensagem solene para a terra sobre a qual o destino da igreja e do mundo dependia. A primeira coisa que fizeram foi assumir o ano errado, 1843, em vez de 1844. Então, quando eles tiveram que consertar isso, ao invés de anunciar o evento real que ocorreu, que foi a mudança da obra de Cristo no santuário no Céu, eles disseram que ele estava para vir à terra, ressuscitar os mortos, e queimar o mundo, quando nada disso ocorreria.
 - 3.2. Nem um em cinquenta dos adventistas originais descobriu o “real erro” que eles tinham cometido. Nem mesmo um dos principais adventistas, como Miller, Himes, Litch, etc., aceitou essa explicação do santuário. Apenas um punhado, fora da grande massa adventista de 1844, descobriu a verdade sobre o santuário, e estes não foram homens notáveis na obra de Miller.
 - 3.3. Miller se opôs ao movimento adventista do sétimo dia, rejeitando a ideia do santuário, o sábado, e a mensagem do terceiro anjo. Que emaranhado sem esperança que foi a obra do Advento! Não admira que as pessoas a rejeitassem. Imagina se Moisés tivesse se oposto a Josué, e João Batista a Cristo! É como se Miller tivesse sido enviado para fazer um trabalho, e aí, tudo dá errado e, em seguida, ele se opõe àqueles que por fim, acertaram.
4. Em vez de receberem a “luz” do santuário através da visão de Ellen White, ou do Céu, eles a receberam de O. R. L. Crosier. Mas ele logo desistiu de tudo dizendo ser um erro, e se opôs aos adventistas do sétimo dia, por muitos anos. Parece ser mal para uma teoria quando os próprios autores a renunciam.

5. Os adventistas do sétimo dia, a princípio, adotaram a teoria do santuário para provar que a porta da misericórdia estava fechada em 1844, uma teoria que a Sra. White, e todos eles, defendiam naquele momento. Aqui está a minha prova sobre este ponto:

Ann Arbor, Michigan, 01 de dezembro de 1887. Pastor D. M. Canright: “Eu guardei o sétimo dia quase por um ano, em 1848. Em 1846, eu expliquei a ideia do santuário em um artigo em um número extra do *Day Star*, de Cincinnati. O objetivo desse artigo foi a de apoiar a teoria de que a porta da misericórdia estava fechada, uma teoria que eu e quase todos os adventistas havíamos adotado por causada da visão de Guilherme Miller, defendida em 1844-1848. Sim, eu sei que Ellen G. Harmon, agora, Sra. White, pregava a teoria da porta fechada naquele tempo.” Atenciosamente, O. R. L. Crosier.

Agora, ouça Ellen White: Topsham, ME, 21 de abril de 1847. “O Senhor me mostrou em visão mais de um ano atrás, que o Irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do santuário, etc., e que era sua vontade que o irmão Crosier devesse escrever o ponto de vista que ele nos deu, na *Day Star* (extra), 07 de fevereiro de 1846. Eu me sinto totalmente autorizada pelo Senhor a recomendar aquele artigo para cada membro...” E. G. White, *A Word to the Little Flock*, páginas 11 e 12.

Aqui você tem a origem e o objetivo dessa teoria do santuário. Perante mim, se encontra a *Verdade Presente*, Vol. 1, Nº 6, Dezembro de 1849, por Tiago White. “A Porta Fechada Explicada,” é o artigo principal, no qual ele argumenta a partir de Lev. 16:17, que, quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos não poderia haver mais perdão para o pecado. “Neste dia de expiação, ele era o sumo sacerdote somente para aqueles cujos nomes estavam inscritos nos registros de julgamento”, página 44. Não havia mais salvação para os pecadores, é o que a sua teoria do santuário queria provar. O artigo todo está cheio dessa ideia.

6. O argumento deles sobre o santuário terrestre, neste ponto, estava certo, nenhum pecado podia ser confessado e transportado para o santuário, após o sumo sacerdote entrar no Santo dos Santos. Lev. 4:1-7; 16:17, 23, 24. Portanto, se isto tipificava a entrada de Cristo no Santo dos Santos no Céu, em 1844, então, realmente a porta da misericórdia se fechou naquela data, e todos os pecadores desde então, estariam perdidos.

7. Nenhum trabalho poderia ser feito no dia da expiação, ou no dia em que o santuário era purificado. Lev. 23:27-32. A lei era muito rigorosa. Se o argumento adventista a respeito do santuário é correto e se o dia da expiação começou em 1844, então, eles não deveriam ter trabalhado um dia sequer desde então. Por isso, muitos adventistas após 1844 consideravam que era pecado trabalhar, mas com o tempo veio a escassez, e eles tiveram que voltar a trabalhar novamente.

8. Finalmente, sendo obrigados a abandonar a posição de que a porta da misericórdia havia sido totalmente fechada para os pecadores, em 1844, eles, então, ensinaram que SOMENTE AQUELES que SABIAM da mudança que Cristo efetuou no santuário no céu, em 1844, seriam salvos. Assim o pastor Smith, em *Objecções às Visões Respondidas* páginas 24 a 26, diz: “O conhecimento da posição e obra de Cristo é necessário para o gozo dos benefícios de sua mediação... a ideia geral de sua obra era então (anterior a 1844), suficiente para permitir que os homens se aproximassem de Deus por ele... Mas quando ele mudou (em 1844) para o lugar Santíssimo... o conhecimento de sua obra que se tinha até esse ponto e que era considerado suficiente, já não era mais... quem pode encontrar a salvação agora? Aqueles que vão para o Salvador onde ele está e o veem pela fé no lugar Santíssimo... Esta é a porta, agora aberta, para a salvação. Mas nenhum homem pode entender esta mudança, sem o conhecimento definitivo do assunto do santuário, e a relação do tipo e antítipo. Agora eles tentam buscar o Salvador como eles faziam antes, sem ter o conhecimento de sua posição e ministério, mas mantendo o mesmo conhecimento que entretinham enquanto ele estava no primeiro compartimento, mas isto será de algum proveito? Eles não poderão encontrá-lo lá, pois essa porta está fechada.” Então a Sra. White, diz: “Eles não têm conhecimento da mudança feita no Céu, ou o caminho para o Santo dos Santos, e eles não podem ser beneficiados pela intercessão de Jesus ali... Eles oferecem suas orações inúteis para o compartimento de onde Jesus saiu.” *Spiritual Gifts, Vol. I*, páginas 171 e 172. Que doutrina abominável! Ninguém pode ser salvo, a menos que saiba da mudança que Cristo fez no céu em 1844. Mas ninguém, exceto os adventistas do sétimo dia tem o conhecimento desta mudança. Leitor, pense nisto!

9. Agora, eles abandonaram essa visão do santuário e sustentam que todos os que sinceramente buscam a Deus, podem ser salvos sem essa “luz” do santuário. Assim, eles já têm defendido quatro posições

diferentes sobre a questão do santuário: 1. O santuário era a terra. 2. A porta da misericórdia estava fechada para todos os pecadores a partir de 1844. 3. Foi aberta apenas para aqueles que aprenderam sobre a mudança de Cristo em 1844. 4. Agora, está aberta a todos. O que eles vão defender em seguida?

Depois de investigar minuciosamente todo o assunto do santuário, tenho certeza de que eles estão em grande erro quanto a isso.

1. O trono de Deus sempre esteve no lugar Santíssimo do santuário, entre os querubins, sobre a arca, nunca, nem uma vez, ele esteve no lugar Santo. Para a prova sobre este ponto, ver Lev. 16:2; Num. 7:89; 1 Sam. 4:4; 2 Reis 19:15. Smith argumenta que o trono de Deus estava, por um tempo, no lugar Santo e refere-se a Ex. 33:9. Mas aqui o Senhor apareceu FORA do Tabernáculo, e não no lugar Santo. Assim, esse texto mostra o seu erro.

2. Quando Jesus subiu ao Céu, 1.800 anos atrás, ele foi diretamente a Deus e assentou-se no seu trono. Heb. 8:1. Por isso, ele deve ter entrado no Santo dos Santos naquela ocasião, e não em 1844.

3. “Dentro do véu”, quer dizer: no lugar Santíssimo. “E vocês pendurarão o véu sob os colchetes, para que possas trazer para ali dentro do véu, a arca do testemunho. Este véu vos fará separação entre o lugar Santo e o Santo dos Santos.” Ex. 26:33. Veja também Lev. 16:2, 12, 13.

Ninguém pode deixar de ver que “dentro do véu” está no lugar Santíssimo, onde estava a arca. Este é o lugar para onde Jesus foi, mil e oitocentos anos atrás. Prova: “A qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até o interior do véu; para onde o precursor entrou por nós; Jesus, feito sumo sacerdote para sempre.” Heb. 6:19, 20. Como o sumo sacerdote adentrava para “dentro do véu”, no santuário terrestre, da mesma forma, Jesus, nosso Sumo Sacerdote, adentrou para “dentro do véu”, no lugar Santíssimo, à direita de Deus e sentou-se no seu trono. Nada poderia ser mais claramente apresentado. Isto destrói toda a teoria adventista de 1844. Para mais provas, veja Ex. 27:21; 30:6; 40:22-26; Lev. 4:6,17; 16:15; 24:3; Num. 18:7; Mat. 27:51.

4. “Perante o trono,” Apo. 8:3. O pastor Smith afirma que “o trono de Deus estava no primeiro compartimento do santuário”, porque se diz que as sete lâmpadas e o altar de ouro estavam “diante do trono”, Apo. 4:5; 8, 3. Somente uma causa em desespero se agarra em tal prova. O mesmo argumento quer provar que a arca e o trono de Deus estiveram sempre no primeiro compartimento do santuário terrestre, que sabemos ser falso. Como só havia um véu que dividia o Santo do Santíssimo, onde estava o trono de Deus, as coisas no lugar Santo foram ditas estarem “diante do Senhor”, pois elas estavam bem perto do trono, apenas atrás da cortina. Prova: Ex. 27:20, 21; 30:6-8; 40:23-25; Lev. 4:6, 15-18. Mesmo fora da tenda, onde os animais eram mortos, elas estavam “diante do Senhor”, como mostra Lev. 4:15. Abraão andou “diante do Senhor”, Gen. 24:40, apesar de estar na terra, e o Senhor, no Céu.

5. Nem um único texto pode ser encontrado em toda a Bíblia, onde a arca e os querubins e o trono estivessem no lugar Santo do santuário terrestre, o tipo. Entretanto, no antítipo, eles dizem que o trono de Deus está no lugar Santo, e não em alguma ocasião especial, mas o tempo todo por 1.800 anos; simplesmente, o contrário do que era no tipo.

6. Os adventistas sempre assumem e dizem que “o templo de Deus é o lugar Santíssimo”. *Santuário*, página 234, por U. Smith. Mas isso é falso. O lugar Santíssimo, ou o oráculo, era uma SALA NO TEMPLO, mas não era o próprio templo. Na verdade as Escrituras cuidadosamente distinguem entre o templo e o Oráculo ou o Santíssimo. Veja 1 Reis 6:5, 16, 17, 19, 23; 7:50. O templo era a casa, todo o edifício. 1 Reis 7:50; 2 Reis 11:13; 1 Sam. 3:3; Mat. 21:12; Lucas 1:9; Apo. 11:19.

7. Quando o templo foi visto aberto no céu, Apo. 11:19? Os adventistas usam esse texto para provar que o lugar Santíssimo no santuário celeste não foi aberto antes de 1844. Mas o texto os contraria: 1) Porque, como temos provado acima, o templo não é o lugar Santíssimo, mas todo o edifício. 2) O templo celestial foi aberto quando Cristo começou o seu ministério lá, há 1.800 anos. Heb. 8:1, 2; 9:8-12. 3) O versículo 19 de Apo. 11 conecta-se perfeitamente a Apo. 12, e começa uma nova linha de profecia, em vez de fechar a linha no Capítulo 11. Clarke, Barnes, Scott, e cada comentador que eu tenho consultado, ligam este verso com o capítulo 12. Diz Scott: “Versículo 19 - Este verso introduz um novo assunto, e deveria ter sido colocado no início do próximo capítulo.” Então, quando foi o templo do céu aberto? Quando

Jesus foi lá para começar o seu ministério, é claro! Heb. 9:8-12. Assim, o principal pilar da teoria do santuário dos adventistas sucumbe.

Até agora, tenho argumentado no próprio terreno deles, isto é, de que há uma verdadeira edificação no Céu, como o santuário na terra, coisa que é extremamente questionável.

1. Assim como são ensinadas verdades morais as crianças, através de exemplos práticos, Deus ensinou aos judeus verdades espirituais pelas lições práticas da adoração em tipos. Por isso, não se conclui que no culto cristão deve haver coisas materiais utilizadas no Céu. Pelo contrário, o pressuposto é contra isso.

2. Todo o serviço do templo foi para o sacerdócio de Aarão, mas Cristo não é um sacerdote segundo a ordem de Aarão, e sim segundo a ordem de Melquisedeque. Heb. 7:11. Melquisedeque não teve templo, nem serviço no templo. Assim, Cristo também não deve ter nenhum. Desde Adão até Moisés, não havia templo nem serviço sacerdotal no Céu. Smith admite isso. “Não havia lugares sagrados mantidos abertos, e nenhum trabalho sacerdotal foi estabelecido no Céu.” *Santuário*, página 238. Exatamente! Aquela época estava sob o sacerdócio de Melquisedeque, tal como o é agora. Se não foi necessário nenhum templo por 4.000 anos, também não é necessário agora.

3. Paulo claramente afirma que os tipos, “não eram a imagem exata das coisas” que eles representavam. Heb. 10:1. Entretanto, os adventistas constroem o seu argumento no pressuposto de que elas eram imagens exatas das coisas no céu, ignorando assim a declaração de Paulo.

4. Paulo diz que Cristo é um ministro de um maior e mais perfeito tabernáculo. Heb. 9:11. Então, ele deve ser diferente do terreno.

5. Paulo diz que é um “não feito por mãos.” Heb. 9:11. Isto mostra que não é uma construção feita de material.

6. Paulo diz que a carne de Jesus é o véu. Heb. 10:20. Isso mostra que o templo é apenas figurativo.

7. Dificilmente um dos tipos tinha uma figura exata de como seria o antítipo. Assim, cordeiros e bois eram os tipos do qual Jesus era o antítipo, mas ele era um HOMEM e eles eram ANIMAIS. Os corpos dos animais eram QUEIMADOS, Heb. 13:11, 12, mas Cristo, o antítipo não foi queimado. Eles eram mortos na porta do santuário, Lev. 17:3, 4, mas Jesus não foi morto na porta do santuário. O sangue dos cordeiros era levado para o templo e colocado sobre o altar, Lev. 4:6, 7, mas o sangue de Cristo foi derramado no chão. Os sacerdotes faziam sacrifícios diariamente, mas Cristo apenas uma vez por todas. Heb. 9:25, 26, 28; 10:10, 12, 14. O pastor Smith diz: “O fato de que Moisés fez dois compartimentos à semelhança do templo celestial é uma DEMONSTRAÇÃO de que o celestial tem dois compartimentos também.” E de novo diz: “Os sacerdotes aqui na terra, em ambos os compartimentos, serviram de exemplo de um serviço feito no céu. Agora Jesus é o único sacerdote no céu, e ele deve realizar ‘serviços semelhantes’”. Os sacerdotes terrenos ofereciam a cada dia, de manhã e à tarde, sacrifícios, aspergindo o sangue das vítimas recém-mortas, no santuário exterior. Assim, por mais de mil e oitocentos anos, Jesus, segundo o Sr. Smith, deve ter oferecido seu próprio sangue fresco, derramado no compartimento exterior do santuário celeste, duas vezes ao dia; que é mais de 1.300.000 vezes desde sua ascensão até 1844. Este é o resultado lógico da “demonstração” do Sr. Smith. O apóstolo diz em Heb. 7:27: “Ele fez isso, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo”. Assim, a “demonstração” contradiz frontalmente as escrituras. A lei que regulamentava o serviço dos sacerdotes no templo foi mudada. Heb. 7:12. Então, certamente ela não é mais seguida no céu agora. Os adventistas assumem que toda a lei levítica do serviço do santuário foi transferida para o céu, e obedecida lá. Este é o absurdo de seu sistema. Em Heb. 7:11-28, Paulo mostra muitos pontos de diferença entre os tipos e as antítipos. A mesa do Senhor estava no templo na era judaica. Mal. 1:7, mas agora a mesa do Senhor se encontra na igreja, 1 Cor. 10:21; 11:20. As sete lâmpadas no templo do céu “são os sete espíritos de Deus”, Apo. 4:4. Então, elas não são lâmpadas literais. Por isso, é mais que provável que nenhuma das coisas mencionadas como sendo reais, exista literalmente. Em um lugar, é dito que os santos no céu estão “vestidos de branco”. Apo. 7:9, mas em outro lugar essa vestimenta é explicada como sendo a justiça dos santos, Apo. 10:8.

Em Apocalipse 8:3, é mostrado que as orações de todos os santos são oferecidas sobre o altar de ouro. É mais do que evidente, que isso não é para ser tomado literalmente, mas apenas como uma referência ao

modo do culto judaico. Colossenses 2:16, 17, diz que as carnes, bebidas, festas, luas novas e sábados eram uma sombra de Cristo. Raciocinando como os adventistas, em relação ao santuário terrestre, Heb. 8:5, nós esperaríamos encontrar alguma coisa dessas coisas no evangelho exatamente como elas são, carnes, bebidas, festas mensais e anuais, dias santos, etc. Mas onde estão elas? Elas não são encontradas assim, em nenhum lugar do evangelho.

Paulo diz claramente que o lugar em que Jesus foi é o “próprio Céu, para agora comparecer na presença de Deus por nós,” Heb. 9:24. A verdade simples de tudo isso é que as idades dos tipos, as lições objetivas, as formas exatas, rituais, lugares consagrados e vasos sagrados - tudo isso terminou na cruz, Col. 2:17. A resposta de Jesus à mulher no poço vai exatamente ao ponto. Ela disse: “Nossos pais adoraram no monte, e vós dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Jesus disse-lhe: Mulher, acredite em mim, vem a hora, em que nem neste monte, nem ainda em Jerusalém adorareis o Pai... Mas a hora vem, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade... porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é espírito, e aqueles que o adoram, devem adorá-lo em espírito e em verdade.” João 4:20-24. Para o Evangelho, um lugar não é mais santo do que outro. Como os lugares santos, assim também todos os utensílios sagrados, sacrifícios, incensos, tábuas de pedra, e tudo mais. Pedro afirma tudo isso em uma só palavra: “Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo.” 1 Ped. 2:5. Ver também, Ef. 2:20-22; 1 Cor. 6:19. Agora estamos sob uma nova aliança. Heb. 8:6-13; um novo sumo sacerdote de uma nova ordem. Heb. 7:11; nos aproximamos de Deus por um novo caminho. Heb. 10:20; através de novas ordenanças. Marcos 15:15-16; 1 Cor. 11:23-26, por um templo diferente, e um melhor sacrifício. Assim, não há necessidade de um templo no Céu, como era o templo judaico.

A ideia adventista do santuário no Céu é um absurdo! Em *Primeiros Escritos*, páginas 114,115, Ellen White foi levada ao Céu e foi-lhe mostrado, tudo sobre ele. Ela viu o edifício exatamente como o que era na terra. Nele havia o candelabro, a mesa dos pães, o altar, as cortinas, a arca; e “na arca, estavam as tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos.” Pense, agora; o uso de uma vela literal na presença imediata de Deus, cuja glória é mais forte que a luz do sol. “Eles não precisam de lâmpada, nem de luz do sol, porque o Senhor Deus lhes dá luz.” Apo. 22: 5. O uso de uma mesa da proposição, lá no santuário celestial. Será que os anjos ou o Senhor comem o pão? Reais tábuas de pedra no céu, e o Senhor sentado na arca sobre elas. Que ideia mais infantil! Ouça Paulo, refutando essa ideia: “Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.” 2 Cor. 3:3. Então pense no absurdo de ter um Deus Todo-Poderoso e todos os “dez mil vezes dez mil” (cem milhões) de anjos ao redor de seu trono, habitando em um edifício literal com cortinas, luminárias, mesas, paredes, etc. Seria preciso ser maior do que um Estado inteiro. Deixemos os adventistas lerem isto: “Todavia, o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos humanas” Atos 7:48.

“Mas, não diz Paulo que o templo judaico era uma sombra, figura, um padrão de coisas celestiais?” Heb. 8 e 9. Sim, e da mesma forma, ele diz que as ofertas e dias santos da antiga aliança eram sombras de Cristo, Colossenses 2:16,17. Mas onde estão os nossos dias de festas, luas novas, carnes, etc., sob o evangelho? Em nenhum lugar, em sentido espiritual! Assim, Paulo diz que o templo terreno era apenas uma figura de um “tabernáculo, não feito por mãos”. Heb. 9:9-11. Como ele poderia dizer mais claramente que o santuário celestial não é literal? Foi Cristo ministro em um templo literal no céu desde Adão até a cruz, por quatro mil anos? Não! Será que Melquisedeque teve um templo? Não! Gen. 14:18-20. Como Cristo é um sacerdote segundo a sua ordem, ele não precisa de templo literal. De acordo com os adventistas, o lugar Santíssimo do santuário celestial ficou inteiramente vazio e desocupado desde a ascensão de Jesus até 1844. Nenhuma vez, Cristo entrou nele. Finalmente, toda a sua argumentação sobre o santuário depende de provar que as setenta semanas de Dan. 9 são uma parte dos dois mil e trezentos dias de Dan. 8:14. Mas a Bíblia diz que são? Não; nem podem provar isso. O melhor que eles podem alegar é que eles são plausíveis de aceitação.

CAPÍTULO VIII

A SRA. WHITE E SUAS REVELAÇÕES

Os adventistas do sétimo dia consideram Ellen White como uma profetisa e seus escritos como inspirados. Eles fazem longos argumentos tirados da Bíblia para provar que deve haver dons, milagres e profetas na igreja. Mas estes são os mesmos argumentos utilizados pelos mórmons, shakers, etc., em favor de suas igrejas. Mas eles ignoram isso. A questão não é, se o Senhor pode inspirar homens e mulheres, mas, tem ele inspirado a Sra. White? O Novo Testamento nos adverte repetidamente contra a aceitação de falsos profetas. “Cuidado com os falsos profetas”, Mat. 7:15. “Surgirão falsos cristos e falsos profetas”, Mat. 24:24. “Não creiais a todo espírito ... muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” 1 John 4:1.

Em cada geração, muitos têm surgido afirmando serem profetas. Todos tiveram seguidores. Tudo o que eles tinham que fazer era acreditar firmemente em si mesmos e fazer afirmações extravagantes, e assim, rapidamente, conseguiam seguidores. Notemos alguns dos mais proeminentes que surgiram recentemente:

1. SWEDENBORG

Ele nasceu em Estocolmo, Suécia, 1688, e morreu em 1772. Seu pai era um nobre de alta posição. Assim, Swedenborg era um homem muito educado e envolvido na alta sociedade. Ele viajou extensivamente, e conversou com os homens mais sábios da época. O rei nomeou-o a um alto cargo, o qual ele preencheu com grande aceitação por mais de trinta anos. Ele alcançou proeminência em ciência e escreveu setenta e sete livros, abrangendo todos os ramos da ciência. Ele era do caráter mais puro e devoto religioso.

Regras da Vida de Swedenborg:

1. Ler e meditar na Palavra de Deus frequentemente.
2. Submeter-se em tudo à vontade da Divina Providência.
3. Em tudo, manter um comportamento apropriado, e manter a consciência limpa.
4. Executar com fidelidade as funções do seu emprego, e os deveres de seu ofício, e tornar-se útil à sociedade em todas as coisas.

Nenhuma mancha residia sobre o seu caráter moral.

Com a idade de cinquenta e cinco anos, ele começou a ter visões do céu, inferno, anjos, e o mundo espiritual. Ele diz: “Eu tenho sido chamado a um ofício sagrado pelo próprio Senhor, que pela sua misericórdia apareceu para mim, seu servo, no ano de 1743, quando ele abriu meus olhos para o mundo espiritual e me permitiu conversar com espíritos e anjos.” Exatamente como são as reivindicações de Ellen White. Este trabalho continuou durante trinta anos, tendo ele escrito cerca de trinta volumes inspirados. Ele fez várias previsões notáveis, que foram cumpridas fielmente, como por eles é reivindicado.

Ele fundou uma nova religião baseada em suas revelações. A Bíblia é zelosamente ensinada e o viver santo cultivado.

Esta igreja tem aumentado constantemente, e tem comunidades em todas as partes do mundo e nas línguas principais. Eles publicam três semanários, cinco revistas mensais, e uma trimestral, além de muitos livros. Swedenborg iniciou sua seita cem anos antes que Ellen White. Seus seguidores acreditam nele tão implicitamente como os seguidores dela acreditam nela, e são muito zelosos em propagar sua fé. Em muitos aspectos, ambos os movimentos são muito parecidos. A descrição acima é um condensado da *Enciclopédia de Schaff-Herzog*.

2. ANN LEE E OS SHAKERS

Estes são tão bem conhecidos na América, que eu não preciso dizer muito sobre eles. Ann Lee, sua líder, nasceu na Inglaterra, em 1736 e morreu em 1784. Como Ellen White, “ela não recebeu nenhuma educação.” Ela se juntou a uma sociedade que estava tendo notáveis práticas religiosas, e logo ela começou “a ter visões e fazer revelações”, as quais ela chamou de “testemunhos”, tal qual a Sra. White. “Dali em diante, ela afirmava que era dirigida por revelações e visões.” *Enciclopédia Schaff Herzog*, artigo “Ann Lee”. Ela foi aceita como líder e como sendo “a segunda vinda de Cristo.” Como Ellen White, ela exigiu um “tipo peculiar de se vestir”, “se opunha a guerras e ao uso de carne de porco”. *Enciclopédia de Johnson*, artigo “Shakers”. Eles não interagem com outras igrejas e são famosos por sua pureza e devoção. São cerca de 8.000 membros hoje. Uma comparação cuidadosa mostra muitos pontos de semelhança entre a Sra. Lee e a Sra. White. A principal evidência sobre a qual os adventistas se apegam para a prova de inspiração de Ellen White é a pureza de sua vida e do elevado tom moral e religioso de seus escritos. Eles dizem que suas revelações ou deve ser de Deus ou de Satanás. Se fosse de Satanás, ela não iria ensinar tal pureza e santidade. O mesmo raciocínio comprovaria que a Sra. Lee também foi uma verdadeira profetisa, pois ela excede a Sra. White neste quesito, tanto que a palavra “shaker” tornou-se sinônimo de honestidade. Adventistas, por favor, atentem a este ponto.

3. SRA. JOANNA SOUTHCOTT

Ela nasceu na Inglaterra em 1750, de pais pobres, e era totalmente ignorante. Ela trabalhava como empregada doméstica até os seus quarenta anos de idade. Ela juntou-se aos metodistas em 1790. Em 1792, ela se apresentou como uma profetisa, e “publicou numerosos [mais de sessenta] panfletos expondo suas revelações.” *Enciclopédia de Johnson*, artigo “Southcott”. Ela tinha transes, como acontecia com Ellen White, e anunciou a vinda eminente de Cristo. Veja a *Enciclopédia Americana*, artigo “Southcott.” Ela levou a cabo um comércio lucrativo na venda de seus livros como a Sra. White fez. Por mais estranho que possa parecer, muitos ministros cultos acreditavam nela, e milhares se juntaram a seus seguidores, até que em poucos anos eles já eram mais de cem mil. Ela fez muitas previsões, que seus seguidores reivindicavam que foram cumpridas. “A fé de seus seguidores, entre os quais estavam vários clérigos da igreja estabelecida, crescia entusiasticamente”. *Enciclopédia Americana*, artigo “Southcott”

Ela “se considerava a noiva do Cordeiro, e declarou, quando tinha sessenta e quatro anos de idade, que estava grávida do verdadeiro Messias, o ‘segundo Shilo’, a quem ela daria à luz em 19 de outubro de 1814, mas Joanna morreu, em sua desilusão, em 27 de dezembro de 1814. Seus seguidores, que eram mais de cem mil, continuaram a observar o sábado judaico até 1831”. *Enciclopédia Schaff-Herzog*. “Um exame ‘post-mortem’ mostrou que ela vinha sofrendo de hidropisia (edema).” *Enciclopédia de Johnson*. “A morte terminou com suas esperanças e seus temores. Com os seus seguidores, no entanto, foi o contrário. Embora eles ficassem, por um tempo, confusos em relação à sua morte (o que foi difícil para eles acreditar), confiantemente, aguardavam sua rápida ressurreição. Assim convencidos, muitos viveram e muitos morreram, e esta seita ainda não está extinta.” *Enciclopédia Americana*, artigo “Southcott”.

Que as pessoas sinceras considerem estes fatos. Este movimento aconteceu apenas 30 anos antes do ministério de Ellen White. Foi em vários aspectos como o atual movimento adventista do sétimo dia. Uma mulher analfabeta é o líder. Ela tem visões, escreve inúmeros panfletos e revelações e prevê a vinda eminente de Cristo. Sua honestidade é claramente manifestada; é grande o seu entusiasmo e a de seus seguidores. Em um curto período, cem mil pessoas aceitam seus “testemunhos”. O presente movimento do sétimo dia é semelhante a ele em muitos aspectos, como já foi visto acima.

E aqui, note a terrível persistência do fanatismo, quando uma vez iniciado. Quando Joanna morreu, nós esperaríamos que todos os membros, se eles fossem pessoas normais, tivessem desistido de tudo; mas eles, de alguma forma ajustaram as coisas e foram em frente, e aqui estão eles hoje. Assim são os seguidores da Sra. White. Não importam quais são os erros ou falhas que ela comete, eles corrigem tudo de alguma forma e vão em frente. Eles continuarão a fazer isso, mesmo depois de sua morte.

4. JOSEPH SMITH E OS MÓRMONS

Este profeta e suas visões e revelações são tão conhecidos que eu irei mencioná-lo brevemente. Smith nasceu em 1805 e morreu em 1844, um ano antes de a Sra. White começar com suas revelações. Ele

surgiu em meio a um grande despertar religioso, como fez a Sra. White no movimento do Advento de 1843-4. Em 1823, ele também começou a ter “visões” e “revelações” e a ver anjos. A segunda vinda de Cristo estava próxima, disse ele, daí o nome, “Santos dos Últimos Dias”. Sua missão era de introduzir “a nova dispensação.” Eles são os “santos”, e todas as outras igrejas são “nações”, ou gentios. Os seguidores de Ellen White são todos os santos; todas as outras igrejas são a “Babilônia” e são todas apóstatas.

A prova de sua inspiração supera a da Sra. White. Eles operam muitos milagres, como eles afirmam fortemente, tem o dom de línguas, e pode mostrar muitas previsões surpreendentemente cumpridas. Eu me encontrava com eles frequentemente, falava com o filho de Smith, e os conhecia muito bem. Eles também têm uma nova Bíblia, uma nova revelação, começaram uma nova seita que não tem nada a ver com as outras igrejas, mas fazem proselitismo com todas elas.

Os mórmons surgiram em 1831, só quinze anos antes dos adventistas do sétimo dia, mas o seu número de membros é hoje seiscentos mil, cinco vezes mais que os adventistas. Os adventistas alegam que eles devem ser a igreja verdadeira porque eles são perseguidos, mas os mórmons foram perseguidos muito mais. Smith e outros foram mortos, muitos têm sido chicoteados, cobertos de piche e penas, apedrejados, assediados, escorraçados da cidade, e tidos como foras da lei. Assim sendo, eles devem ser a verdadeira igreja. Os adventistas do sétimo dia não sofreram perseguição. Nenhum deles jamais foi chicoteado, apedrejado, ou coberto de piche e penas, ou assediado, ou morto. Perseguição? Eles não têm ideia do que é isso, e nunca terão, embora eles estejam constantemente querendo se passar por grandes mártires.

AS VISÕES QUE OS GUIAM

A Sra. E. G. White, esposa do falecido pastor White, líder dos adventistas do sétimo dia, afirma ser divinamente inspirada como eram os profetas da Bíblia. Esta afirmação é aceita por toda a denominação. Eles levam sua inspiração tão a sério como eles o fazem com a Bíblia. Ano após ano, em suas Conferências Estaduais e Gerais, resoluções rígidas têm sido aprovadas por unanimidade, e fortemente endossando suas revelações.

Veza após veza, eu vi essas resoluções sendo aprovadas por voto de toda a congregação, inclusive com o meu voto. *As visões da Sra. E.G. White, Uma Manifestação dos Dons Espirituais de Acordo com as Escrituras*, é um livro, de 144 páginas, publicado por eles, defendendo sua inspiração.

Eles apontam para ela e suas visões como o sinal e prova de que eles são a única igreja verdadeira. Apo. 12:17. Com isso, pode se ver que este assunto é de vital importância para eles.

Em meu debate com os adventistas em Healdsburg, Califórnia, 21-28 de fevereiro de 1889, eles fizeram a seguinte declaração: “As visões da Sra. E. G. White são revelações de Deus.” Seus escritos são chamados de “Testemunhos”. No livro *Testemunho nº 33*, que acaba de ser publicado, ela faz a seguinte alegação a respeito de seus escritos: “Nos tempos antigos, Deus falou aos homens pela boca de profetas e apóstolos. Nestes dias, ele lhes fala por meio dos testemunhos de seu Espírito.” Página 189. E de novo, ela diz: “É quase impossível para os homens oferecer um maior insulto a Deus do que desprezar e rejeitar os instrumentos [seus testemunhos] que ele nomeou para liderar estas pessoas.” Página 208. Note que os “Testemunhos” são para conduzir as pessoas de Deus agora. De sua inspiração, Uriah Smith diz: “Ela vem para nós como uma mensagem divina, é um raio de luz do trono, que é a instrução dada pelo Espírito Santo.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 77.

Na *Advent Review*, 2 de julho de 1889, são estabelecidas essas regras: “1. Nós não negligenciaremos o estudo da Bíblia e os Testemunhos”. Isto ilustra o lugar que atribuem aos seus escritos, a saber, um apêndice à Bíblia. A Sra. White ocupa a mesma posição para o seu povo que a Sra. Southcott ocupava para o povo dela, Ann Lee para com os shakers, e Joe Smith para com os mórmons.

Entre eles, Ellen White é citada, como nós fazemos com Paulo. Um texto de seus escritos é o fim de toda controvérsia na doutrina e disciplina. É comum ouvi-los dizer, que quando eles desistirem de suas visões, eles desistirão da Bíblia também.

Suas visões, ou “Testemunhos”, como são chamados, são tão inseparavelmente ligados à doutrina adventista do sétimo dia que uma pessoa não pode aceitar de forma consistente a um, sem aceitar o outro. Além disso, seus Testemunhos são tão constantemente instados sobre o seu povo em todas as formas possíveis, que uma pessoa não pode por muito tempo se sentir confortável entre eles, a menos que ela também os aceite. Qualquer um que rejeita ou se oponha a eles é tido como que estando a lutar e a rebelar contra Deus. Assim a Sra. White mesma diz: “Se você diminuir a confiança do povo de Deus nos Testemunhos que ele lhes tem enviado, você está se rebelando contra Deus, tão certo como foram Corá, Datã e Abirão.” *Testemunho n° 31*, página 62. Ela afirma que cada linha que ela escreve, mesmo em uma carta particular, é diretamente inspirada por Deus – “os preciosos raios de luz que brilham do trono”, página 63. De suas próprias palavras, ela diz: “É Deus, e não um mortal errante, que tem falado.” *Testemunhos, Vol. III*, página 257. Ela afirma repetidamente que aqueles que duvidam ou se opõem a ela estão lutando contra Deus, pecando contra o Espírito Santo. Assim: “lutando contra o Espírito de Deus aqueles... que iriam destruir o nosso testemunho, eu vi que não estão lutando contra nós, mas contra Deus.” Página 260. Eu poderia citar dezenas de passagens como estas.

Esses escritos inspirados agora compõem quarenta volumes encadernados. Assim, eles têm outra bíblia, assim como os mórmons. Eles leem a nossa velha Bíblia à luz desta nova bíblia. Qualquer interpretação da Bíblia encontrada nestes “Testemunhos” resolve o seu significado acima de qualquer dúvida. Ela diz: “Eu tomei a preciosa Bíblia e a cerquei com vários Testemunhos para a igreja”, *Vol. 2*, página 605. Exatamente! E, é pela luz desses “Testemunhos” que aquela velha Bíblia deve agora ser lida. Ela continua: “Deus, através dos Testemunhos, simplificou as grandes verdades já reveladas” Sim, agora temos de tomar a Bíblia na forma simplificada por ela. Swedenborg, Southcott, Ann Lee, Joseph Smith e Ellen White, todos fizeram a mesma coisa - tiveram uma nova revelação, escreveram livros inspirados, e começaram um novo grupo com uma nova religião.

Não há uma doutrina ou prática da igreja, a partir da observância do sábado ao lava-pés, sobre a qual ela não tem escrito. Tudo é estabelecido por ela. Nenhuma investigação adicional pode ser feita em qualquer uma dessas questões, somente podem reunir provas e interpretar tudo para sustentar seus escritos. Como, então, podem seus ministros ou pessoas serem livres para pensar e investigar por si mesmos? Eles não podem, não ousam, e não fazem. Quantas vezes eu já vi algum pensamento inteligente destruído com esta observação: “Isso contradiz a irmã White!”. Isto termina o assunto. Tudo o que ela escreve, seja em uma carta privada ou artigo de jornal, é inspirada. Assim: “Deus estava falando através da argila... nestas cartas que eu escrevo, nos Testemunhos que estou apresentando a vocês, o que o Senhor me tem apresentado, eu não escrevo um artigo no jornal expressando meramente minhas próprias ideias. Elas são o que Deus me expôs em visão - os preciosos raios de luz que brilham do trono.” *Testemunho n° 31*, página 63. Ali você pode ver claramente que: cada palavra que ela escreve é um raio de luz do trono de Deus. Rejeite isso, e você será rejeitado por Deus.

Assim, está patente que a Sra. White alega receber a mais alta inspiração, a voz de Deus falando diretamente através dela. Seus seguidores afirmam que ela deve ser uma verdadeira profetisa ou então uma hipócrita; mas ela não é nem um e nem outro. Poucos estão cientes do que uma influência poderosa, uma excitação religiosa fantasiosa tem sobre uma pessoa. Entusiastas e fanáticos são pessoas geralmente honestas. A Sra. White é simplesmente uma entusiasta religiosa, em si mesma enganada. Isto eu provarei com fatos concretos.

Eu estudei muito a Sra. White para determinar seu verdadeiro caráter, até que seu caso ficou claro em minha mente. Com inclinação religiosa, de idade jovem, ignorante, doente, ela se deixou levar pela excitação Millerita de 1840-44. Ela via suas convulsões como sendo o poder de Deus. Incentivada e apoiada por seu marido, esse pensamento cresceu e tornou-se uma realidade para ela. Um estudo cuidadoso de seus escritos mostra que a cada ano, ela tornava-se um pouco mais forte em suas alegações de inspiração, e agora, ela afirma que todas as suas afirmações, mesmo em uma carta, ou em um sermão, são inspirados. Ela afirma que os seus sonhos, as suas impressões da mente, são a voz de Deus para ela. Ela dedica 38 páginas de seu *Testemunho No. 33*, para reivindicar sua alta inspiração. Provavelmente ela tem alguma forma de corrigir seus erros, contradições e enganos para que eles se tornem satisfatórios para ela mesma. Então agora, qualquer coisa que ela aprende de novo, qualquer impressão em sua mente, qualquer pensamento que ficou claro para ela, é o Espírito falando com ela. Não tenho dúvidas de que ela acredita nisso. Ela é mais enganada do que os seus próprios seguidores, porque muitos deles duvidam em particular de sua inspiração, ao mesmo tempo em que a defendem publicamente.

Que ela não é inspirada é claramente demonstrado por muitos fatos. Ela nunca operou um único milagre. Os antigos profetas e os apóstolos fizeram milagres abertamente para provar que Deus lhes havia enviado. Em todos estes setenta anos, em todos os seus quarenta volumes, nem uma única previsão que ela fez cumpriu-se de fato. Isso é surpreendente, considerando que ela se apoia quase que totalmente em previsões. Embora ela tenha errado em muitas previsões, poderiam ter havido algumas delas, que pudessem ser interpretadas como uma profecia cumprida. Mas elas não podem ser encontradas. Isto mostra quão descabidas e completamente erradas têm sido as suas teorias.

Ela diz em *Dons Espirituais, Vol. II*, página 293: “Eu sou tão dependente do Espírito do Senhor para relatar ou escrever uma visão, como em ter uma visão.” Aqui, ela afirma que as próprias palavras, em que suas visões são registradas, são de inspiração divina. Mas eu sei que as palavras escritas nos seus “Testemunhos” não são inspiradas, por que:

1. Ao escrevê-las, muitas vezes, ela mudava o que ela tinha escrito, e as reescrevia de forma muito diferente. Eu a vi riscar uma página inteira ou uma linha ou uma frase, e escrever de novo de forma diferente. Se Deus deu-lhe as palavras, por que ela iria riscá-las e alterá-las?
2. Eu tenho visto, por várias vezes, ela se sentar com a caneta na mão e ler seu manuscrito para o marido durante horas, enquanto ele sugeria muitas mudanças, o que ela fazia. Ela riscava suas próprias palavras e colocava as frases dele, às vezes, sentenças inteiras. Foi ele inspirado também?
3. Como ela não entende de gramática, nos últimos anos, ela tem empregado um escritor para ler seus manuscritos e os corrigir, para melhorar a sua redação e dar um polimento tal que eles possam ser apresentados em estilo popular, e assim, seus livros possam vender mais. Milhares de palavras, que não são dela, são, assim, colocadas ali por outras pessoas, algumas das quais, não são sequer cristãs. São as palavras destas pessoas inspiradas também?
4. Ela, muitas vezes, copiava os seus assuntos sem crédito ou sinal de aspas, de outros autores. Na verdade, seu último livro, *O Grande Conflito*, que eles louvam tão altamente como sendo a sua maior obra, é em grande parte uma compilação da *História do Sábado* de Andrews, *História dos Valdenses* de Wylie, *A Vida de Miller* de Tiago White, *Pensamentos sobre o Apocalipse* de Smith, e outros livros.

E isto tudo, ela diz ter sido revelado a ela diretamente do céu. Não é algo que ela tem ouvido ou lido ou estudado por fora, mas é o que Deus revelou a ela pelo Espírito Santo. Estes fatos mostram que sua afirmação é totalmente falsa, e seu livro, um engano. O mesmo aconteceu com o *Livro dos Mórmons*, que Smith roubou de Spaulding.

A União dos Pastores de Healdsburg, Califórnia, investigou o assunto e publicou muitos exemplos entre centenas, mostrando que ela tinha copiado seus assuntos diretamente de outros autores, sem que nada mostrasse que eles haviam sido copiados. Eles analisaram várias obras e centenas de páginas, e encontraram a mesma coisa, através de seus livros. Isto prova que ela é culpada de roubar suas ideias e assuntos de outros autores, apresentando-os aos seus seguidores, como sendo uma revelação de Deus.

5. As passagens suprimidas. Várias passagens importantes, da primeira edição de suas visões, foram suprimidas em todas as edições posteriores, por elas contradizerem o que os adventistas acreditam agora. Durante trinta anos, eles têm se irritado por causa dessa acusação de supressão. Eles a negavam e faziam parecer algo de pouca importância, mas finalmente, a pressão foi tão forte que, em 1882, eles republicaram suas primeiras visões, alegando estar tudo lá, palavra por palavra. Eles diziam: “Nenhuma alteração foi feita em relação à obra original.” Prefácio de *Primeiros Escritos*, página 4. Eles também diziam que o trabalho foi impresso, “à vista de sua própria autora e com a sua total aprovação.” Página 4. Eles denunciavam, como uma calúnia perversa, dizer que qualquer coisa tenha sido suprimida.

Mas eu tenho diante de mim o trabalho original intitulado *Uma Palavra ao Pequeno Rebanho*, publicado por Tiago White em 1847. Tenho também *A Verdade Presente*, de agosto de 1849, contendo suas visões originais. Comparando a presente edição com o original, eu achei sete lugares diferentes onde foram cortadas de cinco a trinta linhas, em um lugar, sem nenhum sinal de omissão. As passagens suprimidas são muito prejudiciais para a sua inspiração. Vou dar breve exemplo como uma ilustração. Ele ensina o

que eles agora negam, a saber, que ninguém poderia se converter depois de 1844. As linhas suprimidas estão em parênteses e itálicos.

COMO FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE

“Vi que os misteriosos sinais e maravilhas e as falsas reformas aumentariam e se espalhariam. As reformas que me foram mostradas não eram reformas do erro para a verdade [*mas do mal para o pior, para aqueles que professavam uma mudança de coração, somente havia sobre eles um traje religioso, que cobria a iniquidade de um coração mau. Alguns pareciam ter sido realmente convertidos, de forma a enganar o povo de Deus, mas se seus corações pudessem ser vistos, eles apareceriam tão pretos como nunca visto*]. Meu anjo assistente ordenou-me a olhar para a angústia de alma dos pecadores como costumava ser. Eu olhei, mas não podia vê-la, pois o tempo para a sua salvação era passado.” *Verdade Presente*, página 22, publicada em agosto de 1849.

COMO FOI AGORA PUBLICADO

“Vi que os misteriosos sinais e maravilhas e as falsas reformas aumentariam e se espalhariam. As reformas que me foram mostradas não eram reformas do erro para a verdade. Meu anjo assistente me pediu para olhar para a angústia de alma dos pecadores como costumava ser. Eu olhei, mas não podia vê-la, pois o tempo para a sua salvação havia passado.” Page 37, edição de 1882.

Então, se eles professam ser honestos e ousam publicar a reedição com as passagens suprimidas, isso não prova que eles não são aquilo que dizem que são? Eles sabem muito bem o que eles são; a Sra. White também sabe o que eles na realidade são; no entanto, o livro é republicado “sob os seus próprios olhos” e todas essas passagens são deixadas de fora; e ainda eles afirmam que “nenhuma alteração foi feita em relação à obra original.” Eu tenho ambos os livros perante mim agora, e sei que essa expressão é falsa, e eles também o sabem; contudo, eles acham que é correto a sua publicação.

6. Em 1885, todos os seus “Testemunhos” foram republicados em quatro volumes, sob o olhar de seu próprio filho e um editor crítico. Abrindo aleatoriamente quatro páginas diferentes no Vol. I, eu as li e as comparei com a publicação original que eu tenho. Eu encontrei uma média de VINTE E QUATRO MUDANÇAS DE PALAVRAS EM CADA PÁGINA! Suas palavras foram retiradas e outras palavras colocadas e outras alterações feitas; em alguns casos, a mudança era tanta, que era difícil de ler os dois juntos. Se mantida a mesma média nos quatro volumes, haveria um total de 63.720 alterações.

Tomando, então, as palavras que foram inseridas pelo marido, por seu copista, por seu filho, por seus editores, e aquelas copiadas de outros autores, provavelmente, elas compreenderiam, de um décimo a um quarto, de todos os seus livros. Que grande inspiração é esta! O leitor comum não sabe nada sobre esses fatos, mas eu não pude deixar de conhecê-los, porque eu pude vê-los com meus próprios olhos.

Eu poderia encher um volume com a prova de seus erros, pois todos os seus livros estão cheios deles. Eu irei selecionar apenas alguns:

A PORTA FECHADA

Durante vários anos após 1844, Ellen White teve visões dizendo que o tempo da graça havia terminado naquele ano, que não havia mais salvação para os pecadores. Claro que ela tem que negar isso agora, mas a prova é esmagadora contra ela.

1. Os adventistas do sétimo dia são obrigados a admitir, que durante algum tempo, após 1844, para eles, o tempo da graça havia terminado. Mesmo a Sra. White admite isso. Ela diz: “Após a passagem do tempo de expectativa, em 1844, os adventistas ainda acreditavam, que a vinda do Salvador parecia estar muito perto, pois eles consideravam, que... a obra de Cristo como intercessor do homem diante de Deus havia cessado. Tendo dado o aviso do julgamento eminente, eles sentiram que sua obra para o mundo estava terminada, e sentiram se desvanecer na alma, o fardo para com a salvação dos pecadores... Tudo isso confirmava a eles, a crença de que o tempo da graça havia terminado, ou, como eles diziam, ‘a porta da misericórdia estava fechada.’” *O Grande Conflito*, página 268. Esta declaração de Ellen White, é

suficiente para confirmar o ponto, no qual os adventistas acreditavam, que “a porta da misericórdia havia sido fechada” em 1844. Note aqui, que a “porta fechada” significa o fim do tempo da graça, o encerramento da misericórdia para os pecadores.

O Sr. Miller, por algum tempo, em 1844, defendia a porta fechada. Ele diz: “Nós fizemos o nosso trabalho em advertir os pecadores e em tentar despertar uma igreja formal. Deus, em sua providência, FECHOU A PORTA. Nós só podemos instar, uns aos outros, a serem pacientes.” *Advent Herald*, 11 de dezembro de 1844. Então, na *Voz da Verdade*, 19 de fevereiro de 1845, ele diz: “Eu não vi uma conversão genuína desde então.”

O pastor G. I. Butler, na *Review and Herald*, 03 de março de 1885, diz: “À medida que o tempo passava, havia um sentimento geral entre todos os crentes sinceros, que a sua obra para o mundo havia se encerrado.” “Não pode haver dúvida de que, por meses, depois do tempo passado, era o sentimento geral de que a sua obra em advertir o mundo tinha se acabado.” “O fardo tinha ido embora, e eles achavam que seu trabalho havia sido feito.” Sim, isso é o que eles acreditavam: que o tempo da graça havia terminado.

2. Eu tenho conversado com várias pessoas que afirmam, positivamente, que ouviram a Sra. White ensinar isso repetidamente. Há muitos que ainda vivem e que juram que a ouviram ensinar isso.

3. Testemunho escrito. John Megquier, Saco, Maine, um homem conhecido por sua integridade, escreve: “Nós bem conhecemos a vida de Ellen G. White, aquela que tinha visões, enquanto vivia no estado de Maine. As primeiras visões que ela teve se deram em minha casa em Poland. Ela disse que Deus tinha dito a ela em visão, que a porta da misericórdia havia sido fechada, e não havia mais chance para o mundo.” *O Verdadeiro Sábado*, por Miles Grant, página 70. A Sra. L. S. Burdick, de São Francisco, Califórnia, estava bem familiarizada com a Sra. White. Ela escreve: “Conheci Tiago White e Ellen Harmon (agora Sra. White) no início de 1845. Na época do meu primeiro contato com eles, estavam em um fanatismo desregrado, costumavam sentar-se no chão em vez de cadeiras, e gatinhavam pela sala como crianças pequenas. Tais aberrações foram consideradas como sinais de humildade. Eles não eram casados, mas viajavam juntos. Ellen estava tendo o que foi chamado de visões; dizia que Deus havia lhe mostrado em visão, que Jesus Cristo levantou-se no décimo dia do sétimo mês de 1844 e fechou a porta da misericórdia; tinha deixado para sempre o trono mediador; o mundo inteiro estava agora condenado e perdido, e que nunca mais outro pecador poderia ser salvo.” *O Sábado Verdadeiro*, página 72. O. R. L. Crosier guardou o sábado com eles, em 1848. Ele escreve: “Ann Arbor, Michigan, 01 de dezembro de 1887. Sim, eu sei que Ellen G. Harmon, agora Sra. White, defendia a teoria da porta fechada nessa data.” E então, ele dá a prova. Essas pessoas conheciam os fatos e registraram o seu testemunho.

4. Na *Verdade Presente*. Tiago White, editor, Oswego, Nova York, de maio de 1850, tem um artigo sobre o “Santuário, 2300 dias, e a Porta Fechada.” O pastor White diz: “Naquela época do ano [1844], o clamor da meia-noite foi dado, a obra para o mundo foi terminada, e Jesus passou para o lugar Santíssimo... Quando chegamos naquele momento, toda a nossa simpatia, preocupações e orações para os pecadores cessaram, e o sentimento e testemunho unânimes, era que a nossa obra pelo mundo estava acabada para sempre... Ele [Jesus] ainda é misericordioso para com os seus santos, e sempre será; ele é ainda seu advogado e sacerdote; mas o pecador, a quem Jesus tinha esticado os braços durante o dia todo, e que havia rejeitado as ofertas de salvação, FOI DEIXADO SEM UM ADVOGADO, quando Jesus saiu do lugar Santo e fechou a porta em 1844.” Qualquer homem honesto pode ver que a porta significava a salvação para os pecadores, e, é isso que o pastor White ensinava em 1850. Em um relatório do trabalho na *Advent Review*, 15 de maio de 1850, o pastor White, ao referir-se a morte da irmã Hastings, diz: “Ela abraçou o sábado em 1846, e já acreditava que a obra de advertir o mundo havia sido encerrada em 1844.”

Mais uma vez: “Muitos vão apontar-nos para aquele que é dito ser convertido, por uma prova positiva de que a porta não está fechada, acomodando assim a palavra de Deus, aos sentimentos de um indivíduo.” *A Verdade Presente*, dezembro de 1849. Isso mostra que eles defendiam a ideia da porta fechada por anos, depois de 1844. Que doutrina fanática e abominável que cristãos ensinavam! Ellen White estava bem com eles, e em plena harmonia com eles a esse respeito, por todos aqueles anos. Ela tinha revelações quase diariamente. Se elas fossem de Deus, por que ela não os corrigiu neste erro? Mesmo se ela não tivesse dito nada confirmando essa fantasia, o simples fato de que ela não teve nenhuma revelação contra tudo aquilo, durante esses anos todos, é suficiente para destruir sua alegação de inspiração. Mas o fato é que ela ensinou esse erro tão fortemente em suas visões, como os irmãos em seus argumentos.

Aqui estão suas próprias palavras: “Vi que os misteriosos sinais e maravilhas e as falsas reformas aumentariam e se espalhariam. As reformas que me foram mostradas, não eram reformas do erro para a verdade [*mas do mal para o pior, para aqueles que professavam uma mudança de coração, somente havia sobre eles um traje religioso, que cobria a iniquidade de um coração mau. Alguns pareciam ter sido realmente convertidos, de forma a enganar o povo de Deus, mas se seus corações pudessem ser vistos eles apareceriam tão pretos como nunca visto antes*]. Meu anjo assistente ordenou-me a olhar para a angústia de alma dos pecadores como costumava ser. Eu olhei, mas não podia vê-la, pois o tempo para a sua salvação havia passado.” *Verdade Presente*, página 22, publicado em agosto de 1849.

Neste texto, nós podemos ver a porta fechada, e sem misericórdia, para os pecadores, tudo tão claro como a linguagem poderia fazê-lo. Cada leitor sincero pode ver o que ela ensina. É lamentável ver as mudanças e reviravoltas, evasivas, subterfúgios, tergiversações, se não algo pior, recorrendo a esse texto para tentar salvar as visões de Ellen White. Mas ele continua lá, zombando de todos os seus esforços. Aqui está outra passagem ensinando a mesma doutrina: “era tão impossível para eles continuarem no caminho de novo e ir para a cidade, como para o mundo ímpio que Deus havia rejeitado.” *Uma Palavra ao Pequeno Rebanho*, página 14, publicado em 1847. Neste momento, então, Deus havia rejeitado o mundo perverso; em outras palavras, porta fechada, você percebe?

Aqui está outra visão, na qual ela ensina a doutrina da porta fechada, na sua pior forma, que é: que depois de 1844 nenhum raio de luz vem de Jesus para os ímpios, mas eles estão todos voltados para o diabo, à quem eles agora oram, em vez de à Deus. Depois de Jesus ter deixado o lugar Santo, ela diz: “Eu não vi sequer um raio de luz, passar de Jesus para a multidão descuidada, e depois, ele levantou-se e eles foram deixados em completa escuridão... Satanás parecia estar junto ao trono tentando conduzir a obra de Deus. Eu os vi olhar para o trono e orar: ‘Pai, dá-nos o teu Espírito!’ Então, Satanás soprava sobre eles uma influência má.” *Primeiros Escritos*, páginas 46-47. Nem um raio de luz veio aos pecadores após 1844, mas todos foram deixados a mercê do diabo. Porque eles persistem em negar que ela tenha ensinado esta doutrina? Ela certamente o fez, e ela sabe disso. Este fato, e a ousada negação deles, fazem dela uma falsa mestra.

Eu mostrarei, brevemente, alguns outros erros que a Sra. White tem feito, o suficiente para mostrar que ela não é confiável:

1. Há mais de quarenta anos, ela tem estado constantemente esperando o fim do mundo, e ele ainda não chegou. Isso por si só, deveria abrir os olhos de todos, para o fato de que ela não tem conhecimento do futuro.
2. Escravos. Em 1849, ela previu o que aconteceria quando Jesus viesse, e disse: “Vi subir o escravo piedoso, em triunfo e vitória, e sacudir as correntes que o prendiam, enquanto seu mestre cruel estava em confusão.” *Primeiros Escritos*, página 28. Mas agora não há mais escravos. Ela, naquela época, nem sonhava com a abolição da escravatura.
3. Nações iradas. “As nações estão AGORA ficando iradas.” *Primeiros Escritos*, página 29. Isso foi há trinta e oito anos atrás. É preciso um longo tempo para que elas fiquem irritadas, hein!
4. Outro erro. “Alguns estão esperando para muito longe a vinda do Senhor.” Página 49. Isso foi há 38 anos. Com isso, nós vemos que, nenhum adventista esperava que o tempo durasse mais do que uns 10 anos.
5. Outro erro. “O tempo para Jesus ficar no lugar santíssimo estava quase acabado.” Página 49. Jesus entrou lá em 1844. Então, ele tinha estado lá por seis anos. Ela viu que o tempo para ele estar lá estava quase acabado, mas ele continuou por mais 60 anos desde então. Uma falsa previsão, como qualquer um pode ver.
6. Somente “poucos meses”, em 1849. “Agora o tempo está quase terminado, e o que temos aprendido em anos [seis], eles [os novos conversos] vão ter que aprender em poucos meses.” Página 57. Mas, em vez de alguns meses, eles tiveram sessenta anos.

7. Ela transgrediu o Sábado por onze anos. Embora ela tivesse tido, visão após visão, sobre o Sábado, ainda assim, durante onze anos, todos eles começavam a guardá-lo a partir das seis da tarde, em vez de ao pôr do sol, como a lei exige. Lev. 23:32. Quando eles encontraram o seu erro, ela o viu também em visão. Ela diz: “Eu obtive entendimento do porque, apesar de ter passado tanto tempo, nós devemos mudar.” *Testemunhos No.1*, página 13. Uma pobre líder!

8. Suas previsões sobre a guerra civil foram um fracasso. “Em 04 de janeiro de 1862, foi-me mostrado algumas coisas no que diz respeito a nossa nação.” *Testemunhos, Vol. I*, página 253. Todos vão se lembrar da grande ansiedade e incerteza daqueles dias. Como a guerra iria acabar? O seu povo estava ansioso, especialmente por não serem combatentes e serem passíveis de alistamento. Ali estava uma profetisa inspirada em seu meio, tendo revelações abundantes sobre o comprimento dos vestidos das mulheres, o que as pessoas deveriam comer e etc. Que alívio para todos teriam sido algumas poucas palavras vindo do céu falando sobre os resultados da guerra. A pressão em cima dela pedindo uma luz foi tão grande, que ela teve que dizer alguma coisa. Então, ela pegou sua caneta e rabiscou trinta e duas longas páginas sobre a guerra. Hoje, o que ela escreveu torna-se até cômico. Essa “revelação”, por si só, é suficiente para mostrar, que ela não sabe absolutamente nada sobre o futuro. Tudo o que ela escreveu, era meramente, uma reafirmação da visão que as pessoas tinham do assunto, naquele momento. Citarei algumas frases como amostras. “O sistema de escravidão, que arruinou a nossa nação, é deixado para suscitar e instigar outra rebelião.” A escravidão foi deixada para instigar outra rebelião? Agora sabemos que esta declaração foi totalmente falsa.

Mais uma vez: “Parecia impossível ser a guerra conduzida com sucesso”, página 256. Outra falha, pois ela foi realizada com sucesso. Todos podem ver que suas ideias eram aquelas, que em geral predominavam no momento. Eu tenho por muito tempo observado e estudado a Sra. White cuidadosamente, até que me tornei convencido, de que esta é a verdade a respeito de suas profecias - elas são totalmente moldadas pelo sentimento prevalecente ao seu redor, naquele momento. Aqui está outra: “Esta nação ainda será humilhada no pó”, na página 259. Foi? Não! Mais uma vez: “Quando a Inglaterra declarar guerra, todas as nações terão seu próprio interesse em aderir, e então haverá guerra geral”, na página 259. Alguma coisa deste tipo aconteceu? Não, mas é isso o que todos esperavam. Mais uma vez: “Se nossa nação tivesse permanecido unida, teria tido a força, mas dividida, ela DEVE CAIR”, na página 260. Como ela cairia? “Foi-me mostrado angústia e perplexidade e fome na terra”, na página 260. Simplesmente o que todos esperavam, então; mas onde estava a fome? “Parecia-me como que uma impossibilidade que a escravidão fosse abolida”, página 266. Claro que ela pensava assim, pois essa era a ideia que todos tinham naquela época. Mas essa era a maneira como Deus via? Essa era a pergunta. Ele estava realmente contando as coisas para ela?

Ela afirma que o que ela escreve não são simplesmente suas próprias ideias, mas a mente do próprio Deus. Assim: “Eu não escrevo um artigo no jornal, expressando meramente minhas próprias ideias. Elas são o que Deus me expôs em visão.” *Testemunho, n° 31*, página 63. Pensando assim, então, tudo era como as coisas pareciam para Deus naquele momento. Mais uma vez, ela escreveu: “O sangue foi derramado como água, e para nada.” *Testemunho para a Igreja, Vol. I*, página 367. Foi em vão, ó bravos soldados! Vocês libertaram os escravos! Vocês libertaram a nação! Eu poderia dar dezenas de tais citações, todas retiradas dos seus escritos, mostrando como suas previsões sempre falhavam.

A REFORMA DO VESTUÁRIO

Um dos piores erros que a Sra. White já cometeu, que apresentou claramente seu fanatismo, e que Deus não tinha nada a ver com seu ministério, foi o movimento de reforma que ela fez no vestuário das mulheres adventistas. Primeiro, ela escreveu: “Deus não iria querer que seu povo adotasse a chamada reforma de vestuário...” *Testemunhos, Vol. I*, página 421. “Se as mulheres usassem seus vestidos a uma ou duas polegadas do chão da rua, somente para não varrer a sua poeira, isto estaria em harmonia com a sua fé”, página 424. Quatro anos se passaram, e ela novamente escreve: “Deus quer agora que o seu povo adote o vestuário da reforma”, na página 525. “Nove polegadas (do solo) está bem próximo do que eu penso do assunto...” na página 521. Aqui estão duas revelações exatamente opostas quanto ao estilo de vestido e o comprimento: uma ou duas polegadas, e então, nove polegadas a partir do solo, é o comprimento. O que ocasionou essa mudança na mente do Senhor? A resposta é fácil: No período entre as duas revelações, a Sra. White tinha passado algum tempo na casa do Dr. Jackson em Dansville, Nova York. Ali, um vestido curto com calças foi usado, e ela gostou da ideia, e logo teve uma visão requerendo a sua adoção, como descrito acima. Isso é tudo! Mas o vestido era vergonhoso, humilhante e um fracasso

total. Pense em uma mulher modesta nas ruas com calças, e seu vestido abaixo dos joelhos. Por oito anos, a Sra. White forçou o uso deste estilo de vestuário com todo o seu poder, vestindo ela mesma para dar exemplo, até que a maioria das irmãs o adotasse. Mas criou uma terrível comoção. Os maridos o detestavam, os irmãos recusavam a andar com suas irmãs, os homens zombavam e meninos viaavam. Algumas das irmãs argumentavam, outras choravam, algumas se rebelaram, mas a maioria se submetia. Eu sei, pois a minha própria esposa o vestiu por oito anos - ela teve que se submeter a isso. Finalmente, a Sra. White simplesmente parou de usá-lo, e agora ninguém mais se veste assim. Agora, estão todos vivendo em violação direta de uma revelação clara de Deus. O senso comum sobressaiu-se ao fanatismo.

Se Deus falou por meio de Ellen White sobre alguma coisa, ele o fez sobre aquele estilo de vestuário, requerendo as mulheres a adotá-lo. Eu estava lá e sei como ela instou as irmãs a segui-lo, eu a ouvi muitas vezes. O conteúdo de seus testemunhos na época era carregado deste assunto. Ela dizia: “Eu tenho feito o meu dever, tenho dado meu testemunho, e aqueles que me ouviram e leram o que eu escrevi, agora devem arcar com a responsabilidade de receber ou rejeitar a luz dada. Se eles escolhem a aventurar-se a serem ouvintes esquecidos, e não participantes da obra, eles correm o seu próprio risco, e serão responsáveis diante de Deus!” *Testemunhos, Vol. I*, página 525. No entanto, eles todos correram o risco e deixaram de lado o vestido, a Sra. White e todo o resto. Como é que ela se saiu dessa? Por todos os tipos de artimanhas, por culpar a todos, com exceção dela mesma. Isso tem sido um grande obstáculo entre eles.

SUAS REVELAÇÕES SENDO INFLUENCIADAS POR OUTROS

Nada se origina com a Sra. White. Em suas visões, ela sempre vê apenas o que ela e seus amigos, no momento, acreditam e estão interessados. Seu marido e outros líderes primeiro aceitam ou estudam uma teoria e falam a ela, até que a mente dela esteja cheia do assunto. Então, quando ela está em seu transe, é exatamente sobre o que eles falaram, o que ela vê. Alguém que tem estado com eles durante todo a obra do Advento e conhece bem tudo isso, diz: “As visões não têm trazido nenhum ponto de fé defendido pelos adventistas do sétimo dia.”

A própria Sra. White confessa que é influenciada por outros ao escrever seus “Testemunhos”. Assim: nas páginas 138-139: “O que apareceu em *Testemunhos N° 11*, relativo ao Instituto de Saúde, não deveria ter sido dado, até que eu fosse capaz de escrever tudo o que eu tinha visto em relação a ele... cedi meu julgamento ao dos outros e escrevi o que apareceu em *Testemunho N° 11*... nisto eu errei.” *Testemunhos Vol. I*, página 563. Ela, aqui, revela algo contra ela mesma. Ela cometeu um erro tão grande, que ela foi obrigada a culpar outras pessoas por ter errado, e assim, teve que contar a verdade, de que ela era influenciada por outras pessoas em suas visões. Bela inspiração!

O pastor White estava bem ciente de como ela era influenciada por outras pessoas, e de como ela via as coisas e escrevia de acordo com a influência recebida. Por isso, ele era muito ciumento em ver homens da liderança falar, a sós com ela, sobre coisas que fossem opostas aos seus pontos de vista, pois ele temia que ela tivesse, então, uma revelação favorecendo-os e opondo-se a ele, como, aliás, ela já tinha feito no passado. Assim, ele escreveu: “A pressão tem sido terrivelmente difícil sobre a minha pobre esposa. Ela foi muito impressionada pelos pastores Butler e Haskell.” E novamente ele diz: “Eu acho que minha esposa tem sido mais rígida, do que o Senhor realmente requer que ela seja em alguns casos. Satanás tem levado grande vantagem... Os pastores Butler e Haskell tem tido uma influência sobre ela, que eu espero ver quebrada. Isto quase a arruinou. Estes homens não devem ser apoiados por nosso povo para fazer o que eles têm feito”. Tiago White, Battle Creek, 25 de maio de 1881. Isso mostra a confiança que seu próprio marido tinha em suas revelações.

A FILOSOFIA DAS VISÕES DE ELLEN WHITE

São muitas as provas de que as visões de Ellen White são apenas o resultado de uma doença nervosa, uma mistura de histeria, catalepsia e êxtase. Que ela realmente acreditava nas visões, não duvido. Conheci pessoalmente outras quatro mulheres, todas adventistas do sétimo dia, que também tiveram visões. Todas eram cristãs sinceras, e acreditavam plenamente em suas próprias visões. Mas todas eram doentes, mulheres com doenças nervosas, e histéricas. Não sendo incentivadas, mas recebendo oposição de seus ministros, elas finalmente desistiram de continuar buscando aquilo. Em todas as épocas, tais casos têm

sido numerosos, dos quais alguns, como o caso da Sra. Southcott, da Sra. Ann Lee e da Sra. White, tornaram-se bem conhecidos por um tempo.

Livros de medicina e enciclopédias, sob as palavras “histeria”, “catalepsia” e “êxtase”, dão uma descrição completa do caso de Ellen White, como indicado por ela e seu marido. Isso qualquer um pode ver em um dia de estudo. Meu espaço vai permitir-me mencionar apenas alguns pontos:

1. O sexo - feminino. “A grande preponderância de histeria no sexo feminino deu origem ao seu nome.” *Sistema de Medicina*, no artigo “Histeria” por Raynold. Assim diz todas as autoridades no assunto. Isso se encaixa em Ellen White - sexo feminino.

2. A idade. “A histeria é infinitamente mais comum entre as mulheres, começando geralmente de quinze a dezoito ou vinte anos de idade.” *Teoria e Prática da Medicina*, por Roberts, página 399. “No sexo feminino, a histeria normalmente começa perto da época da puberdade, ou seja, entre doze e dezoito anos de idade.” *Sistema de Medicina*, no artigo “Histeria” de Raynold. Aqui, novamente ela se encaixa exatamente no caso da Sra. White. Ela teve sua primeira visão na idade de dezessete anos. Veja *Testemunhos, Vol. I*, página 62. “Não obstante este modo de vida, sua saúde não se deteriorou.” *Enciclopédia de Johnson*, “Histeria”. Assim aconteceu com a Sra. White. Ela tem melhorado gradualmente em saúde, e suas visões foram também gradualmente cessando. No início, ela tinha visões quase diariamente, mas elas têm sido menos frequentes, à medida que ela foi ganhando mais idade e foi ficando mais saudável, até que depois dos quarenta e cinco anos de idade, ela passou a ter uma visão, em média, a cada cinco anos e mesmo assim, eram visões curtas e leves, até que agora ela já não as tem mais. Agora leia isto: “Histeria geralmente ataca as mulheres desde a idade da puberdade até o declínio das funções peculiares de seu sexo.” *Enciclopédia de Johnson*, artigo “Histeria”. De novo, exatamente como no caso de Ellen White.

3. A causa. Histeria, catalepsia, epilepsia e êxtase são todas doenças nervosas, que, por vezes, coexistem ou se alternam ou se misturam. Por isso é difícil distingui-las. As causas observadas são: “1. Perturbação mental, especialmente emocional, por exemplo, um susto repentino, tristeza ou ansiedade prolongada. 2. Influências físicas que afetam o cérebro, como um golpe ou cair de cabeça.” *Teoria e Prática da Medicina*, por Roberts, página 393. “Em dez dos meus casos, a doença se desenvolveu por causas epilépticas, sendo que em seis casos foi devido a ferimentos na cabeça.” *Doenças Mentais Fundamentais*, Putzel, página 66. Esta é a Sra. White, novamente. Com a idade de nove anos, ela recebeu um golpe terrível no rosto, que quebrou seu nariz e quase a matou. Ela ficou inconsciente por três semanas. Veja sua vida em *Testemunhos, Vol. I*, páginas 9-10. Este choque para seu sistema nervoso foi a verdadeira causa de todas as visões que ela teve posteriormente.

4. Sempre fraca e doente. “A maioria das pessoas histéricas vão mal de saúde.” *Teoria e Prática da Medicina*, por Roberts, página 404. “Desmaios, palpitações do coração aparecem muito frequentemente, e por vezes, são tão graves que as pessoas afetadas com isso parecem estar morrendo.” *Enciclopédia Americana*, artigo, “Histeria”. Agora leia a vida de Ellen White. Ela, vez após vez, sem conta, fala a cerca dos desmaios frequentes, dor no coração, e sobre estar tão doente que ela esperava morrer. E é notável, que a maioria de suas visões fosse, imediatamente, precedida por um desses desmaios. Isso mostra claramente, que elas são o resultado de sua fraqueza nervosa. Ela diz: “Meus sentimentos eram extraordinariamente sensíveis”. *Testemunhos Vol. I*, página 12. Agora leia isto: “Mulher... cujo sistema nervoso é extremamente sensível, são as mais sujeitas a afecções histéricas,” *Enciclopédia Americana*, artigo, “Histeria”. Um encaixe perfeito!

AS CONDIÇÕES FÍSICAS DA SRA. WHITE DESCRITAS POR ELA MESMA NO TESTEMUNHO VOL. I:

Quando ela tinha nove anos de idade, uma menina atingiu o seu nariz com uma pedra, quebrando o seu nariz e quase a matando. Página 9. “Eu fiquei em um estado de estupor por três semanas.” Página 10. “Eu estava quase reduzida a um esqueleto.” Página 11. “Minha saúde parecia estar irremediavelmente debilitada.” Página 12. “O meu sistema nervoso estava enfraquecido.” Página 13. Aqui está a origem da sua histeria, que ocorreu alguns anos depois. Nessa condição, ela “ouviu o anúncio surpreendente de que Cristo estava vindo em 1843.” Página 14. “Estas palavras não paravam de soar em meus ouvidos: ‘o grande dia do Senhor está próximo!’” Página 15. “Eu frequentava as reuniões e acreditava que Jesus estava prestes a vir.” Página 22. De sua impressão do inferno, ela diz: “Minha imaginação ficava tão

excitada, que eu começava a transpirar.” Página 24. “Eu temia que eu fosse perder a minha razão.” Página 25. Uma vez, ela teve problemas de insanidade por duas semanas, como ela mesma escreveu em *Dons Espirituais, Vol. II*, página 51. Ela continua: “Minha saúde era muito pobre.” *Testemunhos, Vol. I*, página 55. Pensava-se que ela poderia viver somente por mais alguns dias. Foi então, que ela teve sua primeira visão. Realmente, tudo se encaixa. Página 58. “Eu tinha apenas dezessete anos de idade, pequena e frágil.” Página 62. “Minha força foi tirada”, e anjos falam com ela. Página 64. “Meus amigos achavam que eu não poderia sobreviver... tomada imediatamente em visão.” Página 67. Observe que suas visões aconteciam quando ela estava muito doente. Isso diz tudo! Elas eram o resultado de sua fraqueza física. Se fosse o poder do Espírito Santo, por que Deus não enviava as visões quando ela estivesse bem? Por que não?

“Muitas vezes eu desmaiei e fiquei como morta.” No dia seguinte, ela estava bem e “andava trinta e oito milhas.” Página 80. Esta é uma característica das mulheres histéricas, como sabem todos aqueles que as tem presenciado. Elas estão morrendo num momento, e em seguida, ficam bem. Ellen White passou por isso inúmeras vezes. Ela estava morrendo, todos começavam a orar por ela, ela era então curada por Deus, e ficava tudo bem em poucos minutos, e em poucos dias, ela passava por tudo aquilo novamente. Mas se Deus a curava, por que ela não ficava curada? Isso costumava me incomodar. Quando Jesus curava uma pessoa, tinha ela que voltar para ser curada novamente, vez após vez? Ela continua: “Eu desmaiei sob o fardo. Alguns temiam que eu estivesse morrendo... eu logo me senti desconectada das coisas terrenas.”- Então, ela tem uma visão. Página 86. Mais uma vez: “Eu desmaiei. Uma oração foi oferecida para mim, e eu fui abençoada e tomada em visão.” Página 88. Ali está a mesma velha história. É simplesmente a sua imaginação histérica, nada mais. Página 89. “Eu desmaiei... tomada em visão.” E assim ela vai, por todo o seu livro. Diz a *Enciclopédia Americana*, artigo, “Histeria”: “desmaios, palpitações do coração aparecem muito frequentemente, e por vezes são tão graves, que as pessoas que sofrem com isso parecem estar morrendo.” Exatamente como aconteceu com Ellen White.

Página após página, a mesma história se repete. No relato da sua última visão, 03 de janeiro de 1875, ela estava muito doente até que acabou tendo uma visão. *Testemunhos, Vol. III*, página 570. Terrivelmente doente, quase morta, e então, uma visão - esta é a história, vezes sem conta, a partir de sua própria pena. Que conta a história? Que as suas visões eram o resultado de sua fraqueza física.

5. As visões em público. “Como regra geral um ataque de histeria ocorre quando outras pessoas estão presentes, e nunca acontece durante o sono.” *Teoria e Prática da Medicina*, por Roberts, página 401. A maioria de suas visões ocorreu em público, e geralmente, enquanto ela estava muito doente, ou quando estava orando ou falando veementemente. Este foi o caso de sua primeira visão. *Dons Espirituais, Vol. I*, página 30. Então, mais uma vez, nas páginas 37, 48, 51, 62, 83, e muito mais, ela tem suas visões na presença de muitos. Eu nunca soube de ela ter tido uma visão sozinha.

6. A inclinação para exagerar e enganar. Todos os livros médicos afirmam que pessoas histéricas são dadas ao exagero e engano. A inclinação é irresistível. Nada pode livrá-las disso. No livro, *Obstetrícia de Gurnsey*, artigo Histeria, diz: “Tais pessoas entretém os seus ouvintes com contos maravilhosos de grandeza e explorações nas suas vidas passadas... Estes relatos são proferidos com um ar de sinceridade bem calculado, para enganar o ouvinte honesto, e essa tal liberdade desenfreada da imaginação e total esquecimento em relação à verdade, que é vulgarmente atribuída a total falta de princípio e a mais desordenada vaidade, são, na realidade, devido a essa condição mórbida do organismo feminino, que é designado pelo termo ‘histeria’.”

A Sra. White está sempre dizendo quão grandes coisas ela tem feito. O engano que ela tantas vezes pratica, e que eu testemunhei nela, é aqui contabilizado em princípios que não acusam o caráter moral, e eu estou contente em aceitar essa explicação.

7. Não respirar. “Interrupção da respiração é geralmente completa.” “A pessoa parece que, geralmente, prende a respiração.” *Teoria e Prática da Medicina* de Robert, página 393-394. O pastor White, descrevendo sua condição quando em visão, diz: “Ela não respira.” *Incidentes da Vida*, página 272. Eles sempre se referem a este fato com grande confiança, como sendo prova do sobrenatural em suas visões, mas isto será visto ser comum nestas doenças.

8. Importância do eu. “Há uma crença predominante na importância do eu, e o paciente pensa que ela é diferente de qualquer outro ser humano.” *Sistema de Medicina*, artigo “Histeria”, de Raynold. Assim era

Ellen White. Ouça-a elogiando a si mesma: “É Deus, e não um mortal errante, que tem falado.” “Deus colocou sobre o meu marido e eu, um trabalho especial.” “Deus nos designou para um trabalho mais árduo, do que ele tem feito com outros”. *Testemunhos, Vol.III*, páginas 257, 258, 160. Eu a conheço por quase trinta anos, e eu nunca soube que ela tenha feito uma confissão de um único pecado ou um mal, em todo esse tempo. Não ela! Os adventistas do sétimo dia ridicularizam a alegação do papa à infalibilidade, mas eles mesmos estão se curvando à autoridade de uma mulher, que faz reivindicações mais elevadas à infalibilidade, do que um papa ou um profeta já tenha feito. O espaço não me permite preencher todos os detalhes de sua experiência, com citações de obras médicas, em comparação com suas próprias declarações, mas somente esses dados acima, já são suficientes para mostrar a natureza de suas visões. Elas são o resultado de uma doença nervosa, precisamente, o mesmo que tem sido visto, em milhares de outras mulheres doentias.

9. Testemunho de três médicos. Dr. Fairfield foi criado como um adventista do sétimo dia. Ele foi, durante anos, um médico na Clínica de Battle Creek. Ele teve a oportunidade de observar a Sra. White. Ele me escreve assim: “Battle Creek, Michigan, 28 de dezembro de 1887. Prezado Senhor: Você está, sem dúvida, certo em atribuir as chamadas visões da Sra. G. White à doença. Eu tive a oportunidade de observar o caso dela por muito tempo, cobrindo completamente um período de anos, os quais, com pleno conhecimento de sua história desde o início, não tem deixado em mim nenhuma dúvida, de que seus ‘divinos’ ataques são apenas transes histéricos. A idade tem quase curado ela.” W. J. Fairfield, M.D.

Dr. William Russell, por muito tempo um adventista do sétimo dia, e um chefe médico na mesma clínica, escreveu em 12 de julho de 1869, que tinha concluído, algum tempo atrás, “que as visões de Ellen White eram o resultado de uma organização doentia ou condição do cérebro ou do sistema nervoso.” “Ao dar, numa conferência em Pilot Grove, Iowa, 1865, um relato de sua visita ao instituto de saúde do Dr. Jackson, a Sra. White afirmou que o médico, após um exame médico, a pronunciou como propensa a histeria.” *As Reivindicações da Sra. White Examinadas*, página 76.

Aqui estão os testemunhos de três médicos, que pessoalmente examinaram a Sra. White. Ela se juntou aos Milleritas em sua grande comoção de 1843-1844. Em suas reuniões, muitas vezes, ela desmaiou de emoção. No entusiasmo e fanatismo daquele tempo, muitos tiveram vários “dons”, visões, transes, etc. Ela foi profundamente influenciada por aquele espírito. A tristeza e a decepção pela passagem do tempo marcado foram demais para a sua condição frágil. Diz o Dr. Roberts: “A causa do primeiro ataque histérico é geralmente algum poderoso distúrbio emocional repentino.” “Às vezes, o ataque é precedido por decepção, medo, violência, excitação ou mesmo emoções religiosas.” *Biblioteca do Conhecimento Universal*, artigo “Catalepsia”. O caso dela se enquadra, perfeitamente, na grande comoção e decepção de 1844.

SUAS VISÕES DO CÉU, ANJOS, ETC

O livro *A Prática da Medicina, Vol. II*, do Dr. George B. Wood, página 721, fala sobre transtornos mentais, e explicando a causa e fenômenos de transes, diz: “O êxtase é uma afecção, na qual, com uma perda de consciência das circunstâncias existentes e insensibilidade à impressão exterior, há uma aparente exaltação das funções intelectuais ou emocionais, como se o indivíduo fosse promovido a uma natureza diferente, ou a uma esfera diferente de existência. O paciente parece envolvido em algum pensamento ou sentimento cativante, com uma expressão em seu semblante advinda de uma contemplação do sublime ou prazer indescritível... Ao recuperar-se do transe, o paciente geralmente se lembra, mais ou menos, de seus pensamentos e sentimentos, e às vezes fala de visões maravilhosas que ele tem visto, de visitas às regiões do ‘Bendito’, de harmonia arrebatadora e de esplendor, de gozo inefável dos sentidos ou afetos”.

Uma pessoa, perfeitamente familiarizada com Ellen White, não poderia ter descrito as suas visões com mais precisão. Outra grande autoridade médica, ao descrever o êxtase e catalepsia, diz: “Muitas vezes acontece que as duas doenças se alternam ou coexistem. Em êxtase, os membros estão imóveis, mas não rígidos. Os olhos estão abertos, as pupilas fixas, os lábios lívidos se separaram em sorrisos, e os braços estendidos para abraçar a visão tão querida. O corpo está ereto e levantado a sua altura máxima, ou então é estendido ao total comprido na postura reclinada. Um sorriso radiante peculiar ilumina o rosto, e todo o aspecto e atitude é de intensa exaltação mental. Às vezes, o paciente fica em silêncio, e a mente permanece aparentemente absorvida em meditação, ou na contemplação de alguma visão beatífica. Às vezes, há um falar místico ou profecia, ou cantar, ou os lábios se movem sem emitir qualquer som... Geralmente há insensibilidade completa para com as impressões externas. Êxtase é frequentemente

associado à monomania religiosa. Antigamente, era muito comum entre os presos de conventos, e agora é, não raro, ver isso em reuniões campais e outras reuniões de semelhante natureza. Muitas pessoas, fiéis devotas, demonstram sofrer de êxtase.” G. Durant, MD, Ph.D., membro da Associação Médica Americana, membro da Academia de Medicina de New York, etc., etc., ganhador de diversas medalhas, etc.

Este é o caso de Ellen White, de forma muito clara. Centenas de outros casos semelhantes têm ocorrido em todas as épocas, e estão constantemente ocorrendo agora. A parte triste, é que, muitas almas honestas são iludidas, ao receber tudo isso, como se fosse uma revelação divina.

Em vários sentidos:

1. Suas visões são um erro e um engano.
2. Ela engana a si mesma e aos outros.
3. Ela ensina falsas doutrinas.
4. Ela tem um espírito áspero e sem amor, e transmite isso a todos os seus seguidores.
5. Ela constrói uma seita exclusiva, e, então, destrói, para sempre, toda a influência dos membros para o bem.
6. Seus ensinamentos tornam seu povo tacanho, intolerante, e sombrio. Assim, ela destrói a paz de milhares de almas.
7. Isto a leva a defender o enganar. Tendo medo que eles possam ser prejudicados em novos campos, se porventura descobrirem sob qual luz eles realmente defendem suas visões, os seus membros escondem a verdade sobre ela, o máximo que eles podem, e, quando ela é revelada, eles negam que isso seja uma questão de importância para eles. Isto é falso e enganoso, pois eles têm fé em suas visões de ser tão importante quanto o guardar o sábado, e encaram suas visões como sendo tão sagradas quanto a Bíblia.
8. Para defender seus erros, tanto ela quanto seus apologistas negam os fatos mais claros e recorrem a argumentos muito questionáveis.
9. Para defender seus erros, eles os comparam com supostos erros na Bíblia, e, assim, destroem a fé no Livro Sagrado.
10. Ela governa todo o seu povo com uma vara de ferro, e impõe sobre eles o que fazer em tudo, até mesmo nos pequenos e mais privados assuntos da vida familiar. Ela se gaba de que seu trabalho “é para descer até as minúcias da vida”. *Testemunhos, Vol. II*, página 608. Com esta ideia, ela se mete em tudo que é público e privado, e em todos os assuntos da família, até que se torna, para um homem de espírito, um peso intolerável. Ela se mete entre marido e mulher, entre pais e filhos, destrói votos matrimoniais que não se adaptam a ela, impõe a todos os seus seguidores o que eles devem comer, como e quando; o corte e a cor do vestido; seus negócios, a administração de seus recursos, etc., etc. Como prova, peça para qualquer pessoa ler um dos seus “Testemunhos”. Eles estão cheios disso.
11. Sua severidade e aspereza levaram muitos ao desespero, outros a desanimar, e outros a saírem da igreja. Posso citar muitos indivíduos e famílias, cuja felicidade ela destruiu. Ela quebrou o coração e amargurou a vida da minha primeira esposa, por suas palavras cruéis a ela. Qualquer um que se atrever a confrontá-la, deverá se retratar, ou será esmagado, ou expulso. O esforço dela para inculcar suas visões como inspiradas, na fé e consciência de toda a denominação, produziu disputa contínua, divisão, e muito sentimento amargo entre eles, durante os últimos sessenta anos. Famílias, igrejas e conferências foram divididas por causa de suas visões, enquanto centenas, e até milhares de pessoas foram expulsas, porque eles não aceitavam as visões dela como sendo inspiradas.

12. As visões dela produzem dúvidas e infidelidade. Quando aqueles que foram levados a acreditar firmemente nelas, finalmente descobrem que eles foram enganados, eles ficam em perigo de perder a fé em tudo, e assim tornam-se infiéis, ou pelo menos céticos. Um grande número tem ido à ruína dessa forma, pessoas que eu conheço pessoalmente. Alguns foram para os espíritas, alguns para os pensadores livres, uns para os shakers, outros para os mórmons, e alguns para o mundo. Eles têm quase levado a Sra. White a se tornar uma infiel. Aqui estão suas próprias palavras: “À noite, eu tenho despertado o meu marido, dizendo: ‘Eu receio que eu vá me tornar uma infiel.’” *Testemunhos, Vol. I*, página 597. Como isso soa diferente dos apóstolos!

A SRA. WHITE SE ENRIQUECE

Não há um exemplo na Bíblia, onde um profeta tenha tirado vantagem de sua inspiração para enriquecer-se. Geralmente, eles trabalhavam muito, tinham pouco, e morriam pobres. Ellen White começou muito pobre. Ela diz: “Nós começamos na obra sem um tostão.” *Testemunhos, Vol. I*, página 75. Mas assim que eles se tornaram líderes, eles conseguiram se abastecer bem. Desde que eu os conheci, há trinta anos, eles tem tido em abundância, e tem usado recursos para si, desregradamente. Eles sempre tinham do melhor, e muito. Para qualquer lugar que viajassem, eles requeriam serem servidos da maneira mais luxuosa. Ellen White se vestia ricamente, muitas vezes, mulheres eram contratadas para servi-la, e as horas trabalhadas e despesas eram pagas pela conferência.

Quando o pastor White morreu, ele deixou uma grande fortuna. Ele era um homem com tino para negócios, e se aproveitou de sua posição, para beneficiar a si mesmo e sua família; ela o ajudou através de suas revelações. Como foi diferente do Sr. Moody! A Sra. White tem oitenta anos de idade, seu patrimônio vale milhares de dólares, tem um grande rendimento e não tem um único dependente. Ela diz que o tempo está prestes a terminar, exorta todos a reduzir suas posses, mas recolhe grande soma de dinheiro pelos direitos autorais, referentes à grande quantidade de livros publicados, e parece tão ansiosa pelo dinheiro como os outros autores seculares. Como pode ser isso?

O ano passado eu estive com eles. Ela recebeu US \$18 por semana. Foram contratadas duas mulheres para servi-la, e todas as despesas de viagem pagas. No mesmo ano, eles venderam 20.000 exemplares do *Grande Conflito*, sobre os quais, ela recebeu royalties no valor de US \$ 2.500 e mais a renda de todos os seus outros trabalhos. Sua inspiração a beneficiou financeiramente; e muito bem!

Aqui estão alguns exemplos, de como ela usou suas revelações para ganhar dinheiro: Em 1868, o pastor White tinha em mãos, o equivalente a vários milhares de dólares em velhos livros, que eram propriedades mortas, isto é, eles não estavam mais vendendo e estavam ficando desatualizados. Então, ele pensou num plano para levantar um “fundo do livro”, para a distribuição gratuita de livros e folhetos. Aí, ele usou este fundo para comprar os seus velhos livros. Quando o dinheiro estava demorando a chegar, ela teve uma revelação sobre isso, assim: “Por que os nossos irmãos não enviam os seus pactos sobre o fundo do livro e dos panfletos mais liberalmente? E por que os nossos ministros não levam essa obra a sério?... Nós não devemos nos acomodar sobre este assunto. O nosso povo se apresentará para o trabalho. Os meios virão, e nós diremos para aqueles que são pobres e querem livros: ‘Enviem seus pedidos’!... Nós enviaremos a você, um pacote de livros contendo quatro volumes de *Dons Espirituais, Como Viver, Mensagens aos Jovens, Mensagens às Mães, Leituras de Sábado* e os dois grandes gráficos, com a chave de explicação,... e cobraremos por isso, quatro dólares.” *Testemunhos, Vol. I*, página 689. Cada um desses livros pertencia a eles. O dinheiro veio, e eles o embolsaram. Eu estava lá, por isso eu sei.

A Sra. White possui agora quarenta livros inspirados. Para vendê-los, todo esforço possível é feito, através de todos os meios possíveis. Ela está constantemente pedindo através de sua autoridade inspirada. Ouça: “Os volumes do *Espírito de Profecia* e também dos *Testemunhos* devem ser introduzidos em cada família que guarda o sábado... Deixe-os ficarem gastos por serem lidos por todos os vizinhos... insista com eles para comprar cópias... Tão preciosa luz, que vem do trono de Deus, está escondida debaixo do alqueire. Deus considerará o seu povo responsável por esta negligência.” *Testemunhos, Vol. IV*, páginas 390, 391. Assim, é claro, seus livros eram empurrados e vendidos, enquanto ela ganhava o seu dinheiro. Vale a pena ser inspirado!

POR QUE UMA VEZ EU ACREDITEI QUE A SRA. WHITE FOSSE INSPIRADA

1. Uma vez, eu aceitei a alegação de Ellen White ser inspirada, pelo mesmo motivo que a maioria de seus seguidores tem. Primeiramente, eu aceitei o sábado e, então, os outros pontos da fé, até vir a acreditar em tudo.
2. Estando no meio deles, vi que todos afirmavam, com argumentações fortes, que Ellen White era inspirada por Deus. Eu supunha que eles sabiam o que estavam falando, então, acreditei na palavra deles. É isto o que todos os outros fazem quando eles entram na igreja, mesmo eles negando que isso seja verdade.
3. Logo descobri que suas revelações estavam tão conectadas com toda a história e crença daquela igreja, que eu não poderia consistentemente separá-las, da mesma forma que uma pessoa não poderia ser um mórmon, sem acreditar em Joseph Smith. Eu acreditava nas outras doutrinas tão firmemente, que “engoli” as visões com o resto, e isto, é o que todos fazem.
4. Quando comecei a ter suspeitas sobre as visões, eu senti uma pressão tão forte que eu tive medo de expressá-las, ou mesmo admiti-las para mim mesmo. Todos diziam que essas dúvidas eram do Diabo e que elas conduziram alguém a uma rejeição da verdade, e, em seguida, para a ruína. Então, não me atrevi a entretê-las, nem investigar o assunto; e isto é o que acontece com os outros.
5. Vi que todos os que expressavam dúvidas sobre as visões foram imediatamente marcados como “rebeldes”, “em escuridão”, “conduzidos por Satanás”, “infiéis”, etc.
6. Não tendo fé em qualquer outra doutrina ou pessoas, eu não sabia o que fazer nem para onde ir. Então, eu tentei acreditar nas visões e seguir em frente; da mesma forma que milhares deles o faziam, quando na verdade, eles acalentavam dúvidas a respeito delas, o tempo todo.

No seu último testemunho, recentemente publicado, ela revela o fato de que existe um esforço generalizado no meio do seu povo, para modificar suas altas reivindicações. Ela protesta veementemente, e os avisa a não se meter nisso. Mais cedo ou mais tarde, haverá uma revolta contra suas reivindicações.

O seguinte texto, tirado da *Enciclopédia da Câmara*, do artigo “Southcott”, também é aplicável a Sra. White e seus seguidores: “A história de Joanna Southcott, em si mesma, não tem muito de maravilhosa, mas a influência que ela exerce sobre os outros, pode muito bem ser considerada como tal; e, a paixão de seus seguidores também é difícil de ser entendida, sobretudo quando se considera que alguns deles eram homens de alguma inteligência e cultura. Provavelmente, o segredo de sua influência reside no fato de que, a pobre criatura acreditava seriamente em seus próprios delírios. Assim, poucas pessoas no mundo agem assim, e as pessoas são sempre passíveis de serem escravizadas por outras, que têm convicções desta natureza, mesmo sendo tão grotescas. Em seu leito de morte Joanna disse: ‘Se eu fui enganada, foi por algum espírito, bom ou mau.’ Pobre Joanna, nunca suspeitou que o espírito que desempenhou tais caprichos, foi o seu próprio”.

O mesmo se aplica a Sra. White. É incrível que, com todas as provas que existem de suas falhas, homens inteligentes ainda são guiados por ela. Mas o caso de Joanna Southcott, de Ann Lee, e outros, ajudam-nos a entender o de Ellen White. Todos eles têm sinceramente acreditado em sua própria inspiração, e isso, por si só, convenceu outros.

A ADIÇÃO ADVENTISTA À BIBLIA

“A Bíblia, e a Bíblia só, como regra de fé e prática”, é a palavra de ordem protestante, para a qual santos lutaram e morreram mártires.

A Igreja Católica tem a Bíblia e algo mais: um papa infalível para interpretá-la.

A igreja Swedenborg tem a Bíblia e algo mais: a revelação de Swedenborg para interpretá-la.

Os shakers têm a Bíblia e algo mais: a revelação da “Mãe” Ann Lee para interpretá-la.

Os mórmons têm a Bíblia e algo mais: as revelações de Joseph Smith para interpretá-la.

Os cientistas cristãos têm a Bíblia e algo mais: a “Ciência e Saúde” de Baker Eddy para dizer o seu significado.

Os adventistas do sétimo dia têm a Bíblia e algo mais: as revelações de Ellen White para interpretá-la.

Cada uma das igrejas acima tem feito exatamente a mesma coisa, ou seja, tem colocado junto com a boa e velha Bíblia, outro intérprete para dizer o que ela realmente significa. O que quer que seja que estes novos intérpretes dizem sobre o seu significado, todos os seus membros devem aceitar tudo como sendo a verdade, sem fazer perguntas. Um católico se atreve a argumentar contra uma interpretação do papa? Ou um mórmon contra os escritos de Smith? Ou um adventista contra uma interpretação de Ellen White? Certamente que não!

CAPÍTULO IX

A NATUREZA DO MANDAMENTO DO SÁBADO

Que o sábado do Decálogo era em sua natureza, moral e cerimonial, tem sido a doutrina da igreja cristã, ensinada por seus melhores teólogos, em todas as épocas. Veja alguns exemplos, de dezenas que poderiam ser dados. O livro *Institutos Teológicos de Watson*, que é a grande norma metodista, diz: “Por ser o mandamento, em parte, cerimonial, e, em parte, moral, ele pode, em certas circunstâncias, ser capaz de ser alterado, em perfeita obediência aos princípios morais em que repousa.”, *Vol. II*, página 511. O *Comentário de Scott* sobre Ex. 20:8-10, diz: “A separação de uma parte do nosso tempo ao serviço de Deus é, sem dúvida, uma obrigação moral... Mas a proporção exata, assim como o dia em particular, pode ser considerada como uma instituição cerimonial.”

A base moral do sábado é prontamente manifesta. É razoável que o homem deva dedicar uma parte do seu tempo ao serviço especial e adoração a Deus; e nós naturalmente esperamos que o Senhor, de alguma forma, designe o momento, assim como ele o fez no preceito do sábado.

A experiência prova que a natureza física do homem requer um dia de descanso, numa frequência de um em cada sete dias. Muitas experiências foram realizadas e cuidadosas observações feitas, todas mostrando que ambos, os homens e animais, realizam mais trabalho, em um determinado tempo, com mais qualidade, mantendo uma melhor saúde, descansando cada sétimo dia, ao invés de trabalhar continuamente. Este é o testemunho de homens de negócios e de médicos eminentes. Assim, o descanso sabático teve a sua origem na própria natureza. A mente também exige um dia de descanso, tão regularmente quanto o corpo. Pensamentos e aplicações mentais constantes são prejudiciais para a mente. Isto foi provado no caso de estudantes, advogados, homens de negócios, etc. O dia de descanso semanal é de extrema importância para o bem supremo do homem, social e religiosamente. Todos os outros meios combinados, dificilmente, podem se igualar à observância do dia do Senhor, para este propósito.

Assim, para que a igreja tenha influência e poder para o bem, domínio sobre seus próprios membros e sobre a comunidade e oportunidade de ensinar e pregar o evangelho, o dia de descanso semanal regular é onde reside o seu ponto forte, como todos bem sabem. Por isso, se alguma vez uma lei de Deus teve uma base moral, este mandamento foi o sábado. “O sábado foi feito para o homem”, porque ele precisava dele física, mental, social, moral e religiosamente. Sr. Gladstone diz: “O domingo é uma necessidade, para manter a mente do homem e de sua estrutura, em condições de desempenhar as suas funções do dia a dia.”

Toda a experiência mostra, que uma comunidade sem um sábado para guardar, é uma comunidade ímpia, imoral, e, em geral, perdulária. Por isso, quem quebra as restrições de um descanso semanal em uma comunidade é um inimigo da sociedade e da religião. Assim, dizemos que a lei do sábado fundamentava-se em uma base moral, provendo um descanso semanal para a nação de Israel.

O LADO CERIMONIAL DO SÁBADO

Mas quando nós consideramos um dia definido, como deve ser o sábado, a natureza não indica isso. Todos os benefícios acima mencionados seriam assegurados observando um dia qualquer da semana. Não haveria uma partícula de diferença seja qual fosse o dia selecionado. Suponhamos que todas as igrejas mudassem o seu dia de guarda, e guardassem o sábado, em vez do domingo. Que diferença prática isso faria? Nenhuma! Descanso físico, descanso mental, privilégios sociais e religiosos, um dia calmo - tudo o que pode ser assegurado por um dia, pode por outro. Mas para garantir o bem maior do dia, todos deveriam descansar no mesmo dia. Onde isso não fosse feito, confusão e males se seguiriam. Ex. 20:8-11.

Deus não indica qualquer diferença na natureza dos dias. Toda a natureza segue seu curso fazendo as mesmas coisas, todos os dias. Nós não vemos nada em um dia da semana, que difere do outro. Nenhum

dia é santo em si mesmo por sua própria natureza. O Dr. Edwards diz: “Nenhum período idêntico de duração é, em si mesmo, intrinsecamente santo.” *Manual do Sábado*, página 92. Deus teve que fazer o dia santo por uma nomeação especial. A mesma nomeação, em algum outro dia, teria o tornado santo.

A natureza indica, claramente, apenas a proporção de tempo a ser utilizado. Assim, o exemplo de Deus trabalhando por seis dias e descansando no sétimo dia, foi, sem dúvida, dado como um modelo a seguir. Para isso, o Senhor decidiu dar a lei do sábado. Ex. 20. E este modelo divino, todos os cristãos agora seguem descansando no dia do Senhor depois de seis dias de trabalho.

Outro fato, que os sabatistas não atentam, é que aquele ato de Deus descansar, não confere qualquer santidade ao dia. Gn. 2:3, diz: “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, porque ELE TINHA DESCANSADO NELE.” Ex. 20:11 diz: Ele...”Descansou no sétimo dia, por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.” Em primeiro lugar, Deus descansou no dia, mas não o tornou santo. Depois disso, ele abençoou-o, mas ainda não era tempo santo. Em terceiro lugar, ele o santificou e o tornou santo durante o período em que ele descansava nele. Assim, o dia não era santo em si mesmo, nem o descanso de Deus sobre ele, o tornou santo para sempre.

O Senhor fez outros dias santos, dias em que ele nunca descansou. O dia da expiação era tão santo quanto o sábado semanal. Assim: “Ele será uma santa convocação para vós... E toda a alma, que fizer algum trabalho nesse dia, a mesma alma, eu a destruirei do meio do seu povo. Assim, não se deve fazer nenhuma obra... Ele será para vós um sábado de descanso.” Lev. 23:27-32. Assim, havia sete desses dias sagrados por ano. O pastor Smith, adventista, diz: “A palavra ‘sábado’ significa descanso. É a única ideia que ela transmite, por todos os ângulos que ela possa ser vista, significa cessação do trabalho, descanso. Havia sete dias anuais, em que deveria haver suspensão inteira de trabalho. Eram estes, dias de sábado, ou não? Se não eram, alguém poderia nos dizer, por que eles não eram?” *O Que Foi Pregado Na Cruz*, página 11.

Assim, de acordo com a Bíblia e os argumentos dos adventistas, dias diferentes podem se tornar sábados sagrados, sem o Senhor descansar neles, ou até mesmo abençoá-los, que é o que aconteceu com estes sábados anuais. Além disso, um dia que já foi um dia santificado, tão santo que significava morte para quem trabalhasse nele, como no caso do dia da expiação, Lev. 23:27-32, pôde deixar de ser assim, e tornar-se um dia de trabalho comum. Ver Col. 2:16. Mesmo os adventistas não guardam aqueles antigos dias santos, que eram guardados anualmente. Assim, então, a santidade pode ser colocada sobre um dia, tirada dele, ou transferida para outro dia. Não é necessariamente um caso permanente, imutável. Deixemos os sabatistas meditar nisto por algum tempo. E ainda mais: Um dia, uma vez determinado, e feito sábado santo pelo próprio Deus, pode deixar de ser tal, e se tornar detestável por ele. Assim diz Isa. 1:13-14: “As luas novas e sábados, e a convocação de assembleias, não posso suportar. ISTO É INIQUIDADE, até mesmo a reunião solene. Vossas luas novas e as vossas solenidades, a minha alma odeia, pois elas são um problema para mim, estou cansado de suportá-las.” Todos estes dias santos Deus havia ordenado, mas veja como ele as odeia agora. É de alguma prova, então, que um determinado dia é santo agora, porque ele foi uma vez santo? De jeito nenhum!

Note também como muitas outras coisas foram santificadas pela determinação de Deus. Nos termos da lei, nós lemos sobre “o templo sagrado”, “o monte santo”, “a arca sagrada”, “os instrumentos sagrados”, “os vasos sagrados”, “a água benta”, “o perfume sagrado”, “o santo altar”, “o véu santo”, “a túnica sagrada de linho”, “a santa unção”, “a nação santa”, “o santo sábado”, etc. Eles pertenciam ao culto e ao serviço de Deus em seu templo santo, que era “apenas uma sombra”, “figura” ou “tipo do templo VERDADEIRO” - a “casa espiritual de Cristo”, “o seu corpo, a igreja”. Enquanto eles estavam ali como TIPOS eles eram “santos”, e agora, não mais. Eles não tinham a santidade inerente, mas foram santificados pelo comando de Deus. *Lei e Evangelho*, página 43, por S. C. Adams.

Como todas as coisas santas citadas acima, o sétimo dia não tinha santidade em si. Teve que ser “feito” dessa forma. Marcos 2:27. Mas, deveres morais não são feitos. Eles existem na própria natureza das coisas. Por exemplo, assassinato é moralmente errado. Teria sido errado, mesmo se Deus não tivesse dado nenhum mandamento contra ele. Mas nunca teria sido errado trabalhar no sétimo dia, a menos que Deus tivesse dado ordem para guardá-lo. Assim, então, a santidade do dia não repousa sobre a natureza do dia em si mesmo, mas como outras centenas de coisas sagradas, apenas após a determinação de Deus, que pode ser alterada a qualquer momento, de acordo com a sua vontade.

Todos deveriam admitir que este mandamento é diferente dos que são tidos como inteiramente morais. Ninguém poderia, por toda a sua vida, viver em aberta violação aos mandamentos contra a idolatria, blasfêmia, assassinato, adultério, roubo, etc., e ainda ter a menor esperança do Céu. No entanto, o mais zeloso sabatista vai admitir, que milhões de cristãos devotos viveram vidas santas, e que nunca guardaram o sétimo dia, mas descansaram no domingo em seu lugar. E os guardadores do domingo vão admitir que aqueles que guardam o sábado, no lugar do domingo, são pessoas cristãs. Bem, certamente, uma ou outra dessas classes não guarda o mandamento do sábado, se o essencial é guardar um dia em particular. Será que algum guardador do sétimo dia reconhece como um cristão, qualquer pessoa que a cada semana viola um ponto de qualquer outro mandamento? Não, nem ele iria desculpá-lo, em qualquer alegação de ignorância também. No entanto, eles vão admitir abertamente que milhares que vivem ao redor deles, que não guardam o mandamento do sábado, como eles o fazem, são boas pessoas e bons cristãos. Então, eles próprios julgam que este mandamento é diferente dos outros, de alguma forma.

O QUE É UMA CERIMÔNIA?

Os adventistas afirmam que não havia nada de cerimonial no decálogo ou no sábado. Mas, vamos considerar o que é uma cerimônia. *Webster* diz: “Cerimônia: rito exterior; forma externa da religião.” Isso é, exatamente, o que a observância do sábado era no culto judaico. Os adventistas não classificam como cerimonial a guarda de todos os outros dias sagrados? Sim, e todos eles eram chamados de “santas convocações.” Lev. 23:2, como era o sétimo dia. Leia os próprios argumentos do pastor Smith sobre esse ponto. Ele diz: “Eram esses outros dias (sábados anuais) EXATAMENTE ISSO: dias de descanso e convocação. Aqueles dias eram sábados também, ou não eram?” *O Que Foi Pregado Na Cruz*, página 11. Em seguida, ele argumenta que eles eram todos sábados como o sétimo dia. Bem, então, se a guarda destes era uma cerimônia, e uma parte da lei “cerimonial”, então, o mesmo acontece com o sétimo dia.

A observância do sábado, em um determinado dia, foi um serviço cerimonial, o primeiro e o maior de todos os seus “ritos externos e formas externas.” Assim, o *Dicionário da Bíblia de Smith*, no artigo, “A Lei de Moisés”, sob o termo “Lei Cerimonial”, diz: “(3) Santidade do tempo (a) o sábado. Ex. 20:8 -11. (b) o Ano Sabático. (c) o Ano do Jubileu. (d) a Páscoa. (e) a Festa das Semanas. (f) a Festa dos Tabernáculos. (g) a Festa das Trombetas. (h) o Dia da Expição.” Assim, o sábado está à frente de todas as festas cerimoniais. Deus mesmo assim o coloca. Lev. 23:1-44. “Estas são as minhas festas: Seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia é o sábado.” Então, seguem-se em ordem todos os dias sagrados do ano. O sábado se encontra em primeiro. É disposto daquela maneira vez após vez, mostrando que foi designado assim. Mais uma vez, o Dr. Smith diz: “O Sábado foi a tônica de uma escala de observância Sabática consistindo em si mesmo, no sétimo mês, no sétimo ano, e no ano do Jubileu.”

Os adventistas argumentam que o Decálogo cobre todos os pecados. “O maior abraça o menor”, eles dizem. O sexto mandamento proíbe assassinato, o maior crime do tipo, e que por isso abraça e assim proíbe todos os pecados menores, do tipo, a raiva, brigas, maldade, ódio, etc. Bem, agora, deixe-os tentar fazer o mesmo com o quarto mandamento, e eles irão se defrontar com uma verdade que deveria abrir os seus olhos, que é: O sábado semanal como a maior de todas as festas sagradas e cerimoniais, foi colocado lá, para representar toda a classe cerimonial na lei judaica. O rev. Dr. Potts, metodista, diz: “A lei sob a dispensação mosaica foi formulada em nove preceitos morais, com um mandamento do sábado adicionado” *O Dia do Senhor, Nosso Sábado*, página 10.

O SÁBADO EM UMA TERRA REDONDA

Em sua própria natureza, todas as leis puramente morais são universais e eternas em sua aplicação; são obrigatórias no céu, no Éden, aos judeus ou gentios, santos ou pecadores, agora ou no futuro. Teste o sétimo dia, o sábado, por essa regra, e ele falhará em qualquer lugar. Vá para Vênus, onde os dias são cerca de vinte e três horas de duração, para Júpiter, onde eles são apenas cerca de dez horas de duração; para Saturno, onde são cerca de doze horas de duração, ou para alguns dos planetas maiores, onde os dias são muito mais longos do que os nossos. Como poderiam os habitantes desses mundos guardar o nosso sétimo dia? Eles poderiam guardar o seu próprio sétimo dia, mas ele não teria a mesma duração que o nosso, e nem seria observado ao mesmo tempo. Seu sétimo dia não seria o nosso sábado, nem os sétimos dias de quaisquer dois planetas seriam iguais, nem seriam guardados ao mesmo tempo. Todo o universo pode guardar uma sétima parte do tempo, mas não a mesma sétima parte. Não sabendo disso, veja que erro a Sra. White cometeu. Ela diz: “Eu vi que o sábado nunca seria abolido, mas os santos remidos E TODAS AS HOSTES ANGELICAIS iriam observá-lo em honra do grande Criador,

por toda a eternidade.” *Dons Espirituais, Vol. I*, página 113. O pastor U. Smith, no *Instituto Bíblico*, página 145, diz: “Nós inferimos que as ordens superiores de suas inteligências guardam o sábado também... O sábado de cada uma das suas criaturas será o sábado para todos descansar, para que todos possam observar O MESMO PERÍODO JUNTOS para o mesmo propósito.”

Aqui você tem uma teoria de um sétimo dia definido, com a sua refutação. Olhe para o absurdo total e a impossibilidade da teoria. Todos os seres inteligentes, no céu, na terra e em todos os planetas observam o “MESMO PERÍODO JUNTOS”. Assim, o dia de sábado, neste nosso pequeno planeta, regula os sábados de todos os planetas do universo. Eu me pergunto: como eles conseguem isso em Júpiter, onde os seus dias são apenas dez horas de duração, ou em Vênus, onde são vinte e três horas de duração, ou em alguns dos planetas, onde os dias são muito mais longos que os nossos? Considerando que o sábado deve ser guardado de sol a sol (Lev. 23:32), eu me pergunto: Como eles, de todos os outros planetas, sabem quando é pôr do sol aqui?

Fatos irrefutáveis, que se podem ver aqui em nossa casa (planeta Terra), mostram que mesmo os filhos de Deus que vivem aqui, não podem todos observar o “MESMO PERÍODO JUNTOS.” Todo mundo sabe que é sábado na Índia, cerca de doze horas mais cedo, do que o é aqui, e que é sábado aqui, doze horas depois de ter deixado de ser sábado lá. Na Austrália, o dia começa dezoito horas mais cedo do que na Califórnia. Então, os irmãos do sétimo dia na Califórnia estão trabalhando quase todo o tempo em que seus irmãos na Austrália estão guardando o sábado. Venha para mais perto ainda. O Sol se põe cerca de três horas mais tarde, na Califórnia do que no Maine. Assim, quando os adventistas do sétimo dia no Maine começam a guardar o sábado ao pôr do sol de sexta-feira, os seus irmãos na Califórnia, onde o Sol tem ainda três horas para se por, vão estar no trabalho durante estas três horas. Assim, muito poucos deles na terra, observam o “MESMO PERÍODO JUNTOS.” Enquanto alguns deles estarão guardando o sábado em uma parte da terra, outros estarão trabalhando em outra parte. Quanto menos, então, as hostes celestiais podem guardar o mesmo período de tempo, juntamente com os homens na terra.

Agora, se, como a Sra. White e o pastor Smith dizem, os anjos guardam o nosso sábado, a pergunta é: com quais grupos eles o guardam? Com aqueles da Austrália, ou os da América? Se os anjos guardam o sábado, no mesmo período que os sabatistas da Austrália, então, os sabatistas da América trabalham, enquanto os anjos guardam o sábado, e por isso, é claro, os anjos trabalham, enquanto aqueles aqui descansam. Assim, vemos como é absolutamente falso e absurdo a teoria de que todos podem guardar o sábado ao mesmo tempo.

Eu tenho que confessar que, durante muitos anos, eu fui tão ingênuo, a ponto de supor que o próprio Senhor guardava o sábado, ao mesmo tempo em que eu o fazia aqui. Eu supunha, que quando dava o pôr do sol de sexta-feira, e eu começava a guardar o sábado, o Senhor e os anjos começavam a guardá-lo também. Mas, agora eu vejo como isto é absolutamente impossível; pois se o Senhor guarda o sábado, ao mesmo tempo em que eu o faço aqui, então ele não o guarda com os irmãos do outro lado do globo, porque eles começam o sábado, pelo menos, doze horas mais cedo do que nós aqui. Na verdade, ele leva 48 horas, ou o tempo de dois dias inteiros, a partir do momento que qualquer dia começa no extremo leste, até o seu término, no lugar mais distante, a oeste. Poderia o leitor parar e pensar cuidadosamente, com muita atenção, sobre este ponto tão importante? Leva vinte e quatro horas para O PRIMEIRO FIM de um dia clarear em torno da Terra. Então, como o ÚLTIMO FIM do dia é de vinte e quatro horas atrás do PRIMEIRO FIM, ele também deve ter vinte e quatro horas a mais para clarear em torno da Terra, e isto soma quarenta e oito horas, que é o total para cada dia na terra em qualquer lugar (considerando o extremo leste ao extremo oeste do planeta).

Estou bastante certo de que os sabatistas em geral sentem que eles guardam o sétimo dia, juntamente com o próprio Senhor, e com os anjos, e com todos os seus irmãos. Eu costumava-me sentir desse jeito, e as citações acima de Ellen White e do pastor Smith mostram claramente, que mesmo eles pensam assim também. Mas se pode ver que isso não é possível, a não ser que o Senhor guarde o tempo de dois dias, em cada semana. E, nesse caso, os deste lado da terra estariam trabalhando, enquanto o Senhor estivesse guardando o sábado com aqueles do outro lado da terra. Então, aqueles do lado oposto da terra estariam trabalhando, enquanto o Senhor estivesse guardando o sábado com os deste lado. E assim nenhum deles iria guardar o sábado com o Senhor, afinal. Na verdade, considerando toda a Terra, não há uma única hora em toda a semana, em que não haja algum sabatista trabalhando em alguma parte da terra.

Mas, indo além, o Senhor guarda o sétimo dia conosco, ou ele guarda o sétimo dia com as pessoas de outros planetas? Nossos dias e semanas não estão em harmonia com os deles, nem pode um dia deles ser igual ao outro. Agora, se o Senhor repousa apenas no nosso sábado, então ele não poderia descansar no sétimo dia de Vênus ou de Marte ou Júpiter, etc., considerando que o sétimo dia de cada planeta difere em comprimento, e se inicia em um momento diferente do sétimo dia da nossa Terra, ou de outro planeta. Como, então, Deus poderia descansar em todos esses dias? Se ele o faz, ele deve guardar o sábado o tempo todo, e, assim, ninguém, anjos ou homens, podem guardar o sábado junto com o Senhor, se nos outros seis dias, eles precisam trabalhar.

O que, então, se deduz da declaração de Ellen White de que “TODA A HOSTE ANGÉLICA” guarda o nosso sábado, ou da hipótese do pastor Smith de que todo o universo observa o “MESMO PERÍODO juntos”? Que ambas são um absurdo! O mesmo sétimo dia não pode ser guardado por todo o universo; mesmo nesta terra, o sábado não pode ser guardado por todos, ao mesmo tempo, mas todos podem guardar uma sétima parte do tempo. Este princípio sobre o qual o quarto mandamento foi baseado, pode ser de aplicação universal, na Terra e no Céu, no tempo ou na eternidade. Mas, sobre qual dia deverá ser, é uma questão de menor importância, a ser determinado pelas circunstâncias em cada caso, que podem e devem ser diferentes, em diferentes momentos, e em lugares diferentes. Para o povo judeu certamente foi o sétimo dia, ou sábado, e nenhum outro dia preencheria a exigência do mandamento. Todas as limitações rigorosas e exigências do dia de sábado, como foi sob a lei judaica, poderiam só ser realizadas por um pequeno povo de um território limitado, onde a igreja regia. Um dia especial, o sétimo, Deut. 5:12-13; horas definidas, sol a sol, Lev. 23:32; o não acender fogo em todas as suas casas, Ex. 35:3; apedrejamento até a morte por apanhar gravetos, Num. 15:32-36 - esta foi a lei judaica. Mas nós não somos judeus, nem estamos sob a lei judaica. Sob a nova dispensação do evangelho, outras circunstâncias surgiram de forma clara e grandiosa, marcando um outro dia, como sendo o dia mais importante na memória do cristianismo - o dia da ressurreição. Conforme o evangelho teve que ir a todas as nações, para todos os climas, e ao redor da terra, o dia do descanso cristão foi necessário, e sabiamente firmado sobre bases muito diferentes.

ONDE DEVEMOS COMEÇAR O DIA?

Se a salvação do homem depende dele guardar o mesmo dia, até em minutos, que Deus guardou na criação, então é infinitamente importante que nós saibamos exatamente onde esse dia começou, de forma a começar o nosso dia de guarda, lá também. Mas o Senhor não disse uma palavra sobre isso, nem deu a menor pista sobre por onde começar o dia. Nem os sabatistas sabem coisa alguma sobre isso, e assim eles têm que adivinhar a coisa toda. O dia é hoje geralmente aceito como começando em uma determinada linha de 180 graus a oeste de Greenwich, na Inglaterra. Ele corre o norte e o sul através do Oceano Pacífico, cerca de 4.000 milhas a oeste da América. Eu escrevi ao professor E. E. Holden do Observatório Lick, perguntando: “1. É possível saber quando a Linha de Data foi estabelecida originalmente? 2. Quem fez isso, e por quê? 3. Quando? 4. Tem ela sido contada a partir de outros lugares além de Greenwich?”

Ele respondeu: “1. Não há este conhecimento. 2. Ninguém. Foi estabelecida por conveniência. 3. Durante os últimos cem anos 4. Sim, Ilhas Canárias, Tenereffe, Ferro, Paris, Berlim, Jerusalém, Washington, etc...”

Assim, vemos que: 1. Somente nos últimos cem anos, a Linha de Data foi estabelecida onde está hoje. 2. Isto foi feito apenas por conveniência, não porque havia algo na natureza que exigia isso. 3. Em diferentes momentos, a Linha de Data tem sido contada, a partir de pelo menos sete locais diferentes: de Jerusalém, no leste à Washington, no oeste, isto é, cerca de 8.000 milhas de diferença, ou um terço do caminho ao redor da Terra. Por isso, o início do sétimo dia tem variado muito em datas diferentes. 4. Em outro século, ele pode ser alterado novamente. 5. A autoridade existe, tanto para um lugar, como para o outro, e nenhuma autoridade divina para um lugar, como para o outro, e nenhuma autoridade divina para qualquer um, como é verdadeiro para todo o trabalho do homem feito aleatoriamente. 6. Assim, tanto quanto é reconhecido o dever para com Deus, qualquer nação, igreja ou a sociedade tem a liberdade de começar o dia, onde quer que lhe agrade. Um lugar estará tão apto a estar em harmonia com a Linha de Data de Deus, como qualquer outro lugar.

Os sabatistas na América poderiam corrigir sua Linha de Data no Atlântico, em vez de no Pacífico, e, então, o nosso domingo viraria sábado, e eles ficariam satisfeitos em converter uma nação em um dia. Quem poderia provar que isto não estaria em harmonia com a Linha de Data da criação de

Deus? Ninguém, certamente! Ela estaria tão certa, como a Linha de Data atual. Então por que não fazê-lo? Na verdade, isto é exatamente o que os adventistas do sétimo dia fizeram há alguns anos atrás, no caso de uma colônia inteira no Oceano Pacífico. A ilha Pitcairn, no Pacífico, foi colonizada há cem anos por pessoas que trouxeram seus cálculos de Linha de Data, da Ásia. Mas, aconteceu de ela estar do lado americano da presente Linha de Data; daí que o seu domingo era o nosso sábado, e todos eles guardaram o dia como sendo domingo, por cem anos. De acordo com os adventistas, isto era uma coisa horrível, pois o domingo é “o sábado do papa, a marca da besta”. Então, há alguns anos atrás, os adventistas foram lá e converteram todos à guarda do sábado. Como? Eles simplesmente os induziram a mudar seus cálculos da Linha de Data em algumas milhas, e, como num toque de mágica, o domingo tornou-se sábado. Agora eles todos se tornaram piedosos guardadores do sábado, enquanto que antes eles todos guardavam o domingo, a marca da besta. E, no entanto, eles estão agora guardando exatamente o mesmo dia que sempre guardavam. Se isso não é “de arrear o cabelo”, me diga o que é! Isto ilustra a infantilidade de toda a teoria sabatista. Então, vamos pedir aos adventistas para mudarem sua Linha de Data um pouco mais a leste, para incluir a América, e eles todos guardariam o domingo conosco.

Se o dia começou no lugar onde o Éden tradicionalmente é dito ter sido localizado, então, a Linha de Data seria localizada distante, ao oeste da atual localização, cerca de 7.000 milhas (11.265,41 quilômetros), ao oeste da Austrália. Assim sendo, os guardadores do sétimo dia na Austrália não estão guardando o sábado, afinal. Nesse caso, os guardadores do domingo da Nova Zelândia e Austrália estão agora realmente guardando o sétimo dia original, e os sabatistas lá, estão guardando o sexto dia. Será que eles sabem disso e será que eles podem provar que isso não é assim? Não! Eles simplesmente têm que aceitar o cálculo, assim como veio a ser, certo ou errado, sem saber qual deles é o correto. E, no entanto, com grandes despesas, eles enviaram missionários para lá, para converter as pessoas a guardar outro dia, quando na verdade, eles não sabem que essas pessoas estão realmente guardando o sétimo dia, e eles próprios estão errados. Ninguém, nem mesmo eles, deveriam ter a pretensão de saber, onde Deus começou a contar esse dia; no entanto, eles traçam a linha com a precisão de um fio de cabelo, e dizem que todos serão condenados, quem não tocar nessa linha e contar o tempo a partir desse ponto. Será que a salvação da alma de um homem depende de tais sutilezas matemáticas e incertezas como essas? Se isso for verdade, podemos desistir do Céu!

O próprio fato de que Deus nunca revelou onde é a verdadeira Linha de Data, ou de onde começou o sétimo dia, mostra que o conhecimento disso é de nenhuma importância para nós. Alaska, o ponto noroeste da América, foi colonizado pelos russos há séculos, antes da atual Linha de Data existir. É claro que eles trouxeram seus cálculos com eles e, portanto, o seu domingo era no sábado. Em 1867, compramos o Alaska, e ele tornou-se uma parte dos Estados Unidos. No dia em que tomamos posse, nossas leis mudaram o domingo para o sábado, tudo feito pela autoridade humana. Será que isso alterou o sábado edênico para aquelas pessoas? Indo ao redor da Terra num sentido, perdemos um dia e indo no sentido contrário, ganhamos um dia. Por isso, para compensação, no primeiro caso é preciso acrescentar um dia e no outro, tirar um dia. Todos tem que fazer isso para estar em harmonia com o mundo. Os adventistas fazem isso, mas com que autoridade? A Bíblia diz para guardar o sétimo dia de sol a sol. Ex. 20:8-11; Lev. 23:32. Imagine dois adventistas partindo de Chicago, um indo para o leste, a outra para o oeste, ao redor da Terra. Cada um guardando cuidadosamente o sétimo dia, quando o sol se põe. Quando eles se encontrarem novamente em Chicago, eles terão um intervalo de dois dias entre eles. Um estará guardando o domingo e o outro a sexta-feira. Como eles resolvem isso? Cada um abre mão do seu sétimo dia, guardando, em seu lugar, outro dia da semana. Assim, eles acabam guardando um dia mundano.

Olhe para a dificuldade ao cruzar esta suposta Linha de Data no Oceano Pacífico. Eu pessoalmente tenho conversado com sabatistas que atravessaram essa linha para os dois lados, leste e oeste. Indo para o oeste, um dia é adicionado, indo para o leste um dia é subtraído, e isso é feito ao meio-dia do dia que os localiza mais próximos da suposta linha. No navio, um homem, indo para o oeste, se senta para almoçar às 11:50 da sexta-feira. Enquanto ele está comendo, o tempo é alterado, e ele se levanta do almoço ao meio-dia do sábado. Então, ele tem apenas seis horas de sábado até o crepúsculo; ou vindo para o leste, ele se senta para almoçar no sábado, ao meio-dia, e se levanta do almoço, ao meio-dia da sexta-feira. Ele tinha até então guardado dezoito horas do sábado; em seguida, o sábado se acaba em um segundo, quando o relógio marca meio-dia, e ele tem seis horas para trabalhar até o crepúsculo. Agora, ele deve começar o sábado mais uma vez, e observá-lo mais uma vez, mais vinte e quatro horas. Em um caso, ele só observa seis horas do sábado, e no outro caso, ele observa quarenta e duas horas.

Estes fatos demonstram o absurdo total da visão sabatista. Eles afirmam que essas coisas não os incomodam; mas eu sei que sim, e muito. Eles têm escrito muito sobre isso, inventaram todos os tipos de diagramas, ilustrações e argumentos para resolver a dificuldade; mas nenhuma foi satisfatória, até mesmo para eles. Assim, novos métodos estão sendo constantemente desenvolvidos, para afastar a dificuldade. A mais recente descoberta é a que foi adotada pelos ministros adventistas do sétimo dia da conferência de Nova York. É que a Terra é absolutamente plana e parada, com o Sol, a Lua e as estrelas muito menores do que a Terra e girando em torno dela! “O Sol, ele se move”, disse o antigo Darkey, e eles dizem: “Amém!”

O SÁBADO NO POLO NORTE

Agora, vamos testar a teoria do sétimo dia definido, nas regiões geladas do norte. O dia deve ser guardado de pôr do sol a pôr do sol. Lev. 23:32. Mas no inverno, há meses em que o sol nem é visto, assim, eles não têm pôr do sol. E no Verão, há meses, quando o sol está acima do horizonte o tempo todo, e neste período também, não há pôr do sol. Aqui a teoria se desmantela inteiramente, e o dia deve ser contado por meios artificiais. Eles podem guardar um sétimo do tempo, e, isto é, absolutamente, tudo o que se pode fazer. Os adventistas do sétimo dia têm argumentado que não há dificuldade real aqui, que tudo está no imaginário. Eles tentam blefar com uma risada; mas isso não responde os fatos. Eu sei que eles próprios tiveram sérios problemas com isto. Tão grande foi a dificuldade deles, mesmo no norte da Suécia e da Noruega, que em 1886, eles discutiram seriamente para saber, se eles não deveriam mudar e contar o dia, não a partir do pôr do sol como agora, mas a partir das 18h. A Sra. White e filho estavam lá e foram a favor da mudança. Eu participei de uma comissão da Conferência Geral para investigar o assunto. Decidimos contra a mudança, e ela foi abandonada. Em quantas dificuldades intermináveis e desnecessárias as pessoas se metem, para tentar guardar uma lei que foi designada apenas para os judeus, em uma localidade limitada. Como isto é contrário à liberdade e simplicidade do evangelho!

Em resposta a todos estes fatos, que não podem ser negados, os adventistas do sétimo dia dizem: não é o primeiro dia da semana, ou domingo, um dia tão definido, quanto é o sétimo dia, ou o sábado? Não é tão difícil de guardar o domingo em todo o mundo, como o é para guardar o sábado? Você não afirma que se deve guardar o primeiro dia em honra da ressurreição? A resposta a estas questões não é difícil de dar. A ideia essencial é que devemos dedicar um dia, em sete, para deveres religiosos. Para assegurar o máximo bem, todos devem unir-se e observar o mesmo dia. Desde os dias dos apóstolos, a igreja cristã tem observado, em comum acordo, o dia em que Jesus ressuscitou dos mortos, o primeiro dia da semana, ou domingo. Mas não se alega que é absolutamente essencial, que exatamente os mesmos minutos e horas, ou até mesmo o dia definido deva ser sempre guardado, não importando as circunstâncias, querendo ou não. Isso seria legalismo, e contrário à natureza e à liberdade do evangelho. Suponha que o dia judaico em que Jesus ressuscitou tivesse sido observado de pôr do sol a pôr do sol, como sem dúvida foi. Nós também deveríamos observá-lo da mesma forma? Como todos sabem que é mais conveniente contar o dia da meia-noite a meia-noite, e como todos estão em comum acordo em fazê-lo, é para os melhores interesses, que a religião se conforma com este costume. Se, viajando ao redor do mundo, os homens se confundirem com a sua longitude, como no caso do Alasca e ilha de Pitcairn, o chamar o sábado domingo, não é importante. É preferível que eles se unam em torno disso, do que discutirem sobre isso.

Se, no longo período de escuridão no Polo Norte, os homens se perdessem no tempo, e então, selecionassem qualquer outro período, do que aquele que corresponde exatamente ao nosso domingo, hora a hora, a diferença não seria tão grande. Ou, se ao localizar a Linha de Data, a partir da qual se conta o início do dia, eles tivessem notado que a linha estava localizada a 5.000 milhas mais a leste, ou 10.000 mais a oeste, isto não teria feito uma partícula de diferença. E quanto ao fato de nós estarmos ou não começando o dia exatamente onde Deus o começou no Éden, é uma questão irrelevante. E se os nossos irmãos na China descansam ao mesmo tempo em que nós descansamos, é de pouca importância. E se o sábado de Júpiter e Marte e Netuno, e mesmo do Céu, começa quando o nosso começa, ou não, é de pouco interesse para nós. Teremos tempo suficiente para resolver esse assunto, quando formos viver no meio deles. Então, enquanto viajamos ao redor da Terra, leste ou oeste, ou cruzamos a Linha de Data, se somos capazes de guardar exatamente o mesmo tempo, ou exatamente uma sétima parte do tempo na precisão de minutos, é de pouca importância. Nós fazemos o melhor que podemos, dadas às circunstâncias, e em conformidade com o tempo, como calculado por aqueles para onde vamos. “Coar um mosquito e engolir um camelo”, não é uma boa prática em qualquer causa. Mas com o estrito sabatismo tudo isso é inteiramente diferente. Um dia determinado, começando precisamente como uma linha de um fio de cabelo, com precisão de minutos e segundos, é tempo sagrado. Se você não acertar esse tempo

exato de maneira correta, você não guarda dia nenhum. Isso pode ser verdade para o judaísmo, mas certamente não está de acordo com o espírito e liberdade do evangelho.

Eu acredito que esta é uma declaração apropriada da posição mantida pelo grande corpo de observadores conscientes do domingo. Harmoniza-se exatamente com a declaração de nosso Salvador, que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.” Marcos 2:27. O homem e seu bem estar estão em primeiro lugar. O sábado é secundário e subserviente a estes. Praticamente, o sabbatismo inverte exatamente esta ordem. O sábado é a coisa mais importante, uma regra de ferro rígida, inflexível e inamovível. O homem e suas necessidades e seu bem estar são de pouca ou nenhuma importância, em comparação com o supremo e grande dever de guardar o sábado. “O homem foi feito para o sábado, e não o sábado para o homem,” melhor expressaria a ideia deles da importância relativa dos dois. É bom para as pessoas e para o mundo, que tais ideias farisaicas não tenham encontrado muitos defensores na igreja cristã.

TEMPO PERDIDO

Como os sabbatistas sabem que o nosso sábado é o sétimo dia exato desde a criação até nós? Diz o rev. J. H. Potts, DD, editor do *Michigan (Metodista) Christian Advocate*: “Que ao escolher o dia do sábado judeu, Moisés escolheu o tempo regular sucessivo do sétimo dia humano desde Adão até nós, não pode ser provado por qualquer autoridade, humana ou divina.” *O Dia do Senhor nosso Sábado*, página 12. Isto é recomendado pelo bispo Harris e vários outros teólogos eminentes. Assim também o rev. Geo. Elliott, em seu *Abiding Sabbath*, diz: “Não há meios possíveis de se estabelecer o dia de sábado original.” Assim dizem todos os escritores não tendenciosos.

Durante o longo período antes do dilúvio; durante a era patriarcal quando não havia registros; durante a escravidão de Israel no Egito, quando até mesmo o conhecimento tradicional foi em grande parte perdido; durante a anarquia na era dos juízes, e todas as eras desde então, estão eles certos de que nenhum erro foi cometido, nem mesmo de um dia? É claro que eles não estão! Para os antigos, a única maneira possível para se passar o conhecimento em diante, seria através da tradição humana. Em resposta à minha pergunta sobre este ponto, o rabino Isaac M. Wise, Cincinnati, Ohio, o judeu mais culto daquela região, me escreveu: “O sábado judaico é, no ponto específico de tempo, uma questão de tradição.” Então, afinal de contas, a guarda do sábado repousa sobre a tradição dos homens, a mesma coisa que os adventistas condenam.

Mas eles dizem que, mesmo que o dia tivesse sido perdido, Deus sabia qual era o dia e o teria revelado quando ele deu o maná. Ou se tivesse sido perdido antes da época de Cristo, ele saberia e teria corrigido os judeus. Mas isso pressupõe a mesma coisa que deve ser provada, que é: que Deus se importa tanto quanto eles, em relação a horários especiais e minutos. Isso eles não podem provar. É evidente pela pouca importância que Jesus atribuiu à guarda do sábado, que ele teria guardado qualquer dia que estivesse sendo observado pela nação.

CAPÍTULO X

PORQUE OS CRISTÃOS GUARDAM O DOMINGO

Quase universalmente, os cristãos consideram o domingo como um dia sagrado. Será que eles oferecem para isto boas razões? Sim, de fato! São razões que têm sido satisfatórias para os maiores cristãos que a igreja já teve. Depois de guardar o sétimo dia, e intensamente defendê-lo por mais de um quarto de século, tornei-me convencido de que ele é um erro, e que a bênção de Deus não está com a guarda do mesmo. Como milhares de outras pessoas, quando abracei o sábado, eu pensei que o argumento a favor dele só poderia ser visto do jeito que nós víamos, tão claro, que uma leitura de uma hora explicava tudo. Tão claro que nenhum homem poderia rejeitar o sábado e ser honesto. A única coisa que me maravilhava era que a maioria das pessoas não o reconhecia e o aceitava.

Mas, depois de guardá-lo por vinte e oito anos; depois de ter persuadido mais de mil pessoas a guardá-lo; depois de ter lido toda a Bíblia, verso por verso, mais de vinte vezes; depois de ter examinado, no melhor da minha capacidade, cada texto, linha e palavra na Bíblia que tivesse a menção mais remota sobre a questão do sábado; depois de estudar tudo isso, tanto no original e em muitas traduções; depois de ter pesquisado nos léxicos, concordâncias, comentários e dicionários; depois de ter lido grande quantidade de livros de ambos os lados da questão; depois de ter lido cada linha dos escritos, que falam sobre isso, de todos os pais da igreja primitiva; e tendo escrito diversos trabalhos em favor do sétimo dia, que foram satisfatórios aos meus irmãos; depois de ter debatido a questão dezenas de vezes; depois de ver os frutos, como resultado de sua observância, e pesar todas as evidências no temor de Deus, eu estou totalmente resolvido em minha própria mente e consciência, que a evidência é contra a guarda do sétimo dia.

Aqueles, que observam o domingo, dizem que eles fazem isso em honra da ressurreição de Cristo, que ocorreu naquele dia, e que esta prática foi recebida dos apóstolos, e tem sido mantida pela igreja, desde então. Deixe-nos ver: “O Dia do Senhor” é um termo agora comumente aplicado ao primeiro dia da semana, em honra da ressurreição do Senhor. Assim: “Nós acreditamos que as Escrituras ensinam que o primeiro dia da semana é o dia do Senhor.” *Directoria da Igreja Batista*, página 171. Com exceção de alguns sabatistas que surgiram depois, toda a cristandade, somando mais de quatrocentos e dezesseis milhões de pessoas, de todas as denominações e em todas as nações, consideram o domingo como um dia sagrado e concordam em aplicar o termo “Dia do Senhor” para o domingo. Assim, cada dicionário, léxico e enciclopédia aplica esse termo para o primeiro dia. Aqui está um fato importante, inegável. Quando isto começou? Vamos segui-lo até a sua origem, através de todos os séculos.

No século XVIII, 1760, o rev. A. H. Lewis, DD, Batista do Sétimo Dia, é o autor da *História Crítica da Legislação do Domingo*. A partir da página 181, passo a citar: “A profanação do Dia do Senhor é altamente ofensivo a Deus Todo-Poderoso.” *Leis de Massachusetts*, 1760.

Século XVII, 1676. Nas Leis de Charles II, da Inglaterra está o seguinte: “Para melhor observação e santificação do Dia do Senhor, comumente chamado de domingo, esta lei é promulgada, etc.” *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 108.

Século XVI, 1536. Voltando mais de 300 anos, até os reformadores, encontramos todos os cristãos chamando o domingo de o “Dia do Senhor”. Calvin, expressando o sentimento universal de seu tempo, diz: “Os antigos têm, com razão suficiente, substituído, com o que chamamos de o Dia do Senhor, o lugar do sábado.” *Instituto de Calvino*, livro 2, capítulo 8, seção 34. Lutero, Zwinglio, Beza, Bucer, Cranmer, Tyndale, etc., igualmente falam do Dia do Senhor, como sendo o primeiro dia da semana. Aqui está outro grande fato em prol do Dia do Senhor: ele esteve em existência, e era universalmente observado há 300 anos.

Século XV, 1409. “Aqueles que participarem em jogos ilegais aos domingos... serão presos por seis dias.” Estatuto de Henry IV da Inglaterra. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 90.

Século XIV, 1359. “É assegurado por sanções da Lei e Canon que todos os Dias do Senhor devem ser veneravelmente observados.” Arcebispo de Canterbury. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 82.

Século XIII, 1281. “A obrigação de observar o sábado legal de acordo com a forma do Antigo Testamento terminou... para o qual no Novo Testamento, tem-se continuado o costume de passar o dia do Senhor... em adoração a Deus.” Arcebispo de Canterbury. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 81.

Século XII, 1174. “Nós ordenamos que esses dias sejam isentos de trabalho... Todos os domingos do ano”, etc. Imperador de Constantinopla. *História do Sábado e do Domingo*, página 191.

Século XI, 1025. “Comercialização aos domingos, nós também proibimos estritamente.” Leis da Dinamarca. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 77.

Século X, 975. “O domingo deve ser solenemente reverenciado.” Leis Saxônicas. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 75.

Século IX, 813. “Todos os Dias do Senhor devem ser observados com a devida reverência, e todo o trabalho servil deverá ser evitado.” *Conselho de Mayence*.

Século VIII, 747. Um Conselho Inglês disse: “ordena-se que o Dia do Senhor seja celebrado com a devida reverência, e totalmente dedicado ao culto de Deus.” *História do Sábado* de Andrews, página 377.

Século VII, 695. “Se um escravo trabalhar no domingo pelo comando do seu senhor, deixe o ser livre.” Leis Saxônicas. *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 71.

Século VI, 578. “No Dia do Senhor, não é permitido aparelhar bois ou praticar qualquer outro trabalho, exceto por razões já nomeadas.” *Conselho de Auxerre*.

Século V. Voltando para os meados de 450 dC, chegamos à história da igreja escrita por Sozomen. No Livro 2, capítulo 8, página 22, de Constantino, ele diz: “Ele honrou o Dia do Senhor, porque nele, ele ressuscitou dos mortos.” Isso mostra o que se entendia por “Dia do Senhor” naqueles tempos antigos.

Recuando mais ainda, por volta de 400 dC, chegamos ao grande teólogo da igreja primitiva, Santo Agostinho. Ele diz: “O dia hoje conhecido como o Dia do Senhor, o oitavo, a saber, que também é o primeiro dia da semana.” *Cartas de São Agostinho*, carta 55, capítulo 13. Ele diz que, na sua época, o primeiro dia da semana era conhecido como o “Dia do Senhor”.

Século IV, 386. O imperador de Roma decretou o seguinte: “No dia do sol, apropriadamente chamado pelos nossos antepassados de Dia do Senhor, que haja uma cessação de processos, negócios e indiciamentos.” *História Crítica da Legislação do Domingo*, página 36. Até mesmo o direito civil daquela era primitiva reconhecia o domingo como o “Dia do Senhor”.

Voltando novamente para a época de Constantino, o Grande, o primeiro imperador cristão, chegamos a Eusébio, o “Pai da História da Igreja,” 324. Ele, constante e familiarmente, usa o termo “Dia do Senhor” para o primeiro dia da semana. Um texto: “Eles (os cristãos judeus) também observam o sábado, e outra disciplina dos judeus, exatamente como eles, mas, por outro lado, eles também celebram o Dia do Senhor muito semelhante a nós, em comemoração a sua ressurreição.” *História Eclesiástica*, livro 3, capítulo 27. Aqui o “Dia do Senhor” se distingue do sábado judaico, e é dito ser guardado por causa da ressurreição.

E agora, chegamos à era dos primeiros pais cristãos. Cito-os como traduzido pela *Biblioteca Cristã Ante Nicéia*:

Século IV, 306. Pedro, bispo de Alexandria, no Egito: “Mas, o dia do Senhor, nós celebramos como um dia de alegria, porque nele, ele ressuscitou.” *Canon 15*.

Século III, 270. Anatólio, bispo de Laodiceia, na Ásia Menor: “Nosso respeito pela ressurreição do Senhor, que teve lugar no Dia do Senhor, nos leva a celebrá-lo.” Capítulo 10.

250 dC. *A Constituição Apostólica*: “No dia da ressurreição de nosso Senhor, que é o Dia do Senhor, reúnam-se com mais diligência.” *Livro 2, sec.7.*

250 dC. Cipriano, bispo de Cartago na África: “O oitavo dia, isto é, o primeiro dia depois do sábado e Dia do Senhor” *Epístola 58, ponto 4.*

200 dC. Tertuliano na África: “Nós solenizamos o dia depois de sábado, em contradição com aqueles que chamam este dia seu *Shabat*.” *Apologia*, capítulo 16. “Nós, no entanto, assim como temos recebido, no dia da ressurreição do Senhor, nos posicionamos não somente contra o ajoelhar-se, mas também deixar todos os afazeres e preocupações, adiando até mesmo os nossos negócios.” *Sobre Oração*, capítulo 23.

Século 2, 194. Clemente de Alexandria, no Egito: “Ele, em cumprimento do preceito, de acordo com o evangelho, observa o Dia do Senhor, quando ele abandona uma disposição do mal, e assume o gnóstico, glorificando a ressurreição do Senhor nele mesmo.” *Livro 7, capítulo 12.*

180 dC. Bardesanes, Edessa, Ásia: “Em um dia, o primeiro da semana, nós nos reunimos”. *Livro das leis dos Países.*

140 dC. Justino Mártir: “Mas domingo é o dia em que nós todos fazemos nossa reunião regular, porque Jesus Cristo, nosso Salvador, no mesmo dia, ressuscitou dos mortos.” *Apologia*, Capítulo 67.

120 dC. Barnabé. “Nós observamos o oitavo dia com alegria, o dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos.” Capítulo 17.

96 dC. João em Patmos: “Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor.” Apo. 1:10.

60 dC. Luke, Ásia Menor: “E no primeiro dia da semana, quando os discípulos se reuniram para partir o pão, Paulo pregou-lhes.” Atos 20:7.

Assim, nós temos rastreado o “Dia do Senhor”, ou domingo, como um dia sagrado entre os cristãos, do nosso tempo para trás, através de todos os séculos, até o Novo Testamento.

Quem pode deixar de ver que o “Dia do Senhor” e o “primeiro dia da semana” são mencionados da mesma forma, tanto pelos apóstolos, quanto pelos pais da Igreja e reformadores, até os nossos dias? Para a mente não tendenciosa, a evidência deve ser conclusiva, de que o “Dia do Senhor” de Apo. 1:10, escrito em 96 dC, é o dia da ressurreição, sendo este termo utilizado da mesma forma, por todos os pais cristãos que existiram logo após João. Anote este fato: EM NENHUMA ÚNICA OCASIÃO, QUER NA BÍBLIA OU EM TODA A HISTÓRIA, PODE SER ENCONTRADA UMA ÚNICA PASSAGEM ONDE O TERMO O DIA DO SENHOR É APLICADO AO SÉTIMO DIA, O SÁBADO JUDAICO. Este fato deve ser, e, é decisivo, para o significado em Apo. 1:10. Mesmo os sabatistas não chamam o sétimo dia de Dia do Senhor, mas sempre dizem “Dia de Sábado.”

TESTEMUNHO DE LÉXICOS E ENCICLOPÉDIAS

Webster: “domingo, o primeiro dia da semana, o sábado cristão, o Dia do Senhor.”

Dicionário da Bíblia de Smith: “Dia do Senhor - O primeiro dia da semana, ou domingo, de todas as épocas da igreja.”

Enciclopédia Schaff-Herzog: “Dia do Senhor, a designação mais antiga do sábado cristão, usado primeiramente por São João” Apo. 1:10.

Dicionário Teológico de Buck, o artigo “Sábado”. “Ele (o primeiro dia da semana) é chamado o Dia do Senhor.” Apo.1:10.

Nova Enciclopédia Universal de Johnson: “Dia do Senhor, um nome para o primeiro dia da semana, derivado do Apocalipse 1:10”

As palavras gregas traduzidas por “Dia do Senhor”, [Apo. 1:10] são *kuriake hemera*. *Kuriake*, o adjetivo, vem do substantivo *Kuriou*, e é assim definido:

“*Kuriakos*” – pertencente ao Senhor, isto é, o Messias; do Senhor. 1 Cor. 11:20; Apo. 1:10.” Greenfield.

“*Kuriakos* - Pertinente ao Senhor, ao Senhor Jesus Cristo. Por exemplo, *kuriakos deipnon*, a ceia do Senhor [1 Cor. 11:20]; *kuriake hemera*, o Dia do Senhor [Apocalipse 1:10].” Robinson.

“*Kuriakos* - De, pertencente, relativo a um senhor ou mestre, especialmente pertencente ao Senhor (Cristo); Portanto, *kuriake hemera*, o Dia do Senhor” Liddell e Scott.

“Este é o nome usual de domingo para os pais gregos posteriores.” Parkhurst.

“*Kuriakos* - Pertencente ao Senhor Jesus Cristo, o Senhor [1 Cor 11:20; Apocalipse 1:10]” *Léxico Grego Analítico de Bagster*

Assim, poderíamos passar por todos os léxicos, encontrar as mesmas definições em todos. Nenhum refere este termo a Deus, o Pai, mas sem exceção todos se referem ao Senhor Jesus. Deve haver alguma boa razão para este acordo universal!

Assim, dizem os comentaristas. “O Dia do Senhor. O primeiro dia da semana.” Dr. Clark, sobre Apo. 1:10.

“‘No Dia do Senhor’, o que significa nenhum outro dia, a não ser o dia em que o Senhor Jesus ressuscitou dos mortos, isto é, o primeiro dia da semana.” Scott, sobre Apo. 1:10.

Dr. Barnes diz: “Este foi um dia particularmente dedicado ao Senhor Jesus, por que: a. É o sentido natural da palavra Senhor, como usada no Novo Testamento. b. Se o sábado judaico era para ser designado, a palavra “sábado” teria sido utilizada.”

Prof. Hacket, em seus comentários sobre Atos 1:24, diz: “*Kuriakos*, quando usada no Novo Testamento, refere-se geralmente a Cristo.”

“Dia do Senhor, a saber, o primeiro dia da semana.” Notas de Burkett, sobre o N.T.

“O Dia do Senhor, o sábado cristão, o primeiro dia da semana.” *Comentário Eclético* sobre Apo. 1:10.

“O Dia do Senhor. O primeiro dia da semana, comemorando a ressurreição do Senhor.” *Bíblia da Família*, com notas sobre Apo. 1:10. Passe por toda a lista de comentários, e todos dizem a mesma coisa. Eles têm algum motivo para fazerem isso? Sim, bom o suficiente para ser conclusivo!

1. Em toda a Bíblia, o sétimo dia nunca foi nenhuma vez chamado de o Dia do Senhor.

2. “O Sábado” era o termo invariavelmente utilizado para o sétimo dia judaico. João sempre usava esse termo quando ele falava do sétimo dia. Veja João 5:9, 10, 16, 18; 7:22, 23; 9:14, 16; 19:31. Se ele quisesse dizer o sétimo dia em Apo. 1:10, ele certamente teria dito “Dia de Sábado”, e não o “Dia do Senhor”.

3. A palavra grega *kuriakos*, é uma nova palavra que se originou no Novo Testamento e encontrada em apenas outro lugar, 1 Cor. 11:20, “a ceia do Senhor.” Incontestável que aqui ela se aplica ao Senhor Jesus. “O adjetivo *kuriake* foi ‘formado pelos próprios apóstolos’ [Winer, *N.T. Gram.*, página 226.] No mesmo sentido, declara Liddell e Scott. Na maneira de lidar com palavras em seus léxicos, eles dizem: ‘Nós sempre procuramos dar a autoridade mais antiga para o seu primeiro uso, e depois, se nenhuma alteração foi introduzida por escritores posteriores, nós a deixamos somente com aquela referida autoridade mais antiga’ (Prefácio, página 20). Quando nos voltamos para a palavra *kuriakos*, eles dão como autoridade a sua primeira citação, e, portanto, como a sua primeira autoridade, o Novo Testamento. A questão agora é por que formar uma nova palavra para expressar uma instituição sagrada,

se a instituição, por si só, não é nova? Winer diz: ‘Novas palavras e frases foram totalmente construídas, principalmente por composição, e em sua maior parte, para satisfazer alguma real necessidade.’ (Gram., página 25). Que real necessidade em relação ao sábado, o Antigo Testamento deixou velado? É evidente que a nova necessidade surgiu de uma nova instituição. Esta posição recebe força adicional, pelo fato de que o outro uso da palavra *kuriakos* no Novo Testamento é encontrado em 1 Cor. 11:20, designando a ‘ceia do Senhor’, que é, certamente, uma nova instituição.” Peter Vogel em *Debate com Waggoner*, página 110. Este é um ponto forte, e deve ser decisivo.

4. À medida que o evangelho se tornou uma nova instituição, ele exigia o uso de novos termos. Portanto, temos “cristãos”, Atos 11:26, como o novo nome para o povo de Deus; “apóstolos”, “evangelistas” e “diáconos” como os oficiais da nova igreja; “batismo”, como o rito de iniciação para a igreja; a “ceia do Senhor”, 1 Coríntios 11:20, e o “Dia do Senhor”, como instituições dessa igreja. Apo. 1:10. As novas relações, como originados pelo evangelho, não poderiam ser expressas pelos antigos termos da lei; portanto, novas palavras e novos termos tinham de ser usados. Por 1.500 anos, o termo “Sábado” tinha sido o nome estabelecido para o dia de descanso semanal da lei, e ainda era usado por todos, referindo-se ao sétimo dia. Portanto, se os cristãos tivessem que ter um novo dia de descanso semanal, comemorando fatos do evangelho, eles deveriam encontrar um novo termo para isso. Assim, nós temos o “Dia do Senhor”.

Há uma boa razão pela qual, no evangelho, o “Dia do Senhor” é o dia de Cristo. Oficialmente e enfaticamente, ele é o único Senhor nesta nova dispensação.

O termo “Senhor” se aplica a Cristo, quatrocentos e cinquenta vezes, no Novo Testamento. Assim, no evangelho, todas as coisas são comumente ditas como pertencendo a Jesus, por exemplo, “os discípulos do Senhor”, etc. Atos 9: 1. Agora leia em conjunto, “O corpo do Senhor”, 1 Coríntios. 11:29,” o cálice do Senhor”, “sangue do Senhor”, versículo 27, “a morte do Senhor”, versículo 26, “mesa do Senhor”, 1 Coríntios. 10:21. “A Ceia do Senhor”, 1 Coríntios. 11:20; “Dia do Senhor”, Apo. 1:10. Não referem todos ao mesmo Senhor? Claro que sim! E quem não admitiria isso? Sob a jurisdição oficial de Jesus, o Senhor, surge a necessidade de todas as instituições, agora obrigatórias. Assim, o “Dia do Senhor” é o dia de Cristo, e esta é a forma como ele é sempre usado pelos primeiros pais, como temos visto.

Objecções respondidas: O sétimo dia é chamado de “Sábado do Senhor,” Ex. 20:10; “Meu santo dia,” Isa. 58:13; e Jesus diz que ele era “Senhor do sábado”, Marcos 2:28. Não é isto o Dia do Senhor? Não, por que: 1) A palavra “Sábado” é usada em cada um destes três textos, mas não em Apo. 1:10. 2) Todos os três textos foram ditos antes da cruz, e sob a lei, mas Apo. 1:10, está sob o evangelho. 3) O sábado judaico foi abolido na cruz, Col. 2:16; Rom. 14:5; Gal. 4:10, 60 anos antes de João escrever o Apocalipse; daí, que não poderia ter sido o dia do Senhor, quando João escreveu. 5) O fato de que o termo “Dia do Senhor”, logo após o tempo de João, quando usado pela igreja primitiva, foi sempre aplicado ao domingo, e nunca para o sábado. Isso resolve a questão do significado dele em Apo. 1:10.

Mas, é questionado que João, e todos os outros evangelistas, nos evangelhos, chamam o domingo de simplesmente “o primeiro dia da semana,” em vez de o Dia do Senhor. Portanto, se João, em Apocalipse 1:10, tivesse a intenção de dizer domingo, ele teria dito “o primeiro dia da semana”, como ele fez no evangelho. A resposta é fácil: Jesus previu que ele iria ser morto e ressuscitaria ao terceiro dia. Cada evangelista é cuidadoso em mostrar que a previsão foi cumprida. Assim, eles foram meticulosos em dar os nomes desses três dias, como eram chamados pelos judeus; ou seja, “dia da preparação”, “dia de sábado,” e “primeiro dia da semana”. Esta é uma resposta que satisfaz. Além disso, é provável que o dia da ressurreição não foi, imediatamente, chamado de o “Dia do Senhor”; mas pelo tempo que João escreveu o Apocalipse, em 96 dC, o nome, para aquele dia, já era bem conhecido, como já temos demonstrado.

PORQUE É APROPRIADO QUE O 1º DIA DA SEMANA SEJA O DIA MEMORIAL DO EVANGELHO?

Por que as pessoas guardam um dia? Sempre pelo o que ocorreu naquele dia. Por que o sábado, a páscoa, e outros dias foram guardados? Por causa do que ocorreu naqueles dias. Por que observamos o dia 7 de Setembro, Natal, os dias de nosso nascimento, casamento, etc.? É importante então perguntar, se alguma coisa ocorreu no domingo, para torná-lo digno de ser observado por cristãos.

Um dia memorial é a melhor forma de se comemorar um evento passado. Um monumento, uma estátua, e similares são locais e vistos apenas por poucos, mas um dia é para todos, e regularmente. Assim, com que entusiasmo cada nação comemora seus dias memoráveis, como o nosso 7 de Setembro. Assim, a religião consagrou dias memoráveis, como o Sábado, a Páscoa, Pentecostes, e outros da era judaica. E será que o maior de todas as instituições, o evangelho, não teria um dia memorial? Se assim fosse, seria a única exceção entre todas as religiões do mundo, e uma grande perda para a igreja. Se a criação material mereceu um dia memorial, quanto mais a redenção espiritual da raça humana.

Mas, por que teorizar assim? É o maior e o mais conhecido fato em toda a terra hoje, que a igreja cristã tem um dia memorial, o dia da ressurreição do Senhor, o dia do Senhor. Ele é regularmente observado em todas as nações debaixo do céu. Já mostramos como esse dia, desde dias dos apóstolos, tem sido considerado como um dia memorial. Resta apenas inquirir, se ele era o único dia que melhor se adaptava a essa finalidade. Estude a vida de Jesus, analise nela, todos os mais notáveis dias, no ano, no mês, na semana, e deverá ser admitido por todos, que nenhum outro dia, a não ser o dia da ressurreição, poderia ser escolhido como o dia memorial. Pense nos dias da última semana de Cristo. Quão fracos são os eventos de qualquer outro dia, em comparação com o dia da ressurreição! Segunda-feira? Terça? Quarta-feira? Quinta-feira, sua traição; sexta-feira, sua morte; sábado, na sepultura. Nós selecionaríamos qualquer um destes dias como um dia memorial para uma igreja jubilosa? Certamente que não!

“No sábado judaico, o Salvador estava sob o poder da morte. Foi aos seus discípulos, um dia de inquietação e tristeza. A lembrança daquele dia seria sempre a eles, dolorosa. O pensamento da agonia, a cruz, o grito amargo, o gemido ao expirar, e o sepulcro triste, só poderiam criar um sentimento de tristeza. Para sempre, o dia de sábado judaico foi despojado de sua alegria no coração do cristão.” *O Dia do Senhor, Nosso Sábado*, página 21.

Foi o dia da ressurreição, do qual tudo dependia. Jesus poderia ter vivido a vida pura que ele viveu, poderia ter feito todos os milagres que ele fez, poderia ter morrido na cruz como ele fez, pode ter sido enterrado como ele foi, no entanto tudo isso não poderia ter salvado uma alma sequer, se ele não tivesse ressuscitado dos mortos. “Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã, e ainda estais nos vossos pecados, e também os que dormiram em Cristo estão perdidos.” 1 Cor. 15:17-18. A ressurreição completou o trabalho que fez Jesus, o Salvador do mundo. O próprio Jesus, quando questionado pela evidência de sua autoridade, apontou para a ressurreição ao terceiro dia, como a prova dela. João 2:18-21; Mat. 12:38-40; 16:21. Este teste de sua divindade era bem conhecido por todos, pois os fariseus disseram a Pilatos: “Senhor, lembramo-nos que aquele enganador disse, enquanto ele ainda estava vivo, ‘depois de três dias, ressuscitarei’”. Mat. 27:63.

Quando Jesus morreu, a esperança de seus discípulos foi enterrada com ele, Lucas 24:17,21, e as santas mulheres estavam de coração partido. Mas os judeus perversos se alegraram, e Satanás triunfou enquanto os anjos lamentavam. Se alguma vez o diabo teve esperança, foi quando Jesus permaneceu morto durante aquele dia de sábado. Mas, no momento em que o domingo começou a despontar, um anjo poderoso, como um raio, desce; a terra treme; a sepultura é aberta; e Cristo surge como um conquistador sobre a morte, o inferno e a sepultura. Mat. 28:1-4. A última esperança de Satanás se vai; os judeus perversos estão consternados; as santas mulheres estão contentes; a esperança de um mundo é garantida; os sofrimentos e humilhação do Filho de Deus chegam ao fim; e ele caminha para fora, o Salvador Todo-Poderoso, o Senhor de todos. Nunca antes uma manhã despertou assim, neste mundo perdido. Não se admira que ele se tornasse o dia memorial da igreja. Impossível ter sido de outra forma.

Paulo diz que Jesus foi “declarado ser o Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos”, Rom. 1:4. Foi isso que provou sua divindade. Assim, que haverá um dia de juízo, Deus “tem dado certeza a todos os homens, pois ele ressuscitou dentre os mortos.” Atos 17:31. 1. No domingo, Jesus ressuscitou dos mortos. Marcos 16:9. 2. Neste dia ele apareceu pela primeira vez aos seus discípulos. 3. Neste dia, ele se encontrou com eles em diferentes lugares, e repetidamente. Marcos 16:9-11; Mat. 28:8-10; Lucas 24:34; Marcos 16:12-13; João 20:19-23. 4. Neste dia, Jesus os abençoou. João 20:19. 5. Neste dia, ele transmitiu a eles o dom do Espírito Santo. João 20:22. 6. Neste dia, ele primeiro encomendou-os a pregar o evangelho a todo o mundo. João 20:21; e Marcos 16: 9-15. 7. Neste dia, ele deu aos apóstolos a sua autoridade de legislar e orientar sua igreja. João 20:23. 8. Pedro diz, que Deus “nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.” 1 Pedro 1:3. 9. Neste dia, Jesus subiu ao seu Pai, assentou-se à sua direita e recebeu o domínio sobre tudo. João 20:17; Efésios 1:20. Naquele dia, muitos dos santos mortos

ressuscitaram. Mat. 27:52-53. 11. Este dia tornou-se o dia de alegria e regozijo aos discípulos. “Então os discípulos se alegraram quando viram o Senhor.” João 20:20. “Enquanto eles ainda não acreditavam, de tanta alegria.” Lucas 24:41. 12. Naquele dia, o evangelho de um Cristo ressuscitado foi pregado primeiro, dizendo: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente.” Lucas 24:34 13. Naquele domingo, o próprio Jesus deu o exemplo de pregar o evangelho da sua ressurreição, explicando todas as escrituras sobre o assunto e abrindo as mentes dos discípulos para compreendê-lo. “Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras”. Lucas 24:27,45 14. Finalmente, neste dia foi concluída a aquisição de nossa redenção.

Com tantos acontecimentos e fatos emocionantes do evangelho, acumulados no primeiro dia da ressurreição, tornando-o memorável acima de todos os dias na história do mundo, o que ele poderia se tornar, senão o grande dia na memória da igreja? Os fatos daquele dia tornou-se o tema da igreja desde então. A grande batalha, entre os apóstolos e os judeus incrédulos, foi sobre os acontecimentos daquele dia. Jesus ressuscitou, ou não? Os judeus “deram grande soma de dinheiro” para refutar isso, Mat. 28:12, enquanto que os apóstolos construíram a igreja e apostaram suas vidas encima disso. Assim, na própria providência de Deus, o sábado judaico foi lançado na sombra, enquanto todas as esperanças, pensamentos, argumentos e canções da nova igreja foram necessariamente desviados para um outro dia, o dia da ressurreição.

Dia memorável, deveria ser um que agitasse o coração de cada cristão e movesse os pecadores ao arrependimento, como de fato, eles têm feito todas as semanas, a partir daquele dia. “Dia do Senhor”, quão apropriado é este título, para o grande dia, no qual, o nosso Senhor triunfou sobre tudo, assentando profunda e segura, a fundação da igreja cristã. Apropriadamente, então, este dia tem-se tornado um dia memorial do evangelho, o dia da alegria e regozijo. Vamos, então, chamá-lo de um dia pagão? Dia do papa? A marca da besta? Um dia odiado por Deus e uma abominação para Cristo? Deus me livre! Foi dito de Jesus: “Que mal tem ele feito?” Então perguntamos: “Que mal tem feito a observância do Dia do Senhor?” Que homem, igreja ou nação, tem se tornado pior por causa deste dia? Em verdade, isto não é visto no caráter, nem na história deste dia.

O OITAVO DIA DE JOÃO 20:26

Eu me tornei convencido de que a reunião de Cristo com seus discípulos, “oito dias depois”, João 20:26, foi no domingo. Ele se reuniu com eles na noite do domingo anterior. Verso 19. Aqui “oito dias depois”, ele se encontra com eles novamente. Os sabatistas calculam, e se convencem de que isso ocorreu na segunda-feira ou terça-feira. Mas, comparem isto com a expressão “após três dias.” O número de dias, após a sua morte, em que Cristo haveria de ressuscitar, é dado em três maneiras. 1. “Em três dias”, Mat. 26:61; 27:40. 2. “O terceiro dia”, Mat. 16:21; 20:19. 3. “Depois de três dias”, Marcos 8:31. Todas essas expressões significam a mesma. Ele morreu na sexta-feira e ressuscitou no domingo; portanto, o domingo era “três dias”, “terceiro dia” e “depois de três dias”, em sua forma comum de falar. Da mesma forma, “em oito dias”, “no oitavo dia” e “oito dias depois”; tudo isso seria o mesmo, que é o próximo domingo, ou o oitavo dia.

O que reforça essa posição é o fato bem conhecido, que o termo, “o oitavo dia”, tornou-se um termo comum para o dia da ressurreição, entre todos os primeiros pais cristãos. Assim o pastor Andrews, o historiador do sétimo dia, escrevendo sobre Dionísio, 170 dC, diz do domingo: “Todo escritor que precede Dionísio chama o primeiro dia da semana de o ‘oitavo dia’, ou domingo.” *Testemunho dos Pais*, página 52. Assim Barnabé, 120 dC, diz: “Nós guardamos o oitavo dia com alegria, o dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos.” *Epístola de Barnabé*, Capítulo 15. Justino Mártir, 140 dC, diz: “O primeiro dia depois do sábado, permanecendo como o primeiro de todos os dias, é chamado, entretanto, o oitavo, de acordo com o número de todos os dias do ciclo, e [ainda] continua sendo o primeiro.” *Diálogo com Trifão*, Capítulo 41. E. Cipriano, 250 dC, diz que “o oitavo, que é o primeiro dia depois do sábado, e o dia do Senhor.” *Epístola 58*, Seção 4. De onde é que a igreja primitiva tirou a ideia de que o oitavo dia era o dia do Senhor, se não dos apóstolos? Evidentemente, então, a reunião em João 20:26, foi no domingo. As únicas visitas de Jesus aos seus discípulos, após a ressurreição, quais o Espírito Santo viu que eram aptas para o dia, são aquelas que ocorreram aos domingos.

PENTECOSTES, ATOS 2

Que o dia de Pentecostes, Atos 2, caiu no domingo, tem sido acreditado e mantido por cristãos em todas as épocas. 1. O tempo do Pentecostes foi assim definido: “Vocês contarão a partir do dia depois do sábado, desde o dia em que trouxerdes o feixe da oferta movida, sete semanas inteiras serão, até o dia seguinte ao sétimo sábado, haveis de contar cinquenta dias.” Lev. 23:15, 16. No dia seguinte ao sétimo sábado seria, certamente, o primeiro dia da semana.

2. Os caraitas judeus consideravam que o Pentecostes, de acordo com a lei, devia ser sempre aos domingos.

3. “Pentecostes” significa “quingentésimo”, o quingentésimo dia após o primeiro sábado em que eles começaram a contar, portanto, ele deve cair no primeiro dia da semana.

4. O *Comentário do Dr. Scott* diz: “Como Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana, assim, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, sete semanas, ou no quingentésimo dia depois.” Sobre Atos 2: 1.

5. Este ponto é tão claro que os próprios adventistas do sétimo dia admitiram isso. Assim diz o pastor U. Smith: “O molho dos primeiros frutos foi movido no décimo sexto dia do primeiro mês. Isso foi de encontro ao antítipo, na ressurreição de nosso Senhor, as primícias dos que dormem, o décimo sexto do primeiro mês... a festa das semanas, ou Pentecostes, ocorreu no quingentésimo dia da oferta dos primeiros frutos. O antítipo desta festa, o Pentecostes de Atos 2, foi cumprido naquele mesmo dia, cinquenta dias após a ressurreição de Cristo, no derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos”. *O Santuário*, página 283, 284. Cinquenta dias, após a ressurreição de Cristo, caiu no primeiro dia da semana. Isso foi exatamente como Deus planejou. O Dia de Pentecostes era para ser no dia seguinte ao sétimo sábado, e no quingentésimo dia. Lev. 23:15,16.

6. Assim, diz o *Comentário Eclético*: “Aconteceu no primeiro dia da semana.” Sobre Atos 2.

7. “O Pentecostes, naquele ano, deve ter caído no primeiro dia da semana.” *Comentário Bíblico* sobre Atos 2.

8. “Que o dia de Pentecostes caiu no domingo é inegável, pois a ressurreição de Cristo foi num domingo, e Pentecostes foi o quingentésimo dia, contado a partir da ressurreição”. *Obras de Bramhall*, V. 51.

9. “Ele, conseqüentemente, ocorreu no ano em que Cristo morreu, no primeiro dia da semana, ou nosso domingo.” *Lange* sobre Atos 2: 1.

10. “O dia de Pentecostes era um domingo.” *Comentário de Wheadon* sobre Atos 2: 1.

Observe agora a importância daquele dia. Jesus disse aos discípulos que ficassem em Jerusalém, até que fossem revestidos do poder do alto. Lucas 24:49. Eles deveriam começar a sua pregação lá. Verso 47. Naquele dia de Pentecostes, eles seriam batizados com o Espírito Santo. Atos 1:5. Nos últimos dias de Judá e de Jerusalém, a lei era para sair de Sião e a palavra do Senhor de Jerusalém, enquanto todas as nações se reunissem nela. Isa. 2:1-4. Tudo isso foi cumprido no dia de Pentecostes. O Espírito Santo veio sobre os discípulos em grande poder; então, eles começaram a pregar o evangelho e milhares foram convertidos. Estes foram apenas os primeiros frutos do que tinha ocorrido, de fato, em sucessivos domingos, desde então. Ele tem sido o grande dia de poder e de conversões na igreja, a partir daquele dia. Assim, Deus notoriamente homenageou o domingo bem no começo do evangelho, assim como ele continuou a fazê-lo, desde então.

ATOS 20:6 e 7

Todos concordam que os discípulos tiveram um dia regular para reuniões. Paulo disse: “Não deixemos de congregar-nos.” Heb. 10:25. Isso implica em um tempo regular e um lugar indicado para as reuniões. Reprendendo-os por fazer da ceia do Senhor, uma festa, Paulo diz: “Quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a ceia do Senhor”, mas sim para festejar. 1 Cor. 11:20. Isso indica que eles tinham um lugar e

um tempo para se reunirem para a ceia. Não há a menor evidência de que os cristãos celebravam a Ceia do Senhor ou faziam específicos cultos cristãos no sábado judaico. Em todos os casos onde as reuniões no sábado são mencionadas, elas são feitas em conexão com o culto judaico regular. Não há registro de que os cristãos se reuniam sozinhos para o culto naquele dia. Eles, certamente, não poderiam ter a Ceia do Senhor nas sinagogas, no sábado, com os judeus. Também não há a menor insinuação de que isto foi tentado. Portanto, eles devem ter se reunido, sozinhos, em qualquer outro lugar, e em algum outro dia. Voltando-nos para Atos 20:6, 7, lemos: “E nós navegamos de Filipos, depois dos dias dos pães asmos, e fomos ter com eles, em Trôade, em cinco dias, onde nós ficamos por sete dias. E no primeiro dia da semana, quando os discípulos se reuniram para partir o pão, Paulo pregou-lhes, pronto para sair no dia seguinte.”

Ali eles se encontraram, só eles, e em um cômodo superior, para a ceia do Senhor. O tempo é o primeiro dia da semana. A forma incidental, em que é mencionado o dia, mostra que o que eles fizeram era um costume bem compreendido entre eles. - “Quando eles se reuniram para partir o pão, no primeiro dia da semana”. Três coisas são mencionadas: 1) Eles vieram juntos. O fato é mencionado, como se todos soubessem, que era comum para eles fazerem isso. 2) “para partir o pão”. De novo, é indicado, como se todos soubessem que isso, também era uma prática comum entre os cristãos. 3) No primeiro dia da semana. Tal como os outros dois elementos, isso é mencionado, como uma prática bem compreendida entre eles; portanto, nenhuma explicação é dada dele. Diz-se que os discípulos “se ajuntavam” ou “se reuniam”, frases comuns para as suas reuniões de igreja. Assim, Pedro “entrou e achou muitos que ali se reuniram.” Atos 10:27. “Vocês se reúnem não para o melhor... Quando vos ajuntais na igreja.” 1 Cor.11: 17,18. “Se, pois, toda a igreja se reunir num mesmo lugar.” “Quando vos ajuntais, cada um de vós tenha um salmo”. 1 Cor.14: 23,26. “Não deixeis de congregar-vos.” Heb. 10:25. Isso indica, portanto, a sua habitual reunião.

Observe o fato adicional, versículo 6, que Paulo estava lá por sete dias, e mesmo assim, nenhuma observação é feita em relação ao dia de sábado, nem mesmo para nomeá-lo; ao passo que, o primeiro dia é notadamente destacado. O partir do pão e a reunião no primeiro dia da semana são notados, e estão ligados entre si. Observe ainda que, embora Paulo estivesse lá, por uma semana inteira e durante o sábado judaico, a Ceia do Senhor não foi administrada antes do domingo. Isso mostra que, por algum motivo, o domingo era considerado por eles, como o único dia adequado para a ceia. “Isso mostra também que Paulo permaneceu ali por vários dias, à espera do dia normal de culto, o primeiro dia da semana.” E o motivo atribuído para a reunião era para PARTIR O PÃO, e não porque Paulo estava lá.

Os sabatistas afirmam que esta reunião, em Trôade, foi no sábado à noite, e, portanto, Paulo seguiu viagem na manhã de domingo. Mesmo se fosse assim, isto não provaria que Paulo não tivesse consideração pelo domingo, pois, ele estaria apressando-se, no possível, para estar em Jerusalém no dia de Pentecostes, versículo 16, e ele deveria ir ao horário estipulado pela embarcação, gostando ou não, pois ele era somente um passageiro. Veja o versículo 13 e capítulo 21:1, 2. Mas, é mais provável que Lucas considerou o tempo, segundo o método romano, meia-noite a meia-noite, como João o fez em João 20:19. “No mesmo dia, à noite, sendo o primeiro dia da semana.” Aqui, neste texto, domingo à noite é considerado, como pertencente ao primeiro dia. Lucas escreveu para os gentios. Ele era um homem culto, e escreveu Atos muito tempo depois da ressurreição, quando os costumes romanos estavam sendo mais utilizados. Além disso, a reunião, em Trôade, foi ao primeiro dia da semana, e eles partiram “no dia seguinte”, versículo 7, o que, certamente, não poderia ter sido no mesmo dia.

O prof. A. Rauschenbush, do Seminário Teológico de Rochester, diz: “Estes eventos não ocorreram no tempo do Antigo Testamento, mas no tempo do Novo; não na Palestina, mas na costa oeste da Ásia Menor, cerca de mil milhas de distância. Além disso, esta foi a época do domínio romano; e sobre toda a terra e pessoas que os romanos conquistaram, eles impuseram, não só as suas leis, mas também o seu modo de contagem do tempo. A partir de sua história mais antiga, os romanos tem começado o dia à meia-noite. Na época em que Paulo visitou Trôade, na costa oeste da Ásia Menor, esta maneira de contar o tempo pertencia a Roma, já por cento e oitenta anos.” *Sábado ou domingo*, página 14. O prof. Hachett, falando sobre Atos 20:7, diz: “Como Lucas havia se misturado tanto com nações estrangeiras, e estava escrevendo para leitores gentios, seria muito apropriado para ele designar o tempo, de acordo com o que eles praticavam, de modo que, a noite do primeiro dia da semana seria o fim do sábado cristão, e a manhã da sua partida seria a manhã da segunda-feira”. Isto é tido como que quase certo, pelo fato de que o livro de Atos é dirigido a “Teófilo”, que não era judeu, mas um romano, vivendo na Itália. Que os primeiros cristãos participavam da Ceia do Senhor sempre aos domingos, é reconhecido por todos.

Dr. Scott, sobre Atos 20: 7, diz: “Esta cerimônia parece ter sido constantemente administrada em cada Dia do Senhor.”

Enciclopédia Shaff-Herzog, Artigo “Ceia do Senhor”, diz: “Originalmente, a santa ceia era administrada a cada dia, em então, todos os domingos.”

“É bem sabido que os cristãos primitivos administravam a Eucaristia em cada Dia do Senhor.” Doddridge.

“Nos tempos primitivos, era costume de muitas igrejas receberem a Ceia do Senhor, em cada Dia do Senhor.” Matthew Henry.

“Todo primeiro dia da semana.” Carson.

“Toda a antiguidade concorda, evidenciando que, durante os três primeiros séculos, todas as igrejas partiam o pão, uma vez por semana.” Alex Campbell, em *Sistema cristão*, página 325. Dr. Albert Barnes, sobre este verso, diz: “É provável que os apóstolos e os primeiros cristãos celebrassem a Ceia do Senhor, em cada Dia do Senhor.”

As Constituições Apostólicas, por volta de 250 dC, diz que, “no Dia do Senhor, reúnam-se mais diligentemente...[participando da] a oblação do sacrifício, do dom do alimento sagrado.” *Livro II*, capítulo 7, parágrafo 55. E diz, novamente: “Nós, solenemente, nos reunimos para celebrar a festa da ressurreição, no dia do Senhor.” *Livro VII*, seção 2, parágrafo 36.

Fabian, bispo de Roma, 250 dC: “Em cada Dia do Senhor, a oblação do altar deve ser feita por todos os homens e mulheres, com pão e vinho” *Decretos de Fabian, Livro V*, Capítulo 7.

Estes testemunhos lançam grande luz sobre as passagens do Novo Testamento, onde o primeiro dia da semana, o Dia do Senhor, é referido. Eles mostram que uma celebração semanal, naquele dia, foi estabelecida em todas as igrejas, pelos próprios apóstolos. Se os adventistas pudessem encontrar em qualquer lugar, após a ressurreição, uma reunião de cristãos, só para o culto no sábado, isto seria usado por eles, como evidência de um costume em favor de sábado. Agora, vê se eles fazem a mesma dedução em favor do domingo.

1 CORÍNTIOS 16:1-2

Vamos ler 1 Cor. 16:1-2, e Atos 20: “Ora, quanto à coleta para os santos, assim como eu tenho ordenado às igrejas da Galácia, façam vocês do mesmo modo. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em estoque, conforme a prosperidade que Deus tem dado, para que se não façam coletas quando eu chegar”. O que Paulo aqui estabelece para os coríntios, ele já tinha estabelecido entre as igrejas da Galácia, versículo 1. Esta carta é dirigida a “todos os que em todo lugar invocam o nome do Jesus Cristo, nosso Senhor.” Capítulo 1:2. Ele também diz, que o que ele escreve, deve ser recebido como “os mandamentos do Senhor.” Capítulo 14:37. Isso, então, é um mandamento inspirado do Senhor Jesus, no tocante ao primeiro dia da semana, e, é para todos os que invocam o seu nome. Isso requer um ato definido de dever religioso, a ser realizado regularmente a cada domingo, pois isso não se relaciona somente a um primeiro dia, mas a cada domingo daí por diante. Eles deveriam colocar de lado, nesse dia, uma parte para os pobres, daquilo que Deus lhes dava. Isto implica que isto seria para eles, um dia de lazer e devoção, quando eles estivessem em casa, tendo tempo, e estando em bom estado de espírito para fazer este ato benevolente - um ato de adoração, “sacrifício aceitável e agradável a Deus.” Fil. 4:18. Desde os tempos antigos, Deus tem dito, que ninguém “aparecerá vazio perante o Senhor.” Deut. 16:16. Falando sobre 1 Cor. 16:1-2, Dr. Clark observa: “O apóstolo segue aqui a regra da sinagoga; era o costume regular, entre os judeus, fazer suas coletas para os pobres no dia de sábado.” Para este propósito, eles tinham ‘a bolsa de esmolas’, ou o que chamaríamos de caixa dos pobres. Isto é o que o apóstolo parece querer dizer, quando ele diz, que eles deveriam por de parte, no estoque, isto é, na bolsa de esmolas ou na caixa dos pobres” Neste texto, o Dr. Barnes observa com sinceridade: “Não pode ter havido nenhuma razão, para o qual, este dia devesse ter sido designado, exceto para ser um dia separado para a religião e, portanto, considerado um dia adequado para o exercício de benevolência, para com os

outros”. Por que Paulo escolhe o domingo, ao invés de qualquer outro dia da semana, se não fosse um dia religioso?

Adventistas dizem que isto não implica em qualquer reunião naquele dia, que eles deveriam separar as doações em casa. Mas isso iria contra o próprio objetivo que Paulo tinha em vista. Paulo disse que ele tinha pressa para estar em Jerusalém. Ele poderia se atrasar, ao ter que reunir as coletas quando ele viesse. Então, eles deveriam ter tudo recolhido e pronto, para quando ele viesse. Mas se essas doações estivessem todas em suas casas, então, a coleta teria que ser feita depois que ele viesse, isto é, aquilo que ele havia ordenado para ser evitado, “para que não haja coletas quando eu chegar.” Verso 2. Dr. Machnight comenta: “No primeiro dia de cada semana, cada um de vós separe um pouco, de acordo com a prosperidade de vocês, colocando-o no tesouro, para que quando eu vier, não haja coletas.”

NÓS ENCONTRAMOS QUATRO COISAS, QUE OS DISCÍPULOS FAZIAM AOS DOMINGOS:

1. Eles se reuniam. 2. Eles tinham um sermão. 3. Eles celebravam a ceia do Senhor. 4. Eles davam para os pobres. Lendo o que disse o primeiro dos pais cristãos, Justino Mártir, nós vemos que era o costume de todos os cristãos fazer essas coisas, todos os domingos. Assim, Justino, em 140 dC, em sua *Apologia*, capítulo 67, diz: “E no dia chamado domingo, todos os que vivem nas cidades ou no campo, se reúnem em um só lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos,... pão e vinho são trazidos, e o presidente, de modo habitual, oferece orações e ações de graças, segundo a sua capacidade, e o povo consentindo diz: “Amém!”; e há uma distribuição para cada um, e uma participação daquilo pelo qual foi dado graças, e para aqueles que estão ausentes, uma porção é enviada pelos diáconos. Aqueles que estiverem em condições e dispostos a fazê-lo, dão o que cada um pensa que é próprio; e o que é coletado é repassado ao presidente, que socorre os órfãos e as viúvas.”

Isso mostra que, a nossa conclusão, pelos textos acima, estava correta. Assim, como vimos, ao atentar para os primeiros pais, logo após os apóstolos, encontramos todos os cristãos de todas as igrejas, em todas as partes do mundo tendo suas reuniões aos domingos, em memória da ressurreição, assim como fazemos agora. Isso mostra, sem qualquer sombra de dúvidas, que o costume foi estabelecido pelos próprios apóstolos, e assim, pela autoridade de Cristo. João 20:21-23.

Considere este fato importante, testemunhado em todo o mundo hoje: Nós temos cinco eternas testemunhas de que Cristo existiu, todas mencionadas no Novo Testamento. 1º. A Igreja. “Eu edificarei a minha igreja.” Mateus 16:18. 2º. O Novo Testamento. João “escreveu essas coisas.” João 21:24. 3º. O Batismo. “Vá, batizando-os.” Mat. 28:19. 4º. A Ceia do Senhor. 1 Cor. 11:20; “Tomem a ceia do Senhor.” 5º. O Dia do Senhor. “No Dia do Senhor.” Apo. 1:10.

Existem hoje cerca de 500 milhões de pessoas que professam a fé em Cristo, espalhadas por todas as nações, numa interminável divergência doutrinária. Esta diferença remonta quase que aos dias dos apóstolos. No entanto, todos esses diferentes grupos têm, em comum, estes cinco memoriais da vida de Cristo - a Igreja, o Novo Testamento, o batismo, a Ceia do Senhor e o Dia do Senhor. As Igrejas: Oriental, Armênia, Síria, Católica Romana, Episcopal, Luterana, Metodista, Batista, e centenas mais, todas consideram, de alguma forma, estas cinco coisas como sendo sagradas. Todas concordam que todos os cinco memoriais começaram lá atrás, com os apóstolos, e saíram de suas mãos. Há um acordo perfeito sobre isso, isto é, que um é tão antigo quanto o outro, que todos os cinco vieram juntos, de mãos dadas. Estes 500 milhões, todos, firmemente acreditam e ensinam isso. Este acordo unânime deve ser racionalmente levado em conta. Ele não pode ser ignorado, nem tratado superficialmente. Só pode haver apenas uma resposta verdadeira - todos devem ter começado juntos desde o início, e foram mantidos juntos, até hoje. E a história confirma isto.

CAPÍTULO XI

O PAPA MUDOU O SÁBADO?

Um grande ponto na questão do sábado, do qual os adventistas do sétimo dia não abrem mão, o qual eles repetem mais frequentemente, com toda confiança, é que o papa de Roma mudou o sábado, do sétimo dia, para o primeiro dia. Eles afirmam que esta é toda autoridade que os guardadores do domingo têm, para observar aquele dia. O domingo é o sábado do papa, e a guarda do domingo é a marca da besta, Apocalipse 14:9-12, um terrível pecado aos olhos de Deus. Como é visto na maioria dos seus trabalhos publicados sobre o sábado.

Eles afirmam que a guarda do domingo veio dos pagãos, através do papa para a igreja. Assim: “O nome, origem, autoridade e santidade da instituição do domingo são totalmente e puramente pagãos.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 133. Então, o papa mudou o sábado para o domingo. Ellen White diz: “O papa mudou o sétimo dia [sábado], para o primeiro dia da semana.” Mais uma vez: “O papa mudou o dia de descanso do sétimo, para o primeiro dia.” *Primeiros Escritos*, páginas 26, 55. E de novo: “Aqui encontramos a marca da besta. O próprio ato da mudança do sábado para o domingo, por parte da Igreja Católica, sem qualquer autoridade da Bíblia.” *A Marca da Besta*, página 23. “A guarda do domingo deve ser a ‘marca da besta’”. *A Maravilha das Nações*, por U. Smith, página 183. Para esta reivindicação, a Sra. White tem estabelecido o selo da inspiração divina. Ela diz: “A mudança do sábado é o sinal ou marca da autoridade da igreja romana.” “A guarda do sábado falsificado é a recepção da marca.” *O Grande Conflito*, Vol. 4, página 281.

Isso é suficiente para os adventistas do sétimo dia. Minha experiência me diz que é a crença nisso, como um fato, que induz mais pessoas a desistir do domingo e aceitar o sábado, do que todos os outros argumentos apresentados pelos adventistas. Convença um homem que o domingo é apenas uma instituição católica, um rival do sábado do Senhor e odiado por Deus, e, logicamente, se ele for sincero, ele deixará de guardá-lo. Todos eles aceitam isso, como um fato histórico do cumprimento de Daniel 7:25. Na verdade, este é o principal pilar no seu sistema inteiro, sobre o qual todo o resto depende. Se a sua posição sobre este ponto for falsa, então todo o seu sistema, também será falso, o que eles concordam. Sobre este ponto, o pastor Waggoner diz: “O pastor Canright não exagera quando ele diz, que nós consideramos isto, como sendo uma questão essencial. De fato, assim o consideramos.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 165. Então, eles deveriam ser capazes de provar o ponto, de uma maneira bem clara. Eles afirmam terem sido incumbidos para pregar contra esta mudança do sábado, feita pelo papa.

A ira, sem mistura, de Deus está prestes a ser derramada sobre todos os que continuam a guardar o domingo, o sábado do papa. Uma posição, tão radical assim, deveria ser apoiada por evidências muito claras. Eles afirmam que é um fato histórico, que em algum lugar, durante os cinco primeiros séculos depois de Cristo, o papa mudou o sábado para o domingo. Se isto é assim, eles devem ser capazes de produzir prova histórica confiável para isso, dando O TEMPO, A MANEIRA, O LUGAR, AS PESSOAS, OS FATOS e AS RAZÕES para tão notável ocorrência. Tenho diante de mim, dois livros explicitamente escritos, que provam esta afirmação deles. São eles: *Quem Mudou o Sábado?* 24 páginas, e *Maravilhadas Nações*, 282 páginas. Mas a única prova direta oferecida é simplesmente citações de catecismos católicos, que afirmam que sua igreja fez a alteração. É esta, toda a prova histórica que eles podem apresentar sobre este ponto? Sim, de tudo o que os escritores sabatistas e estudiosos, nos últimos 200 anos, têm sido capazes de encontrar, é apenas isso, e nada mais. Nem um único historiador, em todos os anais do mundo, já afirmou que o papa mudou o sábado. Durante vinte e oito anos, eu mencionei estes catecismos como prova positiva sobre o assunto.

Irritados com o meu pedido de prova sobre este ponto, os adventistas selecionaram o pastor Waggoner para me responder, para encontrar algum autor, que afirme que o papa mudou o sábado. O pastor fez uma tentativa desesperada, abrangendo quarenta e nove páginas impressas. Ele pesquisou nas bibliotecas da América e Europa. O que ele encontrou? Se ele tivesse uma passagem para a questão, ele poderia tê-la citado em poucas linhas. Mas ele não tinha nenhuma. Ele não citou nenhum autor, que dissesse que o papa havia mudado o sábado. Então, a teoria deles se apoia, somente, na alegação destes catecismos católicos. Então, se nós aceitarmos, baseados em sua mera afirmação, a jactanciosa alegação dos católicos, de que eles mudaram o sábado, porque não aceitarmos também a alegação de que o papa é infalível, que ele tem as chaves de São Pedro, a cadeira do apóstolo, a única verdadeira sucessão

apostólica, etc.? Os adventistas prontamente repudiam todas essas outras reivindicações dos católicos, mas, com entusiasmo, aceitam a alegação de que eles mudaram o sábado, simplesmente porque isto se adapta a sua teoria, para qual, eles não podem encontrar nenhuma outra prova. Eles denunciam escritores católicos como falsificadores, fraudulentos, enganadores e mentirosos, mas, quando estes dizem coisas que convêm aos seus propósitos, eles então mudam, e citam as tais afirmações, como sendo uma verdade inquestionável.

Além disso, até mesmo as reivindicações sobre o Catecismo estão deturpadas. A teoria é que, algumas centenas de anos depois de Cristo, o papa, por sua própria autoridade mudou o sábado, e os catecismos são apontados, como que ensinando esta ideia. Mas nenhum deles faz tal afirmação ou algo assim. Cada uma dessas citações católicas afirma, claramente, que a mudança no sábado foi feita, não pelo papa, mas “pela igreja” nos dias de Cristo e dos apóstolos, não centenas de anos depois. Assim: “Pergunta: Quais são os dias que a igreja comanda para serem santificados? Resposta: 1. O domingo, ou o nosso Dia do Senhor, que observamos por tradição apostólica, em vez do sábado.” *Cristão Católico Instruído*, página 209. Na mesma obra, vemos o seguinte: “Pergunta: Com que autoridade vocês guardam o domingo, e não o antigo Shabat, que era o sábado? Resposta: Temos para isso a autoridade da Igreja Católica, e a tradição apostólica”.

Os católicos afirmam que, a sua “igreja” originou-se nos dias dos apóstolos, e qualquer alteração feita pela igreja apostólica foi feita pela Igreja Católica. Portanto, eles afirmam que a “igreja católica” mudou o sábado, nos dias dos apóstolos. Os adventistas, na utilização destas citações dos Catecismos, os explicam, dizendo, que a alteração foi feita pelos papas apóstatas, centenas de anos após os apóstolos. Mas os Catecismos não afirmam tal coisa, como se vê nas citações acima. Assim, mesmo os catecismos, quando corretamente lidos, ensinam que a observância do domingo originou-se com a igreja cristã, nos dias dos apóstolos. Isto é simplesmente a pura verdade.

Que os adventistas deturpam os ensinamentos dos católicos é mostrado pelo seguinte testemunho de um sacerdote católico: “Tendo vivido durante anos entre os adventistas do sétimo dia, eu estou familiarizado com suas alegações, de que o papa de Roma mudou o sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana. Tais afirmações são totalmente improcedentes. Os católicos não afirmam tal coisa, mas sustentam que os próprios apóstolos estabeleceram a observância do domingo, e que a receberam pela tradição deles. Os concílios e papas, posteriormente, simplesmente confirmaram a guarda do dia, como recebida dos apóstolos. John Meiler, Reitor da Igreja de São João de Healdsburg, Califórnia”

O *Dicionário Católico*, por Addis e Arnold, depois de citar Apocalipse 1:10; Atos 20:7; 1 Cor. 16:1-2, diz: Estes textos “parecem indicar que o domingo já foi um dia sagrado, no qual, atos de caridade eram especialmente propício. Heb. 10:25 mostra uma coisa: Que os cristãos, quando a epístola foi escrita, tinham dias de reunião. As referências bíblicas, dadas acima, mostram que a observância do domingo começou na era apostólica, e onde a Escritura silencia, a tradição comprova este ponto, acima de qualquer dúvida.”

John Ankatell, AM, sacerdote da diocese de Nova York, escrevendo no *Outlook*, de julho de 1889, diz sobre o domingo, dia do Senhor: “Nós acreditamos que ele foi dado por nosso Senhor aos apóstolos, durante os quarenta dias após sua ressurreição, mas não podemos provar isso.” Ele afirma claramente a doutrina católica, a saber: que a mudança foi feita por Cristo e os apóstolos, mas que as escrituras não são claras o suficiente sobre esse ponto, para provar isso; portanto, temos que confiar na autoridade católica, que diz que foi feito nos tempos do Novo Testamento. Todos os católicos e todos os seus catecismos dizem o mesmo, e isso é totalmente diferente do dizer que o papa fez a alteração, centenas de anos depois de Cristo. Isto é uma amostra de como os adventistas pervertem o testemunho que eles usam. (Veja Apêndice E)

Vamos agora apresentar evidência histórica, provando que a observância do primeiro dia da semana, como um dia de adoração, era universal entre os cristãos, nos dias que se seguiram aos dos apóstolos. Se o culto de domingo originou-se ali, então, ele não se originou com o papado, que só foi estabelecido centenas de anos mais tarde.

CARTA DE PLÍNIO, 107 dC

Plínio era o governador da Bitínia, na Ásia Menor, de 106 a 108 dC. Em 107 dC, ele escreveu a Trajano, o imperador, sobre os cristãos, assim: “Eles estavam acostumados a reunir-se, em um dia marcado, antes do raiar do dia, e a cantar, alternadamente, um hino a Cristo como seu Deus... Quando acabavam de realizar estas coisas, era seu costume de se separarem, e então, se reuniam novamente para uma refeição, que tomavam todos juntos, ordenadamente”. *Introdução de Horne, Vol. 1*, capítulo 3, seção 2, página 84. Que este dia era domingo é evidente. 1) Eles se reuniam para adorar a Cristo. 2) Eles se reuniam para tomar uma refeição, a ceia do Senhor. Nós já provamos que o “dia marcado” era domingo. “No primeiro dia da semana, quando os discípulos se reuniram para partir o pão.” Atos 20:7. Isto encaixa exatamente com Plínio.

Eusébio, o historiador, 324 dC, diz: “Eu acho que ele [o salmista] descreve as reuniões matinais, em que nós estamos acostumados a ter, em todo o mundo.” “Por isso, o serviço que é realizado bem cedo, a cada manhã do dia da ressurreição, em todo o mundo, é profeticamente entendido” *Manual de Sábado*, página 125. Isto é exatamente que Plínio diz: Eles reuniam-se “em um dia marcado, antes do raiar do dia”, e, juntos, eles se reuniam para ter uma refeição. Eusébio diz que era o costume de todos os cristãos “reunirem-se bem cedo, a cada manhã do dia da ressurreição.” Isso deve por um fim a questão, e o faz. O dia declarado de Plínio era o domingo. Aquela região era a própria região onde os apóstolos trabalharam, e apenas onze anos após a morte de São João. O pastor Andrews, sabatista, diz: “Este testemunho de Plínio foi escrito alguns anos subsequentes ao tempo dos apóstolos. Ele refere-se a uma igreja, que provavelmente, tinha sido fundada pelo apóstolo Pedro.” *História do Sábado*, Página 237. Isso mostra que os apóstolos ensinaram a guarda do domingo.

EPÍSTOLA DE BARNABÉ, 120 dC

Esta epístola foi altamente valorizada pelas primeiras igrejas, lida, em algumas delas, como parte das escrituras, e é encontrada no manuscrito mais antigo das escrituras, chamado de Codex Sinaiticus. Que a epístola foi escrita por um homem piedoso, culto e de influência, não se pode duvidar. O pastor Andrews, adventistas do sétimo dia, admite que a epístola de Barnabé “existia já em meados do século II, e, como as ‘Constituições Apostólicas,’ é de grande valor para nós, considerando que ela dá algumas pistas, sobre o tipo de pensamento prevalecente na região onde o escritor viveu”. *Testemunho dos Pais*, página 21.

A *Enciclopédia Schaff-Herzog* diz: “A carta foi escrita provavelmente em Alexandria, no início do segundo século, por um cristão gentio”. A *Enciclopédia Britânica*, a mais alta autoridade crítica diz: “Este trabalho é atribuído, pela unanimidade dos primeiros escritores cristãos, a Barnabé, o companheiro de São Paulo... Em relação à data em que foi escrita, a grande maioria dos críticos a atribuem ao reinado de Adriano, em algum momento entre 119 e 126 dC.”

O *Dicionário da Bíblia de Smith* diz: “acredita-se que a epístola tem sido escrita no início do segundo século”. A *Nova Enciclopédia Universal de Johnson* diz: “é suposta, acredita Hefele, ter sido escrita entre 107-120 dC... Ela é frequentemente citada pelos pais da igreja, e foi, por muitos, considerada como de autoridade na igreja, alguns, até mesmo, reivindicando para ela um lugar no cânon sagrado”.

Este é um resumo dos melhores críticos modernos quanto à data, caráter e autoridade da epístola de Barnabé. Lida e reverenciada na igreja por volta do ano 120 dC, ou seja, vinte e quatro anos após a morte de São João. A epístola mostra o que os cristãos acreditavam e praticavam, logo após o tempo dos apóstolos. Nesta epístola, lemos: “O incenso é uma abominação vã para mim, e suas luas novas e sábados não posso suportar. Ele tem, portanto, abolido essas coisas.” Capítulo II. O pastor Andrews admite que “ela presentemente atesta a abolição do sábado do Senhor.” *Testemunho*, etc., página 22. E em relação ao primeiro dia da semana, Barnabé diz: “Portanto, também, guardamos o oitavo dia com alegria, no dia em que também, Jesus ressuscitou dentre os mortos.” Capítulo 15.

O que o pastor Andrews quer dizer com este testemunho? Ele admite que a epístola ensina a abolição do sábado judaico e a guarda do domingo. Mas ele argumenta que tal doutrina é contrária à Bíblia, isto é, à sua maneira de interpretar a Bíblia. Enquanto eu era acreditava firmemente no sétimo dia, ao ler este livro, fiquei impressionado com o fato de que o pastor Andrews, através de seu livro, se opunha e combatia os ensinamentos dos primeiros pais. A razão é evidente: ele defendia uma doutrina, e eles,

outra. Ele acreditava no sétimo dia, e eles acreditavam no primeiro dia. Alguns deles, vivendo no início da igreja, puderam conversar com os próprios apóstolos, enquanto o pastor Andrews vive há mil e oitocentos anos mais tarde. Quem estaria mais apto a saber?

Em sua *História do Sábado*, na página 308, ele diz: “As razões oferecidas pelos primeiros pais, por negligenciar a observância do sábado, mostram, conclusivamente, que eles não tinham luz especial sobre a matéria, em razão de viver nos primeiros séculos, o que não acontece a nós, que vivemos nesta época mais avançada”. Que confissão do historiador mais qualificado que a igreja do sétimo dia já teve! Ele admite que “os primeiros pais”, “nos primeiros séculos” negligenciavam “a observância do sábado”. Que necessidade ainda nós teríamos, de testemunhas que comprovassem que o sétimo dia não foi observado nos primeiros séculos? Mas, como pode isso harmonizar-se com a teoria de que o sábado foi mudado para o domingo pelo papa, centenas de anos depois? Suponha que os primeiros pais não eram bons teólogos, nem bons de raciocínio; eles não poderiam testemunhar um FATO simples? Eles não poderiam declarar, se eles guardavam, ou não, o sábado? Certamente que sim! E isso é tudo o que nós queremos saber.

Nós não citamos esses pais para provar uma doutrina; para fazer isso, nós usamos somente a Bíblia. Nós os citamos para provar um simples fato histórico: que os primeiros cristãos guardaram o domingo; portanto, isto não poderia ter iniciado com as papas, séculos posteriores.

O ENSINO DOS APÓSTOLOS, 120 dC

Este documento não foi escrito pelos apóstolos; mas é um dos mais antigos. Alguns o consideram como tendo sido escrito por volta de 80 dC. O professor Harnack, de Berlim, diz que muitos o colocam entre 90 dC e 120 dC. Esta é a data mais provável. Não pode ser mais recente. The *New York Independent* diz dele: “Ele é, sem sombra de dúvidas, o mais importante escrito fora do Novo Testamento.” O professor D. R. Dungan, presidente da Universidade de Drake, diz: “É evidente que ele não está muito longe, do lado de cá, da morte do apóstolo João.” O notável estudioso, reverendo Wilbur F. Crafts, em seu *Sábado para O Homem*, página 383, diz: Foi “escrito, como os melhores estudiosos concordam, quase por unanimidade, no mais tardar, quarenta anos após a morte do último dos apóstolos, e durante o tempo de vida de muitos, que ouviram o ensinamento de João.” No prefácio a este importante documento, os editores, professores Hitchcock e Brown do Seminário Teológico União, NY, diz: “A autenticidade do documento, dificilmente, pode ser posta em dúvida.” “O documento pertence, sem dúvida, ao segundo século, possivelmente já em 120 dC, no mais tardar, em 160 dC.” *Introdução*.

No capítulo catorze do *Ensino dos Apóstolos* diz: “Mas em cada Dia do Senhor, reúnam-se e partam o pão, e deem ação de graças”, etc. Este testemunho é claro e decisivo, mostrando que, o “Dia do Senhor” foi o dia estabelecido de culto, naquela época primitiva da igreja.

JUSTINO MÁRTIR, 140 dC

Eu cito do livro *O Completo Testemunho dos Pais*, do pastor Andrews: “A ‘Apologia’ de Justino foi escrita em Roma por volta do ano 140”, “e isso, a uma distância de apenas 44 anos da data da visão de João, em Patmos.” “Não parece que Justino, e aqueles em Roma, que estavam com ele na mesma doutrina, prestaram a mínima atenção ao antigo sábado. Ele fala dele como sendo abolido, e trata-o com desprezo.” Page 33.

Esta é uma confissão, que até mesmo um historiador adventista do sétimo dia é obrigado a fazer. O sábado judaico era totalmente desconsiderado pelos cristãos, dentro dos quarenta e quatro anos após a morte do último apóstolo. E isso é comprovado pelo testemunho de um homem que viveu lá.

Ouçã o pastor Andrews, novamente: “Devemos, portanto, pronunciar Justino, um homem que defendia a revogação dos dez mandamentos, e que o sábado era uma instituição judaica, que era desconhecido antes de Moisés, e de nenhuma autoridade depois de Cristo. Ele defendia que o domingo era o dia mais adequado para o culto público.” Página 44. Esta é a doutrina que a igreja primitiva e pais da igreja mantinham. Para o pastor Andrews, Justino em sua “Apologia” ao imperador, vagamente representava o que os cristãos geralmente faziam, era apenas o que ELE devia ter feito. O pastor Andrews passa a impressão de que Justino representava apenas um pequeno grupo de cristãos apóstatas em Roma, e que ele não é muito confiável. Mas os fatos, simplesmente, mostram o inverso. Ele era um grego, nascido na

Palestina, e teve o seu *Diálogo com Trifão*, em Éfeso, na Ásia Menor, na igreja onde São João viveu e morreu; o centro da igreja oriental, e apenas quarenta e quatro anos após a morte de João. De Justino, a *Enciclopédia Americana* diz: “Um dos escritores mais antigos e mais instruídos da igreja cristã... Ele também foi igualmente zeloso na oposição a supostos hereges.” A *Enciclopédia Schaff-Herzog* diz: “Nestas obras, Justino procura apresentar o sistema de doutrina realizado por todos os cristãos e procura ser ortodoxo em todos os pontos. A única diferença que ele sabia que existia entre os cristãos, era a questão do milênio. Assim Justino é uma incontestável testemunha para a unidade da fé na igreja de seus dias, e ao fato de que o tipo gentio de cristianismo prevalecia”.

“Eusébio diz que Justino ofuscou todos os grandes homens que iluminaram o segundo século, pelo esplendor de seu nome.” Seus escritos são “os mais importantes que chegaram até nós, vindos do segundo século”. *Enciclopédia de McClintock e Strong*, artigo “Justino Mártir”.

Dr. Schaff diz dele: “Depois de sua conversão, Justino dedicou-se inteiramente à reivindicação da religião cristã, como um evangelista itinerante, sem residência fixa.” *História da Igreja, Vol. 1*, página 482. Não foram somente seus livros aceitos sem contestação, como expressão da prática da igreja, mas sua vida itinerante na Palestina, e então, em Roma, Grécia e Éfeso, permitiu-lhe conhecer esta prática, e sela o seu testemunho com uma força igual à demonstração. Assim, então, Justino é um testemunho incontestável da fé e prática dos cristãos em geral, poucos anos após a morte dos apóstolos.

Agora, ouça o que Justino diz sobre o primeiro dia da semana: “E no dia chamado domingo, todos os que vivem nas cidades ou no campo se reúnem para um lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, enquanto o tempo permitir; então, quando o leitor termina, o presidente verbalmente instrui e exorta a todos à imitação dessas coisas boas. Então, todos nós, nos levantamos juntos e oramos, e como já disse antes, quando a nossa oração termina, pão e vinho e água são trazidos, e o presidente da mesma maneira oferece orações e ações de graças, segundo a sua capacidade, e o povo consente, dizendo: “Amém!”; e há uma distribuição a cada um, e uma participação daquilo sobre o qual as graças foram dadas; e aqueles que estiverem ausentes, uma porção é enviada pelos diáconos. Os que estiverem em condições, e dispostos, contribuem financeiramente naquilo que eles acham ser conveniente; e o que é recolhido é deixado com o presidente, que socorre os órfãos, viúvas e aqueles que por doença ou qualquer outra causa, estão em necessidade, e aqueles que estão em prisões, como também os estrangeiros que permanecem entre nós, e, em uma palavra, cuidam de todos os que estão em necessidade. Mas domingo é o dia em que todos nós temos nossa reunião regular, porque é o primeiro dia em que Deus, tendo produzido uma mudança na escuridão e matéria, fez o mundo; e Jesus Cristo, nosso Salvador, no mesmo dia, ressuscitou dos mortos. Pois ele foi crucificado no dia anterior a de Saturno (sábado); e no dia seguinte a de Saturno, que é o dia do Sol, tendo aparecido aos seus apóstolos e discípulos, ele ensinou-lhes estas coisas, que nós apresentamos também a ti para a sua consideração.” *A Primeira Apologia de Justino*, Capítulo 67.

O pastor Andrews questiona a autenticidade deste documento? Não, certamente! Que resposta ele daria a ele? Simplesmente, que Justino não chama o domingo de sábado e nem de Dia do Senhor. Isto é rapidamente respondido, pelo fato de que Justino estava escrevendo para um imperador pagão, que teria sido totalmente ignorante ao significado de cada um destes termos, mas quem estava familiarizado com o termo “Dia do Sol” ou “domingo”. Então, Justino, por necessidade, usou esse termo. Mas os fatos são claros, positivos e inegáveis de que os cristãos, dentro dos quarenta e quatro anos após o livro do Apocalipse ser escrito, não guardavam o sétimo dia, mas faziam suas reuniões aos domingos; e Justino diz que Jesus ensinou estas coisas aos apóstolos. Com estes fatos perante ele, é de se maravilhar como pode alguém dizer que o sábado foi mudado para o domingo, trezentos ou quatrocentos anos após isso, pelos papas apóstatas. Quanto a mim, eu me tornei plenamente convencido, de que tais declarações são contrárias aos fatos mais claros da história, como pode ser visto acima, pela declaração inquestionável de Justino Mártir.

É impossível que a guarda do domingo pudesse ter sido, assim, universalmente introduzida em todas as igrejas, sem uma palavra de oposição, a menos que ela tivesse começado na fonte, com os próprios apóstolos. Considere também a força desse fato: Desde os primeiros dias, ainda na época dos apóstolos, a igreja foi dividida em seitas opostas, e controvérsias entre elas, muitas vezes, eram muito fortes. No entanto, todos concordaram em guardar o domingo. Então, hoje, vá para qualquer parte do globo, e onde você encontrar cristãos de qualquer seita ou nação, lá você os encontrará guardando o domingo. Alguns sabbatistas, de origem mais recente, são as únicas exceções a esta regra. Como é que este costume

universal aconteceu se não tivesse sido iniciado no próprio fundamento da igreja, pelos próprios apóstolos?

DIONÍSIO DE CORINTO, NA GRÉCIA, EM 170 dC

Vamos ouvir um pouco mais os pais da igreja para saber, se eles guardaram, ou não, o domingo. Dionísio, bispo de Corinto, a igreja que Paulo ergueu, e a qual, ele deu o comando sobre coletas aos domingos, 1 Cor. 16:1-2, diz: “Nós passamos este Dia do Senhor, no qual nós lemos a sua carta. Pela constante leitura da mesma, seremos capazes de extrair admoestações.” Eusébio, *História Eclesiástica*, livro 4, capítulo 23. Que o Dia do Senhor é o dia da ressurreição, nós já vimos. Este termo não é aplicado a qualquer outro dia, a não ser ao primeiro dia da semana. Observe que este testemunho é da Grécia, e não de Roma. Assim, o dia da ressurreição era um dia “santo” em 170 dC.

BARDESANES DE EDESSA, SÍRIA, 180 dC

Dez anos depois, temos o testemunho do herege Bardesanes, o sírio, que viveu por volta de 180 dC. Ele pertencia à seita gnóstica. Ele diz: “No primeiro dia, o primeiro dia da semana, nos reunimos, e nos dias das leituras, se abstêm de [tomar] alimento.” *Livro das Leis dos Países*. Diz o pastor Andrews : “Isso mostra que os gnósticos usavam o domingo como dia para suas reuniões religiosas.” *Testemunho*, etc., página 53. Aqui está outro bom testemunho para o domingo, e outra boa confissão do pastor Andrews. Todas as igrejas, ortodoxas e hereges, já guardavam o domingo em 180 dC. Como, é então, que Constantino e o papa mudaram o sábado para o domingo centenas de anos mais tarde? As próprias palavras do pastor Andrews, definitivamente, refutam essa ideia.

Observe também aqui, uma refutação da ideia tão fortemente defendida pelos sabatistas, que a guarda do domingo originou-se em Roma, e lá, foi confinada por longo tempo. O pastor Andrews tem de admitir que os gnósticos, nesta data, utilizavam o domingo como um dia de adoração. Mas, 1) Os gnósticos eram enfaticamente uma seita oriental, originários da Síria, e foram mais numerosos em Alexandria, Ásia Menor e Oriente. Roma nunca teve qualquer influência sobre eles. O próprio Bardesanes viveu em Edessa, na Mesopotâmia, 1.500 milhas a leste de Roma, em outro continente, sob as leis de outra nação. 2) Esta seita era numerosa no Oriente, por volta de 150 dC, ou 55 anos após a morte de João. Portanto, temos o registro da guarda do domingo, não só em Roma, mas em todo o leste, já em 150 dC, centenas de anos antes de receberem qualquer influência do papado.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, EGITO, 194 dC

Clemente foi um dos mais renomados pais cristãos. Ele escreveu por volta de 194 dC. Ele diz: “Ele, em cumprimento do preceito, quando ele abandona uma disposição do mal, guarda o Dia do Senhor e assume o gnóstico, glorificando a ressurreição do Senhor.” *Livro 7*, capítulo XII. O dia do Senhor, como será sempre visto aqui, é o dia da ressurreição. Clemente viveu, não em Roma, mas no Egito. Então, a guarda do domingo não era simplesmente um costume romano, como reivindicam os adventistas.

TERTULIANO DA ÁFRICA, 200 dC

Tertuliano foi um dos mais notáveis dos primeiros pais. Ele nasceu em 160 dC. Ele foi altamente educado, criado em retidão, e muito talentoso. Crescido como um pagão, ele se converteu a Cristo e se opôs veementemente ao paganismo, desde então. Radicalmente zeloso em seus princípios, se opunha a toda conformidade com o mundo. A frouxidão da igreja romana levou-o a retirar-se dela, à qual, ele passou a se opor fervorosamente. Assim, ele não era um romanista, e Roma não tinha a mínima influência sobre ele, a não ser para levá-lo para o outro lado. Ele era estritamente ortodoxo na fé e um amante das escrituras. Portanto, se fosse verdade que a guarda do domingo, como uma instituição pagã, estivesse sendo introduzida na Igreja por Roma, Tertuliano seria o homem que teria se oposto a ela, e sem medo, a teria condenado.

A *Enciclopédia de Johnson* diz dele: “Um dos maiores homens da igreja primitiva.” Ele “se juntou a seita puritana dos montanistas. Eles foram ortodoxos na doutrina, mas austeros em espírito e disciplina.” “Ele permaneceu fiel à fé dos católicos, mas contendeu com eles, veementemente, em questões de moral e

disciplina. Ele também foi um representante da oposição africana a Roma.” A *Enciclopédia Schaff-Herzog* diz dele: “Um dos maiores e mais originais personagens da antiga igreja.” “Ele desprezava a filosofia grega.” Do seu grande livro, eles dizem: “Um dos magníficos monumentos da antiga igreja.” *Dicionário Clássico de Anton* diz dele: “Ele nos informa, mais corretamente do que qualquer outro escritor, a respeito das doutrinas cristãs de seu tempo... Tertuliano era reconhecido em alta estima pelos pais subsequentes da igreja.” Neander diz: “Tertuliano é um escritor de importância extraordinária.” *Rose’s Neander*, na página 424.

Ali está, então, uma testemunha competente e impecável para com as doutrinas e práticas da igreja universal em 200 dC, ou apenas 104 anos depois de João. Vez após vez, ele argumenta que o sábado foi abolido, que os cristãos não o guardam, mas guardam o domingo, o Dia do Senhor. Sobre a abolição do sábado, ele diz: “Peçamos àquele que afirma que o sábado é ainda para ser observado... que nos mostre que nos tempos antigos, homens justos guardaram o sábado.” “Deus originou Adão incircunciso e não observador do sábado.” Então, ele diz que Abel, Noé, Enoque, etc., não eram “observadores do sábado.” *Resposta aos Judeus*, capítulo 2. Novamente: “É demonstrado que a antiga lei foi abolida em seu tempo específico, assim também, é demonstrado que a observância do Shabat foi temporária.” Capítulo 4. “Nós solenizamos o dia depois do sábado, em contraste com aqueles que chamam este dia seu *Shabat*, e o dedicamos para descansar e comer, desviando-nos dos velhos costumes judaicos, dos quais eles estão agora muito ignorantes.” *Apologia de Tertuliano*, capítulo 16. Tertuliano novamente declara que seus irmãos não observam os dias considerados sagrados pelos judeus: “Nós não concordamos com os judeus em suas peculiaridades em relação aos alimentos, nem em seus dias sagrados”. “Nós, no entanto, (assim como temos recebido), no dia da ressurreição do Senhor, devemos tratar não só de nos ajoelhar, mas também devemos deixar todos os afazeres e preocupações, adiando até mesmo os nossos negócios, a menos que queiramos dar lugar ao diabo.” *Tertuliano Sobre Oração*, capítulo 23. O domingo, então, era observado por cristãos já naquela data, mas o sábado, não.

ORÍGENES, 225 dC

Orígenes, 225 dC, era um homem de grande aprendizado, e seus escritos são numerosos. “Orígenes pode muito bem ser aclamado como um dos mais hábeis e o mais digno dos pais da igreja.” *Enciclopédia de McClintock e Strong*. Orígenes diz: “Se é questionado a nós sobre essa questão: que nós somos acostumados a observar determinados dias, como, por exemplo, o Dia do Senhor, a preparação, a Páscoa, ou Pentecostes...” *Orígenes contra Celsus*, livro 8, capítulo 22. Isso mostra claramente que ele observava o Dia do Senhor. A casa de Orígenes ficava no Egito, mas ele andou por todo o Oriente e morreu em Tiro. Observe que as testemunhas a favor do domingo vêm de todas as partes do mundo, e nenhuma de Roma.

AS CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS, 250 dC

Da *Constituições Apostólicas*, 250 dC, o pastor Andrew diz: “A obra intitulada ‘Constituições Apostólicas’ não foi escrita pelos apóstolos, mas ela já existia no século III, e era, então, geralmente aceita como que expressando a doutrina dos apóstolos. Ela, portanto, fornece importante testemunho histórico sobre a prática da igreja naquele tempo.” Mosheim, em seu *Comentários Históricos*, cent.1, seção 51, assim fala dessas “constituições”: “O assunto deste trabalho é, sem dúvida antigo; uma vez que as maneiras e disciplina ali expostas, são aquelas que prevaleceram entre os cristãos dos séculos II e III, em especial, os que residiam na Grécia e nas regiões orientais.” *Testemunho*, etc., página 13. Observe mais uma vez que este trabalho foi o produto da igreja oriental, e, portanto, mostra o costume da igreja no leste, ao invés da igreja em Roma.

Estas “constituições”, então, serão boas testemunhas a favor da prática da igreja, em 250 dC. Na seção 7, lemos: “E no Dia do Senhor, reúnam-se mais diligentemente, louvando a Deus que fez o universo através de Jesus, e o enviou a nós.” “Caso contrário, que desculpa alguém daria a Deus, aquele que não congrega naquele dia para ouvir a palavra de salvação, que fala a respeito da ressurreição?” No livro 7, capítulo 2, parágrafo 30, ele diz: “No dia da ressurreição do Senhor, isto é, no Dia do Senhor, reuni-vos, sem falhar, dando graças a Deus”, etc. No mesmo parágrafo, ao falar da ressurreição de Cristo, o escritor diz: “devido a isso, nós solenemente nos reunimos para celebrar a festa da ressurreição, no dia do Senhor”, etc.

Estes testemunhos são decisivos, e mostram sem sombra de dúvidas, que os cristãos daqueles primeiros dias usavam o domingo, da mesma forma que hoje é usado, isto é, para o culto religioso. Receberam eles então, “a marca da besta”, no mínimo 250 anos antes da besta ter surgido, de acordo com a teoria dos adventistas do sétimo dia? Estes fatos indiscutíveis da história, extraídos dos seus próprios trabalhos publicados e admitidos por eles como sendo verdade, mostram o absurdo absoluto de sua posição, de que a guarda do domingo é a marca da besta.

ANATÓLIO, BISPO DE LAODICÉIA, 270 dC, ÁSIA

Ele foi bispo de Laodiceia, na Ásia Menor. Não é romano, mas grego. Esta igreja foi erguida pelo próprio Paulo, e ela deve ter sido bem familiarizada com a doutrina do apóstolo. Em seu sétimo cânon, Anatolius diz: “A nossa obrigação para com a ressurreição do Senhor nos une para observar a festa pascal, no dia do Senhor.” Em seu décimo cânone ele usa esta linguagem: “O festival solene da ressurreição do Senhor só pode ser comemorado no dia do Senhor”. Em seu décimo sexto cânon, ele diz: “Nosso respeito pela ressurreição do Senhor, que teve lugar no Dia do Senhor, nos leva a celebrá-lo com o mesmo princípio.” Veja como todos estes primeiros cristãos chamam o dia da ressurreição de o “Dia do Senhor”, e como eles o honram. Como é totalmente diferente dos nossos sabatistas, que vivem procurando termos para expressar seu desprezo para com o domingo. Por que essa diferença, e o que ela mostra?

VITORINO, BISPO DE PETAU, 300 dC

“No dia anterior [o sexto], estamos acostumados a jejuar rigorosamente, para que, no Dia do Senhor, possamos partir o nosso pão com ações de graças. E façamos do *parasceve* (*dia da preparação dos judeus, isto é, sexta-feira – nota do tradutor*) um dia de jejum rigoroso, a menos que nós observemos o Shabat com os judeus, o qual o próprio Cristo, Senhor do sábado, diz, através de seus profetas, que a sua alma odeia. O sábado, que em seu corpo, ele aboliu.” *Criação do Mundo*, Seção 4.

PEDRO, BISPO DE ALEXANDRIA, 306 dC

“Mas o dia do Senhor, nós celebramos como um dia de alegria, porque nele, ele ressuscitou, em qual dia, temos recebido, como um costume, de até nem mesmo dobrar os joelhos.” *Canon* 15. Ele dá a mesma razão, 1.581 anos atrás, para guardar o Dia do Senhor, que os cristãos dão agora. Isto foi mais de 200 anos antes do papa chegar ao poder. Observe que essas testemunhas a favor do domingo são de todas as partes do mundo, da África, da Ásia e da Europa, e não apenas de Roma, como adventistas do sétimo dia, inveridicamente, dizem. Isto mostra que a guarda do domingo era tão generalizada como a própria igreja cristã, e isto, bem no princípio.

EUSÉBIO, 324 dC

Eusébio nasceu na Palestina, onde viveu Cristo e os apóstolos, e onde foi o berço da igreja primitiva. Ele foi bispo de Cesarea, onde Paulo ficou dois anos. Atos 23:33; 24:27. Ele estudou em Antioquia, onde Paulo trabalhou durante anos. Atos 15:1. Ele esteve no Egito e na Ásia Menor. Ele foi um dos homens mais notáveis de sua época. Ele escreveu a primeira história da igreja cristã e recebeu o título de “Pai da História da Igreja.” A *Enciclopédia Schaff-Herzog* diz: “Como um repositório de fatos e documentos, o seu trabalho é inestimável.” A *Enciclopédia de Johnson* diz: “Ele era muito destacado pelo seu conhecimento, bem como pelo seus talentos.” Nas *Introduções de Horne*, nós lemos: “Um homem de conhecimento extraordinário, diligência e julgamento, e muito estudioso das escrituras Seu trabalho principal foi *História Eclesiástica*, no qual ele registra a história do cristianismo desde o início até o seu tempo... ele transmitiu, não a sua própria opinião particular, mas a opinião da igreja, a soma do que ele tinha encontrado nos escritos dos cristãos primitivos.” *Vol. 1*, Capítulo 11, Seção 2, página 42.

Ele teve todas as oportunidades possíveis para saber o que os cristãos faziam em todo o mundo. Dele, Justin Edwards, DD, diz: “Ele viveu no século III, era um homem de vasta leitura, e era bem familiarizado com a história da igreja desde os dias dos apóstolos, assim como era qualquer homem de sua época.” Em Cesarea, existia “uma grande biblioteca, a qual Eusébio tinha acesso constante. Ele era um historiador culto e preciso, e a biblioteca lhe foi de grande ajuda para a aquisição de informações sobre todos os assuntos relacionados com a igreja cristã.” *Manual do Sábado*, páginas 124-125. Ele vivia ali e sabia exatamente o que os cristãos faziam, e escreveu cerca de cinquenta anos antes do concílio de

Laodiceia, no qual, os adventistas dizem, o sábado foi mudado para o domingo. Falando dos patriarcas antes do dilúvio, ele diz: “Eles não consideravam a circuncisão, NEM OBSERVAVAM O SÁBADO, NEM NÓS... porque tais coisas não pertencem aos cristãos.” *História Eclesiástica, Livro 1, capítulo 4.* Isto é decisivo. Em 324 dC, os cristãos não guardavam o sábado.

É verdade que houve uma pequena seita herética que guardava o sábado, como os judaizantes o fazem agora. Deles, ele diz: Eles são “aqueles que cultivam no coração más ideias e um pobre conceito a respeito de Cristo... Para eles, a observância da lei é absolutamente necessária [como os adventistas do sétimo dia] como se eles não pudessem ser salvos somente pela fé em Cristo, levando assim, uma vida correspondente a isso... eles também observam o sábado e outras disciplinas judaicas, como os judeus, mas, por outro lado, eles também celebram o Dia do Senhor muito semelhante a nós, em comemoração a sua ressurreição.” *História Eclesiástica, páginas 112-113.* Até mesmo esses judaizantes guardavam o domingo. No *Salmo Noventa e Dois*, ele diz: “A Palavra, pela nova aliança, transferiu a festa do sábado para a luz da manhã, e nos deu o verdadeiro descanso, ou seja, o Dia do Senhor.” “Neste dia, que é o primeiro da luz e do verdadeiro Sol, nós nos reunimos, após um intervalo de seis dias, e celebramos os Shabats espirituais, e também todas as nações que foram redimidas por ele, por todo o mundo, fazendo as coisas decretadas para os sacerdotes fazer no sábado, de acordo com a lei espiritual.” De novo ele diz: “Qualquer coisa que era para ser feito no sábado, nós transferimos para o Dia do Senhor, por ser ele mais honroso do que o sábado judaico.” Citado no *Manual do Sábado*, de Justin Edward, páginas 126-127.

Este testemunho do grande historiador da igreja primitiva é decisivo. Ela coloca acima de qualquer dúvida, que os cristãos em todo o mundo, naquela época, guardavam o domingo, o dia do Senhor, e não guardavam o sábado judaico. Somente uma causa em desespero negaria tal testemunho como este.

RESUMO DOS TESTEMUNHOS NAS ENCICLOPÉDIAS

Por ser uma declaração justa, imparcial e clara dos ensinamentos dos primeiros pais cristãos a respeito da observância do domingo, eu refiro ao leitor, o seguinte artigo intitulado “Dia do Senhor”, do *Dicionário de Smith da Bíblia*. Este é um livro de fácil acesso a todos, em qualquer lugar. É um livro não denominacional, que incorpora os resultados das análises mais aprofundadas e acadêmicas de cada passagem citada pelos pais da igreja, onde há qualquer menção sobre a questão do domingo. Qualquer um que tenha lido os escritos dos pais da igreja deve confessar que as declarações deste livro são justas e verdadeiras. Eu tenho apenas espaço para uma breve citação: “Os resultados de nossa análise dos principais escritores dos dois séculos após a morte de São João, são os seguintes: O dia do Senhor existiu durante estes dois séculos como uma parte integrante do cristianismo bíblico e apostólico. Nunca foi defendido, pois nunca foi contestado, assim como as outras coisas recebidas dos apóstolos. Ele nunca foi confundido com o sábado, mas cuidadosamente diferenciado dele... Não era uma instituição de caráter sabático sério, mas um dia de alegria, e júbilo; encorajador, ao invés de proibitivo em relação ao descanso. Sendo religiosamente considerado, era um dia de reunião solene para a santa eucaristia, oração em grupo, para instrução, para a doação de esmolas; e apesar de ser uma instituição sob a lei da liberdade, o trabalho não parecia ter sido formalmente proibido ou o descanso formalmente imposto. Tertuliano parece indicar que o dia tinha um caráter contrário aos negócios do mundo. Finalmente, qualquer que seja a analogia que possa supor existir entre o Dia do Senhor e o sábado, em nenhuma passagem que chegou até nós, é o quarto mandamento apontado como base para a obrigação de se observar o Dia do Senhor.”

Então, a *Nova Enciclopédia Universal de Johnson*, artigo “Sábado”, diz: “Por um tempo os judeus convertidos observavam tanto o sétimo dia, para o qual o nome “sábado” continuou a ser dado exclusivamente, e o primeiro dia, o que veio a ser chamado Dia do Senhor... Dentro de um século após a morte do último dos apóstolos, encontramos a observância do primeiro dia da semana, sob o nome de Dia do Senhor, estabelecido como um costume universal da igreja... não era considerado como uma continuação do sábado judaico (que foi denunciado em conjunto com a circuncisão e outras práticas judaicas e anticristãs), mas sim como um substituto para ele, e, naturalmente, a sua observância foi baseada na ressurreição de Cristo, em vez de no dia de descanso da criação, ou o sábado do Decálogo.”

Nenhuma autoridade superior a essa poderia ser citada. Ela afirma exatamente a verdade. Assim, a *Enciclopédia Schaff-Herzog*, artigo “Domingo”, diz: “No segundo século, sua observância era universal... Os cristãos judeus deixaram de observar o sábado depois da destruição de Jerusalém.”

O Dr. Schaff, a quem não há autoridade superior nos nossos dias, diz: “A universal e indisputada observância do domingo, no século II, só pode ser explicada pelo fato de que ela teve a sua raiz na prática apostólica.” *História da Igreja Cristã, Vol. I, página 478.*

O homem que fecha os olhos para toda essa massa de testemunhos e ainda insiste que a guarda do domingo é apenas uma instituição de papas, em épocas posteriores, está simplesmente preso por uma teoria, qual ele é obrigado a manter de qualquer maneira. Eu tive uma triste experiência nesta questão, e sei exatamente como um homem do sétimo dia se sente ao ler estes fatos históricos. Eu li alguns deles há vinte anos. Eles me deixaram um pouco perplexo, mas eu superei isso por minha grande fé em nossas doutrinas e acreditando que eles eram em sua maioria falsificações. Depois que eu li mais, eu vi que esses testemunhos eram confiáveis, e, decididamente, contra a nossa teoria do domingo do papa. Isso me perturbou um pouco mais, mas ainda assim eu consegui acalmar minha consciência a respeito do assunto, simplesmente, por parar de pensar neles, e focar em outros argumentos, nos quais, eu tinha perfeita confiança. Em debates, eu estava sempre ansioso em deixar este ponto fora da discussão. Eu sei que os pastores adventistas do sétimo dia geralmente se sentem assim, como eu me sentia, por que muitas vezes, em debates, nós mencionávamos esses testemunhos dos pais da igreja e víamos o efeito que eles produziam. Claro, a grande maioria dos membros nunca leu estas coisas, e vive em uma “feliz” ignorância em relação a eles. Ou, se eles os leem, o fazem em seus próprios livros, onde todos os escritos são “explicados”. Sua fé ilimitada na “mensagem” e em seus líderes leva-os a considerar esses fatos como questões de nenhuma importância.

Quanto a mim, quando uma vez decidi encarar esses fatos históricos, dando a eles o crédito que mesmo vagamente fosse merecido, eu logo vi a falsidade absoluta da afirmação de que o “papa mudou o sábado.” O velho sentimento de desconforto sobre este ponto, agora não mais existe. Eu sinto que, por tudo o que a evidência histórica fala a respeito, meus pés permanecem em terra firme.

CAPÍTULO XII

POSIÇÃO DOS SABATISTAS SOBRE A HISTÓRIA DO DOMINGO REFUTADA

Que resposta os sabatistas dão a todos os testemunhos anteriores? Esta:

1. “A Bíblia, a Bíblia só, é a nossa regra. Nós não vamos pela história.” Resposta: Por que eles então apelam para a história? Nenhum povo depende tanto da história, nem se refere a ela com tanta frequência, e nem faz tantas reivindicações baseadas nela, como os adventistas do sétimo dia. Assim, o livro de Andrews sobre o sábado contém 512 páginas. Destas, 192 são baseadas na Bíblia e 320 na história. No entanto, eles não vão pela história. Onde quer que eles possam encontrar qualquer fragmento em seu favor, eles tiram dele o maior proveito. Da sua dependência da história, o pastor Smith diz: “Um dos fatos mais grandiosos que temos para apresentar, é que Deus sempre teve testemunhas do seu santo sábado, desde os dias de Adão até agora.” *Respostas ao Pastor Canright*, páginas 41-42. Marque isso: Um dos fatos mais grandiosos que eles têm para apresentar, em favor do sábado, é o quê? Testemunho da Bíblia? Não, mas, da história. No entanto, eles não vão pela história, como afirmam. O fato é que eles citam a história sempre que podem. Por que, então, eles protestam contra o uso da história? Porque ela é contra eles.

2. Eles dizem que “os primeiros pais não são confiáveis, tolos, apóstatas, falsificadores e uma fraude.” Ouça o que o pastor Smith diz de um dos pais da igreja: “Uma fraude, um impostor, um falsificador... Um velho falsificador do século II, que escreveu coisas tão tolas para serem repetidas, e, é até vergonhoso citá-las” *Respostas ao Pastor Canright*, página 39. Ouça o pastor Waggoner: “Certamente, insanidade não poderia produzir mais absurdo do que isso.” “Tal absurdo infantil, raramente, é visto sob o título de razão.” “Teria sido uma bênção para o mundo se tudo tivesse se perdido” *Pais da Igreja Católica*, páginas 206, 209, 217. Esta é a maneira como eles tratam os primeiros pais cristãos que disseram alguma coisa em favor do domingo. Sem dúvida, teria sido melhor para aqueles que guardam o sábado judaico, se todos os escritos dos pais cristãos tivessem se perdido, e, melhor ainda, se o Novo Testamento também tivesse se perdido, pois todos estes escritos são contra eles. Por que este esforço para destruir o testemunho daqueles primeiros escritores cristãos? Porque tais testemunhos são contra eles, e os sabatistas sabem disso. Quaisquer que sejam as noções rudimentares que aqueles pais pudessem ter tido, pelo menos uma coisa é certa, eles eram capazes de apontar um simples fato de seus próprios dias para saber se eles guardavam, ou não, o domingo. Todos eles confirmam que guardavam o domingo, e o testemunho deles é decisivo.

Mas, o quanto existe de verdade na acusação de fraude, falsificação, etc.? Apenas isto: Naqueles dias, o nome do autor nem sempre foi assinado ao seu livro, por isso, às vezes, acontecia de um livro ser atribuído ao autor errado. Nenhuma fraude ou falsificação foi concebida ou praticada por qualquer um deles. Olhe para Hebreus. Nenhum nome é assinado a ele. É ainda um ponto em disputa a respeito de quem o escreveu, Paulo, Barnabé, ou algum outro apóstolo. Devemos, portanto, chamá-lo de “fraude” e retirá-lo da Bíblia? Não. Sobre a epístola de Barnabé, por exemplo: Nenhum nome foi assinado a ela, mas esta epístola foi geralmente atribuída ao apóstolo Barnabé e foi lida em todas as igrejas como autoridade, por volta de 120 dC. Alguns a atribuíram a outros autores; mas todos concordam que ela foi escrita, por volta de 120 dC, por algum cristão que descreveu as práticas e costumes da igreja naquele momento. “Fraude, fraude!”, gritam os sabatistas, “Barnabé nunca escreveu isso!” Bem, e daí? O fato é que algum cristão a escreveu, vinte e cinco anos após a morte de João, e nela, ele diz que os cristãos naquela época guardavam o domingo.

3. “Nenhum dos pais chama o domingo de sábado”, assim dizem os sabatistas. Isso está certo. A igreja primitiva e Paulo disseram, como está em Col. 2:16, que o sábado foi abolido juntamente com outros ritos judaicos. O primeiro dia não era o sábado, mas o “Dia do Senhor”, “o oitavo dia”, “o dia da ressurreição”, etc.

4. Os sabatistas dizem que os cristãos trabalhavam no domingo durante o primeiro século ou mais. Sua evidência para isso é muito questionável, como veremos em breve. No entanto, possivelmente no

princípio, o dia pode não ter sido observado tão estritamente como o foi mais tarde; mas ainda assim, era o dia em que todos os cristãos se reuniam para o seu culto, de acordo com o costume dos apóstolos. Isto é o que nós reivindicamos com abundância de provas.

5. Os sabatistas dizem: “Os cristãos guardaram o sábado por séculos, depois de Cristo.” Resposta: A história, abundantemente, mostra que os cristãos judeus observavam o sábado, a circuncisão, páscoa, etc., por um longo tempo. Em algumas igrejas, onde o elemento judeu predominava, os gentios podem ter também observado o sábado, mas todas as igrejas guardavam o domingo ao mesmo tempo. Estes são os fatos sobre a observância do sábado na igreja primitiva como provado acima.

6. Os adventistas do sétimo dia citam os chamados “historiadores eminentes” para provar suas afirmações. Com esses autores, eles enganam o povo e enganam a si mesmos. Eles os citam como “historiadores de confiança”, “grandes autoridades”, “amigos do domingo”, etc. Mas quem são eles? Olhe para a “*História do Sábado*” de Andrews, a obra padrão dos adventistas. Todos os outros livros produzidos por eles relacionados com a história do sábado são apenas produções inferiores baseadas nele. Ele tem sido usado em todas as ocasiões, e seus autores são citados repetidamente por escritores e pregadores. Mas a grande parte de suas citações é de homens como Heylyn, Domville, Morer, Cox, Brerewood, White, etc., clérigos episcopais da Inglaterra que eram amargos opositores da santidade do domingo. Eles são:

1. Brerewood, no século XVII, era apenas um professor da faculdade, não era notável o suficiente para ser citado em qualquer enciclopédia que eu já tenha visto, e eu consultei muitas. Ele era um ardente errático, e argumentou que a lei do sábado foi dada apenas para o mestre. *O Sábado*, por Gilfillin, pág. 122-123.

2. Coleman, um escritor americano de nossos dias, pouco mencionado nas enciclopédias.

3. Dr. Robert Cox, um escritor escocês, contrário ao domingo, do século passado. Não mencionado em qualquer enciclopédia. Veja Gilfillin, página 168. No entanto, Andrews o cita vinte e duas vezes, citações longas, como um amigo do domingo. Ele poderia muito bem citar um de seu próprio partido. Em prova disso, leia o seguinte do Dr. Lewis, batista do sétimo dia, em sua *História do Sábado e do Domingo*: “Um pastor da Igreja Batista do Sétimo Dia de Mill Yard em Londres, Robert Cornthwaite, publicou cinco trabalhos sobre a questão do sábado”. Do último livro, Lewis diz: “Robert Cox cita grande parte desta obra.” Páginas 337-339. Exatamente; então, Andrews chama este homem de um amigo do domingo.

4. Domville, outro escritor, contrário ao domingo, do século XIX, e não mencionado em qualquer enciclopédia. Ele nega que tenha havido qualquer autoridade na Bíblia para a observação de domingo, mesmo como um dia de reuniões. Gilfillin, página 143. No entanto, Andrews o cita treze vezes, como um modelo de autoridade sobre o assunto domingo.

5. Heylyn foi o amigo do infame Laud da Inglaterra. Em 1618, Charles I da Inglaterra lançou um *Livro de Esportes* para o domingo, permitindo dança, luta e vários jogos no domingo. Veja Gilfillin, página 85. Pessoas piedosas se opuseram à declaração, afirmando ser ela uma profanação do domingo. Laud, pelo comando do Rei, contratou Heylyn e Dr. White para escrever contra a santidade do domingo, e em favor do livro do rei. Em quatro meses, um grande volume foi escrito, impresso e entregue de acordo com a ordem, para provar o que se queria contra o domingo. A *Enciclopédia do Conhecimento Universal* diz de Heylyn: “Ele era um escritor polêmico muito prolífico, mas suas obras não são de qualquer valor agora.” Deste homem, Andrews utiliza trinta e seis citações, muitas delas bem longas, como suas principais evidências para os seus principais pontos.

6. Dr. White, o homem associado com Heylyn, o mercenário de Laud, ao escrever o livro citado acima, é mencionado onze vezes por Andrews como sendo um DEFENSOR confiável do domingo. Ele poderia muito bem ter citado o pastor Waggoner como um defensor do domingo.

7. Morer, um escritor do século XVIII, não mencionado em qualquer enciclopédia. Ele escreveu para refutar a origem divina da observância do domingo. Veja Gilfillin, página 142. De uma de suas declarações, que favorece o domingo, o pastor Waggoner diz: “Desonesto, como é claramente manifesto.” *Respostas ao pastor Canright*, página 146. Deste homem “desonesto”, o pastor Andrews usa mais de QUARENTA E SEIS DECLARAÇÕES, muitas delas, bem longas.

8. Jeremy Taylor, do século XVII, amigo e capelão do vilão Laud, escreveu contra a autoridade divina de domingo, e ainda é citado por Andrews como sendo amigo do domingo.

Estas são amostras de seus autores. A maioria deles eram membros da Igreja da Inglaterra, e que, também, viviam durante o pior período daquela igreja; uma igreja que permitia a mais ampla gama de opiniões teológicas, como unitarianismo, universalismo, período da graça futura, aniquilação, o racionalismo, alta igreja, baixa igreja, etc.. Então, o que tudo isso revela quanto à qualidade de opinião de alguém que declara ser um ministro dessa igreja?

Retire da parte histórica da *História do Sábado* de Andrews suas citações e argumentos dos autores acima, e dificilmente você teria um esqueleto de sobra. Até mesmo as citações deles são unilaterais. Waggoner, Smith, Butler e todas as luzes menores entre os adventistas do sétimo dia, que vieram depois de Andrews, simplesmente, usam essas citações que ele coletou para eles. Mas eles também podem citar Ingersoll e Tom Paine como “amigos da Bíblia”, já que eles consideram aqueles homens como “amigos do sábado domingo.” Cada um deles escreveu com o propósito de refutar as alegações de ser o domingo um sábado de autoridade divina. Milhares de leitores ignorantes da história são induzidos ao erro, como eu o fui uma vez, por estas citações usadas pelos adventistas. Se eles tivessem a verdade, eles não seriam obrigados a depender de tais autores.

OS PAGÃOS ROMANOS NUNCA GUARDARAM O DOMINGO

Os adventistas do sétimo dia afirmam que a guarda do domingo, vindo dos romanos pagãos, foi adotada pelos católicos, e dos católicos, passada aos protestantes. Esta ideia, eles diligentemente ensinam em todos os lugares. Eles dizem que estes pagãos observavam o domingo em adoração ao Sol. Veja na *História do Sábado* de Andrews, páginas 258-266. Tais declarações são totalmente falsas. Cada dia da semana foi nomeado após um deus e, em certo sentido, era dedicado ao culto daquele deus. Na segunda-feira, à Lua, no sábado, a Saturno, no domingo, ao Sol, etc. Mas eles deixavam de trabalhar nestes dias? Não! Se eles não trabalhassem, eles teriam guardado todos os dias da semana. Eles observavam o domingo, deixando de trabalhar? Não, de fato! Nunca algo assim foi ensinado ou praticado pelos romanos. Eles não tinham nenhum dia de descanso semanal.

O prof. A. Rauschinbusch do Seminário Teológico de Rochester cita Lotz, assim: “É uma coisa vã tentar provar que os gregos e romanos tinham alguma coisa parecida com o sábado. Essa opinião é refutada pelo fato de que os escritores romanos ridicularizavam o sábado, como sendo algo peculiar aos judeus.” Como prova, ele cita muitas passagens dos poetas romanos, e um de Tácito. Seneca também condenou a observância do sábado dos judeus como sendo um desperdício de tempo, pelo qual uma sétima parte da vida era perdida.” *Sábado ou Domingo?*, página 83. Herzog diz: “Nenhuma celebração religiosa especial, em qualquer dia da semana, pode ser observada em qualquer uma das religiões pagãs.” Artigo “Sábado”. Este fato é acidentalmente confessado pelo pastor Waggoner. Da lei de Constantino, 321 dC, ele diz: “Embora o venerável dia do Sol tivesse por muito tempo – muito, muito tempo - sido venerado por eles e seus ancestrais pagãos, A IDEIA DO DESCANSO DO TRABALHO SECULAR EM SUA ADORAÇÃO era inteiramente nova.” *As Respostas ao Pastor Canright*, página 130. Marque esta confissão, pois ela destrói o principal pilar de seu argumento, em seu esforço para provar que a guarda do domingo foi adotada a partir dos pagãos. OS PAGÃOS NUNCA GUARDARAM O DOMINGO. Ele era um dia de trabalho comum como os outros dias da semana. A ideia e o costume de guardar o domingo como um dia de descanso do trabalho originou-se com os cristãos, e não com os pagãos. Digo outra vez: O sábado era sagrado para Saturno, assim como o domingo o era para o Sol. Assim, os adventistas estão observando um dia pagão, assim como os guardadores do domingo.

CONSTANTINO NÃO MUDOU O SÁBADO

Tem sido comum para os sabatistas apontar para a lei de Constantino, como sendo um fator principal na mudança do sábado para o domingo. Nunca houve qualquer verdade na acusação; mas o pastor Waggoner agora sabe de tudo e confessa que a lei não tem nada a ver com a mudança do sábado. “Constantino, em seus decretos, não disse uma palavra a favor ou contra a guarda do sábado da Bíblia.” “É seguro afirmar que nada foi feito no tempo de Constantino, por ele próprio ou por qualquer outro, que tivesse a menor aparência de mudança do sábado.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 150. Essa é a verdade e uma

boa confissão, embora ela contradiga tudo o que eles têm dito até então. Agora, se eles tentassem revisar os seus livros antigos para harmonizar com esta verdade, com certeza seu número de membros diminuiria.

A LEI DOMINICAL DE CONSTANTINO E SEU OBJETIVO

Em 321 dC, Constantino, o primeiro imperador cristão de Roma, emitiu o seguinte decreto:

“Que todos os juízes e pessoas da cidade e a ocupação de todos os comércios, descansem no venerável dia do Sol, mas que aqueles que moram no campo, livremente e em plena liberdade, atentem para o negócio da agricultura; porque muitas vezes acontece de nenhum outro dia ser tão propício para a sementeira de milho e a plantação de vinhas; pois que, se aquele momento oportuno for deixado escapar, os homens perderiam os produtos concedidos pelo Céu”.

Os fatos simples sobre esta lei são: os cristãos, desde os dias dos apóstolos, têm guardado o primeiro dia da semana; mas não havia nenhum direito civil para protegê-los ou ajudá-los nisto. A essa altura, eles haviam se tornado muito numerosos no império e sua influência foi rapidamente se avolumando. A antiga religião pagã estava caindo diante deles. Constantino, para dizer o mínimo, foi favorável ao cristianismo. Seus pais eram cristãos. Ele foi astuto o suficiente para ver que era para o seu benefício, o favorecer essa religião nova e crescente. Assim, logo que ele publicamente professou o cristianismo, ele emitiu vários decretos que o favoreciam de várias maneiras, aquele relativo ao domingo entre os demais. A *Enciclopédia Schaff-Herzog* bem diz: “Ele foi, sem dúvida, convencido das superiores reivindicações do cristianismo como a religião nascente, mas sua conversão foi uma mudança de política, e não de caráter moral. Ele conhecia o cristianismo bem, mas apenas como um poder no império romano, e ele o protegeu como um estadista sábio e diligente... Seu primeiro decreto relativo aos cristãos (Roma, 312 dC) está perdido. No segundo (Milão, 313 dC), ele concedeu-lhes, não só culto religioso livre e o reconhecimento do estado, mas também a reparação dos prejuízos incorridos... Uma série de decretos, nos anos 315, 316, 319, 321 e 323 dC, concluiu a revolução. Cristãos foram admitidos para os escritórios do estado... Um edito de 321 dC ordenou que o domingo fosse celebrado pela cessação de todos os trabalhos em público”.

Será visto que este edito foi apenas um dos sete emitidos para favorecer os cristãos. 1.) Não foi feito para agradar ou favorecer os pagãos, pois, como visto acima, eles não guardavam o domingo. 2.) Como já foi provado, todos os cristãos guardavam o domingo, portanto, esta lei favorecia e agradava a eles. 3.) O edito não foi dirigido aos cristãos, pois eles não precisavam de tal lei, considerando que eles já guardavam esse dia voluntariamente. 4.) Não foi formulado em termos cristãos, “Dia do Senhor”, pois ele foi dirigido aos pagãos. 5.) Foi formulado em termos pagãos, “dia do Sol”, para que os pagãos pudessem compreendê-lo e serem menos ofendidos. Esta lei, então, não fez nenhuma mudança na observância do domingo por parte dos cristãos; mas ele assegurou para esse dia uma melhor observância, exigindo todos, pagãos e não pagãos, para cessar o trabalho naquele dia. Mas diz-se que esta lei de Constantino, 321 dC, foi a primeira lei, já emitida, que proibia o trabalho aos domingos. É verdade, mas por quê? Porque ninguém, exceto os cristãos, acreditava ser errado trabalhar naquele dia; e até aquela data, Constantino não tinha poder para fazer leis, e, portanto, não poderia ter feito uma lei para a observância do domingo, se assim o quisesse. É notório que o primeiro imperador que favoreceu o cristianismo fez, entre outras, leis que favoreciam os cristãos, uma lei civil que proibia o trabalho aos domingos.

Que esta lei foi feita a pedido dos cristãos é agora admitido pelos adventistas. Assim o pastor A. T. Jones no *Battle Creek Journal*, 11 de dezembro de 1888, diz: “demonstrou-se que a primeira lei dominical já promulgada foi criada a pedido da igreja, em nome da igreja, e expressamente para ajudar a igreja.” Exatamente; e isso prova que a igreja observava o domingo antes que a lei tivesse sido feita. É um absurdo dizer que os pagãos sempre guardaram o domingo, e ainda assim, nunca fizeram uma lei a respeito disso. Todos os adventistas concordam que a primeira lei dominical foi feita para favorecer os cristãos. Isso mostra que a observância do domingo era então considerada uma parte essencial do cristianismo. Desta lei, Mosheim diz: “O primeiro dia da semana, que era um dia regular e declarado para as assembleias públicas dos cristãos, foi, em consequência de uma lei peculiar promulgada por Constantino, observado com maior solenidade do que tinha sido anteriormente.” Mosheim, do século 4, parte 2, capítulo 4, seção 5.

Esta lei, endereçada aos pagãos que sempre trabalharam no domingo, exigiu a cessação da atividade naquele dia, e, assim, garantiu aos cristãos uma melhor observância do domingo. O historiador

eclesiástico, Sozomen, escrevendo sobre Constantino, diz: “Ele também ordenou a observância do dia chamado Dia do Senhor... Ele honrou o Dia do Senhor, porque nele, Cristo ressuscitou dentre os mortos.” *História Eclesiástica*, Página 22. Foi, então, em favor do domingo como sendo um dia cristão, e não como uma festa pagã, que esta lei foi feita.

ENCONTRADO AFINAL, A DATA E LOCAL EXATOS DA MUDANÇA DO SÁBADO PELO PAPA

Eu pressionei os adventistas para que eles mostrassem qual foi a data e lugar onde o sábado foi mudado pelo papa, e para que eles citassem qual foi o papa e os fatos envolvidos nessa mudança, se ela realmente ocorreu. Irritado com isso, o pastor Waggoner assumiu essa gigantesca tarefa. Um exemplo pior de presunção e perversão dos fatos seria difícil de se encontrar. Por fim, ele aponta o concílio de Laodiceia, 364 dC, como o local e a data onde e quando o sábado foi mudado. O cânon 29 daquele concílio diz assim: “Os cristãos não devem judaizar e descansar no sábado, mas devem trabalhar naquele dia; mas preferindo o Dia do Senhor, devem descansar, se possível, como cristãos. Portanto, se forem pegos judaizando, deixem-nos serem separados de Cristo”. Sobre isso, o pastor diz: “Agora, se isto não for a mudança do sábado, como qualquer um pode atestar, eu ficaria extremamente feliz em saber o que poderia ser.” “Agora eu afirmo que tenho completamente cumprido com essa demanda; eu tenho mostrado o tempo, o lugar, e o poder que mudou o sábado.” *Respostas ao Pastor Canright*, páginas 141, 151. Ele afirma que este foi “um concílio católico” e que “os primeiros historiadores e os que vieram depois fizeram muita menção” a este concílio. Agora, vamos examinar a sua posição:

1. Se o sábado foi mudado para o domingo pelo papa ali, como ele afirma, então, certamente, não foi alterado antes nem depois, em qualquer outro lugar. Então, se isso falhar toda a sua causa estará perdida. Que o leitor anote a importância deste fato.
2. Ele admite o que todo estudioso sabe, que até a época de Constantino, o bispo de Roma não tinha “autoridade qualquer que seja acima dos outros bispos” e, por isso, não poderia ter mudado o sábado antes desse tempo. Ele diz: “Foi o próprio Constantino que lançou as bases do papado.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 148. Certamente o papado não existia antes de sua fundação ser estabelecida.
3. Ele admite, como acima, que Constantino não fez nada para mudar o sábado.
4. Mas nós abundantemente comprovamos nas páginas anteriores que todos os cristãos, muito antes desta data, foram unânimes em observar o Dia do Senhor. Este simples fato comprova todo o absurdo da afirmação de que ele foi alterado em Laodiceia, em 364 dC, ou pelo papado em qualquer época.
5. No ano 324, ou apenas 40 anos antes do concílio de Laodiceia, Eusébio, bispo de Cesarea, Palestina, escreveu a célebre história do cristianismo. Ele teve todas as oportunidades possíveis para saber o que os cristãos faziam em todo o mundo. Ele diz: “E todas as coisas que era o dever de se fazer no sábado, estas, temos transferido para o dia do Senhor, reconhecendo-o, mais honroso do que o sábado judaico.” Citado no *Manual do Sábado*, página 127.

Essa é a forma como encontramos o sábado e o domingo na igreja, 40 anos antes de Laodiceia. Eles não guardavam o sábado, e sim, o Dia do Senhor; e tinham transferido todas as coisas para ele. Quanta verdade, então, pode haver na posição de que o sábado foi mudado para o domingo pelo papa, 40 anos depois? Que vergonha para tal descarada tentativa de perverter a verdade! Mas vamos olhar para os fatos reais sobre o Concílio de Laodiceia. Os adventistas do sétimo dia reivindicam duas coisas, a saber: que o sábado foi mudado pela Igreja Romana, e que foi feito pela autoridade do papa. Em seguida, eles selecionam Laodiceia como o lugar e a data, mas:

1. Laodiceia não é Roma. Ela está situada na Ásia Menor a mais de 1.000 milhas a leste de Roma. Foi na Ásia, não na Europa. Foi uma cidade do oriente, não do ocidente, uma cidade oriental, não uma cidade latina.
2. Era uma cidade grega, não uma cidade romana.

3. O papa de Roma não estava presente neste concílio em Laodiceia, 364 dC. Waggoner afirma que ele estava? Não, ele não ousaria!

4. O papa não compareceu, nem enviou um embaixador ou um delegado ou qualquer um para representá-lo. Na verdade, nem a Igreja Católica Romana, nem o papa tiveram algo a ver com o concílio em qualquer aspecto. O concílio foi realizado, mesmo sem o seu conhecimento ou consentimento.

5. Nesta primitiva data, 364 dC, os papas, ou melhor, os bispos de Roma não tinham autoridade sobre outros bispos. Só 200 anos mais tarde é que eles foram investidos com autoridade sobre as igrejas ocidentais. Mesmo a sua autoridade foi corajosamente resistida durante séculos no Oriente onde este concílio foi realizado. Veja *A História dos Papas*, de Bower ou qualquer história da igreja. Falando de Sylvester, que foi bispo de Roma em 314 a 336 dC, apenas 28 anos antes deste concílio em Laodiceia, o pastor Waggoner diz: “O bispo de Roma não tinha, até então, ainda obtido qualquer autoridade acima dos outros bispos.” *Respostas ao Pastor Canright*, página 143. Isso é verdade. Será que eles, nos próximos vinte e oito anos, ganhariam suficiente autoridade para alterar a guarda do sábado de um dia para outro, por todo o mundo? Absurdo!

6. Liberio era bispo de Roma, no momento deste concílio de Laodiceia. Ele foi degradado de seu escritório, banido, e tratado com o maior desprezo. Bowers diz que, a fim de acabar com seu exílio, Liberio, “escreveu em um estilo muito submisso e servil aos bispos orientais.” *História dos Papas, Vol. I*, página 64. E este foi o papa que mudou o sábado no concílio dos mesmos bispos orientais, a 1.000 milhas de distância, do qual ele nem fez parte.

7. O Concílio de Laodiceia foi apenas um concílio local, um pequeno evento sem importância e não um concílio geral. O pastor Waggoner o ampliou para um grande “concílio (geral) católico”, uma afirmação que é totalmente falsa. Os concílios gerais foram: 1) Em Nice, 325 dC. 2) Em Constantinopla, 381 dC. 3) Em Éfeso, 431 dC, etc. Veja a lista na *Enciclopédia de Johnson*, ou em qualquer história. Bower na sua extensa obra, a *História dos Papas*, dá uma lista de todos os concílios gerais, os concílios locais importantes, e todos com os quais Roma ou os papas tinham a ver, mas nem sequer menciona este em Laodiceia. Ele menciona muitos concílios realizados naquela época, mas não este. Ele diz: “Vários outros concílios foram realizadas a partir do ano 363-368, da qual não temos nenhuma consideração particular.” *Vol. I*, página 79. Tenho pesquisado através de um número de enciclopédias e histórias da Igreja e não pude encontrar, na maioria delas, nenhuma menção do Concílio de Laodiceia, e apenas algumas linhas em algumas. O pastor W. Armstrong, um estudioso de Canton, PA, diz: “Este concílio não é sequer mencionado por Mosheim, Milner, Ruter, Reeves, Sócrates, Sozomen, nem por quatro outros historiadores que estão sobre a minha mesa.” A *Enciclopédia de McClinton e Strong* diz: “Trinta e dois bispos estavam presentes, vindos de diferentes províncias da Ásia.” Todos os bispos vindos da Igreja do Oriente, e nenhum da Igreja Romana. E, no entanto, eles dizem que este foi o lugar e a data onde e quando a Igreja Romana e o papa mudaram o sábado.

8. Agora pense nisso: esse pequeno concílio local, com trinta e dois bispos, revolucionou o mundo inteiro sobre a guarda do sábado.

9. O fato é que este concílio, simplesmente, regulamentou nesta localidade uma instituição já estabelecida há muito tempo, isto é, o Dia do Senhor, o mesmo que os concílios posteriores fizeram. Se isso mudou o sábado para o domingo, então ele foi alterado uma centena de vezes desde aquela data. Os sabatistas apontam para esses diferentes regulamentos como atos para a mudança do sábado, quando eles não têm a mais remota relação a tal coisa, não mais do que têm as resoluções, no que diz respeito à guarda do domingo, que são agora passadas, de um ano para outro, em todas as assembleias religiosas. O pastor Waggoner faz esta declaração verídica: “Os decretos de concílios não têm como uma coisa geral, sido leis arbitrárias dizendo o que DEVE SER, tanto é assim, que eles têm sido a formulação de opiniões e práticas, em grande parte predominantes naquela época... A infalibilidade tinha sido atribuída ao papa, centenas de anos antes de se tornar um dogma da igreja”. *Pais da Igreja Católica*, página 333, Exatamente; e assim, o Dia do Senhor tem sido observado pelas igrejas, centenas de anos antes do concílio de Laodiceia o ter mencionado.

10. A Igreja de Laodiceia, onde este concílio foi realizado, foi erguida pelo próprio Paulo, Col. 4:13, 16; 1 Tim. 6: no encerramento da epístola. Foi uma das sete igrejas às quais João escreveu. Apocalipse 3:14. Por isso, é certo que foi bem instruída e fundamentada nas doutrinas dos apóstolos. No ano 270 dC,

isto é, entre Paulo e este concílio, Anatólio que era o bispo de Laodiceia, escreveu: “Nosso respeito pela ressurreição do Senhor, que teve lugar no Dia do Senhor, vai levar-nos a celebrá-lo no mesmo princípio.” Canon 16. Aqui nós temos aquela Igreja, guardando o domingo, cem anos antes deste concílio.

11. Por último, se o Concílio de Laodiceia mudou o sábado, como os adventistas afirmam, então, ele foi alterado pela igreja grega, em vez da igreja romana; alterado pelas igrejas orientais, sobre as quais, Roma não tinha autoridade; alterado antes de o papado ser estabelecido, antes de o papa ter qualquer autoridade sobre o leste, por um pequeno concílio local, onde nem o papa, nem nenhum dos seus servos participaram. O absurdo desta afirmação fica claro, sem mais argumentos.

Por muitos anos, eu aceitei essas falsas declarações dos escritores sabatistas como sendo verdades indiscutíveis, como todos os seus convertidos o fazem. Eu não tinha meios de saber a verdade. Preguei fortemente o que eu lia em seus livros e levei centenas de pessoas, ainda mais ignorantes do que eu, a acreditar nelas. Aos poucos, a verdade de que eu estava sendo enganado despertou em mim, mas, levou anos para eu aprender os fatos reais do caso e me livrar da superstição que tinha me aprisionado. Então, eu investiguei o assunto até o ponto em que eu fiquei plenamente satisfeito; e concluí que, para sustentar suas teorias falsas, os sabatistas têm feito grande violência para com os fatos mais claros da história. A afirmação de que o papa mudou o sábado, é uma boa amostra disso.

CAPÍTULO XIII

O SÁBADO NO VELHO TESTAMENTO

O Sábado em Gênesis

O sábado não é mencionado pelo nome, no livro de Gênesis, e sim, somente no tempo de Moisés. Gen. 2: 1-3 afirma que Deus terminou a criação em seis dias e descansou no sétimo dia; e que ele abençoou e santificou o sétimo dia “porque nele tinha descansado.” Sobre isso, nós observamos que: 1. O dia não era santo em si mesmo. 2. O descanso de Deus naquele dia não o tornou santo. 3. Deus santificou, ou fez santo o sétimo dia, porque que ele TINHA descansado nele. Seu descanso acabou e passou, antes de ele abençoar o dia. 4. O registro não diz exatamente quando Deus abençoou o dia. Alguns afirmam que ele santificou o dia, ali no Éden. Outros argumentam que isso não foi feito antes do êxodo. Argumentos plausíveis são usados em ambos os lados; mas o simples fato de que os homens mais piedosos e cultos sempre discordaram da instituição do sábado no Éden, deve ensinar-nos a ter precaução ao construirmos uma teoria sobre um texto polêmico, tão escasso em informações e tão longe no tempo. Com toda a justiça, deve ser reconhecido, que o tempo exato de quando o sábado foi santificado, não pode, certamente, ser determinado a partir deste texto.

O *Dicionário da Bíblia de Smith*, verdadeiramente, diz: “É em Êxodo 16:23-29 que encontramos a primeira instituição indiscutível do dia.” Artigo “Sábado”. Do argumento em Gen. 2:1-3 para a instituição do sábado no Éden diz: “O argumento inteiro é muito precário.” Não existe um mandamento em Gen. 2 para guardar o sábado. Temos de procurar em outro lugar para isso. A santificação do sétimo dia, ali mencionada, é reivindicada por alguns, de ter sido por antecipação (prolepse). Como Moisés escreveu seus livros, depois de chegar ao Sinai, após o sábado ter sido dado no deserto, ele menciona ali uma razão pela qual Deus, portanto, deu-lhes o sétimo dia, que é: porque Deus tinha fixado o exemplo na criação; tinha trabalhado seis dias e descansado no sétimo. Tal uso da linguagem é comum. Nós dizemos: o general Grant nasceu em tal tempo. Não queremos dizer que ele era um general naquela época, mas nós o mencionamos por antecipação, usando um título que ele recebeu depois. Assim, em Gen. 3:20, “Adão chamou a sua esposa de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes.” Aqui está um fato futuro, afirmado como se já houvesse ocorrido. Em 1 Sam. 4:1, os judeus “acamparam junto ao Ebenézer”. Mas o lugar só foi nomeado Ebenézer anos depois. 1 Sam. 7:12. “Judas Iscariotes, que foi o traidor.” Lucas 6:16. Aqui, um fato futuro, no que se refere a Judas, é mencionado quando dele é falado pela primeira vez, embora o ato de traição só ocorreu anos mais tarde. Assim também, quando o sétimo dia é mencionado pela primeira vez, a sua santificação é referida, embora ela só fosse ocorrer bem depois. Temos de admitir que isto poderia ter sido assim.

Ex. 20:8 diz: “Lembra-te do dia de sábado”. Os sabatistas afirmam que isso mostra que o sábado já existia na criação. O texto não prova isso. O sábado tinha sido dado algumas semanas antes do decálogo. Portanto, este texto pode estar remetendo apenas para Ex. 16, quando o sábado foi primeiramente mencionado. Ou, o que é, evidentemente, a verdade real sobre isso, é que ele pode referir-se a guardar o sábado como ele vem, semana após semana. “Lembre-se,” não se esqueça de guardar o dia de sábado.

Está sendo agora, defendido por estudiosos cristãos, que os dias da criação foram períodos indefinidos de tempo. Há muitos argumentos para sustentar esta ideia. Os sabatistas admitem isso. Assim o rev. A. H. Lewis, DD, batista do sétimo dia, editor e autor de vários trabalhos críticos sobre o sábado, diz: “Apreendemos que a semana da criação era infinitamente maior do que a nossa semana de sete dias de vinte e quatro horas.” *Sábado e Domingo*, página 8. Este fato é essencial para a sua teoria do sétimo dia; pois se o dia de Deus não era de vinte e quatro horas como é o nosso, então nós não estamos descansando e não podemos descansar no mesmo dia definido, como ele o fez. Assim, nós só podemos usar a semana de Deus como um modelo - seis dias de trabalho, e no sétimo, descanso.

Os sabatistas pensam que o quarto mandamento designa o dia idêntico em que o próprio Deus descansou. Mas isso não está assim tão claro, como eles dizem. “O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus.” Ex. 20:10. Isto é, o dia de descanso do Senhor; portanto, ele deve ser o dia em que ele próprio descansou, eles dizem. Mas isso não é bem assim. A linguagem simplesmente afirma que aquele dia pertence a Deus. Tome, por exemplo, o dia da Páscoa: “O décimo quarto dia do primeiro mês, é a páscoa do Senhor.” Num. 28:16. Será que o Senhor Jesus observou a páscoa naquele dia? Dificilmente! Mais

uma vez: “Estas são as festas do Senhor.” Lev. 23:4. Será que o Senhor observou as festas naqueles dias? Certamente que não! A linguagem simplesmente afirma que aqueles dias eram sagrados a Deus, e é tudo o que Ex. 20:10 reivindica para o sétimo dia. A versão revisada transmite a ideia claramente: “O sétimo dia é o sábado AO SENHOR teu Deus.”

Bem longe, em um passado de onde se tem pouca luz e onde os eventos de uma época são descritos por uma simples linha na Bíblia, é agora impossível determinar exatamente como tudo foi. A época antes de Cristo é comparada a uma sombra, Col. 2:17, e à luz da lua, Apocalipse 12:1, enquanto que o evangelho é comparado ao Sol. Apo. 12:1. Não seria mais seguro para nós caminharmos à luz do sol, em vez de tatearmos o nosso caminho ao luar e às sombras do passado? Mas a principal dependência dos sabatistas está em cima de argumentos extraídos daqueles tempos remotos, de pouca luz, enquanto que no Novo Testamento, eles acham pouco para sustentar suas teorias, mas muito a explicar.

Não há nenhuma declaração de que qualquer um dos Patriarcas tenha guardado o sábado ou que tenha tido qualquer conhecimento sobre ele. Os sabatistas afirmam que o registro é tão breve que o sábado foi omitido. Sua prova, então, é baseada NAQUILO QUE FOI DEIXADO DE FORA.

Embora o registro, desde Adão até Moisés, abrange um período de 2.500 anos; embora tenhamos um relato completo dos costumes religiosos e dos cultos dos patriarcas, como Noé, Abraão, Isaac, Jacó, José, etc.; embora nos tenha sido informado a respeito da circuncisão, altar, sacrifícios, sacerdotes, dízimo, juramento, casamento, festas, etc., nenhuma palavra foi nos dita falando de alguma pessoa guardando o sábado. Isto não prova positivamente de que eles não o guardavam, mas mostra uma forte probabilidade de que isso não ocorria. Esta é a soma do que pode ser dito sobre o sábado em Gênesis. Quando os homens voltam à Genesis para encontrar o seu principal argumento para o sábado, não seria isso trilhar um longo caminho para encontrar pouco sobre o qual estabelecer um dever cristão? Não seria mais sábio e mais seguro, construir a nossa fé sobre os claros requisitos do Novo Testamento?

TESTEMUNHOS DE HOMENS EMINENTES

Justino Mártir, que escreveu apenas 44 anos após a morte de São João, e que estava bem familiarizado com a doutrina dos apóstolos, negou que o sábado tivesse sua origem na criação. Assim, após mencionar Adão, Abel, Enoque, Ló e Melquisedeque, ele diz: “Além disso, todos os homens justos já mencionados, embora eles não guardassem o sábado, Deus se agradava deles.” *Diálogo com Trifão*, capítulo 19.

Irineu diz: “Abraão creu em Deus, sem circuncisão e sem o sábado.” *Adv. Hoeres*, lib 4, c. 30.

Tertuliano, 200 dC, disse: “Que eles me mostrem que Adão tenha guardado o sábado ou que Abel ao apresentar sua santa oferta a Deus agradou-lhe pela observância do sábado, ou que Enoque, que foi transladado, era um observador do sábado.” *Contra os Judeus*, a seção 4.

Eusébio, 324 dC, o pai da história da igreja, diz: “Eles (os patriarcas) não consideraram a circuncisão, nem observaram o sábado, nem nós.” *Hist. Eclesiástica, Livro 1*, capítulo 4.

Assim, é visto que a igreja primitiva não acreditava que o sábado tivesse sua origem na criação. A mesma doutrina foi mantida por homens eminentes como Paley, Hessey, bispo Bramhall, etc. Paley diz: “Agora, em minha opinião, na aliança efetuada no deserto, acima citada, foi quando houve a primeira instituição real do sábado”. Citado em *Institutos de Watson, Vol. II*, página 515. O grande John Milton diz: “Se a sua instituição foi dada a conhecer a Adão, ou se qualquer mandamento relativo a seu respeito foi dado anterior à entrega da lei no Monte Sinai, ou se tal instituição foi dada antes da queda do homem, não se pode ser verificada.” *Um Tratado Sobre a Doutrina Cristã, Vol. I*, página 299.

John Bunyan diz: “Agora, quanto à imposição do sábado do sétimo dia sobre os homens desde Adão até Moisés, nós não encontramos nada nas Sagradas Escrituras, tanto em preceito quanto em exemplo.” *Obras Completas*, página 892. Assim, muitas das melhores mentes não têm sido capazes de encontrar uma prova clara, de que o sábado foi observado antes de Moisés. Outros, como Clarke, Barnes, Scott, Lange, etc., acham que foi. Seria melhor deixarmos isto como uma questão não resolvida.

Vamos admitir que o sábado tivesse sido dado a Adão, no Éden. Não se conclui com isso, que todos os homens agora devam guardá-lo. Olhe para o que Adão teria que fazer: 1º. Adão só foi autorizado a comer o fruto de árvores e plantas. Gen 1:29. A primeira permissão para comer carne foi dada a Noé. Gen. 9: 3. 2º. Adão tinha que cuidar do jardim. Gen. 2:15. 3º. A árvore do conhecimento foi proibida a ele. Gen 2:17. 4º. Foi-lhe dado o acesso à árvore da vida. Gen 2:16. 5º. Adão estava nu. Gen. 2:25. Tudo isso foi no Éden antes da queda. Isso quer dizer que os homens devem agora comer e trabalhar e vestir-se e fazer exatamente como Adão no Éden? Ninguém acredita nisso! Então, se conclui que não deveríamos observar o sétimo dia, só porque Adão o fez. Este simples fato derruba o argumento mais confiante dos sabatistas.

O SÁBADO NO ÊXODO

A primeira menção da observância do sábado está em Êxodo 16. Muitos eminentes estudiosos sustentam que Deus ali mudou o dia de descanso do sétimo dia original para o sexto dia da semana da criação. Outros sustentam que os judeus, durante a sua longa escravidão no Egito, tinham perdido o sábado, e que foi assim renovado; enquanto que outros afirmam que o sábado foi dado ali pela primeira vez. Qualquer que seja a posição, é claro que a guarda do sábado era uma coisa nova para os judeus. Alguns fatos são claros. A libertação de Israel do Egito marcou uma nova era na história da igreja e de Israel. Isto é mantido proeminente por toda a Bíblia. Aqui Deus lhes deu um novo ano e um novo começo de meses. “Este mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano para vocês.” Ex. 12:2. Por isso, é muito provável que ele tenha dado a eles um novo dia de sábado ou um sábado pela primeira vez. O relato da primeira observância do sábado mostra, claramente, que eles não estavam acostumados a isso.

O Dr. H. C. Benson, o eminente editor, estudioso e escritor, diz de Ex. 16: “É tão explícito que não somos deixados em dúvida quanto ao fato de que o sábado, como observado no deserto do pecado, não tinha sido um dia santificado pelo Senhor antes daquele tempo.” Citado e aprovado pelo Dr. Potts e bispo Harris em *Dia do Senhor, Nosso Sábado*, página 15.

John Milton há mais de 200 anos, disse: “que os israelitas não tinham ainda ouvido sobre o sábado antes daquele tempo, parece ser confirmado por várias passagens dos profetas” *Tratado Sobre a Doutrina Cristã, Vol. I*, livro 2, capítulo 7.

John Bunyan também disse: “O Sábado do sétimo dia, por isso, não foi do paraíso, nem da natureza, nem dos patriarcas, mas do deserto e do Sinai”. *Obras Completas*, página 895.

Isto era novo para eles. Leia: Moisés disse na sexta-feira, “Amanhã é repouso, sábado santo ao Senhor.” *Versão Revisada*. O último verso dá a conclusão sobre o assunto. “Então o povo descansou no sétimo dia.” Por esta razão, as pessoas começaram ali a descansar no sétimo dia. Não haverá nenhum sentido na linguagem, se este não for o significado. Várias escrituras harmonizam bem com esta ideia. Assim, Neem. 9:13-14. “Desceste sobre o monte Sinai... e lhes FIZESTE CONHECER o santo sábado.” Isto implica que não era conhecido antes. Em harmonia com isso, Ez. 20:10-12 diz: “Por isso eu fiz com que eles saíssem da terra do Egito, e os levei ao deserto.” “E também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles.” Quando foi que Deus lhes deu o sábado? Quando ele os trouxe para fora do Egito. Onde é que ele deu o sábado a eles? No deserto. Para que? Para ser um sinal entre ele e eles.

Não é dito que Deus RESTAUROU o sábado, mas que ele lhes deu o sábado. “Eu dei os meus sábados” implica o ato de confiar o sábado a eles, mostrando que eles não o tinham antes. Certamente todos esses fatos são claramente confirmados. Eles mostram que a observância deste dia era uma coisa nova para eles, e só para eles. Deut. 5:15, afirma que o sábado era para ser guardado como um memorial do Egito. “Lembra-te de que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali;... Portanto, o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado.” Isso indica que o sábado era uma instituição judaica. Uma das razões do por que eles deveriam guardá-lo era porque eles tinham sido retirados do Egito. É claro que eles não o guardariam até que existisse razão para guardá-lo. As leis que regulavam a forma como ele deveria ser observado mostram que ele era uma instituição local, adaptado apenas para o culto judaico e para um clima quente. 1. Nenhum fogo deveria ser aceso no sábado. Ex. 35:3. 2. Não deveriam nem assar nem ferver naquele dia. Ex. 16:23. 3. Eles não deveriam ir para fora de casa. Ex. 16:29. 4. Os seus sacerdotes deveriam oferecer dois cordeiros naquele dia. Num. 28:9. 5. Eles deveriam obrigar a todos que estavam no meio deles, vivendo em sua terra, a observá-lo. Ex. 20:10. 6. Eles deveriam apedrejar todos os que o transgredissem. Ex. 31:14. 7. O sábado deveria ser observado

de pôr do sol a pôr do sol. Lev. 23:32. 8. O gado deveria descansar. Ex. 20:10. Nenhuma reunião foi apontada para esse dia. Era para ser inteiramente um dia de descanso.

Os adventistas do sétimo dia não observam nenhuma dessas coisas. Na verdade, seria impossível para eles fazerem a maioria deles. Eles iriam congelar sem fogo e sofrer sem comida quente. Eles andam muitas milhas no sábado e transportam suas equipes; eles não oferecem cordeiros; eles não podem obrigar ninguém a guardá-lo; nem apedrejar aqueles que o violam. No extremo norte, e ao viajar ao redor da Terra, eles não seguem o tempo pelo sol, pois eles ficam impossibilitados de fazer assim. Sua observância do sábado é tão diferente do Antigo Testamento, tal como a lei exigia, como o é a escuridão da luz. Isto mostra a loucura de seu esforço para observar um dia judaico obsoleto. Em nenhum lugar é requerido dos gentios o guardar o sábado, exceto os que habitam entre os judeus. Eles também foram obrigados a observar os outros dias de festa. Lev. 16:29. Durante todo o Antigo Testamento, os gentios são denunciados mais e mais por todos os outros pecados, mas nenhuma vez por quebrar o sábado. A razão para isso deve ser que o sábado não havia sido imposto sobre eles. John Bunyan diz: “Nós lemos que Deus o deu a ninguém, a não ser à descendência de Jacó”. *Obras Completas*, página 895.

“O SÁBADO JUDAICO” – UM TERMO APROPRIADO PARA O SÉTIMO DIA

Os sabatistas se opõem fortemente a nós ao chamarmos o sétimo dia de “o sábado judaico”. Eles perguntam: “Onde a Bíblia o chama de o sábado judaico? Ele é ‘o sábado do Senhor teu Deus’”. Este argumento simples tem grande força para com muitos. Mas estou satisfeito que é perfeitamente adequado designar o sétimo dia como o sábado judaico. Os irmãos do sétimo dia estão constantemente a falar e a escrever sobre “a lei cerimonial” e a “lei moral”, nem podem eles expressar adequadamente as suas ideias sobre as “duas leis” sem usar estes termos. Mas nenhum destes termos é utilizado uma vez sequer em toda a Bíblia. Como é isso? Será que, então, eles poderiam admitir que a sua teoria não é bíblica, porque essas palavras não são usadas na Bíblia? Não! Eles livremente utilizam os termos “festas judaicas”, “sábados judeus”, “sábados anuais”, “sábados dos hebreus,” etc. *História do Sábado*, nas páginas 82, 83, 84, etc. No entanto, nenhum desses termos é encontrado na Bíblia, embora eles não possam prosseguir sem eles. Seria divertido limitar um sabatista estritamente à linguagem da Bíblia e depois ouvi-lo tentar pregar sobre as duas leis e os diferentes sábados. “Aqueles que vivem em casas de vidro não devem atirar pedras.”

1. “Sábado” é simplesmente uma palavra hebraica nunca encontrada antes do tempo de Moisés. Ex. 16:23. 2. A palavra “sábado” nunca é usada na Bíblia, exceto em conexão com algum tempo sagrado dos judeus. 3. Não há nenhum registro de que o sábado sempre foi observado antes de os judeus o guardarem. Ex. 16. 4. O sábado foi dado aos judeus. “Eu dei os meus sábados.” Ez. 20:12. Se Deus deu aos judeus, não era deles o sábado? Não era o sábado, judaico? Se eu dou uma faca a Fred, não é a faca de Fred? 5. Observe como é claro o registro que diz que Deus deu o sábado para os judeus, mas não para outros. “O Senhor vos deu o sábado.” Ex. 16:29. “Fala aos filhos de Israel, dizendo: Em verdade, os meus sábados os guardareis”. Ex. 31:13. Quem recebeu o mandamento de guardar o sábado? Os filhos de Israel, os judeus. “É um sinal entre mim e os FILHOS DE ISRAEL,” os judeus. Verso 17. 6. O próprio Deus chama o sábado “seus sábados”. Oséias 2:11. “Eu também farei com que todo o seu gozo cesse, suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas solenidades.” Não é o sábado judaico, então? 7. O sábado não foi dado a qualquer outra nação. 8. “Os filhos de Israel devem guardar o sábado nas suas gerações.” Ex. 31:16. A quem ele foi confiado? À geração dos judeus. 9. “É um sinal entre mim e os FILHOS DE ISRAEL.” Ex. 31:17. O sábado era deles, exclusivamente judaico. 10. O sábado é classificado juntamente com os outros dias sagrados judaicos e sacrifícios. Ver Lev. 23:1-44; Num. 28:2, 16; 1 Cron. 23:29-31; 2 Cron. 2:4; 8:13, etc. 11. Ele foi abolido com eles. Col. 2:14-17. 12. Os judeus são praticamente quase todos os que guardam o sétimo dia; portanto, “sábado judaico” é uma designação natural e inteligente para esse dia. 13. Os cristãos, quase por unanimidade, guardam o primeiro dia em distinção dos judeus que compõem quase todos os que guardam o sétimo dia. Assim, a designação “sábado judaico” é inteligente e adequada novamente. 14. Os poucos cristãos que observam um dia diferente do grande corpo da igreja guardam o sábado, como fazem os judeus. Por isso, mais uma vez, é significativo e apropriado designá-los como aqueles que guardam o sábado judaico. 15. Mas, os sabatistas dizem que o sétimo dia é chamado de “o sábado do Senhor teu Deus.” Ex. 20:10, e “meu santo dia,” Isa. 58:10, portanto, não é apropriado chamá-lo de “o sábado judaico.” Resposta: Cada estação sagrada do ano, lugar, pessoa ou artigo era chamado “do Senhor”, como por exemplo: “a páscoa do Senhor.” Ex. 12:11. No entanto, lemos: “A páscoa, uma festa dos judeus.” João 6:4. Assim, ele é “o

sábado do Senhor”, em um lugar, e “seus sábados”, em outro. Oséias 2:11. Por isso, é correto e bíblico chamar o sétimo dia de “o sábado judaico.”

ÊXODO 31:16-17, O SÁBADO PERPÉTUO

Nestes versos, os sabatistas encontram três expressões, a partir das quais, eles argumentam que o sábado nunca poderá ter um fim. 1.) “ao longo de suas gerações.” 2.) “perpétuo”. 3.) “para sempre”. Assim: “Portanto os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando o sábado nas suas gerações POR concerto perpétuo. É um sinal entre mim e os filhos de Israel para sempre.” Eles perguntam: Quando PERPÉTUO e SEMPRE acabarão? Eles mostram que a geração dos judeus continua; portanto, o sábado ainda deve ser observado.

Mas este argumento também perpetuaria toda a lei levítica, a circuncisão, incenso, Páscoa, sacerdócio, etc. Assim, da Páscoa, Deus diz: “você observarão uma festa ao Senhor nas vossas gerações; guardareis uma festa por estatuto perpétuo.” Ex. 12:14. Deve ser guardado “em suas gerações” e “para sempre”, assim como o sábado. Da oferta de incenso, é dito: “Incenso perpétuo perante o Senhor pelas vossas gerações.” Ex. 30:8. Assim, se o argumento adventista para o sábado com base nos termos “perpétuo”, “para sempre”, e “nas vossas gerações,” for bom, então eles deveriam celebrar a Páscoa e oferecer incenso. Esta é uma boa amostra da fraqueza dos argumentos sabatistas. O mesmo argumento vai provar a perpetuidade dos holocaustos, Ex. 29:42; expiação, Ex. 30:10; lavagem das mãos e pés, Ex. 30:21; primeiros frutos, Lev. 23:13; oferta de alimentos, Lev. 6:18; óleo para as lâmpadas, Lev. 24:3; franjas, Núm. 15:38; pentecostes, Lev. 23:21; festa dos tabernáculos, Lev. 23:41. Veja também Ex. 40:15; Lev. 3:17; 7:36; Num. 10: 8.

A aplicação destes termos à guarda do sábado é uma prova de que ele era para terminar um dia. Por quê? Porque em todos os casos em que estes termos são aplicados à observância de qualquer decreto-lei, a ordenança cessou. Os adventistas concordarão com isso em tudo, exceto no que diz respeito ao sábado. Nenhum destes termos foi aplicado às leis ou deveres morais. Onde é que você lê, “não matarás pelas vossas gerações?” “Será um estatuto perpétuo que você não deve roubar?” “Será um estatuto para sempre que você não deverá ter outros deuses?” Este texto, então, prova que o sábado era para ter um fim, juntamente com as outras cerimônias judaicas.

“Os cristãos gentios devem tornar-se judeus, israelitas, e assim estarão sob a obrigação de guardar o sábado, pois o sábado foi dado a Israel para sempre, pelas suas gerações.” Este é o argumento favorito dos adventistas para a lei e o sábado. Mas veja a sua falácia: holocaustos, incenso, a lavagem das mãos e pés, franjas, sacerdócio, circuncisão, páscoa, e toda a lei judaica, todos também foram dados a Israel para serem guardados para sempre, pelas suas gerações. Assim, por este argumento, nós teríamos que guardar todos esses, bem como o sábado. Os adventistas guardam qualquer um desses? Não!

Argumenta-se que o sábado deve ser de obrigação perpétua, pois, no decálogo, ele está associado com os mandamentos de natureza perpétua. Mas ele também estava associado com os ritos cerimoniais, tipos e sombras que eram peculiarmente judaicos. Assim: “guardemos meus sábados e reverenciem o meu santuário.” Lev. 19:30. “O sétimo dia é o sábado.” Lev. 23:3. “Na véspera é a páscoa do Senhor.” Verso 5. “A festa dos pães asmos.” Verso 6. No versículo 38, o sábado é mencionado com “dons”, “votos” e “ofertas”. Em Lev. 24:1-8, o sábado é identificado com as ofertas de óleo, pão e incenso. Em Num. 28: 9-10, ele é classificado com as ofertas de cordeiros, carnes, libações, holocaustos, etc. Em 1 Crôn. 23:29-31, o sábado é classificado com as ofertas de cereais, sacrifícios, luas novas, festas, etc. Este fato compensa todo o argumento que se baseia no lugar que o sábado ocupa no decálogo.

O SÁBADO NOS LIVROS HISTÓRICOS

De Josué a Jó, nem uma palavra foi dita que indicasse que o sábado tivesse sido designado para qualquer povo, exceto os judeus; portanto, nenhum argumento pode ser criado a partir desta fonte para vinculá-lo aos cristãos gentios.

O SÁBADO E OS PROFETAS

O sábado não é mencionado em Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Daniel, e na maioria dos profetas menores. Nada é dito sobre ele por qualquer um dos profetas que possa, razoavelmente, ter qualquer aplicação aos cristãos. Vários textos são aplicados pelos adventistas para o nosso tempo, mas são suposições sem provas. Por exemplo, Isa. 56 é usado para provar que os cristãos gentios devem guardar o sábado. Diz: O estrangeiro, gentio, “que guarda o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o meu concerto, também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar”. Versículos 6 e 7. Se isto prova que os gentios devem guardar o sábado, também prova que eles devem oferecer holocaustos e sacrifícios sobre o altar de Deus, no templo, no Monte Sião em Jerusalém, pois todos estes são mencionados tão claramente quanto o é o sábado. Ou, então, se aplica ao tempo judaico e aos prosélitos gentios que abraçaram o judaísmo e foram circuncidados, Ex. 12:48, e observaram todos os ritos judaicos. Se isso for aplicado à era cristã, então esses termos “sábado”, “altar”, “sacrifício”, “minha casa”, “meu santo monte”, deve ser tomado em sentido figurado, pois os cristãos não oferecem sacrifícios, nem tem um altar literal, nem vão a Jerusalém para adorar naquela casa, nem naquela montanha.

Isa. 58:12-13 é audaciosamente aplicado aos nossos dias e a obra dos adventistas, exortando todos a guardar o sábado judaico. Mas não há uma palavra em todo o capítulo sugerindo uma coisa dessa. Tudo isso, eles assumem sem qualquer prova, e depois aplicam as palavras para se adequarem ao seu propósito. Eu fiz isso uma centena de vezes enquanto estava com eles, assim como todos os outros o faziam. Eu sei exatamente como eles fazem isso. Por fim, eu perdi toda a confiança nesta maneira tão imprudente de lidar com a palavra de Deus. Então eu tive que parar de usar a maioria de seus textos que “comprovavam” o sábado. Olhe isso. O capítulo inteiro é dirigido aos judeus, “a casa de Jacó”, verso 1, a “nação”, versículo 2, e assim por diante. Muitas vezes, na era judaica, Deus os chamou para reformar as suas relapsas formas de guardar o sábado, bem como em outras coisas. Isaías 66:22-23 é um daqueles casos. Na nova terra “que sucederá QUE desde uma lua nova até a outra, e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor.” Isso mostra que o sábado será observado no outro mundo, portanto, é perpétuo e por isso ele deve ser observado agora, eles dizem. Mas o texto diz o mesmo das luas novas colocando-as em primeiro, antes do sábado. Portanto, se este texto prova que devemos observar o sábado, ele também prova que devemos observar as luas novas também. Os adventistas observam as luas novas?

Ez. 22:26, diz: “Os seus sacerdotes violentam a minha lei, e profanam as minhas coisas santas; eles não fazem diferença entre o santo e o profano, nem têm eles mostrado diferença entre o imundo e o limpo, e escondem os seus olhos de meus sábados, e eu sou profanado no meio deles”. Este texto, eles também aplicam à sua obra agora e aos ministros que se opõem ao sábado judaico. Mas não há sequer uma palavra em todo o capítulo que dá a entender que isso se aplica ao evangelho e aos gentios. Mas o próprio Deus o aplica à nação judaica, quando eles foram derrotados por Babilônia, centenas de anos antes de Cristo. Leia todo o capítulo e compare-o com Neemias 13: “Eis que os príncipes de Israel” 17-18. Ver versículos 2, 6, 18, 19, etc. “Queres tu julgar a cidade sanguinária”, etc. “A casa de Israel se tornou para mim em escória.” “Portanto, eu vos ajuntarei no meio de Jerusalém.” A evidência é clara de que o texto se aplica aos judeus, enquanto nenhuma prova pode ser dada para mostrar que ele se aplica a nós, onde os adventistas querem aplicá-lo. Eu me tornei plenamente convencido de que é por tais suposições infundadas como estas, por rodeios e argumentos artificiais, que a teoria do sétimo dia é sustentada. Quando você procura por uma instrução simples, direta em toda a Bíblia exigindo que cristãos gentios guardem o sábado, ela não pode ser encontrada. Para eles, a verdade tem de ser DEDUZIDA a partir disto, ESPECULADA a partir daquilo, e CONCLUÍDA a partir de outra coisa; tudo na base da dedução, nada direto. Em suma, o Antigo Testamento não fornece nenhuma evidência de que os cristãos devem guardar o sábado judaico. Se tal prova pode ser encontrada, ela deve estar no próprio Novo Testamento.

CAPÍTULO XIV

O SÁBADO NO NOVO TESTAMENTO

O Sábado nos Evangelhos

Com a abertura do evangelho, vem o período mais glorioso da história da igreja: o Filho de Deus apresenta-se diante de nós revestido de toda a autoridade do céu. Mat. 28:8. Deus diz: “Ouçam-no!” Mat. 17:5. Ele veio para introduzir o evangelho, “um novo e vivo caminho”, Heb. 10:20, “a nova aliança”, “superior aliança”, Heb. 8:6,8, que substitui e deixa de lado o antigo, versículo 13. Em comparação com a era judaica, isto é uma “grande luz”, Mat. 4:16, e a igreja evangélica é representada como “uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos seus pés.” Apo. 12:1. Antes, muito daquilo que foi escuro, sombrio e misterioso, agora é claro e simples. Rom. 16: 25-26.

Uma grande e radical mudança no modo de adorar a Deus é agora introduzida. Muitas instituições do Antigo Testamento, que foram uma vez dadas de maneira muito solene, e pela autoridade do próprio Deus, não são mais obrigatórias.

Mas, onde procuraremos por luz no que diz respeito a essas velhas instituições? Para onde devemos ir para aprender o verdadeiro objetivo de todas elas? Para onde devemos nos voltar para obter as regras necessárias, pelas quais um cristão deva viver? Vamos voltar para o luar da lei judaica? Para a luz das estrelas da era patriarcal? Ou devemos vir à plena luz solar do evangelho? Evidentemente, o Novo Testamento fornece o único, o mais claro e autorizado guia para o cristão. O Antigo Testamento pode ser lido e entendido, corretamente, apenas à luz do Novo Testamento. Mas, é um fato que os sabatistas se voltam para o Velho Testamento, e até para as instituições incertas da era patriarcal, considerando-os como a autoridade mais clara e mais correta para a doutrina do sábado. Para eles, as evidências do Novo Testamento são consideradas secundárias. Todos os seus mais fortes argumentos para a doutrina do sábado são encontrados bem distantes, entre as sombras do Antigo Testamento. Tire esses argumentos deles, e o fundamento de sua teoria é derrubado. Eu sei que isto é assim, porque eu tenho trilhado por este chão, por milhares de vezes. Eu sei como um sabatista se sente, e onde ele põe a sua confiança. Ele se acanha com o Novo Testamento. Há algum dever cristão, que esteja claramente apresentado apenas no Antigo Testamento? Eu não consigo pensar em um único sequer, embora no passado, eu tenha, por muito tempo, tentado encontrá-lo. Em todos os outros pontos, o Novo Testamento é claro e completo. Nele, temos capítulo após capítulo, epístola após epístola, e livro após livro, cheios de instrução, falando sobre cada dever cristão em todas as suas fases. O dever ou o pecado, coberto por cada um dos outros nove mandamentos, é mencionado claramente muitas vezes no Novo Testamento. Mas o dever de observar o sétimo dia não é mencionado uma vez sequer. Veja-os abaixo, organizados lado a lado:

Os Dez Mandamentos no Antigo Testamento e no Novo Testamento:

V.T.: 1. Não terás outros deuses. Ex. 20:3. **N.T.: 1.** Nós anunciamos a vocês para que vocês se afastem dessas vaidades e venham para o Deus vivo que fez o céu e a terra e os mares. Atos 14:15.

V.T.: 2. Não farás para ti imagem de escultura; não te inclinarás perante elas, nem as servirás. Ex. 20:4,5. **N.T.: 2.** Filhinhos, mantenham-se longe dos ídolos! João 5:21

V.T.: 3. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão. Ex. 20:7. **N.T.: 3.** Mas, acima de todas as coisas, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro juramento. Tiago 5:12

V.T.: 4. Lembre-se do dia de sábado, para guardá-lo. Ex 20:8. **N.T.: 4.** Não existe nenhum mandamento em todo o Novo Testamento para guardar o sétimo dia.

V.T.: 5. Honra a teu pai e a tua mãe. Ex. 20:12. **N.T.: 5.** Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Ef. 6:1.

V.T.: 6. Não matarás. Ex. 20:13. **N.T.: 6.** Não matarás. Rom. 13:9.

V.T.: 7. Não cometerás adultério. Ex. 20:14. **N.T.: 7.** Nem fornicadores, nem idólatras, nem os adúlteros... herdarão o reino de Deus. 1 Cor. 6: 9-10.

V.T.: 8. Não furtarás. Ex. 20:15. **N.T.: 8.** Não roube mais. Ef. 4:28.

V.T.: 9. Não dirás falso testemunho. Ex. 20:16. **N.T.: 9.** Não mintais. Col. 3:9.

V.T.: 10. Não cobiçarás. Ex. 20:17. **N.T.: 10.** Cobiça, que ela nem seja mencionada entre vós. Ef. 5:3.

“O dever dos homens para adorar o Senhor Deus, como ensinado no primeiro mandamento, é encontrado pelo menos cinquenta vezes no Novo Testamento. Idolatria, que é o segundo mandamento, é condenada doze vezes. Profanidade, o terceiro mandamento, é claramente condenado quatro vezes. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o quinto mandamento, é ensinado seis vezes, pelo menos. Assassinato, que é a sexta proibição, é condenado por doze vezes. Furto, o oitavo mandamento, seis vezes. Falso testemunho, o nono, quatro vezes. A cobiça, o décimo, nove vezes. Agora, com estes fatos diante de nós, como pode haver qualquer possibilidade de a lei de Deus ter sido anulada? Outro fato notável é que o quarto mandamento não é repetido no Novo Testamento, e que nenhum cristão jamais foi incumbido de observá-lo, que nenhum cristão jamais foi condenado por violação do sábado.” Inúmeras vezes, através do Novo Testamento, longas listas de pecados, cobrindo cada possível traço de maldade, são dadas, mas a transgressão da guarda do sétimo dia nunca é incluída. Assim: Marcos 7:21-22, treze pecados; Romanos 1:29-31, dezenove pecados; Gal 5:19-21, dezessete pecados; 2 Timóteo 3:1-4, dezoito pecados, etc. Como é isso? Os sabatistas deixarão isso assim, sem uma explicação?

Estranho dizer, mas o dever de guardar o sétimo dia não é mencionado, uma vez sequer, em todo o Novo Testamento. Não há um único mandamento de Cristo ou de qualquer um dos apóstolos para guardar esse dia. Não se disse, nenhuma vez, que é errado trabalhar no sétimo dia, ou que Deus abençoaria qualquer um que o observasse. Não há promessa para guardá-lo, nenhuma ameaça por não guardá-lo. Ninguém foi reprovado por trabalhar no sétimo dia, nem aprovado por observá-lo. Se desrespeitar o sétimo dia é tão grande crime como seus defensores afirmam agora, é inexplicável que nenhuma advertência a respeito dele seja dada em todo o Novo Testamento, nem sequer uma vez. É todo esse silêncio meramente acidental? E assim, os sabatistas têm que simplesmente acreditar e supor; mas suposição é algo absurdo. É evidente que ele foi deixado de fora de propósito, o mesmo que se sucedeu com o Pentecostes, a Páscoa, as luas novas, sacrifícios e similares. Paulo, em todas as suas catorze epístolas, nunca sequer menciona o sábado, com exceção de uma vez, e somente para mostrar a sua abolição. Col 2:16. Compare isso com a literatura adventista.

Geralmente, a resposta é que os judeus já vinham guardando o sábado, tão estritamente, que, portanto, os cristãos judeus não necessitavam de instruções sobre este ponto. Mas essa resposta não é satisfatória. Os judeus também eram muito estritos contra os falsos deuses e imagens, e assim mesmo os cristãos são advertidos contra essas coisas. Assim, Paulo diz: “Nem sejais idólatras” e “Fugi da idolatria”. 1 Cor. 10: 7,14. Mas onde é que ele diz, “Observai o sétimo dia”? Ou “Fugi da transgressão do sábado”? Além disso, o grande corpo de cristãos, convertidos nos últimos anos da era apostólica, era composto por gentios, que nunca haviam observado o sétimo dia. Por que não deveriam ser instruídos em como guardá-lo? Por que eles deveriam ser repetidamente advertidos contra todas as outras práticas do mal de suas vidas anteriores, mas nunca advertidos contra o transgredir o sábado, coisa que eles certamente tinham feito antes? Este foi um ponto que eu nunca fui capaz de responder de forma satisfatória para mim mesmo, enquanto eu guardava o sétimo dia. O fato simples e claro é que, não se vê a intenção de vincular o sábado judaico com a igreja cristã. Por isso, foi discretamente permitido a ele ser retirado com os outros dias e instituições sagradas da antiga aliança.

Os argumentos oferecidos, vindos do Novo Testamento, para a observância do sétimo dia são poucos e não é difícil de responder. Vamos examinar os principais:

Jesus guardava o sétimo dia, portanto, devemos fazê-lo também.

Para os sabatistas, este argumento tem mais peso do que todos os outros do Novo Testamento. Era assim também comigo. Mas agora eu não estou convencido de que, quando suficientemente considerado, haja algo de verdade nele. Jesus nasceu e viveu toda a sua vida sob a lei. Gal. 4:4. Essa lei era obrigatória até

sua morte. Col. 2:16. É claro que ele devia observar todos os itens dessa lei até a cruz, assim como ele, evidentemente, o fez. Sobre este ponto, o pastor George I. Butler, adventista do sétimo dia, diz: “Ele viveu sob todas as cerimônias e observâncias da lei de Moisés, o mesmo que fizeram os outros judeus. Assim, ele foi ‘nascido sob a lei’ e sujeito a ela. Por toda a sua vida, ele teve o cuidado de não quebrar qualquer uma das suas disposições, e ele nunca permitiu que seus discípulos o fizessem, até o dia de sua morte.” *A Lei em Gálatas*, página 59.

Esta é a pura verdade! Mas, isso mostra a falácia absoluta de argumentar que devemos guardar o sétimo dia, só porque Jesus o fez. Se devemos observar uma instituição da antiga lei, só porque Jesus o fez, então nós também deveríamos guardar tudo o que ele guardou; ou seja, viver como os judeus viveram sob a lei de Moisés. Pois isso foi, exatamente, o que Jesus fez. Ele instruiu seus discípulos a oferecer dons sobre o altar, Mat. 5:23-24; mandou um homem dar uma oferta, Mat. 8:4; ordenou aos seus discípulos a observar tudo o que os escribas ensinavam, Mat. 23:2-3; e foi muito minucioso com a celebração da Páscoa de acordo com a lei, e isso, um dia antes de sua morte. Lucas 22:7-15. Mas quem pensa agora em fazer todas essas coisas, só porque Jesus o fez? Ninguém! Jesus foi circuncidado; os sabatistas praticam a circuncisão? Não! Então, por que eles escolhem o sétimo dia entre os outros dias cerimoniais e santos, e agarram-se a ele, rejeitando todo o resto que ele também observou? Assim, como toda pessoa sincera irá admitir, este argumento para o sábado judaico é um fracasso! Se esse dia é obrigatório aos cristãos, ele deve ser considerado sob outro motivo, que não seja o fato de que Jesus o guardou, enquanto aqui viveu como um judeu sob a lei judaica.

Marcos 2: 27-28. O sábado feito para o homem.

O uso que os sabatistas fazem deste texto é diretamente contrário ao seu significado mais simples. Jesus não estava dando uma história da origem do sábado, nem defendendo sua santidade contra a profanação, mostrando que ele foi feito para toda a humanidade. Tal pensamento não é o tema de seu discurso. Ele não está reivindicando o sábado judaico como o seu dia, como um dia consagrado a si mesmo. Não foi como Deus, o Criador, que ele diz ser seu Senhor; mas como FILHO DO HOMEM, o representante do homem.

Observe as premissas sabatistas e suas conclusões: “O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado: PORTANTO, o Filho do homem é Senhor do sábado.” Ele diz que, como o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, PORTANTO, ele, um filho do homem, era o Senhor do mesmo. Por que Jesus, Senhor do sábado? Porque ele era o Filho de Deus e o tinha criado? De modo nenhum; mas porque era o Filho do homem, o homem para quem o sábado foi feito. É como HOMEM, que ele afirma ser seu Senhor. E isto ele dizia para defender os seus discípulos contra a acusação de quebrar o sábado. Como isso foi aplicado? O sábado foi feito para eles e, portanto, o sábado era o seu servo. Eles eram superiores ao sábado. Observe os casos que ele usou para ilustrar a sua afirmação. Mat. 12: 3-12:

1) Davi foi até ao sacerdote e comeu do pão sagrado, que a lei proibia a qualquer um, exceto aos sacerdotes. Suas necessidades eram superiores a esse preceito cerimonial.

2) “Os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa.” Verso 5. Eles matavam animais todo o dia de sábado. Seu serviço era superior ao sábado.

3) Se uma ovelha caísse num buraco no sábado, eles trabalhariam arduamente para tirá-la de lá. A preservação da vida animal era superior ao sábado. Eu vi adventistas trabalharem arduamente num sábado, em um incêndio, para salvar produtos, embora a lei diz: “Nele não farás nenhum trabalho.” Será que eles ousariam violar a letra de qualquer outro mandamento, dessa maneira? Não! Então, com certeza, para Jesus, sendo juiz, a observância da letra estrita da lei do sábado não era uma questão da maior importância. Esta é a lição claramente ensinada aqui por Cristo, o Senhor do sábado. Ela diretamente condena a interpretação rígida dos sabatistas, que fazem o sábado ser mais importante do que o próprio homem, para quem ele foi criado.

4) O sábado foi feito para o homem, portanto, as necessidades dos homens estão acima da lei do sábado. Assim, então, este texto, quando corretamente lido, não dá suporte para a santidade do sábado judaico, sob a luz do evangelho.

Mateus 24:20

Como este é um de seus textos favoritos, vamos examiná-lo. Predizendo a queda de Jerusalém, que ocorreu quarenta anos depois de sua morte, Jesus disse que quando eles vissem o exército ao redor da cidade, eles deveriam fugir imediatamente ou seriam pegos na cidade, e assim, pereceriam com os outros. Por isso, ele disse: “E quem estiver sobre o telhado, não desça a tirar alguma coisa de sua casa. Nem tampouco quem estiver no campo, não volte atrás para apanhar a sua capa. Mas ai das que estiverem grávidas, e para aquelas que amamentarem naqueles dias! Orai para que vossa fuga não aconteça no inverno, nem no sábado. Porque haverá então, grande tribulação”. Mat. 24:17-21.

A partir deste texto, argumenta-se que o sábado continuaria a ser um dia sagrado, depois da ressurreição. Os adventistas admitem que não seria uma violação do sábado, fugir nesse dia em caso de necessidade. Então, onde está o argumento no texto? Se a fuga deles ocorresse no sábado para salvar suas vidas, isso teria profanado o dia? Eles admitem que não. Então, a santidade do dia não era o que Jesus tinha em mente.

O contexto mostra claramente que era para a SEGURANÇA deles, não para a guarda do dia. A devida observância do sábado não é o objetivo. Os perigos e as tribulações daquele tempo era o ponto em questão. Observe quatro pontos: 1) Aquelas com crianças. 2) Aquelas com crianças de peito. 3) Fuga no inverno. 4) Fuga no sábado. Se eles tivessem que fugir de repente, na pressa, e sem preparação, sem suas roupas comuns, mulheres grávidas ou com bebês pequenos, ou pessoas no frio do inverno estariam susceptíveis a sofrer ou morrer. Assim, em todos estes três casos, Jesus refere-se ao transtorno e perigo de sua fuga; e é exatamente por isso que ele menciona o sábado. Naquele dia, os portões da cidade estariam fechados, e assim, isto seria um grande empecilho a eles ou mesmo poderia detê-los completamente. Os portões de todas as aldeias, através das quais eles deveriam passar, estariam fechados. Os judeus iriam suspeitar deles e os prenderiam acusando-os de traidores. Por isso, seria perigoso, quase impossível, fugir naquele dia. Uma pessoa sincera pode ver que isso é tudo o que existe nesse texto. Disso, eu fiquei convencido algum tempo antes de eu desistir do sábado, e assim eu parei de utilizar este texto.

Mat. 28:1, Mark 16:1-2. “O sábado” é o dia antes do “primeiro dia da semana”

“No final do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana.” “Quando o sábado passou,... no primeiro dia da semana.” De acordo com este texto, o sábado depois da morte de Cristo, ainda é o dia antes do primeiro dia da semana. Daí o primeiro dia da semana em que Cristo ressuscitou não era considerado um sábado ainda, eles dizem. Resposta: Todos os dias da semana, no mês e no ano, ainda continuaram a ser chamados pelos seus nomes judaicos antigos, por muitos anos depois de Cristo; mas isso não quer dizer que eles continuaram a ser considerados como sendo dias sagrados, pois Paulo declara, expressamente, que todos esses dias de festas, luas novas e sábados foram pregados na cruz. Col. 2:14, 16; Gal. 4:10-11; Rom. 14:5-6. Tome três exemplos: “Quando se cumpriu o dia de Pentecostes,” Atos 2:1. “E eram os dias dos pães asmos.” Atos 12:3. “Entrou na sinagoga no dia de sábado.” Atos 13:14. Aqui, muito tempo depois da cruz, nós temos os mesmos velhos nomes para três dos dias sagrados judaicos, a saber: Pentecostes, dias dos pães asmos, e dia de sábado. São todos estes dias considerados dias santos, só porque eles ainda são chamados por seus nomes anteriores? Se assim for, então devemos observar o Pentecostes e os dias dos pães asmos, bem como guardar o sábado. Portanto, não há força no argumento do uso da palavra sábado, depois da cruz. O dia da ressurreição não foi chamado de sábado no Novo Testamento, nem pelos cristãos, por centenas de anos depois de Cristo. Ele era chamado de “Dia do Senhor”. Apo. 1:10.

“O SÁBADO” era o nome do dia de descanso judeu, “que era uma sombra das coisas por vir.” Col. 2:16-17, mas o dia da ressurreição é outro dia. Ele é chamado de “o primeiro dia da semana”, “o oitavo dia”, ou o “Dia do Senhor”. É somente por ser mais cômodo que ele é chamado de “o sábado”, como agora usamos as palavras “altar”, “santuário”, “templo”, “sacrifício”, “Israel”, etc.

Lucas 23:56. As Mulheres, “no sábado repousaram, conforme o mandamento”

Isso foi depois que Cristo morreu; portanto, isso mostra que elas pensavam que o sábado ainda deveria ser guardado, e que sendo seguidoras de Jesus, elas sabiam o que ele ensinou.

Resposta: Mas isso foi antes de Jesus ter ressuscitado dos mortos, antes que elas tivessem conhecimento sobre a sua ressurreição e antes de terem uma ideia da grande mudança que o evangelho faria na obra de Deus. A antiga prática judaica ainda cegava suas mentes, de modo que não podiam ao mesmo tempo entender a natureza do que Jesus tinha realmente vindo fazer. Pouco antes disso, Jesus havia dito: “Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas vós não podeis suportar agora.” João 16:12. Assim, ele não tentou explicar todas as questões de menor importância a eles; mas ele disse que depois iria fazê-lo, que após a ressurreição, iria lhes enviar o Espírito Santo para guiá-los em toda a verdade. João 16:13. Foi só depois que Espírito Santo veio sobre eles no Pentecostes, que eles começaram a compreender a verdadeira natureza do evangelho. Portanto, o fato das mulheres judias guardarem o sábado enquanto Jesus estava morto no túmulo, não é prova de que o sábado judaico seja obrigatório para os gentios. Veja Atos 1:14, e 2:1, e encontrará essas mesmas mulheres, cinquenta dias após a ressurreição, ainda cuidadosamente guardando “o dia de Pentecostes”, outro dia sagrado judaico. Devido a este fato, os nossos sabatistas guardam o dia de Pentecostes? Não, mas eles deveriam guardá-lo, se insistem em guardar o sábado baseados no exemplo daquelas mulheres. Isto mostra como este argumento não tem fundamento.

O sábado, 59 vezes no Novo Testamento.

Eles dizem que o fato de o sábado ser mencionado 59 vezes no Novo Testamento prova que ele ainda era de grande importância e devia ser observado. Bem, o templo é mencionado no Novo Testamento 115 vezes; circuncisão, 55 vezes; sacrifícios, 38 vezes; a páscoa, 28 vezes, etc. Então suponho que também nós deveríamos adicionar estes ao evangelho.

Os sabatistas pensam que eles têm um bom argumento no livro de Atos. Nele, o sétimo dia é sempre chamado de “o sábado”, e pode ser que os cristãos judeus ainda o observaram, e se reuniam com os judeus no culto naquele dia. A partir disso, eles concluem que todos os cristãos guardavam esse dia também. Isto se baseia na falsa suposição de que, quaisquer que sejam os costumes e leis da antiga aliança que ainda foram observados, por alguns anos, pelos cristãos judeus depois da ressurreição, eles devem, agora, ser vinculados à igreja cristã gentia.

Um exame cuidadoso do que os discípulos realmente fizeram por muitos anos, após a ressurreição, vai mostrar que eles guardavam toda a lei mosaica, incluindo dias de festa, o dia de sábado, sacrifícios, circuncisão, votos, e todo o ritual judaico. Mas eles fizeram isso por serem judeus, de acordo com a legislação nacional e costume há muito estabelecido. Que não o faziam como um dever cristão é manifesto pelo fato de que os cristãos gentios não eram obrigados a observar estas coisas. Atos 15:19-28; 21:25. “Quanto aos gentios que creem, temos escrito, e achado por bem, que eles não observem tais coisas.” Cada menção do sábado, em Atos, sem uma única exceção, está em conexão com o culto judaico naquele dia. Atos 13:14-15, 42-45; 15:21; 16:13; 17:1-2; 18:4. A lei e os profetas eram lidos, e o culto judaico realizado como de costume. Certamente, os discípulos não conseguiriam ter uma distinta reunião cristã ali, naquele dia, sob aquelas circunstâncias. Eles deviam se reunir, só entre eles, para adorar a Jesus e ter a ceia do Senhor, e é justamente o que nós os encontramos fazendo no primeiro dia da semana. Atos 20:7. Não há registro de uma única reunião de cristãos gentios no sétimo dia, nem de cristãos judeus, exceto no culto judaico.

Considere alguns fatos a respeito do porque os cristãos judeus não desistiram imediatamente da observância da lei mosaica. Jesus desdobrou suas novas doutrinas gradual e cuidadosamente, até mesmo para os apóstolos escolhidos. Para a multidão, ele só falava em parábolas, “segundo o que eles podiam compreender.” Marcos 4:33. Se Jesus tivesse, de uma só vez, dito claramente ao povo a mudança radical que ele tinha vindo a fazer no sistema de culto judaico, eles o teriam matado imediatamente. Mesmo os apóstolos, sem dúvida, o deixariam. Durante todo o ministério de nosso Senhor, nada se destaca mais, do que o fato de que ele, gradualmente, mas com cautela, preparou as mentes de seus discípulos para a grande mudança que o seu evangelho estava destinado a fazer no culto a Deus. Os grandes obstáculos que ele teve que enfrentar foram as suas visões estreitas, sua persistência para com as formas, cerimônias, letra da lei, e ideias judaicas do reino de Deus. A ideia de que ele tomaria o trono de Davi, subjugaria o mundo para Israel, e continuaria o modo judaico de culto com o serviço do templo estava tão firmemente enraizada na mente dos discípulos, até mesmo dos apóstolos, que eles não conseguiam entender Jesus, mesmo quando ele claramente lhes dizia o contrário. Assim, o Salvador simplesmente deixou-os superar estas ideias a medida que a natureza do seu evangelho, após sua ressurreição e ascensão e a descida do Espírito Santo, mais plenamente, se revelou a eles. Pouco antes de Jesus morrer, ele disse: “Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas vós não podeis suportar agora. Quando vier, porém, o Espírito da

Verdade, ele vos guiará em toda a verdade.” João 16:12-13. Quantas vezes ele teve que dizer-lhes: “Ó néscios, e tardos de coração para crer...” Lucas 24:25. “Até vós mesmos estais ainda sem entender?” Mat. 15:16.

Durante todo o ministério de Cristo, ele nunca afirmou diretamente que qualquer um dos rituais judaicos seria abolido, nem os sacrifícios, o serviço do templo, a circuncisão, os dias de festa, ou qualquer coisa. No entanto, ele sabia muito bem que tudo isso chegaria ao fim, e planejou para que isso ocorresse. Nem o povo nem os discípulos foram, então, preparados para tal anúncio. Por isso, ele deixou essas coisas para que eles aprendessem mais tarde. É nas epístolas de Paulo, onde essas alterações são claramente afirmadas, exatamente onde encontramos o sábado judaico abolido.

Quarenta dias após a ressurreição, ainda os encontramos agarrados à sua ideia judaica antiga do reinado temporal de Jesus em Jerusalém. “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” Sabendo que era impossível corrigir suas noções erradas por uma mera declaração, Jesus deixou-os a superar esses erros, à medida que aprendessem mais do evangelho. Agora, vamos segui-los através do livro de Atos, e observar por quanto tempo, e persistentemente, eles continuaram observando a todas as observâncias da lei judaica antiga, não só o sábado, mas todo o serviço do templo e cerimônias da lei mosaica. No Pentecostes, vamos encontrá-los guardando o dia sagrado com os outros judeus. Atos 2. Por dez anos, após a ressurreição, eles estiveram a “pregar a palavra a ninguém, senão aos judeus somente.” Atos 11:19. Eles não pensavam em pregar sequer um sermão a um gentio, até que Deus, através de um milagre especial, enviou Pedro a Cornélio. Atos 10. Muitos anos já haviam se passado, e Pedro ainda observava, escrupulosamente, a lei mosaica das carnes. Ele disse: “Eu nunca comi coisa alguma comum e imunda.” Versículo 14. Ele estava decidido a observar a lei corretamente. E quando o Espírito Santo desceu sobre os gentios, os discípulos ficaram espantados, “porque também sobre os gentios, foi derramado o dom do Espírito Santo”. Versículo 45. Quando ele retornou a Jerusalém, toda a igreja estava em alvoroço por causa disso. “E quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram da circuncisão disputavam com ele, dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles.” Atos 11:2-3.

Até este momento, então, encontramos a igreja em Jerusalém, com Pedro sendo o líder, ainda guardando a lei judaica em relação à comida, e recusando-se a comer com gentios. Agora, estude o grande concílio em Jerusalém, realizado a cerca de vinte anos após a ressurreição. Atos 15. Não só toda a igreja na Judéia observava toda a lei mosaica com todos os seus ritos, incluindo a circuncisão, mas alguns deles se esforçavam também para impô-la sobre os gentios convertidos. Versículos 1-19. Mas, através da influência de Paulo, este movimento foi derrotado. Se não tivesse Paulo, na providência de Deus, se levantado para se opor a isso, toda a igreja cristã teria sido colocada sob o jugo da Lei Mosaica. Como sabemos, aquele concílio libertou os gentios convertidos, da obediência à lei de Moisés. Atos 15: 19, 23; 21:25. Todos os cristãos judeus ainda continuaram a guardá-la.

Mesmo em 60 dC, isto é, quase trinta anos depois da cruz, ainda encontramos toda a igreja judaica na Judeia observando rigorosamente a lei de Moisés como a circuncisão, as ofertas, votos, raspagem da cabeça, etc. Eles não só observavam todos estes ritos da lei antiga, mas também exigiam que todos os cristãos judeus em todo o mundo fizessem o mesmo. Quando Paulo foi a Jerusalém, alguns anos antes de sua morte, eles exigiram dele uma promessa de que ele também guardaria aqueles rituais. Leia atentamente Atos 21:20-26.

Estas palavras mostram, conclusivamente, que os cristãos judeus observavam todos os ritos das leis de Moisés, anos depois da ressurreição, e alguns anos antes da queda de Jerusalém. Todos os historiadores da igreja concordam que os cristãos judeus continuaram a observar o sétimo dia, mesmo após a queda de Jerusalém, por algum tempo, como nós vimos.

Philip Schaff, o maior dos autores vivos, em sua *História da Igreja Apostólica*, página 118, diz: “Tanto quanto nós sabemos, os judeus cristãos da primeira geração, pelo menos na Palestina, observavam biblicamente o sábado, as festas anuais judaicas, e todo o ritual mosaico, e celebravam, além desses, o domingo cristão, a morte e a ressurreição do Senhor, e a santa ceia. Mas isto foi, gradualmente, se enfraquecendo, e foi finalmente abandonado pela destruição do templo... O sábado judaico passou para o domingo cristão.” O pastor Waggoner, adventista, diz: “Dr. Schaff é, merecidamente, estimado como um homem de extensa cultura, e cujo testemunho sobre os fatos para o qual, ninguém se oporia,” *Respostas ao Pastor Canright*, página 132. Muito bem! Então, que eles aceitem as declarações do Dr. Schaff e parem com as suas negações.

O pastor Butler, adventista, verdadeiramente diz: “De fato, seria difícil de acreditar que uma grande parte da igreja primitiva, que eram judeus antes da conversão, tenham plenamente compreendido o âmbito e extensão do evangelho e tenham posto de lado as leis peculiarmente judaicas. Eles se apegaram às leis e continuaram zelosos por elas, até muito tempo depois de serem abolidas na cruz. Para Paulo, nós estamos em dívida, através da bênção de Deus, para a única explicação completa da relação adequada dessas leis para com o plano de salvação.” *Lei em Gálatas*, página 8.

O quanto, então, se prova a favor do sábado judaico o descobrir que ele ainda era chamado de “o sábado”, ou que foi observado pelos judeus cristãos, ou mesmo pelo próprio Paulo? Simplesmente, nada! Pelo mesmo argumento, como vimos, deveríamos observar a Páscoa, o Pentecostes, sacrificar ofertas, fazer votos, raspar as cabeças, ser circuncidados, e guardar todos os ritos da lei mosaica, o mesmo que aqueles discípulos fizeram, por anos.

O Apóstolo Paulo e a guarda do dia de sábado.

Os adventistas do sétimo dia tentam construir um argumento para o sábado judaico baseado no exemplo de Paulo. Foi um total de 84 sábados que eles alegam que ele tenha guardado, e eles dizem que se ele o guardou, nós também devemos guardá-lo. Eu costumava pensar que havia grande peso neste argumento e o utilizei dezenas de vezes para convencer a outros. Mas cheguei à conclusão, finalmente, que todo o argumento é uma falácia. Vamos examiná-la:

1. Paulo era um judeu, mas nós somos gentios.
2. Paulo foi criado sob todas as observâncias da lei judaica. Atos 22:3. Nós, não!
3. O grande desejo do coração de Paulo era ganhar seus irmãos judeus para Cristo. Para fazer isso, ele estava disposto a morrer, sim até mesmo ser um anátema por Cristo. Rom. 9:3-4.
4. Para ganhar estes irmãos judeus, ele foi muito cauteloso em não fazer nada, tanto quanto ele poderia evitar, que fizesse com que eles se voltassem contra ele, e assim cortasse o seu acesso a eles.
5. Considerando que esses judeus eram muito zelosos na observância de toda lei judaica, Paulo sabia que ele deveria também guardar a lei, se ele quisesse obter qualquer acesso a eles. Por isso ele diz: “Para os judeus, tornei-me como judeu, para que pudesse ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei [os judeus], vivendo sob a lei, para que pudesse ganhar os que estão debaixo da lei”. “E eu faço isto por causa do evangelho.” 1 Cor. 9:20, 23. Veja o que ele fez no caso de Timóteo. “Paulo quis que ele fosse com ele; e, tomando-o, o circuncidou por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego.” Atos 16:3. Paulo queria Timóteo para ajudá-lo entre os judeus, mas ele sabia que os judeus não iriam ouvi-lo, se ele não fosse circuncidado. Assim, ele circuncidou Timóteo para ganhar os judeus, embora ele tenha dito que: “A circuncisão não é nada.” 1 Cor. 7:19. Pelo mesmo motivo ele observou o Pentecostes, Atos 18:21; 20:16; raspou a cabeça, Atos 18:8; ofertou, Atos 21:20-26; e viveu como os judeus viviam, embora ele soubesse e ensinasse que todas estas coisas haviam sido abolidas.

Agora, suponhamos que se pudesse demonstrar que Paulo sempre guardou o sábado. Isto provaria que ele o considerava como sendo obrigatório para todos os cristãos, especialmente os cristãos gentios? Certamente que não! Para os gentios, ele escreveu claramente que eles não deveriam guardar as leis referentes às carnes, bebidas, festas, luas novas e sábados. Ver Col. 2:14-17; Rom. 14:1-5; Gal. 4:10. Ele ensinou no que diz respeito a todas estas leis, do mesmo modo como ele ensinou a respeito da circuncisão, Gal. 5:2, que nenhuma delas era necessária, ainda que ele mesmo tenha circuncidado Timóteo.

Vamos agora examinar cada texto onde é dito que Paulo guardou o sábado:

Atos 13:14-15. “Ele entrou na sinagoga no dia de sábado e sentou-se. Depois da leitura da lei e os profetas”, ele foi convidado a pregar para eles, o que ele fez. Isto foi com os judeus, em um culto judaico, na sinagoga judaica, no sábado judaico. Paulo como um judeu, se juntou a eles, a fim de pregar o evangelho a eles. Então, versículos 42-46, no próximo sábado, ele se reuniu com eles novamente, no mesmo lugar, para o mesmo fim. Estes foram dois sábados que Paulo guardou.

Atos 16:13, “no sábado, ele saiu da cidade à beira do rio, onde parecia haver um lugar de oração”, ou melhor, onde havia uma PROSEUCHE, uma casa judaica de oração. Assim diz o siríaco e grego. Ali, ele encontrou mulheres judias na adoração, e pregou Jesus para elas. Este foi o terceiro sábado que ele observou.

Atos 17:1-2. Paulo “veio para Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus... e por três sábados discutiu com eles.” Aqui, novamente, ele estava no culto judaico, entre os judeus, na sinagoga, em seu sábado. Mais três sábados aqui, seis até agora.

Atos 18:1-4. Paulo está novamente entre os judeus “e que disputava na sinagoga todos os sábados e convencia a judeus e a gregos.” O mesmo é visto aqui. A sua guarda do sábado acontece toda vez que ele está entre os judeus, em seu culto de sábado. Mas, por quantos sábados ele se reuniu com eles ali? O versículo 11 diz: Paulo permaneceu em Corinto por um “ano e seis meses,” o que seriam 78 semanas. Assim, os adventistas dizem que ele guardou 78 sábados ali. Estes, adicionados aos seis sábados anteriores, somam 84. Mas os versículos 6 e 7 mostram um aspecto diferente sobre o assunto. Em vez de Paulo discutir na sinagoga, todos os sábados, durante todo esse tempo, ele deixou os judeus e disse: “agora vou para os gentios.” Então ele entrou na casa de Justus perto da sinagoga. Portanto, não há evidências de que ele tenha pregado na sinagoga, mais do que alguns sábados. Então os 84 sábados, que Paulo supostamente guardou, diminuiu para dez ou doze, e todos estes eram com os judeus na adoração judaica. E isso, ele mesmo explica, dizendo: “Para os judeus, tornei-me como judeu, para que pudesse ganhar os judeus.” 1 Cor. 9:20.

Nem um único caso pode ser encontrado, onde Paulo tenha guardado o sábado em uma assembleia cristã, nem é o sábado jamais mencionado, de forma alguma, em relação a reuniões cristãs, pelo contrário, se diz que os discípulos se reuniam no primeiro dia da semana. Guarde isto: “Todas as vezes que é mencionado que os apóstolos entraram nas sinagogas judaicas num dia de sábado para pregar, isto sempre se dava antes da igreja cristã ser estabelecida em tais lugares.”

Paulo não fez nada contra o costume dos judeus, por isso, ele guardou o sábado.

Em Atos 25:8, Paulo diz que ele não tinha feito nada “contra a lei dos judeus”, e Atos 28:17 diz que ele não tinha “cometido nada contra o povo ou contra os costumes de nossos pais.” Baseado nisso, afirma-se que ele deve ter guardado o sábado, pois essa era a lei e costume dos pais. É verdade, mas então era seu costume circuncidar-se, oferecer sacrifícios, guardar as luas novas, festas anuais, etc. Assim, Paulo deve ter feito todas estas coisas. Iremos, então, fazer tudo isso, só porque Paulo, sendo um judeu, o fez? Negativo! Note que, praticamente todos os argumentos se aplicam igualmente bem a toda a lei judaica, e isso faria com que a obediência a todo o sistema judaico fosse exigida dos cristãos.

CAPÍTULO XV

O SÁBADO JUDAICO ABOLIDO – COLOSSENSES 2

1. Chegamos agora à instrução direta de Paulo de que o sábado foi abolido: Col. 2:14, 16, 17. “Havendo riscado a cédula de ordenanças que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz... portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou dos dias de sábado, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”. Juntamente com outras ordenanças judaicas, o sábado foi apagado e pregado na cruz; portanto, ninguém pode nos julgar em relação ao guardar “os dias de sábado.” A declaração é positiva e simples. Quando eu guardava o sétimo dia, este texto sempre me deixava perplexo, e, é assim que os meus irmãos do Advento se sentem em relação a ele, por mais que eles digam que não. Paulo usa tanto “sábado” quanto “sábados”, pois não há diferença, assim como nas coisas que eram sombras e que já passaram.

2. É dito por alguns que a expressão “os sábados”, não é a mesma que “o sábado”, portanto, isto não se refere ao sábado semanal. Esta é uma reclamação infundada, pois o sábado semanal é usado, indiferentemente, tanto no singular quanto no plural. Assim no *Léxico Novo Testamento Grego* de Greenfield diz: “*Sabbaton*. O sábado... tanto no singular como no plural.” O *Léxico Grego de Bagster* diz: “O sábado judaico, tanto no singular como no plural.” Este fato é tão claro, que mesmo o pastor Smith, adventista, é compelido a admiti-lo embora ele tente salvar a sua teoria, excetuando Col. 2 e Atos 17:2, mas sem sucesso. Ele diz: “Quando [*Sabbaton*] é usado no plural [excetuando Atos 17:2 e Col. 2:16], ele tem o mesmo significado como se tivesse sido escrito no singular.” *Falsidade Grega*, página 8. Col. 2:16, não é uma exceção à regra. Em Atos 17:2, a palavra TRÊS é o que marca o plural. A *Versão Revisada* interpreta adequadamente Col. 2:16 no singular, assim: “Portanto, ninguém vos julgue em relação a um dia de sábado”, número singular. A tradução de Sawyer diz: “No que diz respeito a uma festa, ou lua nova, ou sábado”, singular. A *União da Bíblia* diz: “...de um dia de festa, ou de lua nova, ou de um sábado”, singular.

Algumas citações irão mostrar que ambas as flexões de número, singular e plural, são utilizadas para o sábado semanal. “Certamente guardareis os meus sábados [plural], pois ele [singular] é um sinal entre mim e vós.” Ex. 31:13. Este é o sábado semanal. “Guardem os meus sábados.” Lev. 19:3. “Além dos sábados do Senhor.” Lev. 23:38. Os adventistas argumentam que este é o sábado semanal. “Bem-aventurado é o homem que... guarda o sábado”, “os eunucos que guardam os meus sábados.” Isa. 56:3,4. No singular ou no plural, não há diferença. “Eu dei os meus sábados para ser um sinal.” Ez. 20:12. Este é o sábado semanal, como os adventistas bem sabem. “Nos dias de sábado [plural], os sacerdotes no templo violam o sábado” [singular]. Mat. 12:5. Aqui temos, no mesmo versículo, tanto o plural quanto o singular usados para o sábado semanal. “É lícito curar nos sábados?” Mat. 12:10. “Ensinava nos sábados.” Lucas 4:31. “Por três sábados, discuti com eles.” Atos 17:2. “Portanto, ninguém vos julgue...por causa dos dias... de sábado.” Col. 2:16.

Quem poderia ler esta lista de textos e não ficar impressionado com o fato de que ao mencionar o termo “sábados”, em Col. 2:16, Paulo queria transmitir simplesmente aquilo que a linguagem diz, como nos outros casos? Isto está bem claro, e nenhuma outra aplicação razoável poderia ser feita do texto.

3. No grego, língua em que Paulo escreveu Col. 2:16, ele não só usa a mesma palavra que é sempre usada para o sábado semanal, mas a mesma forma da palavra, exatamente como ela é utilizada no quarto mandamento. Vou dar a palavra grega para “sábados”, em Col. 2:16 e outros textos, onde a mesma palavra e a mesma forma da palavra, letra por letra, são usados para o sábado semanal. Col. 2:16. “Que nenhum homem vos julgue... por causa dos dias... de sábado”, grego, *Sabbaton*, plural genitivo.

Em Ex. 20:8-10, quarto mandamento: “Lembra-te do dia de sábado (em grego, *Sabbaton*, plural genitivo) para o santificar.” “Mas o sétimo dia é o sábado [grego, *Sabbate*, acusativo plural] do Senhor.” Aqui pode se notar que Paulo usa a mesma palavra grega, letra por letra, que é utilizada no Decálogo. Por isso, ele certamente estava se referindo ao dia de sábado semanal. Observe ainda que, sempre que no quarto mandamento, onde a palavra “sábado” aparece, é plural, no grego.

Então, se o uso do plural em Col. 2 mostra qualquer coisa, ele mostra o mesmo sábado que é mostrado no Decálogo. Além disso, a *Versão Revisada* traduz sábado, em Ex. 20:10, “O sétimo dia é o sábado ao Senhor.” e Col. 2:16, “Que ninguém vos julgue por causa dos dias...de sábado.”, da mesma forma. Claramente, então, Col. 2:16, refere-se ao sábado de Ex. 20:8-11.

Além disso, *Sabbaton*, plural genitivo, a forma da palavra usada em Col. 2:16, é frequentemente usada em outros textos para o sábado semanal. Assim: Ex. 35:3, “Não acendam nenhum fogo... no dia de sábado,” [*Sabbaton*]. Lev. 23:38. “Além dos sábados [*Sabbaton*] do Senhor.” Lev. 24:8. “Em todos os sábados [*Sabbaton*], isto se porá em ordem.” Num. 15:32. “...apanhando lenha no dia de sábado, [*Sabbaton*]” Números 28:9. “No dia de sábado [*Sabbaton*], dois cordeiros”. Deut. 5:12. E no quarto mandamento: “Guarda o dia de sábado [*Sabbaton*].” Isa. 58:13. “Se desviares o teu pé do sábado, [*Sabbaton*]” Mat. 28:1. “No fim do sábado, [*Sabbaton*]” Lucas 4:16. “Ele entrou na sinagoga no dia de sábado [*Sabbaton*].” Atos 13:14. “Entrou na sinagoga no dia de sábado [*Sabbaton*].” Col. 2:16. “Portanto, ninguém vos julgue por causa dos dias... de sábado [*Sabbaton*].”

A menos que alguém esteja cegado por uma teoria irracional, ele deve ver que Col. 2:16 certamente fala do sábado semanal, como em todos os outros textos onde a mesma palavra aparece.

4. A única palavra que é sempre usada na Bíblia, referindo-se ao sábado semanal, é aquela mesma que Paulo usou, isto é, *Sabbaton*. Então, se ele tinha a intenção de mencionar o sábado semanal, o que mais ele poderia ter dito além do que ele disse, isto é, “os dias de sábado”? Por que, então, negar que o que ele quis dizer está simplesmente naquilo que ele disse, quando ele não poderia ter dito mais nada, se a intenção dele era referir-se ao sábado semanal?

5. A palavra sábado aparece 60 vezes no Novo Testamento. Os adventistas do sétimo dia admitem que, em 59 dessas 60 vezes, a expressão significa o sábado semanal; mas, na 60ª vez, onde exatamente a mesma palavra é utilizada, como vimos, eles dizem que isso deve significar algo diferente. Não é interessante? Vamos ouvi-los: “No Novo Testamento, o sábado do Senhor é mencionado 59 vezes, e os sábados locais, que terminaram por limitação e cessaram na cruz, são mencionados uma vez.” *Referências das Escrituras*, p. 9. Estranho que a expressão “o sábado” significa “o sábado” 59 vezes, e a 60ª vez tem outro significado. “As festas judaicas são muitas vezes mencionadas no Novo Testamento, mas, em nenhum lugar, elas são chamadas de sábado ou creditadas com a natureza de um sábado”. *O Sábado para o Homem*, p. 544.

6. “Os dias de festas e luas novas”, de Col. 2:16, incluem todos os dias sagrados dos judeus, exceto o sábado semanal; portanto, não sobrou mais nada para o qual ele pudesse ter aplicado o termo, a não ser para o sábado semanal. A lista completa é dada em Num. 28 e 29.

7. Mas o que se consolida, além de qualquer dúvida de que Col. 2:16 se refere aos sábados semanais, é o fato de que exatamente a mesma lista de dias santos aqui dada por Paulo, é dada uma dúzia de vezes no Antigo Testamento, onde sabemos que a expressão significa o sétimo dia.

Volte-se para Num. 28 e 29, e você verá uma lei detalhada quanto às ofertas que deveriam ser feitas em cada dia para o ano inteiro. Primeiro, eram as ofertas diárias de “dois cordeiros”, dia a dia, por um holocausto contínuo. “Um cordeiro sacrificarás pela manhã, e o outro cordeiro sacrificarás à tarde.” Verso 3 e 4. Segundo, era a oferta do sábado. “E no dia de sábado, dois cordeiros de um ano, sem defeito”, versículos 9 e 10. Ninguém vai negar que este era o sábado semanal. Em terceiro lugar, no próximo verso, vêm as luas novas. “E no início de vossos meses, oferecereis um holocausto ao Senhor”, versículos 11-15. Em quarto lugar, vêm os dias anuais de festa. “E no décimo quarto dia do primeiro mês, é a páscoa do Senhor”, versículo 16. Depois se segue uma lista completa de todos os dias anuais de festa, fechando com estas palavras: “Estas coisas fareis ao Senhor nas festas designadas,” Num. 29:39.

Ali, nós temos a lei para as ofertas diárias, semanais, mensais e anuais; ou, aquelas para cada dia, para os sábados semanais, para as luas novas, e para os dias anuais de festa. Agora, leia os seguintes textos, e observe como esta lista de ofertas diárias, ofertas nos sábados, nas luas novas e nas festas fixas, tal como prevista na lei de Moisés, é repetidamente referida, quase que exatamente nas palavras de Col. 2:16.

1 Cron. 23:30, 31: “Para levantar-se todas as manhãs para render graças e louvor ao Senhor, e da mesma maneira à tarde; e para oferecer todos os holocaustos do Senhor, nos sábados, nas luas novas e nas festas fixas, segundo o seu número, de acordo com o mandamento ordenado a eles”. Aqui está uma referência direta às ofertas diárias, ofertas nos sábados semanais, luas novas e festas fixas, assim como ordenadas em Num. 28 e 29. Pode alguém duvidar de que “os sábados” aqui são os mesmos sábados semanais de Col. 2:16? Certamente que não!

2 Cron. 2:4: “Eis que vou edificar uma casa ao nome do Senhor meu Deus, para dedicá-la a ele, e para queimar perante ele incenso aromático, e para os pães da proposição contínua, e para a oferta queimada de manhã e à noite [diário], nos sábados [semanais], e nas luas novas, [mensais], e nas solenidades [anuais] do Senhor.” Precisamente a mesma lista de novo, e na mesma ordem, por conseguinte, os sábados semanais são aqueles mencionados. Além disso, seria absurdo supor que Salomão tivesse mencionado todos os dias santos menores, mas não tivesse dito nada sobre o principal de todos os dias, os sábados semanais. Toda pessoa sincera irá admitir que “os sábados” aqui são os sábados semanais, e assim, eles estão em todas as passagens que se seguem.

2 Cron. 8:13: “E isto segundo a ordem de cada dia [diário, de novo], fazendo ofertas segundo o mandamento de Moisés, nos sábados [semanal], e nas luas novas [mensal], e nas solenidades [anual], três vezes no ano”. Mesma lista e ordem, como antes.

2 Cron. 31:3: “...para os holocaustos da manhã e da tarde, e para os holocaustos dos sábados, e das luas novas, e das festas fixas, como está escrito na lei do Senhor”. A mesma lista novamente, ofertas diárias, semanais, mensais e anuais, exatamente na ordem em que ela aparece e exatamente como foi dada “na lei do Senhor.” Num. 28 e 29. Mas se os sábados não são os sábados semanais, então o Senhor mencionou ofertas diárias, mensais e anuais, e ignorou as ofertas semanais. Todo aquele que analisa este ponto reconhece que tal interpretação é falsa. Mas essa interpretação é a única maneira de salvar o sábado da lista de Paulo, em Col. 2:16, pois a lista é a mesma em todos estes textos. Como o objetivo nessas passagens é de mencionar o serviço à Deus, que deveria ser realizado em cada um dos dias santos, seria absurdo supor que todos os outros dias sagrados que ocorriam em todo o ano tivessem sido cuidadosamente mencionados vez após vez, enquanto nenhuma referência fosse feita ao sábado semanal, que era o mais importante, e observado com mais frequência, dentre todos os dias sagrados.

Neem. 10:33: “Para os pães da proposição, e para a oferta contínua de alimentos e para o holocausto contínuo dos sábados, das luas novas, e para as festas fixas” Aqui está a mesma lista novamente, diário, semanal, mensal e anual. Ou os sábados semanais são mencionados aqui, ou então a referência ao culto de Deus aos sábados é sempre propositadamente evitada, enquanto todo o resto é cuidadosamente mencionado. A evidência é muito clara para alguém ser confundido.

Ez. 45:17: “As ofertas nas festas, e nas luas novas e nos sábados.” Aqui são mencionados exatamente os mesmos dias que Paulo dá em Col. 2:16, e, na mesma ordem, anual, mensal, e semanal.

Oséias 2:11: “Eu também farei com que todo o seu gozo cesse, suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas solenidades.” A mesma lista de dias santos que temos visto, onde sabemos que o sábado é o sétimo dia.

Col. 2:16: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, (Versão Revisada), ou de lua nova, ou dos sábados” Aqui, como antes, aparecem os dias sagrados anuais, mensais e semanais, assim como foram previstos na lei, onde sabemos que os sábados semanais estão contidos. É evidente que Paulo tinha em mente essas listas de dias santos que tantas vezes aparecem no Antigo Testamento, onde o sábado está incluído.

O termo “os sábados,” certamente se refere aos sábados semanais, a menos que eles tenham sido especialmente mencionados como uma exceção. Mas nenhuma exceção é feita. Por isso, devemos aplicar o termo como é usado na lei, ao sétimo dia.

Oséias 2:11, é uma profecia clara que mostra que todos estes dias santos iriam um dia cessar, assim como sabemos que de fato aconteceu; e Col. 2:16, é a prova de que eles foram pregados na cruz.

8. Testemunho de outros escritores sobre Col. 2:14-17:

Bunyan: Sobre este texto, John Bunyan, o incomparável estudioso da Bíblia, diz: “Aqui também, da mesma forma como ele [Paulo] aplica aos outros dias de festa, ele o faz em relação ao sábado, ele dá a liberdade aos crentes de recusar a sua observação. Também não tem o apóstolo (considerando o que ele diz sobre o sábado), deixado qualquer buraco por onde homens com suas invenções pudessem adentrar.” Mais uma vez: “O velho sábado do sétimo dia está abolido e aniquilado.” *Obras Completas de Bunyan*, páginas 899, 900.

Dr. Scott diz: “Sem dúvida, este último relacionava-se principalmente ao sábado semanal, qual, como observado no sétimo dia, tem agora se tornado uma parte da lei judaica que foi revogada.”

O *Comentário Púlpito*, sobre este texto, diz: ““Os sábados’ referem-se ao sábado judaico que foi sempre observado no sétimo dia.” “Se a ordenança do sábado tivesse sido uma forma de obrigação estendida para igreja cristã, teria sido impossível para o apóstolo ter usado essa linguagem.”

John Wesley: “No que se diz respeito a uma festa anual, a lua nova, ou ao sábado judeu semanal”.

Dr. Lee, Metodista: “O apóstolo refere-se ao sétimo sábado dia, e ele dá-lhes claramente a entender, que eles não são moralmente obrigados a observá-lo... por um ‘dia santo’ e uma ‘Lua Nova’, ele inclui todas as outras festas e descansos que se poderiam ser chamados de sábados, não deixando nada, mas somente o sétimo dia de sábado como sendo entendido como tal”. *Teologia de Lee*, página 375.

9. Para evitar que este texto seja aplicado ao sábado semanal, os adventistas do sétimo dia afirmam que havia vários sábados anuais, e que a linguagem de Paulo deve aplicar-se a estes, em vez de aos sábados semanais. Assim, o pastor Andrews, na sua *História do sábado*, diz, “Havia sete sábados anuais”, e então ele os nomeia como sendo os dias de festa judaica, como o Pentecostes, Dia da Expição, etc., e cita Lev. 23. É verdade que, em nossa versão em Inglês a palavra sábado é aplicada a esses quatro dias de festa. Mas olhando no grego, língua em que Paulo escreveu, achamos que a palavra “sábado” é *sabbaton*. É este o termo usado quando a palavra sábado é aplicada aos dias anuais de festa? Não, de fato! Exceto em apenas uma ocasião. O dia da expiação é chamado de o ‘sábado’ (*sabbaton*) em grego. Lev. 23:32. “No Antigo Testamento, nenhum dia de festa é chamado de sábado, exceto o dia da expiação.” *Sábado para o Homem*, página 544.

A palavra hebraica para sábado é *shabbath*. Apenas neste caso ele é aplicado a um dos festivais anuais. Mas a palavra “sábado” na versão em Inglês, quando aplicado a estas festas anuais, vem do termo grego *anapausis* e no hebraico de *shabbathon*. Estas palavras não deveriam ser traduzidas como “sábado”, mas sim, como “descanso”, como elas o são na *Versão Revisada*. Assim seriam lidos todos esses textos na nova versão: “No sétimo mês, no primeiro dia do mês, haverá um descanso solene para vós.” Lev. 23:24. “No primeiro dia haverá descanso solene, e no oitavo dia haverá descanso solene”, versículo 39. Assim também, na versão em Inglês do hebraico usado pelos judeus, estas palavras são traduzidas por “descanso”, não “sábado”. Assim: “No sétimo mês, no primeiro dia do mês, tereis um descanso,” não um sábado, verso 24. “No primeiro dia haverá um descanso, e no oitavo dia haverá um descanso” verso 39.

Assim, com exceção dos sábados semanais, entre todos os dias de festa e dias santos do Antigo Testamento, apenas um único dia, em todo o ano, é sempre chamado de sábado. Portanto, não é correto falar de “os sábados anuais”, muito menos dizer que havia sete deles. Houve apenas um, e não mais, e este foi incluído nos dias anuais de festa. Até mesmo o pastor Andrews confessa que “os sábados anuais, eram uma parte integrante nestas festas, e só vieram à existência, quando as festas, as quais eles pertenciam, foram instituídas. Assim, o primeiro e segundo destes sábados eram os dias primeiro e sétimo da festa pascal. O terceiro sábado anual era idêntico à festa de Pentecostes”. *História do Sábado*, página 86. Por sua própria confissão, os dias que ele chama de sábados anuais, foram todos incluídos nessas festas anuais, e não poderiam existir separados delas. Dias de festa (*heortes*) é o termo designado para todos aqueles dias, como já vimos. Então, a expressão “sábados” (*sabbaton*) deve aplicar-se apenas aos sábados semanais. Este termo, sendo acima de tudo, quase exclusivamente, aplicado aos sábados semanais, deve incluí-los de qualquer forma, não importando se ele já foi, ou não, aplicado aos outros dias.

10. Os adventistas do sétimo dia fazem diferença entre “os sábados do Senhor”, Lev. 23:38; Ex. 20:10, e “seus sábados,” Oséias 2:11. Eles dizem que “seus sábados”, foram os sábados judaicos, dias anuais de festa; mas que o “sábado do Senhor” nunca é chamado de “seus sábados”. A afirmação é contrária aos fatos.

Eram os dias santos anuais, seus dias? Será que foram os judeus, quem os nomearam? Não! O Senhor lhes ordenara, assim como ele fez com o sábado, e os deu a Israel para os observarem, assim como ele lhes deu o sábado semanal para guardá-lo. Assim, de um ponto de vista, eles são do Senhor, mas de outro ponto de vista, são os seus dias. De Deus, porque ele lhes ordenou; deles, porque o sábado foi dado a eles. “Eu dei os meus sábados.” Assim, nós vemos o mesmo acontecer em quase todas as instituições sagradas da Bíblia. Em um lugar é “do Senhor”, e no próximo é “deles”, “seu” ou “deles”, mas é a mesma instituição, o tempo todo. Assim, lemos sobre o templo: “Minha casa,” Isa. 56:7; “Sua casa,” Mat. 23:38. Sobre os sacrifícios: “Os sacrifícios ao Senhor”, Lev. 10:13; “Minha oferta, e alimento para os meus sacrifícios”, Num. 28: 2; “Os seus holocaustos e os seus sacrifícios, e os vossos dízimos,” Deut. 12:6. Sobre a lei: “Minha lei”, Jer. 6:19; “A sua lei”, João 10:34. Agora, observe especialmente, que os dias de festa são falados exatamente da mesma maneira que o sábado; isto é, “minhas festas”, e “as suas festas”, “meus sábados” e “os seus sábados”. Assim, a “Páscoa do Senhor,” Ex. 12:11; a “festa do Senhor”, Lev. 23:4; “dos sábados do Senhor” versículo 38; “minhas festas”, versículo 2; “meus sábados,” Ex. 31:13; “Uma festa ao Senhor”, Lev. 23:41; “O sábado santo ao Senhor”, Ex. 16:23; “Suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados,” Oseias 2:11, são citações suficientes para demonstrar a falácia de tentar fazer uma distinção entre “os meus sábados” e “os seus sábados.” O mesmo argumento provaria que “minhas festas” e “as suas festas”, “meus sacrifícios” e “seus sacrifícios,” “minha casa” e “sua casa”, etc., teriam significados completamente diferentes. Mas todo mundo sabe que não é assim. Esses termos se aplicam à mesma coisa sob diferentes pontos de vista; dos sábados do Senhor como nomeados por ele e seus sábados como guardados por eles; e isto é tudo.

11. Paulo mostra essas coisas como que “apagadas”, “pregadas na cruz.” Col. 2:14. É dito que isto não pode aplicar-se ao sábado, pois ele foi gravado em pedras, no Decálogo, e assim ele não poderia ter sido apagado ou pregado na cruz. A resposta é fácil. Apagar e pregar são termos usados apenas como uma ilustração. Antigamente, um documento que tinha sido cancelado, ou abolido, era esfregado ou apagado, ou um prego era introduzido nele, como agora um condutor perfura um bilhete para mostrar que ele já foi utilizado. Sendo apenas uma ilustração, isto poderia ser aplicado a qualquer tipo de lei escrita, não importando a forma em que ela foi registrada. As objeções deles não são dignas de serem acatadas por uma pessoa sincera. Paulo diz que estas coisas eram contra nós; mas eles dizem que o sábado não era contra nós; portanto, ele não pode estar se referindo ao sábado semanal. Resposta: 1. Paulo diz que sim, e isto resolve a questão. 2. O sábado judaico era o grande sinal do judaísmo. Ez. 20:10-13; Deut. 5:15. Como tal, carregava com ele todo o sistema judaico, e por isso, era contra os cristãos.

12. Eles dizem que o sábado semanal não estava associado com carnes, bebidas, festas, etc., como em Col. 2:16. Isto é um grande erro, como já vimos. Ele é classificado, juntamente com estas coisas, inúmeras vezes. Ver Lev. 23:2-6; Num. 28:3-11; 1 Cron. 23:29-31, etc.

13. Mas, argumenta-se que, como “os dias de sábado” de Col. 16, “são sombras das coisas vindouras”, verso 17, e o sábado semanal é um memorial da criação, que aponta para trás no princípio; portanto, eles não podem ser a mesma coisa, pois o sábado não poderia apontar para os dois lados. Mas, isto é simplesmente uma afirmação sem qualquer prova. Como sabemos que ele não pode apontar para os dois lados? A Páscoa era um memorial de sua libertação do Egito, e sempre se refere a este evento. Ex. 12:11-17. Mas ele era também uma sombra de Cristo. Col. 2:16-17. “Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós”, 1 Coríntios 5:7. Então todas essas festas anuais eram tipos de Cristo, de alguma forma, e ainda assim todos foram memoriais também de eventos passados, como todos sabem. Mas quem poderia ter pensado nisso, se os apóstolos não tivessem dito? Se, então, estes dias de festa pudessem ser ambos os memoriais e tipos, apontando para os dois lados, assim também poderia ser o sábado. Paulo diz claramente que os sábados são sombras das coisas vindouras; e uma clara declaração da Inspiração vale mil de nossos raciocínios vãos. Isto está em harmonia com o argumento de Paulo em Hebreus. 4:1-11, que o sétimo dia é um tipo. Durante quarenta anos, eles tentaram explicar este texto, mostrando que ele realmente não pode significar o que diz; mas lá ele permanece, zombando de todas as suas teorias. O sábado é um tipo, pois a inspiração diz isso. É dito que o sábado foi instituído antes da queda, mas os tipos só poderiam ter sido instituídos depois da queda. Como você sabe que isto é assim? Onde na Bíblia diz isso? Pedro diz de Cristo: “Quem na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos, para você,” 1 Pedro 1:20.

O revelador diz: “O Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”, Apocalipse 13:8. Se, então, Cristo antes da fundação do mundo, foi ordenado morrer, então o sábado pode ter sido concebido antes mesmo da criação da Terra, como um tipo de Cristo. Dr. Watson diz: “Ele é usado como um tipo expressivo do descanso celestial e eterno.” *Institutos Teológicos Vol. II*, página 509. O *Comentário Púlpito* diz: “O sábado dos judeus era típico.” Sobre Col. 2:17. Dr. Adam Clarke diz: “A verdade é que o sábado é considerado como um tipo.” Sobre Ex. 20:8. , o próprio pastor Andrews, adventista do sétimo dia, diz: “Quando o Criador deu existência ao nosso mundo, ele não previu a queda do homem? E, prevenindo a queda, ele não planejou redimir o homem? E não se subentende que a redenção foi planejada na criação?” *História do Sábado*, página 151. Exatamente! E assim, o sábado como um tipo da redenção pode ter sido dado no Éden conforme eles mesmos mostraram. Então, numa observação mais de perto, todos os argumentos de nossos irmãos do sétimo dia sobre Col. 2, falham.

14. Através de uma construção gramatical falsa do pronome relativo “que”, em Col. 2:16, os adventistas tentam excluir o sábado judaico semanal do texto. Eles fazem com que o pronome se refira apenas aos “sábados”, lendo assim: “Aqueles, sábados, que são uma sombra.” Isto, eles dizem, significa que existem outros sábados que não são uma sombra, que é o sétimo dia. Mas a palavra grega para “sábados” é *Sabbaton*, plural genitivo, enquanto a palavra “que” é *ha*, plural nominativo, neutro. Assim, ele não pode concordar com “dias de sábado”, como qualquer estudioso sabe. “Que são sombras” refere-se a toda a lista dada no versículo 16, que são: carnes, bebidas, festas, luas novas e sábados. A *Versão Revisada* traduz o texto assim, “um dia de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras.” Não simplesmente o sábado, mas todos estes juntos, eram uma sombra. Daí a frase, “que são sombras,” aplica-se a cada item do versículo 16. Paulo, então, queria dizer que apenas alguns dias de festa, algumas luas novas, e certos sábados eram sombras, enquanto havia outros dias de festa, outras luas novas e outros sábados que não eram sombras e por isso foram isentos de sua lista? Não, ele não faz nenhuma exceção, nem de festas, luas, ou sábados. Todos foram incluídos, nada foi excluído. Portanto, assim como Paulo incluiu todos os dias de festa, e cada lua nova, ele também incluiu todos os sábados do Antigo Testamento, e dentre eles estava o sábado semanal como sendo o principal de todos. Assim, o último pino no qual eles tentam pendurar o sábado judaico é derrubado.

O professor A. M. Weston, presidente do Colégio Eureka, in Illinois, diz muito verdadeiramente: “Se o sábado não volve para Cristo para o seu princípio subjacente, então o sábado é a única observância importante do Antigo e do Novo Testamento que não consegue fazê-lo.” *A Evolução de Uma Sombra*, página 16. Nós sabemos que havia no Éden um tipo de Cristo, que foi Adão, pois a Bíblia diz assim em Rom. 5:14. “Adão... que é a figura daquele que havia de vir.” “Figura” vem do grego TUPOS, que significa tipo. “Que era o tipo daquele que havia de vir.” Siríaco, Diaglott, Sawyer, *Oráculos Vivos*, e *Traduções da Bíblia União*. Assim, os tipos foram instituídos no Éden. Portanto, o sábado não pode ser excluído dos tipos por esse motivo.

Em Gal. 4:10, 11, Paulo deixa de lado a guarda do sábado judaico e todos aqueles dias sagrados da lei. “Guardais dias, e meses, e tempos, e anos.” Que isto se refere aos dias santos da antiga lei é provado por sua referência a essa lei, tanto antes como depois deste texto. Assim: “... a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé, mas depois que veio a fé, já não estamos debaixo do aio” Gal. 3:24, 25. Essa lei acabou na cruz como Paulo disse em Colossenses 2:14-17. Mais uma vez, ele diz: “Diga-me, vocês que querem estar debaixo da lei, vocês não ouvem a lei?” Gal. 4:21. “Vós não estais debaixo da lei.” Gal. 5:18. Assim, então, ele quer dizer que os dias santos da lei incluíam o sábado como o principal de todos. Olhe para a sua lista: Dias, (sábados, semanal) meses (novas luas), tempos (festas anuais), e anos (anos sabáticos). Esta é a exata lista dos tempos sagrados judaicos.

Para os romanos, Paulo ensinou a mesma doutrina: a observância dos dias sagrados judaicos não deve ser considerada. “Um faz diferença entre dia e dia. Outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente convicto em sua própria mente.” Rom. 14:5.

O Dr. Potts, metodista, diz: “Que a questão do sábado fazia parte do raciocínio de Paulo neste texto, é evidente a partir de Rom. 14:1-6.” *O Dia do Senhor, Nosso Sábado*, página 27. Estes foram os dias prescritos na lei, pois é da lei que ele trata por todo o livro de Romanos. Ele não faz exceção do dia de sábado, mas diz claramente “a cada dia.” Apenas alguns versos antes, ele havia citado cinco dos dez mandamentos, Rom. 13:9, mostrando que ele incluiu o dia de sábado do Decálogo. Não adianta nada

dizer que Paulo se refere apenas aos sábados anuais, pelo fato de que ele também menciona o comer carne e ervas. Eu já provei que o sábado semanal estava associado com estes textos.

O que prova que Paulo tinha a intenção de anular o sábado, como suas palavras, naturalmente revelam, é o fato de que em todas as suas instruções, em nenhum lugar, ele disse uma palavra em favor da guarda do sábado. Aqui e ali, ele ordena outros deveres, mas nunca uma palavra sobre a guarda do sábado, em todas as suas catorze cartas. Aqueles a quem ele escreveu, eram gentios que nunca tinha guardado o sábado, e, portanto, precisavam de instruções, se eles o quisessem guardar. Mas nem uma palavra ele diz a eles sobre isso; embora ele os instrua a respeito do primeiro dia da semana. 1 Cor. 16:1, 2.

É dito que este ponto de vista da linguagem de Paulo torna obsoletos todos os dias sagrados e deixa a igreja sem qualquer dia de descanso. A resposta é fácil e clara. Paulo estava tratando das velhas instituições, que tinham sido pregadas na cruz. Col. 2:14. Assim, tanto quanto se entende destes textos, a sua linguagem não faz referência às novas instituições do evangelho, quais poderiam ter sido uma dúzia de dias santos.

CAPÍTULO XVI

UMA HISTÓRIA DE NUMEROSOS ESFORÇOS PARA REVIVER O SÁBADO JUDAICO

Porque ele não foi descoberto antes?

Se os sabatistas estão certos na questão do sábado, então toda a igreja cristã tem transgredido o sábado por mais de 1.800 anos e guardado em seu lugar, o domingo, que para eles é “uma instituição papal”, “a marca da besta”. Foi como se durante estes longos séculos, todos os homens santos, mártires, reformadores, comentadores, historiadores e estudiosos cristãos, com toda a sua busca por Deus, buscando a Bíblia, e estudando história, tivessem sido incapazes de ver este grande erro. É razoável acreditar que toda a igreja, durante toda a sua história, tem pisado um dos mandamentos mais sagrados de Deus? Será que a ira de Deus está sendo derramada sobre a igreja cristã atual, por guardar o mesmo dia que a igreja cristã tem guardado por 1.800 anos? Teria Deus abençoado os reformadores e sua igreja, se a guarda do domingo é um crime tão terrível contra Deus, como ele é agora reivindicado?

Imagine isto: toda a igreja de Cristo, imediatamente após a morte dos apóstolos, cai neste temeroso pecado e erro, e pratica este crime sem ser repreendida através de toda a história da igreja, até que pouco tempo antes da volta de Jesus, umas poucas pessoas o encontram e efetuam a mudança. De acordo com os adventistas do sétimo dia, Lutero, Calvino, Knox, Wesley, e toda a igreja de Cristo, durante centenas de anos, cometeram dois pecados terríveis, a cada semana de suas vidas: eles transgrediram o santo sábado, o mandamento mais importante no decálogo, e guardaram o domingo, a marca da besta. No entanto, Deus deixou que a coisa toda continuasse sem qualquer protesto, até o último minuto do tempo, e agora, todos que não aceitam esta “nova luz”, serão irremediavelmente condenados por fazer o que os cristãos, em geral, sempre fizeram. Com toda a franqueza, esta é uma pílula grande demais para ser engolida!

Mas, os sabatistas dizem que isso não tem nada a ver. “O nosso apelo é à Bíblia, e à ela só. A Bíblia ensina claramente sobre o sábado, e nós a seguimos.” É o que dizem, e assim eles acreditam; mas o fato é que é a interpretação e a explicação deles, que faz com que a Bíblia diga o que eles acham que ela diz. Alguma vez você já conheceu alguma seita, até mesmo dentre as mais radicais e fanáticas, que não esteja sempre pronta para “provar tudo pela Bíblia”? Sim, eles sabem que eles estão certos sem sombras de dúvida, “porque a Bíblia o diz”. Eles vão argumentar que você é cego, e crescerão mais confiantes a cada dia, e sempre acabarão dizendo: “É verdade, não porque eu estou dizendo, mas porque a Bíblia o diz.” Conheça um mórmon, e você verá que ele tem a Bíblia “na ponta da língua”. Ele “prova tudo pela Bíblia”. Assim, o shaker, o seguidor de Swedenborg, o universalista, e o resto deles, “provam tudo pela Bíblia”. Quantas pessoas e seitas surgiram em momentos diferentes com grande entusiasmo sobre alguma ideia nova, não se contentando com “a velha história de Jesus e do seu amor.” Para eles, não importa quão prejudicial possa ser para outros cristãos e para o evangelho, “a Bíblia ensina, e isso é suficiente. para desistirmos disso, nós teremos que desistir da Bíblia também”, eles dizem. E assim eles vão, até que o tempo, por si só, destrói a sua teoria, e, então, eles desistem da Bíblia e tudo mais, enquanto almas preciosas são deixadas perdidas.

Guardar o Sábado – Um fracasso.

Os sabatistas surgiram na Inglaterra na época da Reforma, uns trezentos anos atrás. Eles tinham muitos homens talentosos, ministros e escritores. Eles publicaram muitos livros, discutiram o assunto amplamente, e fizeram muitas conversões. Eles tiveram ali um grande campo e um bom começo. Quanto sucesso a observância do sábado teve? O que eles conseguiram na Inglaterra? Trezentos anos deve ser longo o suficiente para dizer se eles obtiveram sucesso ou não. Vamos deixar que o pastor Andrews conte a triste história: “No século XVII, onze igrejas de sabatistas floresceram na Inglaterra, enquanto muitos observadores do sábado foram encontrados, espalhados, em várias partes do reino. Deles, somente três igrejas ainda existem. E somente uns restantes deles, permanecem.” *História do Sábado*, p. 491. Pelo tempo que ele escreveu isso, duas das três igrejas já foram fechadas, e um grupo de menos de dez membros sobrevive. O pastor Andrews tristemente pergunta: “A que nós devemos atribuir como sendo a causa deste fato doloroso?” A causa é evidente: Deus não está nisto. Toda vez que é tentado resgatar a

observância do sábado, fracasso é o resultado. Talvez, necessitaremos de mais trezentos anos, portanto, para que o triste réquiem seja cantado sobre a sepultura do adventismo do sétimo dia.

O desempenho dos sabatistas na América.

Em 1664, um pouco mais de 200 anos atrás, os batistas do sétimo dia começaram a ensinar a doutrina na América em Newport, RI. A primeira igreja foi organizada em 23 de dezembro de 1671. Veja o *Manual dos Batistas do Sétimo Dia*, páginas 39, 40. A partir desse momento, eles diligentemente começaram a ensinar a observância do sétimo dia, tanto nos Estados Unidos como em outros países, mesmo tão distantes como a China, pregando, por folhetos, livros e periódicos, até que o mundo religioso tornou-se familiarizado com os seus pontos de vista. Eles eram numerosos o suficiente para organizar uma conferência geral já em 1802. Veja a *História da Conferência Geral da Batista do Sétimo Dia*, páginas 15, 238, ou em qualquer enciclopédia. Eles tiveram academias, faculdades e universidades; homens eruditos, escritores capazes e trabalhadores zelosos. O que eles têm feito? Quase nada! Neste momento, o número de seus membros está na casa dos 8.000, e eles não estão em uma condição muito sólida, mas estão a perder terreno a cada década. Eles não podem sequer aumentar o número de membros através do nascimento de seus filhos. Em grande parte, a sua juventude abandona o sábado e guardam o domingo. Por conveniência, a maioria deles vive junta, como uma colônia, e por isso têm pouca influência sobre o mundo. Para seu louvor, é dito que eles são excelentes pessoas, e são livres de quaisquer noções heréticas ou fanáticas. Assim, neste caso, o sétimo dia tem toda a chance de ter sucesso. Seus defensores são inteligentes, altamente qualificados, respeitados, e vivem nesta terra onde há liberdade. Por que, então, o sétimo dia não obtém êxito? O porquê, eles próprios devem admitir. Os fatos inequívocos, seguros que passarei a relatar, apoiam o que nós dizemos. Irmãos sabatistas, parem e pesem essas coisas de forma justa. Porque desperdiçar a vida lutando por aquilo que é um comprovado fracasso?

Em 1846, quase 70 anos atrás, os adventistas do sétimo dia começaram a ensinar o sábado. Eles o têm praticado com zelo, dedicado tudo a ele, investido milhões, e enchido a terra com a sua literatura. O que eles têm conseguido? Eles são cerca de 100.000 agora. Eles têm 4.000 trabalhadores no campo e gastam US \$ 2.000.000 anualmente, e conseguem somente 4.000 novos membros por ano, isto é, um para cada trabalhador. Metade deles é de outras igrejas. O sistema carece de vitalidade e poder evangélico.

Contraste isto com o trabalho e o sucesso dos batistas do primeiro dia. Quão grande trabalho eles têm feito por Cristo e pelas almas nos últimos duzentos anos. Ao invés de 8.000, como os batistas do sétimo dia, o número deles é de 5.000.000. Como grupo, eles são tão piedosos e devotos quanto os batistas do sétimo dia. Então, olhe para a Igreja Metodista e outras igrejas que guardam o domingo, e veja como Deus tem abençoado a todos eles. A experiência mostra que guardar o sábado judaico aleija, e incapacita uma igreja para a obra do evangelho.

Se, hoje, guardar o sábado agrada tanto a Deus, por que ele não os prospera mais? Se a observância do domingo é tão pecaminosa aos olhos de Deus, por que ele extraordinariamente abençoa aqueles que persistem nela?

Lutero e o sábado

Mesmo os adventistas reconhecem a grandeza de Lutero na piedade e no profundo conhecimento da palavra de Deus. Ellen White diz dele: “zeloso, ardente e dedicado, não tendo temor de nada, a não ser o de Deus, e reconhecendo nenhum fundamento para a fé religiosa, a não ser o das Santas Escrituras,” etc. “Anjos do Céu estavam do seu lado e raios de luz do trono de Deus revelaram os tesouros da verdade para o seu entendimento”. *Grande Conflito*, páginas 94, 97. Muito bom! Agora vamos ouvir Lutero. Carlstadt, um sabatista zeloso e culto, colocou seus argumentos em favor do sétimo dia perante Lutero, que os examinou. Aqui está a decisão de Lutero, em suas próprias palavras: “Na verdade, se Carlstadt escrevesse mais sobre o sábado, o domingo teria que ser abandonado, e o sábado, isto é, o sétimo dia, deveria ser mantido santo; ele iria realmente fazer-nos judeus em todas as coisas, e assim, deveríamos ser circuncidados, pois essa é a verdade, e ninguém pode negar que aquele que considera necessário observar uma lei de Moisés, e guardá-la como a lei de Moisés, deve considerar tudo necessário, e guardá-la integralmente.” *História do Sábado*, p. 457.

Portanto, a “luz” sobre a questão do sábado foi dada a Lutero, e ele a rejeitou, assim como o grande corpo de cristãos o fazem agora. Os outros líderes da Reforma estavam igualmente familiarizados com os

argumentos a favor do sétimo dia, mas, como o pastor Andrews mesmo diz, eles “como um corpo, não eram a favor desses pontos de vista.” *História do Sábado*, p. 460.

Estes fatos mostram o quanto é falso dizer que as pessoas do passado não estavam familiarizadas com a questão do sábado.

John Milton sobre o sábado

Assim, o grande John Milton, autor de *Paraíso Perdido*, discutiu exaustivamente a questão do sábado, usando os mesmos argumentos que usamos agora para mostrar a abolição do sábado judaico. Cito algumas frases de seu *Tratado Sobre Doutrina Cristã, Vol. 1*, Livro 2, cap. 7. “É evidente a partir de mais do que uma passagem da escritura, que o sábado original foi revogado.” “Se, então, o mandamento do sábado foi dado somente para aqueles a quem Deus tirou da terra do Egito e da casa da servidão, ele é, evidentemente, inaplicável a nós como cristãos”. Ele discute a questão desta maneira, por um longo tempo.

Richard Baxter sobre o sábado

Este grande teólogo, o autor de *O Descanso Dos Santos, Chamada Para Os Não Convertidos*, etc., em 1671, escreveu seu *Compromisso Divino do Dia do Senhor* contra os defensores do sétimo dia de seu tempo. Gilfillan, diz: “Baxter (1671) e Bunyan (1685) escreveram as suas interessantes apologias ao dia do Senhor para aliviar as perplexidades com que algumas pessoas boas, em seu tempo, estavam se deparando, sendo angustiadas em consequência do zelo proselitista dos sabatistas.” *O Sábado*, p. 144. De modo que os sabatistas, há mais de 200 anos, estavam dando a mesma “luz” e fazendo o mesmo trabalho de proselitismo, como é feito agora. Eles foram respondidos por homens como Baxter, Bunyan, Milton, etc.

Eu darei algumas palavras de Baxter: “É também assumido que a igreja universal desde os dias dos apóstolos tem observado com constância o santo dia do Senhor em memória da ressurreição de Cristo, e que, por vontade de Cristo, foi entregue a eles pelos apóstolos; de modo que eu não me lembro de qualquer cristão ortodoxo, ou herege, que tenha se oposto ou questionado isso, até a mais recente era.” Parte 2, cap. 18. Dele mesmo, a Sra. White diz: “Baxter, um homem de talento, educação e profunda experiência cristã. Levantou-se em valente defesa da fé uma vez entregue aos santos.” *Grande Conflito*, página 175. Sim, tais homens se levantaram e se opuseram à heresia do sábado judaico.

John Bunyan

Ouçã o que a Sra. White diz sobre Bunyan: “John Bunyan respirava a própria atmosfera do Céu.” *Grande Conflito*, página 174. Bem, agora ouçã Bunyan: “Quanto ao sétimo dia de sábado, que, como nós vemos, se foi para a sua sepultura, juntamente com os sinais e sombras do Antigo Testamento; sim, e ele foi de tal maneira riscado pela autoridade apostólica, que é o suficiente para fazer um cristão correr para longe dele, para sempre. 2 Cor. 3.” “Mais uma vez, o apóstolo bate na boca dos mestres da lei, dizendo: ‘eles não entendem nem o que dizem, nem o que afirmam.’” *Obras Completas*, página 915.

Se alguma vez alguém, além dos apóstolos, já viveu perto de Deus, bebeu de seu espírito, e sabia a verdadeira intenção da Bíblia, este homem era Bunyan, autor da obra imortal *O Peregrino*. Ele conhecia esses sabatistas e o trabalho deles na época em que ele viveu. Ele estudou o assunto completamente e escreveu um livro contra eles, do qual eu tirei as citações. Ele os considerava na época, como eles são considerados hoje, como legalistas, fanáticos, cegos e perturbadores da igreja.

Então toda essa conversa de que a igreja não tinha a luz sobre a questão do sábado, até que os adventistas surgissem para ensiná-lo, é contrário aos fatos que foram mostrados acima. São simplesmente os velhos argumentos de 200 anos atrás, agora remodelados.

CAPÍTULO XVII

A LEI

A base do erro sabatista, eu creio, é a ideia de que “a lei”, em todo o rigor da velha letra, é obrigatória para os cristãos. Assim, seu tema constante é a lei, lei, lei. Eles a pregam, dez vezes mais, do que eles pregam a Cristo. Infelizmente, uma teoria falsa da lei ensinada por algumas outras igrejas, levou-os para este triste erro. Eu estive, por vinte e oito anos, preso naquela “escravidão”. Agora que eu encontrei o meu caminho, se eu puder ajudar outros, eu me alegrarei.

Os seguintes fatos sobre a lei me ajudou a sair do adventismo, e eu não conheço ninguém que tenha saído de outra forma. Eu creio que estes fatos são a resposta correta para o erro do sábado. Eu escrevo para os leitores sinceros. Eles examinarão os meus argumentos de forma justa e permitirão que outros façam o mesmo, mesmo que eles não concordem plenamente com todas as minhas posições. Como resultado da presente argumentação a respeito do sábado, nós deveríamos esperar uma melhor compreensão de todo o assunto abordado até aqui. Quarenta anos de investigação e discussão sobre esta questão, tem firmemente estabelecido em mim as convicções em relação às proposições que irei expor aqui. Elas estão em harmonia com os melhores homens e teólogos desta e de épocas passadas; portanto, nada originado em mim.

Antinomianismo

Antinomianos, ANTI: contra, e NOMOS: lei, contra a lei, é um termo aplicado a todos aqueles que sustentam que, os cristãos não estão sob qualquer obrigação de guardar a lei de Deus, ou de fazer qualquer boa obra. Se eles cometerem qualquer tipo de pecado, isto não irá atrapalhar a sua salvação, se eles mantiverem a fé em Jesus. A salvação é totalmente pela fé, sem qualquer relação com as ações de alguém. Veja em qualquer enciclopédia. Esta é uma doutrina abominável, subversiva ao evangelho; os adventistas do sétimo dia classificam todos os que não concordam com eles, em relação ao que é a lei de Deus, como antinomianos. Eu sou tão contrário ao antinomianismo como eles o são. Eu acredito na estrita obediência à lei, no cumprimento dos mandamentos de Deus, e na necessidade de boas obras, tão fortemente como eles. Lutero se opôs veementemente ao antinomianismo, e ainda assim, ensinou a abolição da lei mosaica. É injusto para os adventistas chamar as pessoas que abominam essa doutrina, de antinomianos. Anelamos por uma vida pura, por boas obras e obediência a Deus, como sendo necessárias para a salvação. Por isso, é uma falsidade e uma calúnia nos classificar como antinomianos. Pessoas que estão conscientes de estar no caminho certo podem se dar ao luxo de afirmar a posição de seus oponentes, de forma justa. Bunyan, Judson, e uma série de tais homens têm repudiado a ideia sabatista da lei, e ainda assim foram homens santos. Eu não tenho medo de ficar do lado deles.

Mesmo o pastor Waggoner diz: “Se o Salvador aboliu os dez mandamentos, e com eles o sábado, é uma questão teológica, é apenas uma questão de interpretação das Escrituras”. *Respostas ao Pastor Canright*, página 164. Muito bem; então, os homens podem diferir sobre esta questão e ainda serem cristãos honestos. Agora vou estabelecer algumas proposições acerca da lei, que me parecem tão simples e bem apoiadas pela Bíblia, que todos irão concordar com elas:

PROPOSIÇÃO 1: “A lei” engloba toda a lei mosaica - a moral, civil e cerimonial.

O termo, “a lei”, quando usado com o artigo definido e sem palavras de qualificação, refere-se “em nove de cada dez casos, à lei mosaica, ou o Pentateuco”. *O Dicionário Bíblico de Smith*, no artigo “Lei”. Geralmente, os adventistas usam o termo “a lei” apenas para os dez mandamentos. Eles penduram um gráfico do Decálogo e constantemente apontam para ele como sendo “a lei de Mat. 5:17”, “A lei do Senhor”, Sal. 19: 7, “A lei de Deus” Rom. 7:22 . Este é o seu erro fundamental na questão da lei. Eu afirmo que “a lei” incluía todo o sistema de leis dado aos judeus no Sinai, abrangendo todas as exigências, sejam elas morais, civis, cerimoniais, Decálogo e tudo. Olhe para o termo “lei”, em uma concordância, ou em qualquer Bíblia léxica, dicionário ou enciclopédia. “A lei” geralmente incluía o conjunto dos cinco livros de Moisés. Mesmo o pastor Butler é obrigado a fazer esta confissão: “O termo ‘a lei’, entre os judeus geralmente incluía os cinco livros de Moisés, incluindo, portanto, o sistema inteiro, moral, ritual, típico e civil.” *Lei em Gálatas*, página 70. Isto é a pura verdade! Dr. John Kitto, em sua *Enciclopédia da Literatura Religiosa*, no artigo “A Lei”, diz: “Se, no entanto, a palavra lei é usada

sozinha, é quase invariavelmente, equivalente à lei de Moisés.” “A lei está especialmente incorporada nos últimos quatro livros do Pentateuco.” Então, se você tiver isto em mente, todas as vezes que encontrar o termo “lei”, você não terá problemas com os argumentos sabatistas sobre “a lei”.

Aqui alguns exemplos do uso do termo “a lei”. 1 Cor. 14:34. Mulheres “são ordenadas a serem submissas, como também ordena a lei.” Onde é que a lei diz isso? Gênesis 3:16. Então Gênesis está na lei. Mais uma vez: “Se a lei não dissesse: Não cobiçarás.” Rom. 7:7. Onde? Ex. 20:17. Então Êxodo está na lei. Mais uma vez: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?” Mat. 22:36. Jesus, então, faz duas citações da lei; em primeiro lugar, “Amarás o Senhor com todo o teu coração.” Isto é tirado de Deut. 6:5. Então Deuteronômio está na lei. Em segundo lugar, “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Isto é de Lev. 19:18. Então Levítico é uma parte da lei. E esta: “Não tendes lido na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?” Mat. 12:5. Isto é de Num. 28:9. Estes, então, abraçam todos os cinco livros de Moisés como sendo “a lei”. Observe um pouco onde é falado da lei, e em breve você vai ver que o texto refere-se, indistintamente, a todos os livros de Moisés como sendo “a lei”. É claro que qualquer verso, em qualquer um desses livros, é citado como sendo “a lei”, porque é uma parte da lei. Então, os Dez Mandamentos são citados como a lei, porque eles são uma parte da lei.

Mais uma vez, “a lei” engloba todas as partes da lei, moral, civil ou cerimonial. Assim, os preceitos cerimoniais: “Os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o costume da lei.” Lucas 2:27. Ou seja, para oferecer um sacrifício. Versículo 24. Preceitos morais: “A lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os transgressores e pecadores, para ímpios e profanos, para os assassinos.” 1 Tim. 1:9. Este é o Decálogo. Preceitos civis: “Mandas, contra a lei, que eu seja ferido?” Atos 23:3. Observe que em todas as vezes, ela é simplesmente a lei. “Gamaliel, doutor da lei.” Atos 5:34. De qual lei? Ele era simplesmente um doutor de alguma parte da lei, como os preceitos morais, ou civis, ou cerimoniais? Todo homem inteligente sabe que “a lei”, do qual ele era doutor ou professor, era todo o Pentateuco, com o Decálogo incluído. A lei, então, é toda a lei judaica, com todas as suas partes. Este ponto, sozinho, quando claramente explanado, destrói nove décimos de todo argumento adventista do sétimo dia em relação ao sábado judaico.

PROPOSIÇÃO 2: As duas leis - Não houve tal coisa como duas leis distintas, dadas aos judeus.

Para sustentar a sua doutrina, os sabatistas inventaram uma teoria de duas leis dadas no Sinai; uma lei moral, e outra cerimonial.

Os adventistas dão a maior importância à sua teoria das duas leis, pois se isso estiver errado, a sua causa está perdida. O pastor U. Smith diz: “Nenhuma questão, portanto, mais vital para o interesse dos observadores do sábado pode ser proposta.” *Sinopse da Verdade Presente*, página 258. Mas que eles estão errados sobre esta questão vital, é facilmente demonstrado.

1. “A lei moral”, “A lei cerimonial”.

Os adventistas usam esses dois termos tão livremente como se a Bíblia estivesse cheia deles; ainda, por estranho que pareça, as escrituras não fazem tais distinções, nunca falam de uma lei como sendo “moral” e de outra como sendo “cerimonial”. Os adventistas severamente criticam aqueles que usam uma palavra ou frase não bíblica; mas eles mesmos, constantemente, fazem a mesma coisa. Seria divertido ouvir um deles tentar pregar sobre as “duas leis” e limitar-se a linguagem da Bíblia. Ele não poderia fazê-lo. Se há duas leis distintas dadas a Israel, tão opostas em sua natureza, é estranho que não há nenhum registro delas, nenhuma referência a elas na Bíblia. Se uma foi abolida e a outra não, é estranho que Paulo não faça a distinção, quando ele tem muito a dizer sobre a lei. Por que ele não diz, “nós estabelecemos a lei moral”? Ou, “a lei cerimonial serviu de aio”? Não, ele apenas diz “a lei” e deixa assim. Parece que ele não tem sido tão claro quanto a esse ponto, como os adventistas são. Sobre este ponto, a *Enciclopédia de Literatura Bíblica de Kitto*, artigo “Lei”, diz: “Nem Cristo, nem os apóstolos distinguem entre a lei moral, cerimonial e civil, quando falam de seu estabelecimento ou de sua abolição.”

2. As duas leis contrastadas.

Os adventistas têm elaborado uma longa lista de coisas da lei “moral” que eles alegam serem verdadeiras e uma lista oposta que só se deve aplicar à lei “cerimonial”. Eles contrastam as duas listas e criam duas leis. Assim diz o pastor Smith: “A ‘lei moral’: Foi pronunciada do Sinai pela voz de Deus e duas vezes escrita em tábuas de pedra por seu próprio dedo”. “Foi depositada na arca de ouro”. “Relacionada apenas com os deveres morais” *Sinopse da Verdade Presente*, página 266. Claro que isto se refere aos Dez Mandamentos, nada mais, nada menos. Portanto, temos aqui a sua “lei moral”. E ele continua: “A ‘lei cerimonial’: Foi comunicada a Moisés em particular e foi por Moisés escrita com uma caneta em um livro. Deut. 31:9”. “Foi colocada num recipiente do lado da arca. Deut. 31:26.” “Era totalmente cerimonial.” Mesma página.

Assim sendo, o que não é encontrado no Decálogo pertence à lei cerimonial, e tudo o que Moisés escreveu no Livro da Lei que foi colocado ao lado da arca é “totalmente cerimonial”. Em Deut. 31:26, lemos: “Tomai este Livro da Lei e coloque-o ao lado da arca.” O Decálogo estava na arca, o Livro da Lei estava do lado da arca. Indagamos, qual era o conteúdo do Livro da Lei? A resposta é fácil: ele continha todos os cinco livros de Moisés, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Assim, 2 Reis 14:6, diz que “está escrito no Livro da Lei de Moisés,” e, em seguida, cita Deut. 24:16, como o Livro da Lei. 2 Cron. 35:12 diz: “Está escrito no livro de Moisés”, e refere-se a Lev. 3:3. Esdra 6:18, diz: “Está escrito no livro de Moisés”, e refere-se a Num. 3:6. Josué 8:31 cita Ex. 20:25, como aquilo que “está escrito no Livro da Lei.” 1 Cor. 14:34 refere-se a Gênesis 3:16, como “a lei”. Dr. Scott sobre Deut. 31:26, diz: “Este (livro) parece ter sido uma cópia correta e autêntica dos cinco livros de Moisés.”

Então, o que eles chamam de lei cerimonial contém dezenas de preceitos tão puramente morais como qualquer um do Decálogo. Veja algumas: “Não afligireis o estrangeiro.” “Vós não deveis afligir qualquer viúva ou órfãos.” Ex. 22:21, 22. “Não seguirás a multidão para fazer o mal.” Ex. 23:2. “Sereis santos.” “Não andarás, para cima e para baixo, como um mexeriqueiro entre o teu povo.” “Não vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Lev. 19:2, 16, 18. “Não farás acepção de pessoas.” “Perfeito serás.” Deut 16:19, 18, 13. Devem estes preceitos, e outros como eles, serem classificados como cerimoniais só porque Deus não os escreveu em uma pedra, mas deu a Moisés para que fossem escritos em um livro? Certamente que não! Então, a natureza de um preceito não foi determinada pela forma como foi dada. Deus os deu em momentos diferentes, como melhor lhe agradasse.

Como vimos, “a lei” abrange a “lei toda”. Gal. 5:3. Claro que, na lei, alguns preceitos referem-se a leis morais, outros são de natureza civil, e outros cerimoniais, mas todos são apenas diferentes partes da mesma lei, chamadas, como um todo, “a lei”. Assim, Jesus cita Lev. 19, como sendo “a lei”. Veja Mat. 22:36-40. Agora leia o capítulo inteiro de Lev. 19, e você encontrará preceitos morais, civis e cerimoniais, tudo misturado, e muitas vezes no mesmo versículo. Os adventistas, para sustentar sua teoria, tem que passar por esse capítulo, como o fazem através de toda a Bíblia, cortando e esculpindo, e separando aqui e ali, e rotulando uma frase como sendo “lei moral”, e outra frase como sendo “lei cerimonial”. Isto é o que é apropriadamente chamado de “sistema de raspagem.” Ele faz grande violência às Escrituras, arrancando delas o seu significado evidente.

Em nenhum lugar, eles podem encontrar a lei cerimonial dada por si só. Eles têm que buscá-la aqui e ali, em pedaços. O Livro da Lei, que foi colocado ao lado da arca, Deut. 31:24-26, é apontado como sendo a lei cerimonial. Mas esse Livro da Lei, como se vê, abrangia todos os cinco livros de Moisés.

Ele contém todos os Dez Mandamentos, palavra por palavra, repetidos duas vezes. Ex. 20 e Deut. 5. O pastor G. I. Butler faz esta confissão: “O Livro da Lei, que foi colocado ao lado da arca, continha tanto as leis morais quanto as cerimoniais” *Lei em Gálatas*, p. 39. Isto destrói a teoria de que a lei moral estava “na arca, e a lei cerimonial ao lado da arca”, como eles costumam reclamar. Então, em uma análise mais profunda, todos os textos, dos quais eles dependem para basear a sua teoria das duas leis, fracassam. Que o Livro da Lei continha preceitos morais é visto em Gal. 3:10. “Está escrito: maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no Livro da Lei para fazê-las”. Onde, no livro da lei, está escrito isso? Deut. 27:26. Voltando-nos àquele capítulo, nós temos uma maldição contra as imagens, versículo 15; desobediência aos pais, versículo 16; adultério, versículo 20; assassinato, versículo 24; suborno, versículo 25. Em seguida, vem o versículo citado como sendo do Livro da Lei. Se o Decálogo

contém leis morais, então, o Livro da Lei, também. Isso mostra a falácia absoluta de sua teoria das duas leis.

A seguinte passagem, sozinha, derruba a teoria das duas leis dos adventistas: “Mestre, qual é o grande mandamento, na lei? Disse-lhe Jesus: ‘Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente’. Este é o primeiro e grande mandamento e o segundo é semelhante a este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. Mat. 22:36-40.

1. Estes dois grandes mandamentos estavam “na lei.”
2. Mas nenhum deles é encontrado no Decálogo.
3. Ambos estavam dentro daquilo que os adventistas chamam de “lei cerimonial”.

4. Nenhum deles foi falado por Deus, nem escrito por ele, nem gravado em pedras, nem colocado na arca. Ambos foram dados por Deus, em particular, a Moisés, quem os escreveu com uma caneta, no Livro da Lei, que foi colocado ao lado da arca. E, no entanto, estes dois preceitos são os maiores de todos. Jesus disse sobre o primeiro que, ele é “o primeiro de todos os mandamentos.” Dos dois, ele disse, “não há nenhum outro mandamentos maior do que estes.” Marcos 12:29, 41. E sobre estes dois dependem toda a lei. Assim, então, os maiores mandamentos estão no Livro da Lei, não em tábuas de pedra. Isto destrói totalmente, o argumento adventista das duas leis. Isso mostra que, o simples fato de os Dez Mandamentos terem sido falados por Deus, escritos em pedra, e colocados na arca, não é prova de que eles eram superiores aos dados por meio de Moisés no Livro da Lei.

Vamos examinar um pouco mais os contrastes que eles dão das duas leis, do jeito que eles os organizam. Assim:

“1. Moral: Existiu no Éden, antes da queda. Cerimonial: Foi dada após a queda. Moral: É perfeita. Sal. 19:7. Cerimonial: Feita imperfeita. Heb. 7:19 3. Moral: Contém o dever de todo homem. Eclesiastes 12:13. Cerimonial: “consistia somente de comidas, e bebidas, e várias abluções, e ordenanças da carne”. Heb. 9:10. Onde é que eles leem que o Decálogo foi dado no Éden? Lugar algum! Isso eles assumem, não somente sem prova, mas contra o registro claro de Ex. 19 e 20, que foi dado no Sinai. Então, sua primeira comparação é um fracasso.

2. “A lei é perfeita”, Sal. 19: 7, e novamente, “a lei nenhuma coisa aperfeiçoou”, Heb. 7:19. Isso eles consideram como sendo uma de suas mais claras provas das duas leis. Mas onde está a prova? Segue-se que, se a lei é perfeita, ela poderia fazer pecadores perfeitos? Se pudesse, então, como diz Paulo, a justificação seria pela lei. Gal. 3:21, e “...logo, Cristo morreu em vão”. Gal. 2:21. A lei pode ser perfeita, e ainda assim, não conseguir fazer ninguém perfeito. Assim, não se prova a existência das duas leis com isso.

3. Ecles. 12:13 é citado como referindo-se apenas aos Dez Mandamentos e, então, afirma-se que estes contêm todos os deveres do homem. Ambas as afirmações são falaciosas. Há dezenas de deveres que devemos executar para Deus e para os homens, que não são sugeridos no Decálogo. Então, não há uma partícula de evidência de que Ecles. 12:13 refere-se ao Decálogo. O texto abrange claramente todos os mandamentos de Deus, sobre todos os assuntos. Olhe para a segunda citação, Heb. 9:10. Não se refere a qualquer lei, mas está falando dos serviços dos sacerdotes no templo, serviços que consistiam “somente em comidas, bebidas,” etc. Leia o texto. Assim, a teoria das “duas leis”, é feita: 1. Por pura dedução. 2. Por má aplicação das Escrituras. 3. Em frases destacadas, aqui e ali, retiradas de seu contexto adequado. Então, eu poderia seguir por toda a lista e mostrar que ela não prova os contrastes que ela alega ter.

Mas eles afirmam que tais coisas opostas são ditas da “lei”, e que, assim, não pode ser a mesma lei, todas às vezes. Este método de provar as duas leis, contrastando expressões particulares sobre a lei, quando se fala dela a partir de diferentes pontos de vista, alcançaria um mau resultado, se aplicado sobre outros assuntos. Paulo disse que ele era “um judeu”, Atos 21:39, e novamente que ele era “um romano”, Atos 22:25; dois Paulos. Assim, Cristo é “um leão” e “um Cordeiro”, Apo. 5:5, 6; “o Pai eterno”, Isa. 9:6. E nascido de uma mulher, Lucas 2: 7; Príncipe da Vida, Atos 3:15, e assim mesmo, “crucificado por

fraqueza”, 2 Cor. 13:4; uma criança, Isa. 9:6, contudo, Deus, Heb. 1:1-8; dois Cristos. Seria muito mais difícil de conciliar as coisas, aparentemente opostas, ditas de Cristo, do que seria com as coisas diferentes ditas sobre a lei. Havia diferentes lados da natureza de Cristo, mas ele era apenas uma pessoa. Assim, havia diferentes lados da lei, mas ela era apenas uma lei, para tudo aquilo. Vista à luz do seu desígnio final que era preparar o caminho para Cristo, Rom. 10:4; Gal. 3:23-25, do seu espírito, Rom. 7:6; da sua justiça, Rom. 8:3, 4; a lei era “santa, justa e boa”, Rom. 7:12. Vista a partir do lado da sua simples letra, Rom. 2:29; 7:6; 2 Cor. 3:6, 7; de seus inúmeros ritos, de suas cerimônias, das penalidades e severas exigências, ela era “o ministério da morte,” 2 Cor. 3:7; e um “jugo de escravidão”, Gal. 5:1-3; Atos 15:1-10. Esta é a verdadeira explicação de suas “duas leis”. Além disso, não é verdade que não havia nada cerimonial no Decálogo. O sábado semanal era a lei cerimonial principal de todo o culto judaico. Veja isto sendo provado na primeira parte do capítulo IX. Veja também o capítulo XVIII, sobre o Decálogo. No capítulo XXI, eu examino todos os textos que eles usam na teoria das duas leis.

PROPOSIÇÃO 3: Os Dez Mandamentos por si só, nunca são chamados de a “lei do Senhor”, nem de a “lei de Deus”.

Os sabatistas constantemente usam esses dois termos, aplicando-os somente ao Decálogo. Para eles, “a lei de Deus” e “a lei do Senhor” são somente o Decálogo, e nada mais. Eles são os únicos que guardam a lei de Deus, pois todos os outros violam o sábado, o sétimo dia. Mas agora, observe esse fato, que, após um exame mais profundo, eu sei que é a verdade. A palavra “lei” ocorre na Bíblia mais de 400 vezes, mas em nenhuma ocasião é o Decálogo, como um todo ou sozinho, chamado de “lei”. Nunca é, em nenhuma ocasião, chamado de “a lei do Senhor”, ou “a lei de Deus”. É claro que os dez mandamentos são uma parte da lei de Deus, mas apenas uma parte, não a totalidade. Examine alguns textos: Lucas 2:22. “Os dias da sua purificação, segundo a lei de Moisés”; versículo 23, “Está escrito na lei do Senhor, todo o homem que abre a madre”; versículo 24, é “dito na lei do Senhor, um par de rolas”; versículo 27, “Para fazerem por ele, segundo o costume da lei”. Aqui, a “lei”, a “lei do Senhor”, e a “lei de Moisés,” significam a mesma coisa, isto é, a lei tocante ao nascimento de um filho. Sacrifícios, oferendas, sábados, luas novas e festas são todos requeridos “na lei do Senhor”. Assim: “Ele também nomeou a parte da fazenda do rei para os holocaustos, a saber, para a manhã e à noite, holocaustos, e os holocaustos dos sábados, e das luas novas e para as festas fixas, como está escrito na lei do Senhor.” 2 Cron. 31:3. Dezenas de textos como estes poderiam ser citados, mostrando que “a lei do Senhor” inclui sacrifícios, circuncisão, dias de festa e toda a lei judaica. Assim, “a lei de Deus” não é simplesmente o Decálogo, mas toda a lei de Moisés. Leia Neem. 8:1, 2, 3, 7, 8, 14, 18. “O livro da lei de Moisés”, “a lei”, “o livro da lei”, “leram no livro da lei de Deus”, “a lei que o Senhor ordenou por Moisés”, “o livro da lei de Deus”. A lei de Deus, então, inclui toda a lei de Moisés.

Nenhum sabatista, portanto, guarda “a lei”, “a lei de Deus”, ou “a lei do Senhor”, porque, se ele guardasse a lei, ele iria oferecer sacrifícios, seria circuncidado, e viveria exatamente como os judeus viveram. Então, toda a conversa deles sobre o “guardar a lei”, não quer dizer nada, pois nenhum deles o faz. Além disso, em sua tentativa de guardar uma parte dessa lei, eles seriam obrigados a “guardar toda a lei”, como Paulo argumenta em Gal. 5:3. Mas, como nenhum deles guarda toda a lei, eles trazem sobre si a maldição da lei, constantemente violando uma parte, na tentativa de guardar a outra. Este é exatamente o ponto que Paulo usa contra os judaizantes legalistas do seu tempo. “Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no Livro da Lei.” Gal. 3:10. Ou seja, a pessoa que guarda um preceito da lei, só porque a lei assim o diz, reconhece que a lei tem domínio sobre ele. Então, se ele negligencia alguma outra parte da lei, ele, assim, se torna um transgressor da própria lei que professa obedecer. Isto é exatamente o que os sabatistas fazem. Eles guardam o sábado porque a lei diz isso e, assim, tornam-se “obrigados a guardar toda a lei.” Gal. 5:3. E então, eles negligenciam muitas coisas na mesma lei, e, por isso, estão sob a condenação da lei. Gal. 3:10. Mas os cristãos devem fazer isto ou aquilo, não porque a lei assim o diz, mas porque assim diz o Novo Testamento.

PROPOSIÇÃO 4: A “lei” foi dada por Moisés, e a “lei de Moisés” incluía o Decálogo.

Moisés não foi o autor da lei, mas foi através dele que Deus a deu a Israel. Isto é afirmado tão distintamente e tantas vezes, que é inútil negá-lo. Assim: “Porque a lei foi dada por Moisés”, João 1:17. “Não vos deu Moisés a lei?” João 7:19. “A lei que o Senhor tinha ordenado por Moisés”, Neem. 8:14. “A lei de Deus que foi dada por Moisés”, Neem. 10:29. Isso inclui o Decálogo. “Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe”, Mar. 7:10. Este é o quinto mandamento. Mais uma vez: “Não vos deu

Moisés a lei? E nenhum de vós cumpre a lei. Porque procurais matar-me?” João 7:19. A lei contra assassinato, é, aqui, chamada de a lei de Moisés.

Em Heb. 10:28, diz-se que “aquele que desprezou a lei de Moisés, morre sem misericórdia sob duas ou três testemunhas”. Pessoas foram condenadas à morte por violar o Decálogo. Veja Deut. 17:6. Elas foram condenadas à morte por quebrar o sábado, Ex. 31:14, a blasfêmia, roubo e assim por diante. Assim, o Decálogo está incluído na “lei de Moisés”. Mas no versículo 24, é dito que “deveis guardar a lei.” Assim, em um verso, é “a lei de Moisés”, e em outro verso, é simplesmente “a lei”. Assim, não há diferença entre “a lei” e a “lei de Moisés”.

Em Josué 8:30, 31, lemos: “Então Josué edificou um altar ao Senhor Deus de Israel, no monte Ebal, como Moisés, servo do Senhor, ordenara aos filhos de Israel, como está escrito no livro da lei de Moisés, um altar de pedras brutas, sobre as quais não se levantara ferramenta.” Ele diz que essa instrução, sobre o altar, foi escrita no “livro da lei de Moisés”. Agora vá para Ex. 20:25, o mesmo capítulo em que o Decálogo é encontrado, e lá você tem o texto referido. “Ora, se tu me fizeres um altar de pedra, tu não irá construí-lo de pedras lavradas; pois se você levantar a tua ferramenta sobre ele, você o contaminará.” Isto prova, sem sombra de dúvidas, de que os Dez Mandamentos estão na lei de Moisés.

PROPOSIÇÃO 5: A “lei” não foi dada antes de Moisés e do Sinai.

Os textos, acima citados, provam isso. Assim: “A lei foi dada por Moisés.” João 1:17. “Não vos deu Moisés a lei?” João 7:19. “Porque até à lei, estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado quando não há lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés.” Rom. 5:13-14. A entrada da lei está aqui localizada em Moisés. Neste próximo texto, ela está localizada sob o sacerdócio levítico. “Se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico, pois sob este, o povo recebeu a lei.” Heb. 7:11. Assim, a promulgação da lei está localizada “430 anos após a aliança com Abraão”. “E digo isto, que a aliança que foi anteriormente confirmada por Deus em Cristo, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a invalida”. Gal. 3:17. Isto nos trás até ao ano em que os judeus saíram do Egito e chegaram ao Sinai. “E sucedeu que, no final de 430 anos, naquele mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito.” Ex. 12:41. Incontestável, então, que o que a Bíblia chama de “a lei” só foi dada em Moisés, isto é, 2.500 anos depois de Adão, ou quase na metade da história do mundo.

PROPOSIÇÃO 6: A lei não pode ser encontrada, a não ser em Moisés.

Nenhuma cópia da lei, nem qualquer referência a ela, podem ser encontradas antes de Moisés. É claro que a grande lei moral e espiritual de Deus, condenando todos os pecados e exigindo cada ato de justiça - existia desde Adão, ou melhor, desde a eternidade. Mas o que em todas as Escrituras judaicas é conhecido como “a lei”, que foi produzida em forma de um código no Sinai, seja em um livro ou nas tábuas de pedra, isso certamente não existia antes de Moisés. Toda a disputa entre Paulo e os judaizantes de seu dia foi sobre esta lei. Veja Romanos, Gálatas e Atos 15 e 21. A questão era saber se “a lei”, que foi escrita no Livro da Lei, Gal. 3:10, e “gravada em pedras”, 2 Cor 3:7, era para ser observada sob o evangelho. Paulo disse: Não; os sabatistas dizem: Sim. Eles estão agora para a lei do Sinai como estavam os antigos judaizantes. Dizer que os princípios da lei existiam antes do Sinai, não prova que a lei existia. Estes princípios poderiam ter sido ensinados a Adão e seus descendentes de uma forma diferente da lei como posteriormente foi dada no Sinai. Mas onde você encontra a lei ou até mesmo um dos Dez Mandamentos, tal como formulada no Sinai, antes desse tempo? Lugar nenhum!

Os diversos princípios e preceitos, morais, cerimoniais, e típicos, que anteriormente haviam sido ensinados de maneiras diferentes, foram agora reunidos em um só código e formulados de modo a adaptá-los, por um tempo, às circunstâncias da nação judaica. Da forma como foi formulada, certamente esta lei nunca tinha sido dada antes.

PROPOSIÇÃO 7: Os patriarcas não tiveram o Decálogo, tal como formulado sobre as tábuas de pedra.

Isto, Moisés afirma claramente. Deut. 4:12, 13, diz que Deus falou com eles do céu, e declarou-lhes o “seu pacto”, “os dez mandamentos”. Cap. 5:2, 3, diz: “O Senhor nosso Deus fez um pacto conosco em Horebe. O Senhor não fez esta aliança com nossos pais, mas conosco.” Em seguida, ele repete os Dez

Mandamentos como foi falado do céu. Versículos 4-22. Que os principais princípios e normas, deste código, foram ensinados aos pais, de alguma forma, ninguém pode duvidar; mas que os pais tinham a lei tal como formulada, e disposta no Sinai, é claramente negado por Moisés, como visto acima.

PROPOSIÇÃO 8: A lei foi dada somente aos judeus.

Isto é tão evidente em cada item da lei, que não precisamos de argumento para provar isso. Moisés diz em Deut. 4:8, que nenhuma nação tem uma lei tão boa “como esta lei que hoje ponho diante de vós.” Então, ele cita os Dez Mandamentos como uma parte dela. Versos 10-13. “Esta é a lei, que Moisés propôs aos filhos de Israel.” Versículo 44. Propôs a quem? A Israel, não aos gentios. Então, novamente, no cap. 5:1: “Ouve, ó Israel, os estatutos e os juízos que falo em seus ouvidos.” E então se segue o Decálogo. Isto é visto através da lei, por inúmeras vezes. A lei foi endereçada aos judeus, e somente a eles. O próprio texto da lei mostra que ela foi concebida apenas para eles. O Decálogo é introduzido assim: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.” Ex. 20:2. A quem isto é aplicável? Apenas para a nação judaica. Nem anjos, Adão, nem os cristãos gentios, estiveram em cativeiro egípcio. Então, esta lei não é dirigida a eles. A quem a lei foi dada. Deixemos Paulo responder: “Que são os israelitas? A quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei.” Rom. 9:4. Foi dada a Israel. “Lembraivos da lei de Moisés, meu servo, que eu ordenei a ele em Horebe para todo o Israel, com os estatutos e juízos.” Malaquias 4:4. A lei foi “para todo o Israel”, e só para ele.

Todas estas coisas mostram que esta era uma lei nacional formulada para atender a condição dos judeus na época.

PROPOSTA 9: Os gentios não tinham a lei.

Isso já foi provado; mas Paulo diz claramente em Rom. 2:14: “Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, estes não tendo a lei, para si mesmos são lei.” Isto é muito simples para ser discutido. Os gentios não tinham a lei. Paulo diz de forma tão direta, que isso põe um ponto final no assunto. Entender e obedecer aos grandes princípios morais da lei é uma coisa; estar sob a letra, a formulação exata da lei, como dada em detalhes no Sinai, é outra coisa completamente diferente, como veremos mais adiante.

PROPOSIÇÃO 10: As recompensas e penalidades da lei eram todas temporárias.

Não há promessas de recompensas futuras, nem ameaças de punições futuras em toda a lei mosaica. O erudito bispo Warburton tem totalmente demonstrado isso, em seu livro *Legação Divina de Moisés*. Cada estudante cuidadoso da lei deve estar ciente desta característica. A razão é evidente: era uma lei nacional, temporal, dada para um propósito nacional, temporal. Como exemplo, veja Deut. 28:1-19. Se guardavam a lei, eles eram abençoados com filhos, mercadorias, gado, saúde, etc. Se desobedecessem, eles eram amaldiçoados em tudo isso. Apedrejamento até a morte era a pena por roubo, assassinato, etc. Por isso que era o “ministério da morte escrito e gravado em pedras”, 2 Cor. 3:7, e “está abolido”, versículo 11.

Paulo afirma que a promessa de Cristo e a futura herança foi feita a Abraão, 430 anos antes de a lei ser dada. Disto, se conclui, argumenta ele, que a observância da lei não era necessária para a obtenção de Cristo e da herança. Versos 16-18. “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua semente. Ele não diz às sementes, como de muitas, mas de uma, à sua semente, que é Cristo. E digo isto, que a aliança que foi confirmada antes, por Deus em Cristo, a lei, que veio 430 anos depois, não a invalida, de forma a tornar a promessa de nenhum efeito. Porque, se a herança provém da lei, já não provém mais da promessa; mas Deus deu-a a Abraão, pela promessa”. Então, para os romanos, ele escreveu: “Porque a promessa, de que havia de ser herdeiro do mundo, não era a Abraão, ou à sua descendência, através da lei, mas pela justiça da fé. Pois, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é vã e a promessa feita, de nenhum efeito”. Rom. 4:13,14.

Isto ensina claramente, que a lei não foi dada com referência à herança futura. Certamente Abraão não guardou a lei, que só foi dada centenas de anos depois que ele morreu. Mas Abraão é o pai de todos os fiéis, e não apenas daqueles que eram “da lei”. Rom. 4:13-16. Este ponto somente, já deveria abrir os olhos daqueles que defendem tão intensamente a guarda dessa lei, como necessária para a salvação. Nós somos os filhos de Abraão, Gal. 3:29, e “andemos nos passos de nosso pai Abraão”, que nunca esteve sob

a lei. Rom. 4:12-16. Estamos sob o pacto da promessa feita a Abraão, 430 anos antes da lei, Gal. 2:15-19, e não sob o pacto da lei do Sinai, que é escravidão. Gal. 4:21-26.

PROPOSIÇÃO 11: A eterna lei da justiça de Deus existia antes da lei do Sinai ter sido dada.

Esta proposição é auto evidente. Certamente, Deus tinha uma lei pela qual ele governava suas criaturas, os anjos e os homens, muito antes do Sinai. Mas “a lei”, tal como formulada no Decálogo e no “Livro da Lei”, só foi dada através de Moises, isto é, 2.500 anos após a criação. Então, a obrigação moral não começou com essa lei, nem terminaria se ela fosse abolida. “Toda injustiça é pecado”. 1 João 5:17. E, “pecado é a transgressão da lei.” Cap. 3:4. Este texto é usado por sabatistas para provar que todos os pecados possíveis, é sempre uma violação dos Dez Mandamentos. Mas, 1. “A lei” é toda a lei mosaica, não apenas o Decálogo. 2. A tradução correta destrói inteiramente a argumentação deles. A palavra “lei” não está no texto original. A Versão Revisada interpreta-o corretamente: “Pecado é ilegalidade.” Este é o verdadeiro significado do texto. O pecado é ilegalidade, um desrespeito por alguma lei, mas não necessariamente sempre a mesma lei. Assim: “Os anjos pecaram.” 2 Ped. 2: 4. Mas eles não violaram a lei do Sinai, pois ela só foi dada milhares de anos depois que eles caíram, e eles não estavam, em hipótese alguma, sob essa lei.

Adão pecou muito antes de a lei ter sido dada. Assim, Paulo diz, Rom. 5:12-14. Caim pecou, Gen. 4: 7. Os sodomitas eram “pecadores”, Gen. 13:13, e afligiam Ló com seus “atos ilegais”, 2 Ped. 2:8. Certamente nenhum desses violaram “a lei”, que só foi dada através de Moises, centenas de anos mais tarde. Dizer que eles devem ter violado os princípios da lei, não faz sentido. Quando os judeus mataram Estevão, Atos 7:59, eles violaram os princípios da lei de Michigan, que proíbe o assassinato, mas será que eles violaram a “lei de Michigan”? Não, pois ela só foi dada 1.800 anos depois. E eles não estavam debaixo daquela lei, de qualquer forma. Assim, nem os anjos, nem Adão, nem os sodomitas poderiam ter transgredido a lei do Sinai, se ela ainda não havia sido dada. Então Abraão guardou as leis de Deus, Gen. 26:5, mas, certamente, não “a lei que veio quatrocentos e trinta anos depois”, Gal. 3:17. Tudo isso mostra claramente, que Deus tinha uma lei antes do código do Sinai ter sido dado.

Jesus, sob o evangelho, 1.500 anos mais tarde, ao mencionar os mandamentos, não o faz usando as mesmas palavras, nem na mesma ordem como é encontrada no Decálogo. Além disso, ele mistura com eles, alguns preceitos do Livro da Lei, como tendo igual importância aos Dez Mandamentos. Assim: “Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não fraudarás, honrarás teu pai e mãe.” Mar. 10:19. Isso mostra que a mera forma e ordem dos mandamentos é irrelevante, desde que a ideia seja dada. Assim, as duas edições do Decálogo no Ex. 20 e Deut. 5 variam muito no texto, e mesmo assim, uma é tão boa quanto a outra. Isso mostra que a formulação exata não é essencial.

Qualquer que seja a maneira que Deus tenha escolhido para comunicar a sua vontade aos homens, isso seria “os seus mandamentos, os seus estatutos e as suas leis.” Gen. 26:5. Paulo diz: “Havendo Deus, antigamente falado, muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho.” Heb. 1:1, 2. Um desrespeito a sua vontade revelada seria ilegalidade, isto é, pecado. Mas a alegação de que Deus deu aos patriarcas sua lei, na forma exata das palavras dos Dez Mandamentos é uma suposição infundada, contrária à razão e a todos os fatos citados neste caso.

PROPOSIÇÃO 12: A lei original é superior à lei do Sinai.

Quando perguntado “Qual é o grande mandamento na lei?” Jesus disse: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda tua mente. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo é semelhante a este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.” Mat. 22:37-40. Nenhum deles está no Decálogo; mas o Decálogo depende da lei maior, e assim é inferior a ela. Estes princípios, vestidos com a armadura da imutabilidade eterna, esteve por trás da lei mosaica e existiu com ela durante toda a dispensação, como havia existido antes e existe agora.

Em sua própria natureza, esta grande lei do amor supremo a Deus e igualmente amor aos semelhantes, deve ser tão eterna como o próprio Deus. A presente lei governava os anjos, Adão, os patriarcas, os judeus piedosos, enquanto estavam sob “a lei”, e os cristãos gentios agora. É aplicável a todas as criaturas de Deus, em todas as eras e em todos os mundos. Idolatria, assassinato, roubo, egoísmo e “toda a injustiça”, 1 João 5:17, são e sempre foram violações desta lei suprema de Deus. Esta grande lei pode ser

formulada de diferentes maneiras, em diferentes momentos, e ainda assim, a mesma ideia essencial é preservada. Assim, Jesus afirmou o segundo grande mandamento de outra forma. “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei vós também a eles, pois esta é a lei e os profetas” Mat. 7:12. A ideia é a mesma: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” As palavras exatas ou a forma em que esta lei é indicada não é fundamental, desde que a ideia é transmitida claramente. Evidentemente, esta lei suprema deve ter sido dada a Adão e aos patriarcas, mas em que forma, não nos é dito. Dizer que foi dada nas palavras exatas do Decálogo, é afirmar o que, de modo algum, pode ser comprovado.

PROPOSIÇÃO 13: A lei mosaica foi fundada sobre a lei superior e original.

Jesus afirma claramente isso em Mat. 22:40. “Destes dois mandamentos depende toda a lei.” Os princípios desta grande lei foram entrelaçados por toda a lei do Sinai, sendo a vida, “o espírito”, ou “a justiça” da “lei”. Rom. 2:26-29; 8: 4. Como um exemplo, examinemos Lev. 19. Aqui você tem o segundo grande mandamento, versículo 18, e os princípios de cada um dos Dez Mandamentos. Assim: o primeiro mandamento, versículo 32; segundo, versículo 4; terceiro, versículo 12; quarto, versículo 30; quinto, versículo 3; sexto, versículo 17; sétimo, versículo 29; oitavo, versículo 13; nono, versículo 11; décimo, versículo 35. Misturado com estes, estão os mandamentos sobre sacrifícios, versículo 5; colheita, versículo 9; vestuário, versículo 19; sacerdotes, versículo 22; primeiros frutos, versículo 23; feiticeiros, verso 31; gentios, versículo 34, etc. Todos estes são fundamentados sobre esta lei maior, e podem ser mudados, para se adequar as circunstâncias, sem afetar a lei suprema, que é sempre a mesma.

A formulação específica da lei como adaptada à era judaica foi “a letra” ou “forma” da lei para aquele momento. Enquanto o espírito da lei nunca pode mudar, a letra dela deve mudar para se ajustar às mudanças nas circunstâncias do povo de Deus. Se um judeu amava a Deus com todo o seu coração, ele circuncidava seus filhos, oferecia holocaustos, pagava os dízimos, celebrava a páscoa, as luas novas, o sábado e frequentava o culto no templo, pois isto era “a lei do Senhor”. 2 Cron. 31:3; Lucas 2:22-27. Mas se um cristão ama a Deus, ele é batizado, Atos 2:38, toma a Ceia do Senhor, 1 Cor. 11:24, vai à igreja, Heb. 10:25, guarda “o dia do Senhor”, Apo. 1:10, e faz coisas muito diferentes de um judeu. Por isso “foi necessário uma mudança também da lei.” Heb. 7:12. Isto é tanto Bíblia, como bom senso. Aqueles que fazem da mera letra da lei judaica uma regra de ferro, e defendem o texto exato para todas as circunstâncias e em todas as épocas, perdem o espírito do evangelho, e são escravos de um sistema desatualizado. Gal. 3:19-25; 4:21-25; 5:1-3, 13, 14; 2Cor. 3:3-15.

PROPOSIÇÃO 14: A “lei” do Sinai foi dada para conter criminosos que só obedeceriam a Deus através do medo.

Considere bem essa proposição. A incapacidade de compreender este fato simples é a causa de todos os erros de sabatistas e legalistas, em seus louvores extravagantes e não bíblicos, para com “o ministério da morte gravado com letras em pedras”. 2 Cor. 3:7. Sobre este ponto, ouça Paulo declarar o objetivo da lei, e perceba que é dos preceitos morais da lei que ele fala. “Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, ímpios e profanos, para os assassinos de pais e assassinos de mães, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os ladrões, os mentirosos, os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina”. 1 Tim.1:9, 10. Não pode haver dúvida de que ele se refere ao código do Sinai, que proibia assassinatos, roubos, etc. Esta lei, ele diz que não foi feita para os justos, mas para os transgressores. Desta lei, em outro lugar, Paulo diz: “Portanto, para que é a lei? Foi acrescentada por causa das transgressões”. Gal. 3:19. Mais uma vez, “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”. Rom. 5:20 e, “...até à lei, havia pecado no mundo”, versículo 13. Por isso, é manifesto que o pecado, a ofensa e a transgressão existiam antes de “a lei” ter sido dada, e que ela foi dada para proibir crimes já existentes. Evidentemente, Deus colocou a raça humana em julgamento, desde Adão até Moisés, sob a mesma lei eterna do direito e do amor, que rege os anjos e homens santos. Mas a humanidade falhou vergonhosamente. Ela não viveu de acordo com essa regra. Tornaram-se sem lei. Desconsideração de Deus e violência aberta para com os homens foram aumentando, até que a vida e a propriedade não tinham mais segurança. Então Deus escolheu uma nação, os hebreus, e deixou as outras nações seguirem os seus próprios caminhos. Rom. 1:20-28.

Até esse momento, o povo de Deus não tinha sido uma nação em si, mas tinha habitado entre outras nações e tinha sido sujeito às suas leis civis, que proibiam a violência aberta e protegiam a vida e a propriedade. Mas assim que eles se tornaram uma nação por si, tornou-se absolutamente necessário ter uma lei nacional própria que iria proibir e punir o crime aberto, como assassinato, roubo, adultério, etc.

Vida e propriedade não estariam seguros sem isso, porque muitos dentre eles eram maus, homens sem lei, “de dura cerviz e rebeldes.” Se todos tivessem sido justos, se todos amassem a Deus e ao próximo, não haveria a necessidade de uma lei de proibição, com uma pena de morte. Podemos ver facilmente a razão pela qual Paulo diz que “a lei não foi feita para os justos, mas para os transgressores.” Estes sem lei, teriam roubado e assassinado os justos, se não houvesse legislação nacional, temporal, para protegê-los, porque estes homens ímpios se importariam pouco com a lei maior de Deus, que pertence ao julgamento futuro. Mas como o governo judeu era uma teocracia, na qual o próprio Deus era o governador, a lei exigia e comandava serviços a ele, assim também como deveres entre eles.

Assim, para esta nação, Deus deu a lei do Sinai. Ex. 20:2. Teria sido dada se os homens tivessem obedecido a Deus, sem ela? Paulo responde assim a este ponto: “A lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados.” 1 Tim. 1:9. Então, a lei não foi feita até que o homem tivesse pecado, Rom. 5:13, ofendido, versículo 20, transgredido, Gal. 3:19, e se tornado sem lei. Esta, então, não era a lei original de Deus pela qual ele prefere governar os homens. Era uma lei em grande parte de proibições, ameaças, dores e penalidades. O seu objetivo era o de restringir o crime, proteger os homens em seus direitos naturais e preservar o conhecimento de Deus na terra, até que Cristo viesse. Gal. 3:19-25. A fim de manter essa nação separada de todas as outras, muitos ritos penosos foram incorporados à lei, e assim, se tornou um jugo de escravidão. Atos 15:10; Gal. 5:1, 3.

Quando Cristo veio, e a nação judaica foi rejeitada e dispersa, e sua legislação nacional derrubada, e o evangelho foi para todas as nações, aquela lei cumpriu o seu propósito, e assim ela morreu como um sistema. Mat. 5:17-18; Rom. 10:4; Gal. 3:24; Heb. 7:12-19. Hoje, os cristãos não estão mais sob o sacerdócio de Arão, nem sob a lei judaica. Heb. 7:11, 12; mas estão sob o sacerdócio de Melquisedeque, versículos 14-19, como foi com o nosso pai Abraão, Gen. 14:18-20, que nunca teve “a lei” do Sinai, Gal. 3:17, mas andou sob a lei superior que governa os anjos e os homens santos, Gen. 26:5. Sendo a lei judaica removida, nós estamos agora sob a mesma lei, pela qual Enoque e Abraão “andavam com Deus”. O Sermão da Montanha é uma bela elucidação da referida lei, a regra pela qual todos os cristãos devem viver, e pela qual, todos os pecadores serão julgados no julgamento.

Agora, como nos dias anteriores a Moisés, os filhos de Deus não são em si mesmos uma nação, mas estão dispersos por todas as nações, onde eles são governados e protegidos pelo direito civil dessas nações. Daí o Novo Testamento não fornece nenhum direito civil para o governo dos cristãos, sem penalidades temporais para os criminosos. Seria diretamente contrário à natureza do evangelho fazer assim. Tudo isso é deixado para os governantes das nações onde os cristãos estão vivendo. Criminosos, que não obedecerem por princípio, à lei superior, são agora levados para o magistrado civil. Paulo explica claramente este assunto e aborda a questão de uma forma indiscutível. Assim: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores. Pois não há poder que não venha de Deus. Os poderes que há, foram ordenados por Deus. Qualquer que resiste à autoridade, resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, então, não ter medo do poder? Faça o que é bom, e terás louvor do mesmo. Porque ele é o ministro de Deus para teu bem. Mas, se tu fizeres o que é mal, teme, pois ele não dá a espada em vão; porque ele é o ministro de Deus, vingador para castigar o que pratica o mal. Portanto é necessário que estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também por causa da consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque eles são ministros de Deus, sempre dedicados a esse trabalho.” Rom. 13:1-6.

Lá, é onde você encontra a lei de proibição para os “sem lei”; isto é, no direito civil da terra onde vivem. As leis de cada terra punem os crimes contra a sociedade, mas as ofensas contra a grande lei de Deus serão retribuídas no julgamento. Os santos de Deus devem ser governados por esta lei superior, a lei do amor supremo a Deus e igual amor para o semelhante. Tal obediência só pode vir de um coração renovado pelo Espírito de Deus, 2 Cor. 3:3, e “se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.” Gal. 5:18.

Deve um cristão se abster de assassinato, roubo e adultério, simplesmente porque a lei diz: “Não farás”? Não! Na verdade, ele deve abster-se destas coisas, movido por um motivo maior do que isso. Então certamente ele deve ser regido por uma lei superior ao Decálogo. “O amor é o cumprimento da lei.” Rom. 13:10. A disputa entre Paulo e os judaizantes, naquela época, foi sobre a natureza e obrigação da lei judaica. A disputa agora a respeito do sábado judaico envolve o mesmo ponto, a obrigação da letra da lei judaica.

PROPOSIÇÃO 15: A letra da lei não é vinculativa aos cristãos como um código coercitivo.

Pouco argumento é necessário para provar isso; porque, se a letra da lei é vinculativa, então devemos ser circuncidados, oferecer sacrifícios, guardar o sétimo dia e todo o ritual judaico, pois “a lei” incluía toda a lei mosaica, Gal. 3:10; 5:3.

Observe no texto a seguir que “a justiça da lei” e o espírito da lei são uma coisa, enquanto “a letra” e o serviço exterior são outra coisa, completamente diferente. Observe, ainda, que alguém pode “cumprir a lei” sem guardar a letra dela, e, assim, condenar o formalista que guarda a letra da lei, mas não o espírito dela. Paulo diz: “Se a incircuncisão guardar os preceitos da lei, não será porventura a incircuncisão ser reputada como circuncisão? E a incircuncisão, que por natureza o é, se ela cumpre a lei, julgará a ti, que pela letra e circuncisão transgride a lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne, mas é um judeu, quem o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra, e cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus”. Rom. 2:26-29.

Paulo argumenta que os cristãos devem ser circuncidados, mas não “exteriormente na carne”, como antigamente, mas “interiormente no espírito, não na letra.” Com isso, ele ilustra a diferença entre guardar a lei agora e anteriormente. Então, mais adiante: “Vós não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” Rom. 6:14. Assim, no próximo capítulo, ele diz: “Mas agora estamos livres da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” Rom. 7:6.

Como se pode interpretar mal uma linguagem tão simples? Agora, sob Cristo, somos libertados da lei; aquela lei está morta, e nós servimos a Cristo em espírito, “não na velha letra”. Então, novamente, ele diz, insistindo neste ponto: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”. Cap. 8:4. Paulo usa a palavra “carne” para as obras exteriores da lei. Gal. 3:2, 3. Nós não andamos de acordo com a forma exterior da lei, mas obedecemos à intenção e o espírito dela ou a sua “justiça”, como ele a chama.

A lei superior de Deus, o supremo amor a Deus e igual amor aos nossos semelhantes, sobre a qual a lei judaica depende, foi o “espírito”, a “justiça”, ou a intenção real da “lei”. Esta lei, “primeira e grande”, os cristãos guardam, estando ao mesmo tempo livres da mera letra da lei, que era escravidão. Assim, aos Gálatas que estavam sendo importunados pelos judaizantes legalistas, Paulo escreveu: “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade, apenas não useis da liberdade para dar ocasião à carne, mas pelo amor, sirvam uns aos outros. Porque toda a lei é cumprida em uma palavra, que é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei”. Gal. 5:13, 14, 18.

Paulo reitera a verdade em todas as suas cartas; que os cristãos não estão debaixo da lei; que eles são chamados a uma liberdade que os judeus nunca desfrutaram. Observe como ele afirma, mais e mais, que toda a lei se cumpre nisso, amar o seu próximo como a si mesmo. “O amor é o cumprimento da lei.” “Aquele que ama o próximo, tem cumprido a lei.” Rom. 13:8, 10. Isto não é uma liberdade à licenciosidade e autoindulgência; mas é uma liberdade das formas e cerimônias da lei que escravizavam os judeus.

Em Jer. 31:31-34, foi predito que o Senhor iria fazer uma “nova aliança” com Israel, “não de acordo” com o que ele fez no Sinai, mas, ele iria colocar suas leis em seus corações e mentes. Isto indica claramente uma mudança da maneira formal anterior de governar o povo de Deus. Paulo refere-se, assim, a profecia: “Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.” “Quem também nos fez capazes de ser ministros do Novo Testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.” 2 Cor. 3:3, 6.

Assim, a lei para o cristão não é o que está escrito no livro ou nas tábuas de pedra. Não foi a letra, mas o espírito da lei, que os apóstolos ensinaram. É isto o que Paulo ensina. E então, ele diz que “o ministério da morte gravado com letras em pedras”, “foi abolido”. Versos 7, 11. Certamente, então, os cristãos estão livres da letra da referida lei; mas ela ainda deve ser estudada com reverência e seu espírito observado nos

deveres cristãos, que em sua forma, diferem dos deveres judaicos. A observância do Dia do Senhor atende ao espírito do quarto mandamento. Nós somos circuncidados no coração, não na carne. Rom. 2:26-29.

O pastor W. P. Harrison, DD, editor do livro da Igreja M. E. do Sul, verdadeiramente diz: “A vinda de Cristo não revogou qualquer lei moral, e a lei cerimonial não foi revogada, mas cumprida. Tudo o que era permanente, útil ou espiritual na economia Mosaica, permanece, NÃO NA LETRA DOS ESTATUTOS, mas na dispensação da graça, realizada e concluída”. *O Sábado Cristão*, página 30. Assim o pastor J. H. Potts, DD, metodista, diz: “A lei sob a dispensação mosaica foi formulada em nove preceitos morais, com o mandamento do sábado acrescentado, perfazendo dez no total. Esta mesma lei, sob a dispensação cristã, é resumida em dois grandes mandamentos - o amor a Deus e o amor ao homem. No entanto, não é diminuído nem um jota e nem um til da essência da lei moral. Quando Paulo, referindo-se a abolição da dispensação da lei, disse: ‘Porque, se aquilo que foi feito era glorioso, muito mais glorioso é o que permanece’, ele indicou o status correto da lei. A ESSÊNCIA da lei moral ‘permanece’.” Isto é exatamente o que eu acredito.

O texto seguinte, de Pedro, é uma boa ilustração da aplicação espiritual da antiga lei, que os apóstolos faziam a todo o evangelho: “Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios agradáveis a Deus por Jesus Cristo.” 1 Pedro 2:5. O antigo templo, sacerdócio, e sacrifícios da lei, têm agora um significado espiritual, como visto na igreja e em seu serviço.

PROPOSIÇÃO 16; A lei foi alterada.

Jeremias predisse que, sob a nova aliança, a lei de Deus seria escrita no coração, e não como era antes. “Porei a minha lei no seu interior e a escreverei em seus corações.” Jer. 31:33. Paulo se refere a isso, quando diz: Vós sois a nossa carta “escrita não com tinta, mas com o espírito do Deus vivo. Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração” 2 Cor. 3:3. Assim, pois, a lei de Deus não está escrita em tábuas de pedra, como no Sinai. Isto é uma perfeita contradição ao que os adventistas ensinam. Eles afirmam que a lei de Deus ainda está escrita em pedras no Céu, da mesma forma que nos tempos antigos. Paulo diz que não, ela é escrita, pelo espírito, no coração.

Isto implicava uma mudança radical na forma da lei e no jeito que era para ser ensinada. Em Heb. 7:12, é expressamente declarado, que “é também necessário uma mudança também da lei.” A letra da lei judaica é totalmente inapta para a condição da igreja cristã. Ela só pode ser um guia para nós, em sua forma modificada e interpretada pelo evangelho. Mas no evangelho não há um comando para guardar o sétimo dia. Assim, o mandamento da letra não nos diz respeito.

PROPOSIÇÃO 17; O sistema mosaico inteiro terminou na cruz.

Certamente isso é tão claramente ensinado por todo o Novo Testamento que ninguém pode negá-lo. Temos, claramente, provado que “a lei” incluía todo o código de leis dadas a Israel no Sinai, moral, civil e preceitos cerimoniais, Decálogo e tudo.

Todo esse sistema de lei foi moldado para encaixar aos judeus, e não poderia ser aplicado aos cristãos gentios em todas as partes do mundo. Assim, uma “nova maneira”, Heb. 10:20, uma “nova aliança”, Heb. 8:13, um novo “ministério”, 2 Cor. 3:8, foi introduzido; por isso foi “necessário uma mudança também da lei”, Heb. 7:12.

Examine cuidadosamente alguns textos, ao quais eu irei referir. “A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.” João 1:17. Isto implica uma mudança. “Vós não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” Rom. 6:14. “Sob a dispensação misericordiosa do evangelho.” John Wesley. “A lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio”, Gal. 3:24, 25. “Também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”, Rom. 7:4. “Agora estamos livres da lei”, versículo 6. “Cristo é o fim da lei”, Rom. 10:4. “O ministério da morte gravado com letras em pedras foi gloriosa.” “Aquilo que se desvanecia era glorioso,” 2 Cor. 3:7, 10. Isso termina com o Decálogo.

“Tendo abolido em sua carne a inimizade, mesmo a lei dos mandamentos que constava de ordenanças”, Ef. 2:15. “Havendo riscado a cédula de ordenanças que era contra nós, que era contrária a nós, e a tirou

do meio de nós, cravando-a na cruz.” “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou dos sábados,” Col. 2:14, 16, “Pois, o sacerdócio sendo mudado, foi necessário uma mudança também da lei.” “Porque, na verdade, o mandamento anterior é ab-rogado por sua fraqueza e inutilidade.” “Porque a lei nada fez perfeito, mas desta sorte, é introduzida uma melhor esperança.” Heb. 7:12, 18, 19.

Leia Atos 15:1-29 e veja toda esta questão da “lei” discutida pelos apóstolos e resolvida com estas palavras: “Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos têm perturbado com palavras, confundindo as vossas almas, dizendo, DEVEIS ser circuncidados, e DEVEIS guardar a lei; à quem não demos tal mandamento”. Verso 24. A decisão é positiva e clara: os apóstolos não deram nenhum mandamento de “guardar a lei”. Ela não diz “lei cerimonial”, ou uma parte da lei, mas simplesmente “a lei”. Os adventistas dizem que devemos guardar a lei ou “não podeis ser salvos”, exatamente o que esses judaizantes diziam, versículo 1, justamente o que o concílio condenou. A circuncisão foi especialmente mencionada porque era o rito de iniciação, o sinal que representava toda a lei. Assim, quando um gentio fosse participar dos privilégios da nação, ele teria primeiro que ser circuncidado. Ex. 12:48. Não ser circuncidado era ser um pagão, imundo, e perdido; ser circuncidado era ser um israelita, um membro da nação santa. Assim, a circuncisão representava toda a lei de Moisés em todas as suas partes. O pastor Butler, líder adventista, teve de confessar isso. Ele disse: “O termo ‘a lei’, entre os judeus, incluía geralmente os cinco livros de Moisés, incluindo, portanto, o sistema inteiro, moral, ritual, típico, e civil. Isto, como um sistema, esses professores judaizantes desejavam manter. A circuncisão era um sinal do sistema todo”. *Lei em Gálatas*, página 70. Esta declaração nunca foi tão verdadeira! A circuncisão era o sinal de todo o sistema mosaico, moral, típico, civil, tudo o que foi escrito nos cinco livros de Moisés, dos quais o Decálogo foi uma parte principal. Os apóstolos decidiram que os crentes gentios estavam isentos de todo este sistema de lei. Junte a esta declaração de Butler, essa outra declaração do pastor Smith, outro líder adventista, e você terá toda a verdade: “O que foi abolido na cruz foi um sistema inteiro. Deus não separou e aboliu porções e pedaços de algum arranjo ou sistema, e deixou outras partes restantes.” *Sinopse da Verdade Presente*, página 259. Correto! Todo o sistema terminou na cruz.

PROPOSIÇÃO 18; Nenhuma parte da grande lei espiritual de Deus foi abolida, promulgada novamente, ou alterada na cruz.

Os adventistas fazem um grande estardalhaço dizendo que é uma ideia absurda assumir que Deus aboliu sua lei na cruz, e então, promulgou novamente nove décimos da mesma. Eles dizem que, é o mesmo que cortar os seus dez dedos para se livrar de um que está mau, e depois colar de volta nove deles. Então, eles continuam dizendo um amontoado de absurdos, que tem a ver com a ideia de que a lei moral de Deus foi abolida na cruz, e uma nova lei foi dada. Mas isto é apenas um espantinho de sua própria criação, e, portanto, facilmente demolido. Nós não defendemos tal posição absurda. A grande lei moral de Deus é imutável. Mas a lei mosaica foi apenas uma lei nacional, fundada sobre os princípios da lei moral de Deus. Mesmo enquanto ela existia, ela não substituiu a lei maior de Deus, e quando ela terminou de forma alguma afetou a lei de Deus, que continuou inalterada e imutável.

Para ilustrar: A lei do estado de Michigan proíbe o assassinato, roubo e adultério. Estes itens são fundamentados sobre a lei moral de Deus. Agora ab-rogue a lei de Michigan. Isso irá ab-rogar a lei de Deus? Não. Assim aconteceu com a lei do Estado de Israel. Nem a sua promulgação no Sinai, nem a sua abolição na cruz, de alguma forma mudou a grande lei moral de Deus, que há de julgar o mundo. Os absurdos do Advento surgiram de sua própria teoria falsa, isso é tudo. Os adventistas concordam conosco que a lei de Moisés em Atos 15:5 foi abolida. Bem, essa lei continha muitos preceitos puramente morais, como os que haviam no Decálogo. Aqui estão alguns: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração.” Deut. 6:5. “Ama o teu próximo como a ti mesmo.” “Não furtas, nem negociéis enganosamente, nem mintais uns aos outros.” Lev. 19:11, 18. Dezenas de tais preceitos estão por toda esta lei que eles admitem ter sido abolida. Estes preceitos são tão morais, espirituais e necessários quanto qualquer coisa que há nos Dez Mandamentos, e ainda assim, toda esta lei foi abolida, como eles admitem. Mas será que isto aboliu a obrigação requerida nestes preceitos? Não, porque esses preceitos eram inerentes a uma lei superior. Assim, todos os princípios morais envolvidos no Decálogo existiam em uma lei mais elevada antes de este documento ter sido dado, e por isso, eles não cessaram quando essa lei expirou. O pastor White faz esta admissão: “Os Dez Mandamentos são adaptados para os seres caídos. Como redigidos na Sagrada Escritura, eles não estão adaptados à condição de santos anjos, nem ao homem no seu estado santo no Éden... mas, os dois grandes princípios do governo moral de Deus existiam antes da queda, em forma de lei... estes dois grandes mandamentos abraçam tudo o que é exigido pelos dez preceitos do Decálogo.” *Lei e Evangelho*, páginas 4, 5. Bom e verdadeiro! Então, os Dez Mandamentos não são a lei primária de

Deus. Eles são apenas temporários, enquanto que a lei superior contém tudo o que é moral nela, e muito mais, e continua para sempre.

“Os ensinamentos do cristianismo são fatos e princípios, e não proposições e restrições; suas instituições são esboços simples, não cerimônias precisas, e suas leis são sentimentos morais, não direções mecânicas minuciosas.” *Comentário Púlpito* sobre 2 Cor. 3: 6. Isto, é uma verdade bem colocada!

Então, os ímpios que não vivem por estes princípios, que não amam a Deus, nem ao seu próximo, mas que vivem vidas corruptas egoístas serão julgados e condenados por estes princípios da lei eterna de Deus, como é ensinado no Novo Testamento.

CAPÍTULO XVIII

O DECÁLOGO EXAMINADO

Para os adventistas do sétimo dia, o Decálogo é a suprema lei moral e espiritual de Deus, do qual não há nenhuma outra superior a ela. É a lei que governa os anjos no céu. Assim, Ellen White diz: “A lei de Deus existia antes de o homem ter sido criado. Os anjos eram governados por ela. Depois que Adão e Eva foram criados, Deus lhes fez conhecer a sua lei...” *Espírito de Profecia, Vol. I*, página 261. Ela rege todos os homens em todas as eras, e no mundo por vir. Estes Dez Mandamentos cobrem todo o dever do homem, de modo que não há pecado que pode ser cometido que não seja uma violação da presente lei, e, ao mesmo tempo, ela exige todas as virtudes. “Nenhuma virtude conhecida no mundo moral, deixa de ter nela a aprovação e recomendação, e nenhum vício ou crime, de que o homem já tenha sido culpado, escapa a sua condenação”. *A Perfeição dos Dez Mandamentos*, página 4. Mas essas afirmações são extravagantes e sem fundamento. O desejo de sustentar o sábado do sétimo dia levou a essa falsa posição sobre o Decálogo. Vinte e cinco séculos, quase metade de toda a história do mundo, havia se passado antes do Decálogo ter sido dado, como temos provado. Isso é estranho, se considerarmos que o Decálogo é assim tão importante.

Vamos examiná-lo: Moisés diz, claramente, que todas as palavras que o Senhor falou foram escritas em tábuas de pedra: “E o Senhor me deu as duas tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus; e nelas, estavam escritas todas as palavras que o Senhor falou a vocês no Monte, do meio do fogo.” Deut. 9:10. Este texto é muito decisivo para ser ignorado. Tudo o que Deus falou foi escrito sobre as tábuas e era a parte do Decálogo. Aqui estão as primeiras dessas palavras: “Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim,” etc. Ex. 20: 1-3. Estas palavras são tanto uma parte do Decálogo como qualquer parte do resto. Elas foram ditas por Deus do céu, escrita por seu dedo, foram gravadas em pedra, e colocadas na arca. Agora olhem para os quadros da lei que os adventistas do sétimo dia penduram como sendo a “lei de Deus”. Você encontra essa introdução lá? Não, certamente! Por que ela é deixada de fora? Porque, se eles a colocassem, eles iriam estragar toda a sua teoria sobre a lei. Eles afirmam que esta lei é vinculativa aos anjos. Mas como é que a declaração “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão”, soaria aos anjos? Estiveram os anjos em cativeiro no Egito? Não soaria um pouco estranho para Gabriel e os serafins, o dizer que eles tinham estado em cativeiro no Egito? Leia-o para Adão. Seria novidade para ele, saber que ele tinha estado em escravidão no Egito. Leia-o para um americano nascido livre; leia-o para todas as hostes resgatadas no céu. Para quem são estas palavras aplicáveis? Só para a nação judaica, e ninguém mais. O Decálogo foi formulado para eles, e a eles, entregue. Durante anos eu procurei encontrar um texto que indicasse que esta lei tenha sido dada a todas as pessoas, e não só aos judeus. Eu nunca o encontrei. Estas primeiras palavras mostram, claramente, que o Decálogo foi dirigido somente para eles.

Os adventistas do sétimo dia afirmam que o preceito do sábado é a única coisa no Decálogo que diz quem o deu. Assim: “Além deste preceito [sábado], não há nada no Decálogo que mostre por autoridade de quem, a lei é dada.” Ellen White, no *Grande Conflito*, página 284. Isso não é verdade. As palavras introdutórias dizem claramente quem o deu. Foi o Deus que os tirou do Egito. Aqui estão o nome, assinatura e carimbo da referida lei, nas primeiras palavras dele. Aqui Deus está diante deles como seu Libertador, ao invés de seu Criador. A obediência deles a esses mandamentos é baseada neste fato. Veja como isto é simples: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei do Egito, tu, pois, faz assim e assim. O Egito, e não o Éden, é apontado. Na repetição do Decálogo, como é mostrado em Deut. 5:6-21, não há qualquer referência à criação, enquanto que a libertação do Egito é destacada. “Estender isso além de seu próprio prefácio é violar as regras da crítica”.

Quão incomum e inédito seria dar um documento importante, e assinar o nome do autor no meio dele, como os sabatistas afirmam que o Senhor o fez ao dar o Decálogo. Em nossos dias, o nome é assinado no final de um documento; mas antigamente, especialmente entre os judeus, o nome do autor sempre era dado em primeiro lugar, na primeira frase do documento. Assim: “Artaxerxes, rei dos reis, a Esdras, etc.” Esdras 7:12. “Visão de Isaias, etc.” Isa. 1:1. “As palavras de Jeremias, etc.” Jer. 1:1. “Paulo, servo de Jesus Cristo”, etc. Rom 1:1. “Tiago, um servo de Deus, etc.” Tiago 1:1. “Pedro, apóstolo, etc.” 1 Ped. 1:1. Assim, em toda a Bíblia, o nome e autoridade são dados em primeiro lugar, em seguida, segue o corpo do documento. Assim sendo, o Senhor, de acordo com este antigo costume, então em uso e familiar a todos,

ao dar o Decálogo, primeiro ele anuncia o seu nome, “o Senhor teu Deus”, e seu poder, “que te tirou do Egito.”

Isso, ele faz nas palavras de abertura da lei. Ali, nas primeiras palavras do Decálogo, e não no preceito do sábado, no meio da lei, está o nome, sinal e selo do legislador, o Senhor, que os tirou do Egito. Isso prova que esta lei não havia sido dada até então, foi dada apenas para os judeus, e não foi projetada para nenhuma outra nação. Para ilustrar: A abertura de uma lei aprovada pelo legislador de Michigan, 16 de fevereiro de 1882, eu leio: “Seja promulgada pelo Senado e Câmara dos Representantes do estado de Michigan, etc.” Agora, suponha que alguém queira afirmar que esta lei foi aprovada há mil anos e foi projetada para o mundo todo. As palavras de abertura não mostrariam que esta lei não foi promulgada, até que Michigan se tornasse um estado, e que ela foi concebida apenas para o povo de Michigan? Certamente! Assim também, as palavras de abertura do Decálogo mostram que esta lei não foi dada, até que Deus trouxesse a Israel do Egito; que ela foi dada a eles e não a outros. Se alguém encontrar uma cópia do Decálogo antes daquela época, eu mudo minha opinião. Analisando tudo isso, vemos que há evidências de que a lei foi formulada para atender somente a nação judaica, em suas circunstâncias peculiares.

Tome o mandamento do sábado: “Nem o teu filho, nem a tua filha, nem teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas.” Ex. 20:10. Imagine este mandamento sendo dado aos anjos no céu.” “Filhos”, “filhas” e “mulher do teu próximo”, versículo 17, quando eles não se casam nem se dão em casamento. Mais uma vez: “gado”, “boi”, “burro”, etc. Será que os anjos possuem gado e bois e jumentos trabalhando no céu? E também, “servos e servas”? Isto significa servos ou escravos, como os hebreus possuíam naqueles dias. Isso é mostrado pelo décimo mandamento, versículo 17. “Não cobiçarás o servo de teu próximo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento.” Estas eram suas propriedades, servos ou escravos, bois, jumentos, etc. Mas os anjos possuem escravos? Será que Adão tinha servos no Éden? Será que os remidos os terão? Que absurdo aplicar esta lei aos anjos, ao Éden e ao Céu! Esta formulação foi especialmente adaptada para a condição social dos judeus, como uma nação na terra de Canaã, e a ninguém mais.

E mais: “O estrangeiro que está dentro das tuas portas.” Verso 10. Como todos sabem, “o estrangeiro”, era um gentio. “Dentro das tuas portas” era uma expressão comum que significava dentro de suas cidades ou habitando em suas terras. Ela não se refere ao viver em sua fazenda ou dentro dos portões que encerram sua fazenda, como adventistas sempre querem interpretar. As cidades eram cercadas por muros, e o acesso era através de portões. Ali é onde os juízes se assentavam e todo o negócio era feito. Assim: “Tudo o que entrar pela porta da sua cidade” Gen. 23:10. “Porás Juízes e oficiais em todas as tuas portas.” Deut. 16:18. É a este costume dos judeus que o mandamento do sábado se refere. Todos os gentios que habitavam nas suas cidades, deveriam guardar o sábado. Isso mostra que ela era uma lei nacional, redigida com todas as suas partes, para ajustar-se às circunstâncias dos judeus daquela época.

Este comando, então, não poderia se aplicar a quaisquer outras pessoas a não ser os judeus. O quinto mandamento: “A terra que o Senhor lhes dá”, versículo 12, claramente refere-se à Canaã, que Deus lhes deu. O nono mandamento: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo”. Isto não se refere a mentir em geral, mas apenas a um juramento falso contra o próximo em tribunal. Veja Deut. 19:15-19. Um homem poderia dizer uma centena de mentiras, que não seria falso testemunho contra o seu próximo. O comando contra a mentira é encontrada em Lev. 19:11: “Nem mentirás uns aos outros.” Este é um preceito moral, e muito mais amplo, do que o nono mandamento.

Todos os princípios contidos no Decálogo também são encontrados, vez após vez, estabelecidos na lei de Moisés, quer nas mesmas palavras ou similares. Assim, por exemplo: Lev. 19 reitera todos os princípios encontrados nos Dez Mandamentos, e vai muito mais além. Quão errado, então, é chamar uma lei, moral e a outra lei, cerimonial, quando ambas são da mesma natureza. O Decálogo é simplesmente um representativo dos preceitos da lei de Moisés.

Mas o principal argumento usado para provar a natureza superior dos Dez Mandamentos é que eles foram ditados pela voz de Deus, escritos por seu dedo na pedra, e colocado na arca, enquanto todo o resto da lei foi escrito, pela mão de Moisés, em um livro. Eles perguntam: Por que foram esses Dez Mandamentos, portanto, selecionados e entregues na maneira como foram, se não para serem exaltados acima de todos os outros? A resposta é fácil: De acordo com o costume da época, qualquer contrato solene ou aliança eram comemorados, selecionando algum objeto como um testemunho dele. Assim: Jacob erigiu uma

coluna como uma testemunha de seu voto a Deus. Gen. 28:18. Jacó e Labão fizeram um monte de pedras como testemunho da sua aliança. Gen. 31:48. Abraão separou sete cordeiros como “um testemunho” de sua aliança com Abimeleque. Gen. 21:27-30.

Assim também, quando foi feito o pacto solene entre Deus e Israel no Sinai, o Senhor deu-lhes as tábuas de pedra para serem sempre mantidas como testemunhas ou “testemunhos” do referido acordo. Portanto, elas são chamadas de “as tábuas do testemunho”, ou seja, elas seriam as testemunhas. Ex. 31:18. Assim, o tabernáculo foi “o tabernáculo do testemunho,” Num. 1:53, ou, “a tenda do testemunho,” Num. 17:7. Essas tábuas de pedra, então, que continham alguns dos principais itens da lei, deveriam ser sempre guardadas como sendo “testemunhas” do compromisso que Israel tinha feito para guardar toda a lei recebida através de Moisés. Evidentemente, esta é a razão pela qual o Decálogo foi dado, e não porque era uma lei perfeita e eterna em si.

Logicamente, teria sido impossível carregar toda a lei se ela fosse escrita em pedras; portanto, apenas algumas amostras dela foram selecionadas e registradas em pedras, para serem mantidas como testemunhas desse pacto. Assim, a razão pela qual Deus falou estas palavras não era porque era uma lei perfeita, mas para impressionar as suas mentes a não se esquecerem delas. Isto é simplesmente o que o próprio Deus diz: “Eu farei ouvir as minhas palavras, para que aprendam a temer-me por todos os dias que eles devam viver.” Deut. 4:10. Quão mais simples e claras são essas razões, do que as imaginadas e inventadas pelos sabatistas!

Que o Decálogo era meramente a lei nacional dos judeus, e temporal em sua obrigação, é provado pelo fato de que o apedrejamento até a morte era a pena para a sua violação. Quando a morte era, assim, infligida sobre um homem, ele havia cumprido a pena por essa lei, e toda a pena que havia. Mas é o apedrejamento até a morte, a pena pela transgressão da lei moral de Deus? Não! É a morte eterna no julgamento. Um homem que é enforcado por assassinato, paga a penalidade da lei de nossa terra, o mesmo que o judeu, que era apedrejado, pagava a penalidade da lei de sua terra. Será que Deus vai julgar um homem pela segunda vez no julgamento pela lei de nossa terra, depois que ele uma vez pagou sua pena por enforcamento? Não! Mas, ele será julgado por outra lei maior, a grande lei espiritual de Deus. E assim será com os judeus. Eles nunca serão julgados uma segunda vez pelo Decálogo, pois ele era apenas nacional, mas pela lei maior, o que exige supremo amor a Deus e amor ao homem como a si mesmo. Uma lei, sem uma penalidade, é nula; o apedrejamento, a pena anexada ao Decálogo, foi abolida na cruz, portanto, a lei cessou lá também.

Os adventistas do sétimo dia alegam de que os Dez Mandamentos são uma lei perfeita, condenando todos os pecados possíveis e exigindo toda virtude possível. Mas tudo isso é suposição, e contrário à verdade. Qual dos Dez Mandamentos condena orgulho, vanglória, embriaguez, ingratidão, amor ao prazer, raiva, conversa suja, impaciência, egoísmo e assim por diante? Qual dos Dez Mandamentos nos obriga a alimentar os pobres, visitar os órfãos e as viúvas, tolerar o sofrimento, ser gentis, mansos, temperantes, a ser pessoas de oração, ser arrependidos, ser frequentadores das reuniões, perdoadores, e similares? O Decálogo não faz tal coisa, porque não foi feito com tal propósito. Ele era apenas proibitivo em sua natureza. O homem que simplesmente não fazia nada, que simplesmente evitava o crime, guardava essa lei. Mas a lei de Deus, pelo qual um cristão deve viver, requer que ele faça, e faça muito. Ele deve amar a Deus, amar o próximo, amar os seus inimigos, visitar a viúva e os necessitados, sofrer injustamente, ser paciente, ser hospitaleiro, e ser ativo em toda boa obra. Ela requer uma atividade incessante e a consagração de todas as nossas energias para as boas obras; mas o Decálogo não exige nada, a não ser evitar o crime. O Decálogo sozinho nunca é chamado de a lei de Deus, nem a lei do Senhor, nem uma lei perfeita, nem é dito que qualquer pessoa seria julgada por ele, ou que ele é obrigatório aos cristãos.

A DIVISÃO CATÓLICA DO DECÁLOGO

Os adventistas do sétimo dia fazem um grande alvoroço sobre a forma como os católicos dividem e numeram os Dez Mandamentos. Eles têm produzido um gráfico onde se mostra em uma coluna o Decálogo, “como alterado pelo papa” e na outra como “dado por Deus”. Ali, eles mostram como “o papa mudou a lei de Deus em cumprimento de Dan. 7:25.” De acordo com isto, os católicos incluíram no primeiro mandamento, o que temos nos dois primeiros. Em seguida, o terceiro é o seu segundo, o quarto é o terceiro, e assim por diante até o nosso décimo, o qual eles dividem em dois. Os adventistas alegam que o papa fez isso para se livrar do segundo mandamento e para mudar o sábado. Mas a coisa toda é completamente falsa, como pode ser visto sob a palavra “Decálogo” em qualquer enciclopédia

religiosa. A Enciclopédia Schaff-Herzog diz: “Houve três arranjos do Decálogo - o talmúdica (judeus), o agostiniano (adotado pelas igrejas católicas e luteranas), e a helenística (grega), o ponto de vista de Filo, Josefo, Orígenes, as igrejas gregas e reformadas, etc. A tabela a seguir apresenta as diferenças. O registro em Ex. 20 é usado aqui.

Talmúdico. ----- 1. Eu sou o Senhor, etc. (v.2) 2. Contra ídolos e imagens (1-6). 3. Blasfêmia. 4. O sábado. 5. Obediência filial. 6. Murder. 7. Adultério. 8. Roubo. 9. Falso Testemunha. 10. Cobiça.

Helenístico ----- 1. Contra ídolos, (v.3). 2. Contra Imagens, (4-6). 3. Blasfêmia. 4. O sábado. 5. Obediência filial. 6. Murder. 7. Adultério. 8. Roubo. 9. Falso testemunho. 10. Cobiça.

Agostiniano ----- 1. Contra ídolos e imagens (3-6). 2. Blasfêmia. 3. O sábado. 4. Obediência filial. 5. Assassinato. 6. Adultério. 7. Roubo. 8. Falso testemunho. 9. Não cobiçarás seu próximo (17) 10. O resto do verso 17.

É visto aqui, que os católicos têm simplesmente seguido os primeiros pais da igreja, embora nós tenhamos seguido os gregos. O papa não teve nada a ver com a divisão dos mandamentos. É visto que de acordo com a divisão do Talmude (judaica), que é o mais antigo de todos, o primeiro mandamento tem as seguintes palavras: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, etc.” Os judeus, os católicos e os luteranos incluem no seu primeiro mandamento a frase introdutória, “Eu sou o Senhor teu Deus, etc.”, assim como todos deveriam fazer, pois estas são as palavras mais importantes de todas, pois elas mostram quem deu essa lei. Os adventistas não as citam para salvar a sua teoria. Assim, à medida que eu ia aprendendo mais, eu comecei a ver como os argumentos dos adventistas eram falaciosos e contrários à história e aos fatos.

O QUE DIZEM AUTORES EMINENTES SOBRE O DECÁLOGO

Muitos dos homens mais eminentes, devotos e eruditos da igreja têm sustentado que o Decálogo foi abolido, embora eles estivessem longe de serem considerados antinomianos.

Entre eles, estavam: os pais apostólicos, Lutero, Calvino, Milton, Baxter, Bunyan, Doddridge, Whately, Grotius, Locke, Sherlock, Watts, Hessey, Judson, George Dana Boardman, e uma série de tais homens. Justino Mártir, 140 dC, diz: “A lei promulgada em Horebe é agora velha e pertence a vós (judeus) somente; mas isto é para todos universalmente. Agora, ao colocar lei contra a lei, revoga-se aquela que veio antes”. *Diálogo com Trifão*, cap. 11. Sobre isto, o pastor Andrews diz: “Que Justino defendia a revogação dos Dez Mandamentos, também está claro.” *Testemunho dos Pais*, página 43.

Tertuliano, 200 dC, diz: “Nós admitimos plenamente a abolição da lei antiga.” *Contra Marciano*, Livro 5. Cap. 2. Sobre a lei, ele cita Col. 2:16, e diz: “O apóstolo aqui ensina claramente como isso foi abolido”, *Ibid.* Capítulo 19.

Lutero diz: “Os Dez Mandamentos não se aplicam a nós, gentios e cristãos, mas apenas aos judeus. Se um pregador quiser forçá-lo a voltar para Moisés, pergunte-lhe se você foi trazido por Moisés do Egito. Se ele disser não, então diga: ‘Como é então, que Moisés me diz respeito, uma vez que ele fala (nas dez palavras) para as pessoas que foram trazidas para fora do Egito?’ No Novo Testamento, Moisés chega ao fim e as suas leis perdem sua força”. Veja *Enciclopédia de Kitto*, Artigo “Lei”. O *Dicionário da Bíblia* de Smith, diz: “Em sua particularidade, ou o que é normalmente chamado de seu aspecto ‘moral’, a Lei apresenta igualmente o selo de transitoriedade. Parece claro o suficiente que sua autoridade formal, coercitiva como um todo, terminou com o encerramento da dispensação judaica”. Artigo “Lei”.

A *Enciclopédia de Literatura Bíblica de Kitto*, diz: “Eles [Cristo e os apóstolos] indicam claramente que a lei moral é de nenhuma maneira excetuada, quando eles falam da abolição da lei em geral.” Artigo “Lei”.

O recente comentário popular de Jamison, Faussett e Brown, diz: “A lei (incluindo especialmente a lei moral onde estava a principal dificuldade na obediência) é revogada para o crente à medida que nós entendemos que ela era um código obrigatório, acusativo”. *Sobre Col. 2:16*.

A *Enciclopédia Britânica* diz: “Os Dez Mandamentos não se aplicam a nós, gentios e cristãos, mas apenas aos judeus.” *Sobre os Dez Mandamentos*.

Diz o Dr. Dobbs, batista: “E isso não é um ensinamento ‘novo e perigoso.’” Era a doutrina dos reformadores protestantes do século XVI. Calvin argumenta nesta mesma linha em seus Institutos. O estudioso batista, eminente e comentador, John Gill, diz, escrevendo sobre Ex. 20: 1,2: “O verso 2 mostra que esse corpo de leis foi entregue ao povo de Israel, e pertence primeiramente a eles; pois de nenhum outro povo pode ser dito as coisas acima”. Sobre Mat. 5:17 e 2 Coríntios 3: 7-11, Gill é enfático ao chegar à mesma conclusão. Leia isto, na última passagem: ‘A lei é aquela que se foi, não apenas a lei cerimonial, ou a lei judicial; mas todo o ministério de Moisés, e particularmente a lei do Decálogo’. Eu termino citando um incidente relatado pela Sra. Emily C. Judson no livro *A Vida de Adoniram Judson*, escrito por seu filho, Dr. Edward Judson. A Sra. Judson diz que seu marido uma vez a reprovou por introduzir algumas lições do Antigo Testamento em suas aulas sobre a Bíblia, ‘comparando-o isso ao tatear entre as sombras, quando ela poderia muito bem ter o sol do meio-dia.’ Ao relatar este incidente, A Sra. Judson diz: ‘A minha impressão, extraída de longas conversas com muitas pessoas, é que ele considerava o Antigo Testamento como sendo as Escrituras dadas aos judeus em especial, e a eles somente. Ele não gostava da distinção comumente feita entre a lei moral e a lei cerimonial, e às vezes falava com uma seriedade chegando a ser severo, quanto ao uso constante feito dos Dez Mandamentos pelos cristãos. Ele pensava que o Antigo Testamento era muito importante como um explicativo e ratificador do Novo – como uma porção da inspiração vinda de Deus, etc., sendo obrigatório aos cristãos unicamente na forma como ele é repetido no Novo Testamento. Ele costumava falar da lei mosaica como sendo ela cumprida em Cristo, e assim, não tendo mais nenhum poder; e dizia que nós não temos o direito de escolher esta lei como sendo moral, e, portanto, obrigatória, e a outra como sendo cerimonial, e não mais exigindo obediência. Praticamente, não temos nada a ver com a lei do velho Testamento.’ *A Vida de Judson*, páginas 411, 412.

O rev. George Dana Boardman, DD, o eminente teólogo batista, em seu recente livro *Os Dez Mandamentos*, diz: “Embora o Decálogo, no seu espírito, é para todas as terras e épocas, ainda assim, na sua letra, era evidentemente, para os judeus. O próprio preâmbulo comprova a afirmação: ‘Deus falou todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão’. E em seguida, cita os Dez Mandamentos, com base no único fato de que Jeová era o Deus da aliança com Israel”. Páginas 127-130.

John Milton diz: “No que diz respeito à doutrina dos que consideram o Decálogo como sendo um código de moralidade universal, eu não consigo compreender como tal opinião possa ter prevalecido; estes mandamentos são, evidentemente, nada mais do que um resumo de toda lei Mosaica, assim como o quarto mandamento o é de toda a lei cerimonial; o qual, portanto, não pode conter nada que seja aplicável a prática do evangelho.” *Tratado Sobre a Doutrina Cristã*, Vol. 1, Livro 2, cap. 7.

CAPÍTULO XIX

AS DUAS ALIANÇAS

Nenhum outro assunto preocupa mais os adventistas do que as alianças. Eles temem confrontá-las. Eles têm tentado explicá-las por diversas maneiras, mas não satisfatoriamente, mesmo a eles mesmos. Eu estive lá e sei disso. “A abolição da aliança do Sinai traz consigo a abolição do sábado judaico, tão completamente, que nenhum traço autoritário dele pode ser encontrado neste lado da sepultura de nosso Senhor ressuscitado.”

O pastor Smith diz: “Se os Dez Mandamentos constituíam a antiga aliança, então eles se foram para sempre.” “Isto, portanto, torna-se uma questão de teste.” *Duas Alianças*, página 5. Logo veremos o peso que isto tem. Em Jer. 31:31, 32, diz: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá: Não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito.” Aqui nós aprendemos esses fatos sobre o primeiro, ou antigo pacto: 1. Ele foi feito entre Deus e Israel. 2. Foi feito quando os tirou do Egito. 3. Uma nova aliança deveria ser feita. 4. Não seria de acordo com o antigo. Os adventistas e todos concordam que esta antiga aliança é encontrada em Ex. 19 a 24. Todos nós sabemos que os Dez Mandamentos, como e por que eles foram dados, são proeminentes nesses cinco capítulos. Também sabemos que eles são chamados de “aliança”, que foram entregues no Sinai ou Horeb. Assim: “E o Senhor vos falou do meio do fogo; ouvistes o som de palavras, mas não vistes forma alguma; tão somente ouvistes uma voz. E ele vos anunciou a sua aliança, o qual vos ordenou para cumprir, os Dez Mandamentos; e os escreveu em duas tábuas de pedra”. “O Senhor nosso Deus fez uma aliança conosco em Horebe. O Senhor não fez esta aliança com nossos pais, mas conosco, nós mesmos, que estamos aqui vivos.” Deut. 4:12, 13; 5:2, 3. Segue-se então os Dez Mandamentos como a aliança citada. Mais uma vez: “As tábuas de pedra, as tábuas da aliança que o Senhor fez convosco.” Deut. 9:9. Assim também, “e escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os Dez Mandamentos.” Ex. 34:28. Certamente isto é claro o suficiente para qualquer pessoa simples o entender. O que é uma aliança? Webster diz: “Um mútuo consentimento ou acordo de duas ou mais pessoas a fazer ou deixar de algum ato ou coisa; um contrato.” Como o Decálogo, por si só, não é um acordo mútuo, ele deve então, entrar como parte do acordo, para que ele possa ser chamado de aliança, o que é feito frequentemente. Examinando, descobrimos que o Decálogo foi a própria base da aliança no Sinai; a coisa principal na aliança entre Deus e Israel. Isto, mesmo o pastor Smith admite: “Foi a base de toda a negociação.” *As Duas Alianças*, página 10. Sendo a principal coisa na aliança, é por meio da eminência colocado como um todo, e assim chamado de “aliança”.

Abrindo Ex. 19, lemos: “No terceiro mês, quando os filhos de Israel saíram da terra do Egito, no mesmo dia, chegaram ao deserto do Sinai.” Verso 1. Foi no Sinai aonde chegaram, ao virem do Egito. Moisés era o mediador. Versículo 3. O Senhor manda-o dizer a Israel “Se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis um tesouro peculiar a mim, acima de todas as pessoas. Pois toda a terra é minha”. Versículo 5. Moisés vai e repete esta oferta aos judeus: eles dizem: “Tudo o que o Senhor disse, faremos”. Verso 8. Isto foi um acordo, um pacto entre Deus e Israel. Eles concordam em obedecer a sua voz. Ele concorda em abençoá-los. Em seguida, eles se preparam para ouvir sua voz. Versículos 9-25. No capítulo 20, Deus fala, através de Moisés, dos Dez Mandamentos e prossegue com vários preceitos, até o final do capítulo 23, fechando com uma promessa de abençoar o seu pão e água, de afastar a doença deles, de expulsar os cananeus e dar-lhes a terra. O capítulo 24:1-8 relata como Moisés, em seguida, fala ao povo “todas as palavras do Senhor e todos os estatutos”. Mais uma vez, eles concordam em obedecer. Versículo 3. Então, “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” em um livro. Verso 4. Reunindo o povo novamente, ele lê “o livro da aliança” para eles, e pela terceira vez eles dizem: “Tudo o que o Senhor disse, faremos.” Verso 7. “E Moisés tomou o sangue e aspergiu sobre o povo, e disse: ‘Eis o sangue da aliança que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras.’” Verso 8. Isto concluiu a aliança. Sabemos que esta foi a primeira, ou a velha aliança, pois Paulo, citando este mesmo verso, diz que foi. Heb 9:18-20. E isso liquida o assunto.

Qual é a abrangência da aliança? Apenas uma verdadeira resposta pode ser dada: É tudo o que está incluído no registro de Ex. 19:1 até Ex. 24:8, porque esta é a aliança escrita em detalhe. Está o Decálogo incluído nela? Negar isso é o mesmo que negar que o sol brilha, pois ele está escrito na íntegra, no coração da aliança. Ex. 20:1-17. Como Smith disse acima, “Ele era a base de toda a negociação.” Foi uma parte tão proeminente da aliança que ele é colocado sozinho como sendo toda a aliança, como muitas

vezes nós dizemos que estamos vendo um navio, uma casa, ou um rio, quando vimos apenas uma parte deles. Assim, as pedras em que o decálogo foi escrito são chamadas de “as tábuas da aliança”, Deut. 9: 9; o livro em que ele foi escrito é chamado de “o livro da aliança”, Ex. 24:7; a arca em que ele foi depositado é chamada de “a arca da aliança”, Deut. 31:26.

Êxodo 19-24 é apenas um epítome da aliança; pois todos os ensinamentos posteriores de Moisés são apenas outra explicação dela e pertencem a ela. Na verdade, ele deu o nome da aliança a todo o Antigo Testamento, ou seja, a Antiga Aliança.

Esta aliança foi apenas nacional e temporal, dada somente aos judeus, e se refere apenas as bênçãos terrenas. Ela não fez nenhuma referência à vida futura. Dr. Scott diz: “A aliança nacional com Israel estava ali entendida. Ela era um compromisso de Deus, para dar a Israel a posse de Canaã.” Etc. “Ela não se referia à salvação final dos indivíduos.”

SOBRE ÊXODO 19:5

Agora observe como, claramente, e, como repetidamente, os Dez Mandamentos são chamados de “aliança”, os quais Deus deu no Sinai para Israel, quando ele os trouxe para fora do Egito:

“E ele vos anunciou a sua aliança, que vos ordenou cumprir, os Dez Mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra.” Deut. 4:13.

“Quando subi ao monte para receber as tábuas de pedra, as tábuas da aliança que o Senhor fez com vocês.” Deut. 9:9. Qual aliança foi feita sobre as tábuas de pedra? Aquela que o Senhor fez com eles. Novamente ele diz quando ela foi feita, e o que era: “O Senhor nosso Deus fez uma aliança conosco em Horebe. O Senhor não fez esta aliança com nossos pais, mas conosco, nós mesmos, todos nós que estamos aqui vivos neste dia. O Senhor falou com vocês face a face no monte, do meio do fogo (eu estava entre o Senhor e vocês naquela época, para mostrar-lhes a palavra do Senhor; porque tivestes medo por causa do fogo, e não subiram ao monte), dizendo: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. não terás outros deuses diante de mim.” Deut. 5:2-7. Então, ele continua dando os Dez Mandamentos. Isso põe um fim à questão. “E o Senhor disse a Moisés: ‘Escreve estas palavras, porque conforme o teor destas palavras, eu tenho feito aliança contigo e com Israel. E ele esteve ali com o Senhor por quarenta dias e quarenta noites; não comeu pão, nem bebeu água. E ele escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os Dez Mandamentos’”. Ex. 34:27, 28. Se isso não for claro o suficiente, o que será?

“Não havia nada na arca, senão as duas tábuas de pedra, que Moisés ali tinha posto em Horebe, quando o Senhor fez um pacto com os filhos de Israel, quando saíram da terra do Egito.”

“E constituí ali lugar para a arca, onde está a aliança do Senhor, que ele fez com nossos pais quando os tirou da terra do Egito.” 1 Reis 8:9-21.

“E pus nela a arca, em que está a aliança do Senhor, que ele fez com os filhos de Israel.” 2 Cron. 6:11.

Isto acaba com toda dúvida possível quanto ao que era a aliança. 1) Não havia nada na arca, exceto as tábuas de pedra. 2) No entanto, na arca estava “a aliança do Senhor, que ele fez com Israel, quando os tirou do Egito.” Isso certamente eram os Dez Mandamentos. O pastor Smith diz: “Se os Dez Mandamentos constituíam a antiga aliança, então eles para sempre se foram” *Duas Alianças*, página 5. Eles, de fato, se foram mesmo, como veremos agora.

ESSA ALIANÇA FOI ABOLIDA

Como vimos, Jeremias, no cap. 31:31-34, predisse que o Senhor iria fazer uma nova aliança, não de acordo com a antiga. Paulo cita isso claramente e diz que ela se cumpriu no evangelho: “Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, por quanto também é mediador de uma melhor aliança, qual está firmada sobre melhores promessas. Porque, se aquela primeira fora irrepreensível, então não deveria ter buscado lugar para a segunda. Porque os repreendendo, diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá: não segundo o pacto que fiz com seus

pais, no dia em que os tomei pela mão, para tirá-los da terra do Egito; pois não permaneceram naquele meu pacto, e eu para eles não atentei, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis no seu entendimento, e as gravarei em seus corações; e eu serei para eles um Deus, e eles serão o meu povo; e não ensinará cada um ao seu próximo, e cada um a seu irmão, dizendo: conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior. Porque serei misericordioso para com as suas iniquidades, e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais. Em que ele diz, uma nova aliança, ele tornou antiquada a primeira. Ora, o que enfraquece e envelhece está pronto para desaparecer.” Heb. 8:6-13.

Observe os seguintes pontos: 1. Jesus é o mediador de uma aliança que é melhor do que a antiga. Verso 6. Então, temos algo melhor do que o Decálogo. 2. A nova aliança é estabelecida sobre promessas que eram melhores do que as antigas, que, como vimos, eram todas temporais. Veja Ex. 23:22-33. Mas as promessas da nova aliança são todas espirituais. Elas são: **1.** As leis de Deus estarão em seus corações. **2.** Todos deverão conhecer o Senhor, pois só as almas convertidas seriam admitidas; enquanto que na aliança anterior, cada membro da nação, bom ou mau, era um cidadão. **3.** Deus perdoará e esquecerá todos os seus pecados, e assim eles vão ser todos santos e herdeiros do céu. **4.** Paulo diz que se a primeira fora irrepreensível, nenhum lugar seria encontrado para uma segunda. Isso mostra que a primeira aliança foi sempre imperfeita. Por isso, o Senhor diz que ele vai fazer uma nova, não de acordo com a antiga. Então não podemos ter o velho Decálogo de novo, inalterado. Finalmente, Paulo diz que a primeira está velha e está pronta para desaparecer. Isto finaliza a antiga aliança, aquela do Sinai, os Dez Mandamentos, como nós temos provado.

Em 2 Cor. 3, Paulo torna ainda mais claro que o Decálogo foi removido. Versículo 3: “Já é manifesto que vocês são a carta de Cristo, ministrada por nós, não escrita com tinta, mas com o espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.” Verso 6: “Quem também nos fez hábeis ministros do novo testamento [aliança] não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.” Verso 7: “Mas se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de modo que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos no rosto de Moisés por causada glória do seu rosto, a qual era transitória;” Verso 8. “Como não será de maior glória o ministério do espírito?” Verso 9: Pois se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais o ministério da justiça excederá em glória. Verso 11: “Porque, se aquilo que se desvanecia era glorioso, muito mais é o que permanece glorioso.” Verso 13. “E não somos como Moisés, que trazia um véu sobre o rosto, para que os filhos de Israel não pudessem firmemente olhar para o fim daquilo que era transitório.” Verso 14. “Mas os seus sentidos foram endurecidos, porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do Antigo Testamento; o qual foi abolido por Cristo”.

Observe os seguintes pontos: **1.** O verso 3 refere-se à profecia de Jeremias que diz que uma nova aliança substituiria a antiga, que foi gravada em pedras. Assim, Paulo diz que a nova aliança não está escrita com tinta como a lei de Moisés estava em um livro, nem em pedras, como o Decálogo foi, mas pelo espírito no coração. A lei no livro e em pedras se foram. **2.** No versículo 6, ele diz que os apóstolos não ministram a letra, mas o espírito. A letra refere-se exclusivamente “a lei”. “O contexto mostra que pela letra, ele queria dizer a antiga aliança e com o espírito, a nova.” *Comentário Pulpito*, páginas 59-80. **3.** Para não deixar dúvida, Paulo, no versículo 7, especifica “o ministério da morte “escrito” com “letras em pedras.” Certamente sabemos que isso era o Decálogo. Isso ele chama de “o ministério da morte.” **4.** Nos versículos 8 e 9 ele chama o evangelho de “o ministério do espírito” e “o ministério da justiça” e diz que ela excede em glória o antigo ministério da morte. **5.** Para não deixar dúvidas de que ele se referia ao Decálogo, ele refere-se ao véu que Moisés colocou sobre seu rosto, quando ele desceu com as tábuas de pedra em suas mãos. Compare o versículo 13 com a Ex. 34:27-35. **6.** Por duas vezes, Paulo menciona o que foi “escrito na pedra”, versos 3 e 7. Uma vez, ele diz que não ministramos a letra, versículo 6; que o que foi gravado em pedras era o ministério da morte, versículo 7; sobre o “ministério da condenação”, versículo 9; então ele diz que este foi “abolido”, versículo 14. E, por três vezes, ele diz que “era transitório”, versículos 7, 11, 13. **7.** Compare os versículos 7 e 11. “O ministério da morte gravado com letras em pedras era glorioso” e “aquilo que desvanecia era glorioso”; a mesma coisa que foi escrita em pedras no versículo 7, é dito “ser eliminado” no verso 11. **8.** No versículo 7 os Dez Mandamentos são evidentemente tomados para representar toda a dispensação mosaica. Se estes, a base de todo o sistema, são removidos, então, naturalmente, todo o sistema deve ir com eles. “Os Dez Mandamentos, portanto, descritos aqui, representam o conjunto da economia mosaica.” Notas de *American Tract Society* sobre o versículo 7.

Os adventistas têm tentado salvar sua teoria dizendo que no verso 7, de 2 Cor. 3, o “ministério” não era o que foi “gravado” em pedras; mas que “a morte” é o que estava escrito ali. Isso não faz sentido. No grego a palavra para gravada concorda exatamente com “ministério”, mas não concorda com “morte”, daí o Decálogo é o que é chamado de “o ministério”, e que foi aniquilado. Dr. Clarke diz sobre este versículo: “Aqui o apóstolo, evidentemente, quer dizer a lei.” “Este ministério da morte, os Dez Mandamentos, escritos em pedras, uma parte da instituição mosaica, representando o todo, foi glorioso.”

O *Comentário Púlpito* falando sobre este verso, diz: “Literalmente, ‘gravado com letras em pedras’ (Ex. 31:18) A referência mostra que, ao falar de ‘a letra’, São Paulo estava só pensando na Lei Mosaica, e, na verdade, mais especificamente no Decálogo.” “O ministério da morte foi escrito e gravado em pedra na forma de Dez Mandamentos”. Leia, juntamente com o versículo 7, Ex. 31:18; 32:16. “Tábuas de pedra ‘escrita’ com o dedo de Deus”. “A escrita de Deus, esculpida nas tábuas.” Como pode uma pessoa sincera negar que Paulo estava se referindo ao Decálogo?

Aos Gálatas, Paulo também escreve que a aliança do Sinai se foi. Eu mostrarei que ele usa os termos “aliança” e “lei” como sinônimos, mostrando que a lei era a aliança.

“Diga-me, os que quereis estar debaixo da lei, não ouvi vós a lei? Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas da mulher livre foi pela promessa. Tais coisas são uma alegoria: pois essas mulheres são duas alianças; uma do Monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar.” Gal. 4:21-24. Aqui, a velha lei da aliança do Sinai é declarada ser “escravidão”, e ele diz: “Não vos dobreis novamente a um jugo de escravidão.” Capítulo 5:1.

Assim, em Heb. 12:18-24, Paulo claramente diz, que os cristãos não vão ao Sinai e aos trovões da lei, mas eles vêm à Jesus e à nova aliança. Leia tudo. Aqui estão algumas frases: “Porque não chegastes ao monte palpável, e que ardia em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade... e tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrorizado e tremendo. Mas chegastes ao Monte Sião... e a Jesus, o mediador de uma nova aliança.”

Os adventistas estão sempre se preocupando com as terríveis cenas do Sinai, na entrega da lei, e apontando outras coisas lá; mas Paulo diz: Não, não vão para lá; mas vão para o Monte Sião... a Jesus e à nova aliança.

Assim, Jeremias predisse a rejeição da velha aliança e que, em vez disso, os homens deveriam buscar o nome do Senhor em Jerusalém, onde o evangelho avançaria.

“Naqueles dias, diz o Senhor, não dirão mais, a arca da aliança do Senhor; nem lhes virá à mente; nem se lembrarão dela; nem a visitarão; nem se fará outra. Naquele tempo, eles chamarão a Jerusalém, o trono do Senhor; e todas as nações se ajuntarão a ela, em nome do Senhor, em Jerusalém”. Jer. 3:16-17.

Os adventistas estão tentando reviver aquilo que o Senhor disse que deveria ser esquecido, isto é, “a arca da aliança”. Todo o seu estudo e adoração são centralizados em torno disso, assim como era antigamente com os judeus. Mas o esforço é em vão. Deus disse isso. Desde a cruz, Jesus e Jerusalém têm estado onde todos os olhos se volveram, enquanto que a arca e a antiga aliança foram esquecidos, como o Senhor disse que seria. Então, lemos em Isa. 2:3; “De Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém.” Ali, é o lugar onde devemos ir agora para buscar a lei, não para a arca ou para o Sinai.

CAPÍTULO 20

SOB QUAIS LEIS ESTÃO OS CRISTÃOS?

Quando Deus fala, não é pecado desobedecer? Certamente que é! Paulo diz: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas; nestes últimos dias, nos falou por seu filho.” Heb. 1:1,2. Este texto diz que Deus falou aos homens de várias maneiras, em diferentes momentos. Não importa de que maneira a vontade de Deus tenha sido expressa, teria sido pecado desobedecê-la. “Se a lei do Sinai foi abolida, então não há nenhuma lei, nenhum pecado”, dizem adventistas. Certamente então, seria impossível para Deus revelar a sua vontade aos homens, exceto naquelas exatas palavras, letra por letra. Quem acredita em tal absurdo? Toda a controvérsia é reduzida, simplesmente, a isto: Tem Deus, no Novo Testamento, claramente e plenamente, revelado a sua vontade aos homens e dito o que é certo e o que é errado? É a vontade de Deus revelada através de seu Filho, no Novo Testamento, que é maior autoridade do que o Antigo Testamento? Ou não é? Os ensinamentos do Novo Testamento devem ser modificados para harmonizar com a letra da lei, no Antigo Testamento, ou são os preceitos do Antigo Testamento que devem ser modificados para harmonizar com o evangelho? Esta última hipótese, certamente! Mas o evangelho, em nenhum lugar, ordena o sábado.

Então, não é a palavra do Senhor Jesus Cristo, lei? Poderia haver qualquer lei maior? Disse Jesus: “Eu e o Pai somos um”, João 10:30, e “Todos os homens devem honrar o Filho, como honram o Pai.” João 5:23. Assim, as palavras de Cristo devem ser consideradas em tão grande honra como são as palavras de Deus. Elas são lei, assim como são as palavras de Deus. Deus prometeu suscitar o Cristo e colocar as palavras na sua boca, e ele deveria falar como Deus lhe ordenara. Deut. 18:18. Jesus disse que seu Pai o enviou e ordenou-lhe o que dizer, João 12:49,50. “A palavra que tenho pregado, essa o julgará no último dia”, versículo 48. Então seremos julgados pelos ensinamentos de Cristo, e não pela lei antiga. Os cristãos serão julgados pelo evangelho. “No dia em que Deus julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.” Rom. 2:16. Deus disse: “Ouvi-lo!”, Mat. 17: 5. Toda a autoridade no Céu e na terra é dado a ele, Mat. 28:18. “Ele ensinava como quem tinha autoridade,” Mat. 7:29. Ele tem uma lei, Gal. 6:2. “Cumpra a lei de Cristo.” “As ilhas aguardarão a sua lei.” Isa. 42:4. Estamos sob sua lei, 1 Cor. 9:21. “Sob a lei de Cristo”, *Versão Revisada*, “Sob a lei de Cristo”, Diaglott. “Sob a lei do Messias”, siríaco. O resumo grandioso da verdade moral e religiosa que o mundo já ouviu, foi o Sermão da Montanha, Mat. 5-7. É tão superior ao Decálogo, como o evangelho é superior ao judaísmo. Aqui Cristo proíbe o assassinato, versículos 21, 22; adultério, versículos 27, 28; fazer juramentos, verso 34; hipocrisia, 6:1-5; avareza, 6:19-34; e cada ato errado, 7:12. Não seria pecado desobedecer os preceitos de Cristo?

Jesus deu mandamentos aos seus discípulos, Atos, 1:2, e ordenou-lhes a ir e ensinar por todas as nações. Mat. 28:18-20. Nós devemos guardar os seus mandamentos. João 14:15, 21; 15:10. Então, não seria pecado quebrá-las? Quem ousa negar isso? “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus”, Ef. 1:1, disse: “Deixai a mentira”, “não pequeis” e “não fure mais”, Ef. 4: 25-28, e, “As coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor.” 1 Cor. 14:37. E, no entanto os adventistas dizem que, se a lei antiga for abolida, não haverá mais mandamentos contra o mentir, o roubar, etc. Nós sabemos que isso não é assim, como mostrado acima. Na verdade, Paulo diz: “Como nada, que útil seja, eu deixei de vos anunciar” “eu não me esquivei de anunciar a vós, todo o conselho de Deus”. Atos 20:20, 27. Todo o pecado de que o coração humano é culpado, é claramente proibido no Novo Testamento, vez após vez, pela autoridade de Cristo e seus apóstolos, como todos sabem. No entanto, para eles, nada condena o pecado, senão o Decálogo.

O espírito da lei mosaica, todo princípio moral nela, são reiterados repetidas vezes no evangelho, com toda a autoridade do Filho de Deus. Nenhum dever cristão pode ser indicado, se ele não for ensinado no Novo Testamento. Nada é proibido no Velho Testamento, isto é, tudo o que seria errado para um cristão fazer, que não seja também proibido no Novo, de alguma forma. Com exceção do sábado, os outros nove mandamentos estão no Novo Testamento, seja nas mesmas palavras ou na essência.

Então, temos que jogar o Antigo Testamento fora? Deus me livre! Ele deve ser recebido como sendo a palavra inspirada de Deus, uma mina de verdade preciosa; mas ele deve ser estudado em função do NT, e modificado por ele. Não se deve exigir algo dos cristãos, simplesmente porque ele é encontrado na lei do

Antigo Testamento. Se algo tiver que ser exigido de nossas consciências, ele deve ser exigido pelo Novo Testamento. Aqui, o sétimo dia falha completamente, pois não há nenhuma exigência, em todo o Novo Testamento, para guardá-lo; mas a sua revogação é claramente ensinada.

“OS MANDAMENTOS DE DEUS” NO NOVO TESTAMENTO

Os adventistas do sétimo dia têm muito a dizer sobre “os mandamentos de Deus,” em Apo. 14:12, e afirmam que estes são os Dez Mandamentos. Para eles “os mandamentos” sempre significam o Decálogo, nada mais. Onde quer que eles encontrem este termo, é desta forma que eles o aplicam. Mas tal posição é totalmente errada. Existem mais de 800 textos em que a frase, “os mandamentos”, em suas diversas formas é usado. Tenho examinado cuidadosamente cada um deles. Eu acho que é um termo geral para todos os requisitos da Bíblia. De acordo com o meu melhor julgamento, em quarenta e nove casos, de cinquenta, significa algo mais do que os Dez Mandamentos. Que o leitor examine os seguintes textos:

Lev. 22 refere-se inteiramente aos deveres dos sacerdotes e a oferta de sacrifícios. Tudo o que o Senhor ordenou nestes textos, ele os chama de seus “mandamentos”. Verso 31. Em Deut. 11:27, 28, o que Moisés tinha ordenado é chamado de “os mandamentos de Deus.” Em Deut. 26:12,13, o termo é usado na lei do dízimo. Em Deut. 28:1, é aplicado a tudo o que Moisés tinha ordenado a eles. Com uma concordância, qualquer pessoa pode facilmente encontrar centenas de casos, em que esse termo significa algo mais do que o Decálogo. Quando Jesus foi questionado sobre a lei, ele mencionou dois mandamentos como sendo os maiores “mandamentos”, quais estavam inteiramente fora dos dez. Veja Mat. 22:35-40.

Assim, os preceitos de Cristo e seus apóstolos são chamados frequentemente de mandamentos. Jesus diz: “O Pai, que me enviou, ele me deu um mandamento sobre o que eu hei de dizer.” João 12:49. Se Deus deu mandamentos a Cristo, e ele lhes deu a sua igreja, não seriam eles os mandamentos de Deus? Certamente que sim! A antiga dispensação estava terminando, e o Senhor estava proclamando os mandamentos de Deus para a nova dispensação, o evangelho. Então, na grande comissão, ele disse: “Ensine-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.” Mat. 28:20.

Novamente, em João 14:15,21, Jesus diz: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos.” “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” Como podemos, em face destes textos claros, dizer que Jesus não deu mandamentos? Quem é que ama a Cristo? Aquele que guarda os seus mandamentos. Isto, como está no Novo Testamento, é que é ser um guardador de mandamentos. Então, novamente em João 15:10, 14, lemos o seguinte: “Se vós, guardai os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.” “Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.”

Se, então, nós fazemos o que Jesus nos manda, não seria isto, suficiente? E não deveríamos estar seguros e certos de seu amor e o amor de seu Pai? Mas onde é que Jesus comandou guardar o sétimo dia? Em nenhum lugar. Assim, Lucas diz que ele subiu aos céus, “depois que ele, através do Espírito Santo, tinha dado mandamentos aos apóstolos que escolhera.” Atos 1:2. Se Jesus deu mandamentos por intermédio do Espírito Santo, eles não seriam mandamentos de Deus? Não são eles iguais aos que foram dados por meio de Moisés? Agora, ouça Paulo ao dizer o que são os mandamentos do Evangelho: “Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor.” I Cor. 14:37.

Assim, todos os escritos de Paulo são “os mandamentos de Deus.” O Apóstolo diz que aqueles que são espirituais iriam reconhecê-los. Será que os nossos irmãos do sétimo dia os reconhecem? Eles poderiam ver um novo significado em “os mandamentos de Deus,” Apo. 14:12, se quisessem. Mais uma vez, Paulo diz:” Pois vós sabeis, que os preceitos que vos tenho dado pelo Senhor Jesus,” 1 Tes. 4:2. Então, os Apóstolos deram mandamentos pela autoridade do Senhor Jesus. Pedro apresenta um testemunho semelhante, em 2 Pedro 3:2: “Para que vos lembreis das palavras que dantes foram ditas pelos santos profetas e dos nossos mandamentos, os apóstolos do Senhor e Salvador.” *Entole*, a palavra grega para mandamento, ocorre no Novo Testamento, em suas formas singular e plural, sessenta e oito vezes. Em, pelo menos, quarenta e oito vezes, das sessenta e oito, ela não pode significar o Decálogo, e em mais da metade das outras vezes restantes, é usada de uma forma geral. Em nenhum caso, ela significa os dez somente. Não há nenhum indício sequer de que a palavra *Entole*, em qualquer uma das três passagens onde ela ocorre em Apocalipse, signifique o Decálogo. Assumir o contrário disso é assumir, sem

evidência, o próprio ponto a ser provado. João, que escreveu o livro do Apocalipse, também escreveu o evangelho de João e as três epístolas de João. Ele usa a palavra “mandamentos”, plural e singular, vinte e oito vezes, e em nenhum caso ela se refere aos Dez Mandamentos; mas em quase todos os casos, se não em todos, ela refere-se aos mandamentos de Jesus. Veja João 14:15, 21; 15:10; 1 João 2:1-5; 3:22-24; 4:21; 5:1-3. E, naturalmente, nós supomos que ele queira dizer a mesma coisa em relação aos mandamentos em Apo. 14:12.

Como Cristo é nosso “Senhor e Mestre,” João 13:13, é o “Cabeça” da igreja, Ef. 1:22; é “Tudo e em todos,” Col. 3:11; tem “todo o poder no céu e na terra”, Mat. 28:18; e julgará o mundo, João 5:22; em seu tribunal, Rom. 14:10; é razoável pensar que ele daria leis para a igreja. E isto é justamente o que ele fez, Mat. 28:18-20; Atos 1:1, 2. Se alguém obedecer os ensinamentos de Cristo, ele não precisa temer por sua salvação.

CAPÍTULO XXI

ANÁLISE DE 47 TEXTOS PROEMINENTES USADOS PELOS SABATISTAS

Para a conveniência do leitor, vamos organizar aqui, em ordem, uma análise de todos os textos proeminentes usados por adventistas do sétimo dia, que falam sobre o sábado ou sobre a lei. Sempre que o texto já tiver sido examinado completamente no corpo desta obra, vamos nos referir ao capítulo onde ele se encontra.

***Gen. 2:1-3.** Veja o capítulo 13.

***Gen. 26:5. Abraão guardou o sábado. Abraão guardou os “mandamentos e leis” de Deus, que são os Dez Mandamentos; portanto, ele guardou o sábado.**

RESPOSTA:1. Eles assumem como certo aquilo que precisa ser provado, a saber: que os “mandamentos e leis” de Deus eram os Dez Mandamentos. 2. Isto aconteceu há 430 anos antes do Decálogo ser dado. Gal. 3:16, 17. Como Abraão poderia ter guardado aquilo que ainda não tinha sido dado? 3. Qualquer coisa que Deus ordenou em qualquer época seria “os seus mandamentos”, e isso poderia mudar, de acordo com as circunstâncias. O que Moisés requeria é chamado de “mandamentos de Deus.” Deut. 28:1, 15. Diz Paulo: “O que vos escrevo são mandamentos do Senhor.” 1 Cor. 14:37. “Sacrifício ao Senhor, nosso Deus, como ele nos ordenou.” Ex. 8:27. As instruções do Senhor a Noé sobre a arca eram os mandamentos de Deus. Gen. 6:22. Circuncidar foi um dos mandamentos de Deus a Abraão, que ele observava. Gen. 21:4. Assim, Abraão obedeceu a tudo o que Deus lhe disse para fazer. Assim, este texto não tem nenhuma referência aos Dez Mandamentos, nem ao sábado.

***Ex. 16:23-30.** Veja o capítulo 13.

***Ex. 20:1-17. O Decálogo.** Veja o capítulo 18.

***Ex. 31:13-17. O sábado perpétuo.** Veja o capítulo 13.

***Lev. 23. Os sábados anuais.** Veja capítulo 15.

***Lev. 23:38. “Além dos sábados do Senhor.”**Os adventistas do sétimo dia alegam que o Senhor, neste texto, separa o sábado de todos os outros dias santos, mostrando que ele tem uma natureza diferente, versículos 37, 38: **“Estas são as festas do Senhor:...além dos sábados do Senhor.”**

RESPOSTA: Sim, mas leia todo o verso, “além dos sábados do Senhor, e além dos vossos dons, e além de todos os vossos votos, e além de todas as suas ofertas voluntárias que derdes ao Senhor.” Não só o sábado, mas presentes, votos e ofertas são também separados com o sábado, no mesmo versículo. A ideia é esta: o sábado, os dons, votos e ofertas são de ocorrência diária ou semanal, enquanto que os outros dias de festa e ofertas especiais aconteciam apenas uma vez ao ano, em estações indicadas. Quando estas ofertas anuais e dias santos caíam na mesma época do serviço diário ou semanal, eles não deveriam tomar o lugar dos serviços diários e semanais, mas, deveriam ser observados, assim mesmo. Qualquer um pode ver que este é o significado claro das palavras “além dos sábados do Senhor, e além dos vossos dons”, etc. A ideia não é distinguir o sábado acima das outras festas, mas dizer que elas deveriam ser observadas além do serviço regular do sábado e das ofertas diárias.

***Deut. 31:24-26. Duas leis, uma na arca, e a outra, ao lado dela.** Veja capítulo 17.

***2 Reis 21:8. Duas leis.** “Se eles atentarem em fazer conforme a tudo o que eu lhes tenho ordenado, e conforme a toda a lei que Moisés, meu servo, lhes ordenou.” Eles alegam que este texto mostra duas leis, uma dada por Deus, a lei moral, o Decálogo; a outra, dada através de Moisés, a lei cerimonial, escrita no livro.

RESPOSTA: Moisés, no livro, deu as seguintes leis, “Amarás o Senhor de todo o teu coração”, Deut. 6:5, e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, Lev. 19:18. Estas leis, então, devem ser cerimoniais. Não, não há nenhuma diferença entre o que o próprio Deus deu e o que foi dado por Moisés. Na verdade, os maiores mandamentos ele os deu através de Moisés, como visto em Mat. 22:36-40. No texto de 2 Reis 21:8, temos uma idéia expressa em termos gerais, e isso é tudo. Leia o mesmo texto em 2 Cron. 33:8. “Se somente atentarem em fazer tudo o que lhes tenho ordenado, toda a lei e os estatutos e as ordenanças dados por intermédio de Moisés.” *Versão Revisada*. Isso torna tudo mais claro. Deus deu todos eles, pela mão de Moisés. Veja também Neem. 8:14.

***1 Cron. 16:15-17. O Decálogo para 1.000 gerações. Os adventistas afirmam que esta aliança é os Dez Mandamentos. Por isso, foi dado aos patriarcas e deve ser observada por muito tempo ainda. Como somente 200 gerações se passaram desde Adão, então, essa lei deve continuar por pelo menos 800 gerações ainda.**

RESPOSTA: 1. O termo “mil gerações” é claramente uma expressão que significa um tempo indefinidamente longo, não exatamente 1.000 gerações. Se o mundo ainda durar 800 gerações, o que aconteceria com o adventismo? Assim, eles mesmos acreditam que isso não pode ser compreendido literalmente. Por isso, esse prazo já terminou há muito tempo. **2.** Como se trata de poesia, verso 7, a liberdade poética é utilizada. **3.** A “aliança” aqui mencionada não é a aliança dos Dez Mandamentos, pois Moisés diz expressamente que os pais não tiveram a aliança do Decálogo. Deut. 5:2, 4. Mas essa aliança foi feita com Abraão. 1 Cron. 16:16. **4.** A aliança aqui referida é a promessa de Deus para dar Canaã a Abraão, Isaac e Jacó. Veja o versículo 18. “dizendo: ‘A ti darei a terra de Canaã.’” Veja Gen. 15:18, 26:3; 28:13. Por isso, o texto não se refere ao Decálogo.

***Neem. 9:13, 14. Duas leis. Deus deu-lhes um conjunto de leis e, então, deu-lhes outro conjunto através de Moisés.** Leia-o.

RESPOSTA: É verdade que uma parte da lei foi dada de uma maneira e a outra parte, de outra maneira. Mas isso não diz, nem insinua que, portanto, elas eram leis diferentes e de natureza diferente. Veja as observações sobre 2 Reis 21:8.

*** Salmo 19:7. A perfeita lei. Os adventistas constantemente citam este texto como prova de que os Dez Mandamentos são uma lei perfeita, e, portanto, não podem ser alterados.**

RESPOSTA: Um exame deste texto vai responder a nove décimos de todos os seus textos sobre a lei na Bíblia. Por isso, vamos dar a resposta aqui usando referências vindas de outros textos. A grande falácia de todos os seus argumentos é a suposição de que “a lei” é os Dez Mandamentos, nada mais, nada menos. Assim, eles fazem grande alarde sobre “a lei”, “a lei”, interminavelmente. Mas lembre-se “a lei” significa todo o sistema de lei dado aos judeus no Sinai, incluindo preceitos morais, civis e cerimoniais, sacrifícios, sacerdócio, circuncisão, festas, etc. O *Dicionário da Bíblia de Smith*, artigo “Lei”, diz que a lei refere-se “em nove de cada dez casos à lei mosaica, ou ao Pentateuco”. O pastor Butler confessa, “O termo ‘a lei’, entre os judeus incluía geralmente os cinco livros de Moisés.” *Lei em Gálatas*, página 70. Não se esqueça deste fato e você terá poucos problemas com os argumentos adventistas sobre “a lei”.

“A lei”, “a lei do Senhor”, e “a lei de Moisés”, são todas iguais e incluem a circuncisão e sacrifícios. Prova: Lucas 2:22, 23, 24, 27; 2 Cron. 31:3. Mais uma vez: “A lei”, “a lei de Moisés”, “o, livro da lei”, e “a lei de Deus”, são todas iguais. Prova: Neem. 8:2, 3, 8, 14, 18.

O que significa “lei” e “a lei do Senhor”, nos Salmos? Significa toda a lei que Deus deu a Israel, qual foi escrita no “Livro da Lei”. Prova: Davi, que escreveu o Salmo, era rei de Israel. Deus exigiu que o rei mantivesse uma cópia do “Livro da Lei” sempre ao seu alcance, e que ele a lesse em todos os dias de sua vida, Deut. 17:15-19. O primeiro Salmo refere-se a isto: Seu “prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.” Verso 2. Davi, como rei, lia a lei de Moisés todos os dias e referia-se a isso por todos os Salmos. Os adventistas estão constantemente citando o Salmo 119 como se referindo aos Dez Mandamentos. Mas “a lei” aqui, inclui toda a lei que Deus deu a Israel, moral, civil, cerimonial, todas. Prova: Verso 128. “Eu considero todos os teus preceitos acerca de tudo, como retos.” Davi considerava os preceitos de Deus a respeito de dízmicos, sacrifícios, festas, o culto público, leis morais, etc., como sendo corretos. Então, os adventistas do sétimo dia não observam toda a “lei do Senhor” como

está em Salmo 119, nem os guardadores do domingo o fazem. Se, então, nós somos transgressores, eles também o são.

É provável que o Salmo 19:7, “A doutrina do Senhor é perfeita”, tenha um significado mais amplo do que até mesmo a lei mosaica. O Dr. Scott, sobre esse versículo, diz: “A palavra aqui traduzida como ‘lei’ pode ser traduzida por doutrina, e ser entendida como um nome geral para a revelação divina, como existente na época, sendo a lei de Moisés, a parte principal.” Dr. Clarke, *Comentário Eclética*. Todas as outras fontes onde eu consultei, dão a mesma interpretação. Quão estreita, e sem autoridade, então, é a interpretação que limita este texto ao Decálogo. É por tais métodos anômalos, que o sétimo dia é sustentado.

***Salmo 40:8. A lei no coração de Jesus. “Eis-me aqui... tua lei está dentro do meu coração.” Isto se refere a Cristo. Adventistas dizem que Jesus cumpriu a lei, os Dez Mandamentos, e, portanto, nós devemos fazer o mesmo.**

RESPOSTA: 1. Veja como eles sempre assumem que “a lei” é o Decálogo. Veja isto, já respondido, acima, sobre Sal. 19:7. 2. Jesus guardou toda a lei de Moisés, assim como outros judeus o fizeram. Os adventistas fazem o mesmo? Será que eles guardam a lei como Jesus guardou? Não! Então, seu argumento é um fracasso. 3. Jesus amava toda a lei, e veio para cumpri-la. Mat. 5:17; Lucas 24:44; e cumpriu tudo na cruz. Atos 13:29. Assim, “Cristo é o fim da lei.” Rom. 10:4.

***Salmo 89:27-36. Deus não irá alterar a sua aliança. Os adventistas do sétimo dia reivindicam um forte argumento aqui. A profecia se refere a Cristo. Se seus discípulos quebrarem a lei, estatutos, ou mandamentos de Deus, Deus irá puni-los. Deus não vai quebrar a sua aliança, nem alterará o que saiu dos seus lábios, o Decálogo.**

RESPOSTA: Suposições facilmente fazem sentido para os desinformados. A lei de Deus é a lei toda. Veja acima, em Sal. 19:7. A aliança e o que saiu dos lábios de Deus não têm nenhuma referência ao Decálogo, mas refere-se à aliança que Deus fez com Davi, para dar-lhe um filho para se assentar no seu trono. Veja versos 3, 4, 19, 33-35. Isso é muito claro para ser negado. Assim, é destruído outro de seus grandes textos de prova.

***Salmo 119. A lei exaltada. Cada verso, neste longo Salmo, ensina a santidade e perpetuidade da lei.**

RESPOSTA: A lei é toda a lei mosaica que o rei estudava diariamente e que Israel deveria observar. Veja minhas observações sobre Sal. 19:7. Deve os cristãos guardar essa lei? Não! Nem os adventistas a observam.

***Prov. 28:9. Não se deve afastar-se da lei. Aquele que se afasta da lei, a sua oração é abominável. Aqueles que violam o sábado fazem isso, e assim, Deus não ouve suas orações.**

RESPOSTA: Os adventistas do sétimo dia desviam os seus ouvidos de quase toda a lei, pois ela cobre os sacrifícios, festas, circuncisão, etc., nenhum dos quais eles praticam. Veja minhas observações sobre o Sal. 19:7, para a comprovação. Portanto, este texto não lhes é de nenhum benefício.

***Ecl. 12:13 e 14. Os Dez Mandamentos cobrem todo o dever do homem. “Guarda os mandamentos de Deus, pois este é o dever de todo homem.” Estes são os Dez Mandamentos. Portanto, eles são perfeitos. Não precisamos de outra lei. Assim, eles são perfeitos, e não podem ser revogados, nem alterados. Todos serão julgados por ele. Versículo 14. Assim, dizem os adventistas do sétimo dia.**

RESPOSTA: Esta teoria é uma bolha de sabão, que estoura com um toque. **1.** Diz o texto, claramente, que ali estão os Dez Mandamentos? Não, eles assim assumem, não tendo qualquer prova disso. Veja a minha nota sobre Gen. 26:5, e Sal. 19:7. Os mandamentos são todas as coisas que Deus ordenou sobre qualquer assunto. **2.** Salomão, rei de Israel escreveu este texto para Israel, 1.000 anos antes de Cristo. O Decálogo cobria todo o dever de um homem, naquela época? Não era o dever de um homem pagar o dízimo, guardar as festas, oferecer sacrifícios, ser circuncidado e uma centena de outras coisas, sobre as quais os Dez Mandamentos estão em silêncio? Certamente que sim! Então, eles não cobrem todo o dever do homem, e este texto é mal aplicado pelos adventistas. O Decálogo também não cobre todos os deveres

do homem, nem um décimo dele. O Decálogo nos obriga a visitar os doentes, os pobres, as viúvas e órfãos, para sermos sóbrio, pacientes e amorosos? De jeito nenhum! É manifesto, portanto, que os mandamentos aqui mencionados, quais cobriam o dever de todos os homens, englobam tudo o que Deus tenha ordenado sobre todos os assuntos, morais, civis ou religiosos. 3. Essa lei foi cumprida e finalizada na cruz. Ef. 2:15; Gal. 3:19-25. Mesmo os adventistas não observam essa lei.

***Isa. 42:21. Jesus amplia a lei. “Ele vai engrandecer a lei e torná-la gloriosa.” Este é o Decálogo. Se Jesus a ampliou, ele não poderia tê-la abolido; se ele a colocou de lado, ele não a teria honrado.**

RESPOSTA: Veja a pressuposição mais uma vez de que “a lei” é o Decálogo. O texto diz isso? Não! Se o leitor mantiver em mente, uma vez por todas, que “a lei” é todo o código mosaico, ele facilmente irá descartar todos os seus textos de prova. Jesus engrandeceu a lei; primeiramente, ao observar, cuidadosamente, todos os preceitos dessa lei, tanto as morais como as cerimoniais; em segundo lugar, mediante o cumprimento de todas as suas previsões e tipos, cumprindo, assim, o objetivo para o qual ela foi dada. Os adventistas do sétimo dia afirmam que Cristo aboliu a lei cerimonial. Bem, ele, assim, diminuiu e desonrou essa lei? Eles não se atrevem a dizê-lo. Não, ele ampliou e honrou a lei, como eles devem admitir. Então, uma lei pode ser honrada e ampliada, e ainda posta de lado, por ter ela cumprido a sua finalidade. Isto é justamente o que Cristo fez à lei como um todo. Veja minhas notas sobre Rom. 3:31.

***Isa. 56, o sábado será restaurado.** Veja o capítulo 13.

***Isa. 58:12, 13. O sábado restaurado.** Veja capítulo 13.

***Isa. 66:22, 23. O sábado na Nova Terra.** Veja capítulo 13.

***Ez. 22:26. A brecha na lei.** Veja capítulo 13.

***Dan. 7:25. O papa mudou o sábado. “Ele cuidará em mudar os tempos e a lei.” Isto refere-se ao papa. Ele deveria mudar a lei de Deus, o Decálogo. Ele mudou o sábado e assim, mudou os tempos.**

RESPOSTA: 1. O texto não diz que a lei é o Decálogo; isto é o que eles assumem. 2. Para alterar o quarto mandamento e o sábado, ele mudaria apenas uma lei, e assim, um tempo; mas a profecia diz leis e tempos, ambos no plural. Isso mostra que a profecia tem um alcance muito mais amplo, do que o que eles querem dar a ela. 3. Não há uma palavra de verdade na afirmação de que o papa mudou o sábado. Veja O capítulo 11 deste livro. Assim, esta aplicação é falsa. 4. A antiga lei foi mudada por Cristo, não pelo papa. Paulo diz: “Necessariamente se faz também uma mudança da lei.” Heb. 7:12. Muitas outras escrituras declaram, claramente, que Jesus cumpriu a lei e a finalizou na cruz. Gal. 3:19-25; Rom. 10:4; Col. 2:14-17. Esta profecia se aplica durante a era do evangelho, e assim se refere à lei de Cristo, não à velha lei do Sinai, que terminou na cruz. Então, a teoria deles é completamente falsa. 5. Através de várias maneiras, o papa cumpriu esta predição, fora do sábado, ao legislar para a igreja muitas coisas contrárias às leis de Cristo. A tradução dos judeus diz que ele deveria “alterar as festas e a lei.” Veja o número dos dias de festa que o papa tem instituído: Quarta-feira de Cinza, Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa, Dia de São Patrick, Dia de Todos os Santos, etc. Isto é o que esta profecia quer dizer. Scott diz: “Não tem sido multiplicado seus dias santos até chegar ao ponto de mal sobrar quatro dos seis dias de trabalho?” Clarke diz: “A nomeação de jejuns e festas... novos modos de culto... novos artigos de fé.” Isto é o que a profecia predisse. Ela não se refere ao sábado.

***Mat. 5:17-19. Até que o céu e a terra passem. Jesus diz que ele não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la. E “até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til passará da Lei, até que tudo seja cumprido.” Quem quebra qualquer um desses mandamentos é culpado. Esta lei é o Decálogo. Jesus diz que todo jota e til dessa lei vão ficar até que o céu e a terra passem. Isso mostra que esta lei é imutável e ainda em vigência. O sábado é uma parte dela, e, portanto, o sétimo dia ainda deve ser observado.**

RESPOSTA: Os adventistas do sétimo dia consideram este texto como sendo o texto mais forte do Novo Testamento, a favor da lei. Eles constantemente o citam. Se este texto fracassar, eles não conseguem outro que tenha a mesma força. Estou certo de que este texto não ensina aquilo que eles dizem que ensina. 1. Mesmo os adventistas do sétimo dia admitem que Jesus cumpriu e terminou com aquilo que

eles chamam de a lei cerimonial, que ele a aboliu na cruz. Bem, ele veio para destruir essa lei? Certamente que não! E ainda assim, ele a finalizou. Assim, então, uma coisa é destruir a lei, e outra trazê-la a um fim, ao cumpri-la. Ele diz que veio para cumprir a lei. 2. Ele não diz que cada jota e til da lei vão ficar até que o céu e a terra passem; mas diz que nada passará até que tudo seja cumprido. Isto ensina que tudo seria cumprido, e em algum tempo, passaria. A ideia é que seria mais fácil o céu e a terra passarem, do que uma letra da lei deixar de ser cumprida. As palavras de Lucas tornam este assunto mais claro. “É mais fácil para o céu e a terra passarem, do que um til da lei cair,” Lucas 16:17. Não há como se confundir; a ideia não é o período de tempo que a lei duraria, mas a certeza de que não vai deixar de ser cumprida. “Cumprido” é definido assim por Webster: “Encher, preencher ou completar; realizar.” A palavra grega é PLAROSAI e é definido por Greenfield, entre outras coisas como: “Cumprir, completar, chegar ao fim, término, completo.” Então, Jesus não veio para destruir a lei, mas para terminá-la. A tradução de Campbell, Macknight e Doddridge diz: “O céu e a terra, perecerão mais cedo do que um jota ou um til da lei cairão sem atingir seu fim.” Essa é exatamente a ideia. A tradução de Sawyer diz: “Eu não vim para destruir, mas para concluir.” No início do seu ministério, Jesus disse que veio para cumprir a lei. Depois de sua ressurreição, ele disse: “Estas são as palavras que vos falei, estando ainda convosco: que convinha que se cumpri-se tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.” Lucas 24:44. E então Paulo diz: “E, havendo eles cumprido tudo o que foi escrito a respeito dele, tirando-o do madeiro, o puseram na sepultura.” Atos 13:29. Então, tudo foi cumprido na cruz. Assim, Paulo diz que a lei foi pregada na cruz. Col 2:14-16. “Cristo é o fim da lei.” Rom. 10:4. “A lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo do aio.” Gal. 3:24, 25. O que poderia ser mais claro do que a ideia de que a lei terminou na cruz? 3. A lei dita aqui não é simplesmente o Decálogo, mas toda a lei de Moisés. Nenhuma pessoa sincera negará isto. Todos os comentaristas e estudiosos admitem que a prova é abundante. Assim: “A lei e os profetas” era uma frase habitual designando todo o Antigo Testamento” *Comentário de Whedon* (metodista) sobre Mat. 5:17. “Pela lei ou os profetas são designados os escritos do Antigo Testamento, incluindo os cinco livros de Moisés chamados de ‘a lei’, e os escritos dos profetas ou o resto do velho Testamento.” *Notas sobre Mateus 5:17*, por George W. Clarke. “Como em qualquer outro lugar, aqui, a palavra NOMOS (lei) refere-se a toda a lei, e não apenas ao Decálogo.” *Comentário de Lange sobre Mateus 5:17*. “Por TON NOMON (a lei) deve ser entendido, em certo sentido, a lei de Moisés.” *Notas de Bloomfield sobre Mateus 5:17*. “A lei e os profetas sumariamente denotam toda a revelação do Antigo Testamento.” *Comentário de Meyer sobre Mateus 5:17*. “A Lei e os Profetas, em geral, significam o Antigo Testamento.” *Comentário Bíblico*. Dr. Albert Barnes diz o seguinte sobre este texto: “A lei, os cinco livros de Moisés, chamados de ‘a lei’, e os profetas - os livros que os profetas escreveram. Estas duas divisões aqui parecem significar o Antigo Testamento.” Assim dizem, todos os comentaristas.

As escrituras judaicas eram divididas no “Livro da Lei”, que incluía os cinco livros de Moisés, e o “livro dos profetas”, que incluía os livros escritos pelos profetas, como também os livros históricos, etc. Às vezes, uma terceira divisão foi reconhecida, a saber: os Salmos, ou livros poéticos. Tenho diante de mim, a Bíblia dos judeus que se divide dessa forma. Porções do Livro da Lei e também dos profetas eram lidas nas sinagogas, todos os sábados. Esta divisão do Antigo Testamento é muitas vezes referida no Novo Testamento. Paulo diz: “Todas as coisas que estão escritas no Livro da Lei.” Gal. 3:10. Mais uma vez: “Está escrito no livro dos profetas.” Atos 7:42. Mais uma vez: “Depois da leitura da lei e os profetas.” Atos 13:15. Assim, “a lei e os profetas” se tornou um termo comum para todo o Antigo Testamento. A lei era os cinco livros de Moisés. Leia alguns textos: “Esta é a lei e os profetas.” Mat. 7:12. “Toda a lei e os profetas profetizaram até João”, Mat. 11:13. Aqui a lei não pode significar apenas o Decálogo, pois a lei profetizou. “Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.” Mat. 22:40. “A lei e os profetas duraram até João.” “Eles têm Moisés e os profetas.” “Se não ouvem a Moisés e aos profetas.” Lucas 16:16, 29, 31. Aqui, a lei e os profetas são o mesmo que Moisés e os profetas. “Aquele de quem Moisés é a lei e os profetas, fez escrever.” João 1:45. “Começando por Moisés e todos os profetas”, “que foi escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos, a respeito de mim.” Lucas 24:27, 44. “Todas as coisas escritas na lei e nos profetas.” Atos 25:14. “O que os profetas e Moisés disseram.” Atos 26:22. Paulo pregou “pela lei de Moisés e pelos profetas.” Atos 28:23. “Tendo o testemunho da lei e dos profetas.” Rom. 3:21. Veja o quão comum essa frase era, então, para todo o Antigo Testamento. Por isso Jesus disse: “Eu não vim destruir a lei ou os profetas.” Mat. 8:17. À luz dos fatos acima, qualquer um pode ver que Jesus, ali, queria dizer todo o Antigo Testamento, o mesmo que é visto em todos os outros textos.

Em prova disso, observe que ele menciona várias partes da lei - assassinato, altar, dons, adultério, blasfêmia, olho por olho, divórcio, amor aos inimigos, etc., vers. 21-43. Está tudo isso no Decálogo? Não, mas no Livro da Lei!

É um absurdo dizer que ele quis dizer apenas o Decálogo e os profetas! Isto deixaria de fora os livros de Moisés, inteiramente. Assim, então, a lei, ali, é toda a lei de Moisés. Agora, se cada jota e til dessa lei são obrigatórios até o fim do mundo, então temos toda a lei judaica para guardar, e não só o sábado. Isso mostra a falácia da posição dos adventistas do sétimo dia. A simples verdade é que Cristo cumpriu a lei e ela chegou ao fim, depois de cumprir a sua finalidade.

*** Mat. 19:16-22. Os mandamentos devem ser observados. O rapaz pergunta o que fazer para ter a vida eterna. Jesus disse: “Guarda os mandamentos.” Quando perguntado “quais?”, ele diz: “Não matarás, não cometerás adultério, nem roubarás, nem levantarás falso testemunho; honrará pai e mãe e amarás o seu próximo como a ti mesmo.” Aqui, Jesus ensina que devemos guardar os mandamentos para ter vida. Ele então cita cinco dos dez, mostrando a qual lei ele se referia. O sábado é uma parte daquela lei, portanto, devemos guardá-la.**

RESPOSTA: 1. É notório que Jesus omite o sábado, não só aqui, mas em todas as outras ocasiões como esta. **2.** Claro que ninguém poderia ganhar a vida eterna e quebrar os mandamentos que Jesus mencionou. **3.** E é evidente que ele não mencionou todos os mandamentos que devem ser guardados. **4.** Se eles dizem que ao citar uma parte do Decálogo, ele, assim, aprova o todo como sendo obrigatório, então temos que responder, citando uma parte da lei de Moisés, que ele ali conecta a todo o resto da lei, como sendo vinculativos a nós também. O comando para amar o próximo não está no decálogo, mas no “livro da lei”. Então, em Marcos 10:19, ele cita “não defraudar”, de Lev. 19:13, a lei de Moisés. É, então, toda a lei levítica obrigatória a nós, porque Jesus citou uma parte dela? Não! Então, isso quer dizer que a totalidade da lei não é obrigatória a nós, somente porque Jesus cita uma parte dela a um jovem ainda sob essa lei. Ninguém aceita engolir um boi inteiro, só porque somos informados de que um pedaço de sua carne é bom.

Devemos lembrar que neste momento, tanto Jesus como o jovem, ainda estavam sob a lei. Jesus, muitas vezes adaptou suas instruções para o tempo e as circunstâncias. Para o leproso purificado, Jesus disse: “Vai-te, mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés ordenou.” Mat. 8:4. Vamos, então, aplicar isso para os cristãos agora, e concluir que eles devem oferecer ofertas de acordo com a lei de Moisés? Claro que não! Pois, ele estava ainda sob a lei; e nós, não estamos agora. Novamente Cristo disse: “Os escribas e os fariseus sentam-se na cadeira de Moisés. Portanto, tudo o que eles ordenarem, observem e o façam.” Mat. 23:2, 3.

Aqui eles foram instruídos a observar cada item da lei mosaica, assim como os fariseus ensinavam. Por que os adventistas não citam este texto para provar que devemos guardar o sábado, pois certamente o sábado está incluído ali? Isso mostra que as instruções de Cristo, sobre a guarda da lei judaica, eram para aqueles que ainda estavam sob a lei, e não para os tempos vindouros. É notório o fato de que Jesus não tenha afirmado, diretamente, que qualquer uma das leis antigas seria abolida, nem mesmo os sacrifícios, o serviço do tempo, circuncisão, etc. Ainda não era a hora; as pessoas ainda não estavam preparadas para isso.

Portanto, este jovem fariseu veio como alguém, que só olhava para a lei e para os seus próprios atos de justiça. “Que bem farei para que eu possa ter a vida eterna?” Jesus respondeu-lhe de acordo com a sua pergunta e segundo o seu dever, por força da lei, aquela lei pela qual ele buscava a salvação. “Tu sabes os mandamentos”, faça isto, pois a lei disse: “O homem que as pratica deve viver por elas.” Gal. 3:12. É evidente que Jesus fez isso, para tirar a vaidade dele e mostrar-lhe a sua necessidade de algo melhor. Ele foi bem sucedido, pois o jovem retirou-se triste e humilhado.

Veja o capítulo 14 para as respostas aos seguintes textos:

***Mat. 24:20. O sábado no ano 70 dC.**

***Mat. 28:1. “O sábado” ainda observado depois da cruz.**

***Marcos 2:27. O sábado para o homem.**

***Lucas 23:5-6. As mulheres guardaram o sábado.**

***Atos 13:14; 18: 4, etc. Paulo guardou o sábado.**

*** Rom. 3:31. A lei estabelecida. “Anulamos, pois, a lei pela fé? Deus me livre, nós estabelecemos a lei.” A lei é os Dez Mandamentos. Ela não foi abolida, mas estabelecida. Esta é uma afirmação positiva de que a lei ainda é obrigatória sob o evangelho. O sábado é uma parte da lei, e, portanto, deve ser observado.**

RESPOSTA: 1. Alguns textos isolados não podem ser interpretados causando conflito com o teor geral e com muitas declarações claras do Novo Testamento, que dizem que nós não estamos sob a lei, mas que ela cessou na cruz. **2.** Não há nada no texto ou contexto que diz ou sugere que é do Decálogo que Paulo fala. **3.** Paulo argumenta, por esses três capítulos, que ninguém jamais guardou a lei, nem os gentios, nem os judeus. Assim, ele argumenta que ninguém pode ser justificado pela “lei das obras”, mas todos podem ser justificados “pela lei da fé.” Capítulo 3:27. Então ele “conclui que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei.” Verso 28. Em seguida, ele prevê que alguns dirão que ele está sendo um antinomiano, isto é, deixando de lado toda a lei. Verso 31. Isto ele nega. Não é porque a lei judaica tenha sido revogada, que toda a lei foi abolida. Então ele diz: “Anulamos, pois, lei pela fé? De modo nenhum, mas estabelecemos a lei.” *Diaglott*. Esta é uma tradução literal do grego e traduz a ideia corretamente. Paulo não diz “a” lei, mas simplesmente LEI em geral. O artigo definido “a” não é usado antes da palavra “lei” no original. Assim, neste verso, entendemos que Paulo fala da lei em geral, e não da “lei” do Sinai. Aqui estão outras traduções confiáveis do texto, dando a mesma ideia. “Nós, então, anulamos lei, através de fé? Isto está longe de ser verdade, sim, estabelecemos lei.” Tradução da *Americana Bíblia União*. “Nós, então, inutilizamos lei através de fé? De modo nenhum, mas estabelecemos lei!” Campbell, Macknight e Dodridge. “Nós, então, fazemos lei ser de nenhum efeito por meio de fé? Deus me livre, antes estabelecemos lei.” *Versão Revisada*, leitura marginal. A leitura marginal nesta versão, onde ela difere do texto autorizado, teve o apoio de dois terços dos grandes tradutores presentes na última leitura. (Veja o seu prefácio.) Isto, então, está bem apoiado.

Assim, este texto não fala do Decálogo, nem mesmo da lei mosaica, mas da lei em geral. Paulo afirma que a fé em Cristo não anula o uso de lei. Isto é exatamente o que eu acredito. A grande lei moral de Deus permanece inalterada através de todas as eras, enquanto que as expressões peculiares da lei adaptadas às circunstâncias locais, como foi a lei judaica, podem ser alteradas.

Se eles insistirem que esta lei deve ser a lei que foi dada aos judeus, então nós respondemos: A lei, então, seria toda a lei mosaica, não o Decálogo somente. Dr. Adam Clarke dá uma resposta suficiente para os adventistas: “Por lei, aqui, podemos entender o todo da lei mosaica em seus ritos e cerimônias, dos quais Jesus Cristo era o objetivo e o fim. Tudo o que a lei tinha em relação a ele, e a doutrina da fé em Jesus Cristo que a religião cristã proclamou, estabeleceu as reivindicações e demandas dessa lei, mostrando que tudo foi realizado na paixão e morte de Cristo.” *Sobre Rom. 3:31*. Então, este texto em nada favorece a ideia adventista, embora seja sua principal esperança.

***Rom. 6:14, 15. “Não sob a lei.”**

Várias vezes, Paulo diz claramente que os cristãos “não estão sob a lei”. Ver Rom. 6:14 e 15; Gal. 3:23-25; 4:21; 5:18. Parece que se isso já é suficiente para mostrar que os cristãos não são regidos por essa lei, pois com certeza, se não estamos sob uma lei, não há nenhuma obrigação em obedecê-la. Vivendo em Michigan, eu estou sob a lei daquele estado; mas eu não estou sob a lei da Inglaterra, portanto, ela não tem o que exigir de mim. Então, se nós não estamos debaixo da lei, ela não tem o que exigir de nós. Em oposição ao sentido literal do termo, os adventistas do sétimo dia dizem que isso significa que, nós não estamos sob a maldição ou condenação da lei. Mas Paulo não diz que não estamos sob a maldição da lei; mas que nós não estamos sob a lei. Cada texto, onde ocorre o termo, mostra o que ele quer dizer: sob a autoridade da lei.

Este assunto é tão claro que os próprios adventistas do sétimo dia estão divididos a respeito dele. Eles escrevem uns contra os outros. O pastor Waggoner lidera os que defendem uma opinião e o pastor Butler,

outra. Cito Butler contra Waggoner em “*A Lei em Gálatas*,” páginas 51, 52. “Mas pensa-se que neste verso (Gal. 3:23), a expressão “sob a lei” deve referir-se ao pecador debaixo da condenação da lei moral. Argumentos longos foram feitos em apoio a isto, mas nós não vemos evidência que comprove essa posição.” Então, ele afirma à outra parte, que “sob a lei”, às vezes, significa sob a sua condenação, embora este não é o seu significado primário. Ele teve que dizer isso para salvar a si mesmo em outros textos, mas eu não creio que ele tenha sempre esse significado. Ele continua: “Nós lemos, em Mateus 8:9, de um homem sujeito à autoridade, e tendo, ele mesmo, soldados sob seu comando, ou seja, a autoridade estava sobre ele, e ele estava em autoridade sobre os soldados, e cada um tinha que obedecer; não que ele estava sob a condenação da autoridade, ou os soldados sob sua condenação... a própria natureza da expressão em si significa isso. ‘Sob a lei’, apenas significa a lei estando acima, ou tendo autoridade sobre as pessoas que estavam sob ela. Este é o principal significado do termo, e, a menos que fortes razões possam ser apresentadas ao contrário, devemos sempre dar à expressão este significado”. *Greenfield* não mostra, em nenhuma instância, que o texto deva ser utilizado no sentido de ser sujeito à condenação da lei: “Nós já não estamos sob um pedagogo (a lei), ou seja, não mais sob a sua autoridade; sua autoridade não é mais sobre nós, porque sua função cessou quando a semente veio.” Assim escreve o pastor Butler, e ele afirma a verdade; mas ele tenta limitar isso a lei cerimonial. Aqui ele falha, pois a referência é “a lei”, não uma parte dela.

Aqui está o que os léxicos dizem da palavra “sob”: “Em relação a algo que governa. Em um estado de sujeição; subjugado.” *Webster*. “Sob” vem da palavra grega “hupo”, que é assim definido: “de sujeição a uma lei. Rom 6:14.” *Greenfield*. “Expressar a sujeição”; ‘Sob a sua influência’; ‘sob a sua orientação’; ‘sujeito a’”. *Liddell e Scott*: “Sujeito a”. *Dicionário de Inglês e Gramática de Groves*. “Sob sujeição a... Rom.14.” *Léxico Gramatical de Bagster*. Todas as autoridades que consultei definem “sob” como: estar sob a autoridade de, sujeito a. Assim, Paulo diz: “Vós não estais debaixo da lei,” Rom. 6:14; Isto é , não estando sob a sua autoridade, não estando sujeito a ela. Isto é bastante claro!

Volvendo-me para os comentaristas, eu li: “Sob a lei, em sujeição a ela.” Clarke, sobre Gal. 4:4. “Sem prejuízo da lei”, “vinculado às suas necessidades.” Barnes, sobre Gal. 4:4. “Não nos termos da lei; Não sob uma dispensação legal” *American Tract Society*, notas sobre Rom. 6:14. “Segundo a lei, sob a dispensação legal.” Scott, sobre Gal. 3: 23-25.

Assim, todos concordam que “sob a lei” significa estar sujeito à sua autoridade. Mas nós não estamos debaixo da lei, não sob a sua autoridade. Leia alguns textos quanto ao seu significado. “Edom se revoltou contra o mando de Judá.” 2 Reis 8:20. “Israel saiu de sob a mão dos sírios”. 2 Reis 13:5. “E agora vós cuidais em sujeitar a vós os filhos de Judá.” 2 Cron. 28:10. Em todos os casos, isso significa estar sob uma autoridade. Mais uma vez: “Um homem sujeito à autoridade, treze soldados às minhas ordens”, Mat. 8:9. “Vós não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” Rom. 6:14. “E para os judeus tornei-me como judeu, para que pudesse ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como sob a lei, para que pudesse ganhar os que estão debaixo da lei”. “Para os que estão sem lei, como sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para que pudesse ganhar os que estão sem lei.” 1 Cor. 9:20-21.

Esta passagem mostra, sem sombra de dúvidas, o que Paulo quer dizer com a expressão “sob a lei”. Os judeus estavam sob a lei. Quando estando com eles, ele fazia como eles faziam para ganhá-los. Ele guardou a lei como eles guardavam. Veja a prova em Atos 16:3, onde ele circuncidou Timóteo, e Atos 21: 20-26, onde ele raspou a cabeça e ofereceu ofertas. Aqueles sem lei eram os gentios, que nunca estiveram sob a lei judaica. Quando estando com eles, viveu como eles viviam, para ganhá-los. Paulo não guardava a lei mosaica, mas ele tinha o cuidado de acrescentar, que ele estava sob a lei de Cristo, ou mais corretamente, “sob a lei de Cristo.” *Versão Revisada*. “Sob a lei de Cristo.” *Diaglott*. “Sob a lei do Messias”. *Siriaco*. “Sob a lei de Cristo.” Clarke. “A lei ordenada por Cristo.” Barnes. Paulo diz que ele estava sob a lei de Cristo. Ele estava dizendo que ele havia sido condenado pela lei de Cristo? Certamente que não! Ele estava sob a sua autoridade.

De novo: “Mas, antes que viesse a fé, estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que havia de se revelar. Assim, a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé, mas depois que veio a fé, já não estamos debaixo do aio.” Gal. 3:23-25.

Quando estavam as pessoas sob a lei? Antes de Cristo vir. Eles estão sob ela agora? Não! Isso mostra o que Paulo quis dizer - uma mudança na dispensação mudou suas relações para com a lei. Antes de Cristo, sob a lei; de Cristo para cá, não mais sob ela.

Antes de Cristo vir, eles estavam sob a lei, que era como um professor que os estava preparando para o grande Mestre. Quando Cristo veio, eles não estavam mais sob aquele professor, a lei. Prosseguindo com o seu argumento, Paulo diz: “Mas quando a plenitude do tempo chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”. Gal.4:4. Isto de novo é decisivo para o significado de “sob a lei”. Cristo nasceu sob a lei, isto é, sujeito à lei como qualquer judeu. Ele cuidadosamente obedeceu à lei até que ela foi abolida na cruz. Ele certamente não nasceu sob a condenação da lei, pois ele era sem pecado. Aos Gálatas que estavam voltando à observância da lei, Paulo diz: “Diga-me, os que quereis estar debaixo da lei, não ouvís vós a lei?” Gal. 4:21. Será que eles desejavam estar sob a maldição da lei? Absurdo! Eles desejavam obedecer à lei, assim como os adventistas fazem agora. Finalmente, Paulo diz a eles: “Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.” Gal. 5:18. Se eles aceitaram a Cristo, eles não tinham mais necessidade da lei antiga. Assim, então, os cristãos não estão sob a autoridade da lei, pois ela foi pregada na cruz. Sobre este ponto, o Dr. Adam Clarke, forçosamente, diz: “Sob a lei: em sujeição a ela, para que nele, todos os seus desígnios possam ser cumpridos, e pela sua morte, o todo possa ser abolido, a lei morrendo, quando o filho de Deus expirou na cruz”. Sobre Gálatas 4:4.

Que “sob a lei” significa sujeitos à autoridade da lei, é claramente comprovado em Rom. 3:19. “Agora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, ela diz aos que estão debaixo da lei.” O judeu prontamente admitia que todos os gentios eram pecadores; mas o ponto era provar que os próprios judeus também eram pecadores. Então, nos versos 10-18 ele faz várias citações da escritura deles, dizendo que, “Não há justo, nem sequer um”, etc. “Agora”, diz Paulo, “não se pode aplicar isto para os gentios, pois isto está em sua própria lei, e nós sabemos que a lei fala para aqueles que estão sujeitos a ela, e não para aqueles que não estão. Então, isso quer dizer que nenhum de vocês, judeus, são justos. Assim, todos os gentios são pecadores, e o texto prova que todos os judeus são pecadores também, portanto, todos são culpados.” Novamente Paulo argumenta que a lei fala apenas “àqueles que estão debaixo da lei.” Mas será que a lei fala apenas para aqueles que são condenados por ela? Isso é falso e absurdo! A cada pessoa em Michigan a lei diz: “Não furtarás”, independentemente de terem roubado ou não. Assim, a lei mosaica foi dirigida a todos os judeus. “Ouve, Israel, ouve os estatutos e os preceitos que eu vos ensino.” Deut. 4: 1. Quem deveria obedecer a essa lei? Todo o Israel, pois ele falou a todos eles. Este fato foi tão evidente que Paulo disse: “Então, nós sabemos que tudo o que a lei diz, ele diz aos que estão debaixo da lei.” O que é, então, que ele quer dizer com a expressão “debaixo da lei”? Ele quer dizer: sob a autoridade da lei, sujeita à lei, e isso é o que ele sempre quer dizer. Mas, Paulo diz, repetidamente, que os cristãos “não estão sob a lei”. E os adventistas imediatamente retrucam: “Então, se não estamos debaixo da lei, podemos pecar à vontade, podemos roubar, mentir, matar, etc.” Eles nunca parecem notar que isto é precisamente o que os judaizantes, os adversários de Paulo, diziam contra a sua doutrina, lá atrás. Ele declara a oposição deles e responde: “Vós não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Pois que? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? Deus me livre!” Rom. 6:14 e 15.

O fato de eles terem feito objeção a Paulo, dizendo que a sua doutrina da lei dava licença para o pecado, mostra que ele tinha anulado a autoridade da lei. Se não, por que essa objeção foi feita a sua doutrina? Os judeus acreditavam no perdão do pecado, tão fortemente como Paulo. Então, se ele simplesmente ensinava que o pecador foi perdoado pela graça, de modo a não estar mais o pecador sob a condenação da lei, os judeus deviam concordar com ele, pois todos eles acreditavam no perdão dos pecados. O fato de que essa objeção foi levantada contra a posição de Paulo sobre a lei, da mesma forma que é levantada contra a nossa posição agora, mostra que temos interpretado Paulo corretamente.

***Rom. 7. A lei é santa. Verso 12. “E assim, a lei é santa e o mandamento santo, justo e bom.” Este é o Decálogo, como mostrado no versículo 7. Paulo disse que o mandamento era santo, justo, bom e espiritual, verso 14, e que tinha prazer nele, versículo 22. Isto, ainda no ano 60 dC. Certamente, então, ele não foi abolido.**

RESPOSTA: Quem tem acesso aos *Comentários do Dr. Clarke* sobre esse capítulo vai encontrar o argumento adventista completa e elegantemente respondido. Mostrarei apenas alguns pontos. Paulo tinha acabado de afirmar que nós não estamos debaixo da lei. Capítulo 6:14. Agora, ele ilustra isso. Uma mulher está ligada ao seu marido enquanto ele vive. Ela está sob sua lei, sua autoridade. Se ele morrer, “ela está livre da lei”. Versículo 3. Esta não é a lei do estado, nem a lei moral, nem a lei de Moisés, mas é

“a lei do seu marido,” Verso 2, como diz Paulo distintamente. Essa lei, sob a qual ela tem vivido, morre com seu marido, e ela está livre da lei, não estando mais obrigada a fazer a vontade dele, mas está livre para entregar-se a outro.

Assim, os judeus haviam estado presos sob a autoridade da lei mosaica. Que ele escreve isso para os crentes judeus em Roma é provado pelo primeiro verso. “Eu falo aos que conhecem a lei.”

Mas, a lei morreu e assim a conexão entre eles foi dissolvida e sua autoridade foi encerrada, esta é a conclusão de Paulo, como ele próprio afirma: “Mas agora estamos livres da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos detidos.”

“Portanto, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que possais casar com outro, com aquele que é ressuscitado dentre os mortos.” Versos 4, 6. Nenhuma afirmação poderia ser mais clara: estamos livres da lei, que está morta. E nós estamos mortos para a lei. Agora podemos nos casar com Cristo. Diz o Dr. Albert Barnes sobre o versículo 4: “A ideia aqui é a seguinte: a morte dissolve uma ligação, pela qual resultou uma obrigação. Este é o único ponto da ilustração. É um erro fazer com que tudo nesta ilustração se ajuste a Igreja Romana. Como todas as parábolas, ela tem apenas um objetivo, que é: mostrar a dissolução de uma conexão antes existente, o fim de uma autoridade, uma vez em vigor. Os crentes judeus estavam uma vez sob a lei mosaica. Essa lei está morta, e eles estão livres de sua autoridade. Agora eles podem aceitar a autoridade de outro, o Senhor Jesus.” Diz o Dr. Clarke: “ENQUANTO ELE VIVIA, ou enquanto ela vivia: A lei não estende a sua influência aos mortos, nem as leis revogadas continuam obrigatórias. É tudo a mesma coisa, se nós entendermos as palavras quando se fala de uma lei revogada, de modo que ela não pode mais comandar, ou, sendo os seus preceitos mortos, nada mais resta nela que seja vinculativo. Em ambos os casos, a lei não tem força.” Certamente, o assunto é suficientemente claro, se quisermos entendê-lo.

Visto à luz dos seus muitos excelentes preceitos, a lei era santa, justa e boa, e até mesmo espiritual; mas, falhando em realizar a salvação do homem, foi substituída por um sistema melhor, que faz o que ela não podia fazer.

***Rom. 14:5. Um dia acima de outro.** Veja o capítulo 14.

***1 Cor. 7:19. Paulo diz que devemos guardar “os mandamentos de Deus”, os Dez Mandamentos.**

RESPOSTA: Veja como eles sempre assumem como certo, aquilo que eles deveriam provar, isto é, que “os mandamentos de Deus” são o Decálogo. Agora, veja Paulo, na mesma carta, a explicar o que ele quer dizer com os mandamentos de Deus. “As coisas que vos escrevo são os mandamentos do Senhor.” 1 Cor. 14:37. Portanto, eles não se referem ao Decálogo.

***2 Cor. 3. O ministério da morte aniquilado.** Veja capítulo 14.

***Gálatas 3:19. A lei adicionada. “A lei foi adicionada por causa da transgressão.” Esta foi a lei cerimonial adicionada à lei moral. Assim, a lei abolida em Gálatas é somente a lei cerimonial.**

RESPOSTA: Isso é o que uma parte dos adventistas diz, enquanto que a outra parte diz que é a lei moral, e que de maneira alguma foi abolida. Então, eles, acaloradamente, contradizem uns aos outros. Mas, **1.** Não há nada que mostre tal distinção entre as leis morais e cerimoniais, em todo o livro. **2.** Nós temos provado que não existe tal distinção, em toda a Bíblia. **3.** Por todo o livro de Gálatas, o que é visto é “a lei”, sem nenhuma insinuação de que havia outra lei, a partir da qual, esta era para ser distinguida. A lei era a lei toda. Mesmo o pastor Butler admite isso: “O termo ‘a lei’ entre os judeus abrangia, geralmente, os cinco livros de Moisés, incluindo, portanto, o sistema inteiro, moral, ritual, típico e civil. Isto, como um sistema, os professores judaizantes desejavam manter.” Mais uma vez: “Há, sem dúvida, várias referências à lei moral na epístola”. *Lei em Gálatas*, páginas 70, 15. Bem, isto liquida o assunto; a Epístola aos Gálatas trata de toda a lei. **4.** Que a lei moral, como eles a chamam, está incluída na “lei” é facilmente comprovado. Gal. 3:10, inclui “todas as coisas que estão escritas no Livro da Lei.” Aquele livro continha os Dez Mandamentos. Butler admite isso. “O Livro da Lei... continha tanto as leis morais e cerimoniais.” *Lei em Gálatas*, página 39. Mais uma vez: “Cristo nos resgatou da maldição da lei.” Gal. 3:13. Esta é a lei moral, pois não havia maldição para a lei cerimonial. Este ponto é difícil para

eles entender. Butler faz esta confissão: “Estamos perfeitamente dispostos a admitir que a maldição, como é lida no texto, da qual Cristo redime o seu povo, inclui principalmente as transgressões da lei moral.” *Lei em Gálatas*, pág. 40. Isto desmonta inteiramente a posição deles. Em Gal. 5:14, Paulo cita o mandamento “Amarás o teu próximo”, da “lei”. Se esta lei não for moral, o que é então? **5.** Agora leia cuidadosamente Gal. 3: 15-19, e veja que a lei foi adicionada à promessa feita a Abraão. “Foi adicionada à promessa.” *Notas de Wesley*. Então, toda aquela conversa deles de que a lei cerimonial foi adicionada à lei moral, é uma falácia. É a lei toda, e tudo terminou em Cristo. Gal. 3:19-24.

***Efésios 2:14, 15. A lei das ordenanças. Isso mostra que somente a lei cerimonial foi abolida.**

RESPOSTA: Como os preceitos cerimoniais da lei eram a maior parte dela, e, por ela ter sido, em grande parte, abolida por causa deles, eles são, naturalmente, citados como sendo a razão pela qual ela foi abolida. Ao dar a causa da morte de um homem, naturalmente, nós mencionamos as partes que foram afetadas pela doença, apesar de sabermos que todo o homem morreu. Dizemos que Brown morreu de doença cardíaca. Então, Smith relata que tudo o que morreu em Brown foi o seu coração. Essa é uma boa ilustração do argumento adventista em vários textos. Os apóstolos dizem que a lei é morta, que ela morreu de tipos, sombras e ordenanças da carne. Então, os adventistas informam que apenas uma parte da lei está morta, apenas as partes mais doentes e estas têm sido amputadas. Os adventistas dizem que não há “ordenanças” nos Dez Mandamentos, portanto, isso não é possível aplicar a eles. Mas isso é um erro. O que é uma ordenança? Webster diz: 1. “Uma ordenação ou o estabelecimento por uma autoridade; nomeação. 2. A regra estabelecida por uma autoridade, por estatuto, lei, decreto.” Isto, é exatamente o que o Decálogo era, uma lei estabelecida por uma autoridade. *A Concordância de Cruden* diz: “Ordenança. 1. Qualquer decreto, estatuto ou lei, feita por governadores civis. 2. As leis, estatutos e mandamentos de Deus”. Então os estatutos, leis e mandamentos de Deus são ordenanças; especialmente isso é verdade em relação ao ter que observar o sábado no sétimo dia. Isto dependia inteiramente e tão somente da designação de Deus; por isso, foi certamente uma ordenança, e assim, ela foi abolida com as outras ordenanças.

***Col. 2:14-16. Pregada na cruz. Veja o capítulo 15 . A Lei no livro de Hebreus. Os adventistas alegam que a lei que está aqui tão distintamente dita ter sido “mudada”, “anulada”, etc., é apenas a lei cerimonial.**

RESPOSTA:1. Nem uma palavra é dita sobre a lei cerimonial ou que de duas leis, uma lei em especial está sendo referida. Ela é simplesmente “a lei” sem qualquer qualificação. Se a doutrina das duas leis era tão clara para os apóstolos e tão importante como elas são para os adventistas, é estranho que eles não tivessem em algum lugar, pelo menos uma vez, falado claramente sobre elas. Mas eles não o fazem. Eles apenas dizem “a lei” e continuam. 2. O Decálogo é claramente referido várias vezes neste livro, como no cap. 8:9, “aliança” (Veja Deut. 4:13.) “As tábuas da aliança”, Cap. 9:4, e a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai. Capítulo 12:18-21. Assim, o livro se refere a toda a lei.

***Tiago 2:8-12. Cada ponto da lei é obrigatório. Tiago cita dois preceitos dos dez e diz que devemos guardar toda a lei, do qual o sábado é uma parte.**

RESPOSTA: 1. Mais uma vez, quero lembrar ao leitor que “a lei” é toda a lei dada aos judeus, da qual o Decálogo é apenas uma parte. Então, se “a lei” é obrigatória agora, então devemos guardar toda ela, sacrifícios, festas, etc. 2. Se todo o Decálogo é obrigatório, porque Tiago cita uma parte dele, então, toda a lei de Moisés é obrigatória também, porque ele também a cita no versículo 8: “Amarás o teu próximo.” Isto é de Lev. 19:18. É, portanto, todo aquele capítulo obrigatório agora? 3. Tiago mencionou, do Decálogo ou de outros livros, o tanto quanto era aplicável ao seu tema, sem assim, os impor a nós. 4. “A lei da liberdade”, verso 12, é a lei do Novo Testamento. Wesley diz: “Lei da Liberdade, o evangelho”. *Notas Sobre o Versículo 12*. Adam Clarke diz: “A lei da liberdade, o evangelho de Jesus Cristo.” Sobre o verso 12. Cada citação neste texto é tirada das palavras de Cristo nos Evangelhos. Veja Mat. 19:18, 19.

***1 João 2:3-6. Estes são os Dez Mandamentos. É assim que os adventistas sempre aplicam este texto, e assim, chamam a todos os que não guardam o sétimo dia de mentirosos.**

RESPOSTA:1. Diz o texto que eles são os Dez Mandamentos? Isto, como sempre, é assumido. 2. O contexto mostra claramente o que são os mandamentos de Cristo. Leia os versículos 1 a 5 e note que é

Cristo quem é referido. Daí “os seus mandamentos” são os mandamentos de Cristo. Não há nenhuma referência ao Decálogo.

***1 João 3:4. O pecado é a transgressão da lei. A partir deste texto, os adventistas do sétimo dia alegam que todos os pecados de todos os tipos são uma violação dos Dez Mandamentos, que é a lei aqui mostrada.**

RESPOSTA: 1. Está o texto dizendo que esta lei é os Dez Mandamentos? Não! Nem qualquer indício de tal coisa! Aqui, como sempre, eles assumem como certo aquilo que deve ser provado. **2.** O Decálogo só foi dado através de Moisés, 2.500 anos após a criação. Ex. 20; Deut. 5:2-6. Mas o pecado existia por todo esse tempo. Os anjos pecaram, 2 Ped. 2:4; Adão pecou, Rom. 5:12; os sodomitas pecaram, Gen. 13:13; “Os gentios, que não têm lei,” Rom. 2:12-14, pecaram; portanto, o pecado é algo mais do que uma violação do Decálogo. A negligência em fazer o bem, é pecado, Tiago 4:17, mas isso não viola o Decálogo. A incredulidade é pecado, Rom. 14:23, mas isso não é transgressão do Decálogo. Assim, muitos estão condenados porque negligenciaram o alimentar os famintos, o dar de beber a quem tem sede, o receber o estrangeiro, o vestir os nus, ou o visitar os doentes, Mat. 25:41-43, nenhum dos quais são mencionados no Decálogo. João diz: “Toda injustiça (erro) é pecado.” 1 João 5:17. Há dezenas de erros que o Decálogo não menciona. **3.** O Decálogo terminou na cruz, 2 Cor. 3:7; Rom.10:4, por isso, ele não pode condenar o pecado agora. **4.** No original de 1 João 3:4, a palavra lei nem aparece. Assim: “O pecado é ilegalidade,” *Versão Revisada*. “O pecado é iniquidade”, *Diaglott*. “Todo pecado é iniquidade”. *Síriaco*. “O pecado é maldade,” *Tradução de Sawyer*. “O pecado é ilegalidade.” Original grego. Esta é a ideia correta. Assim, uma tradução correta estraga inteiramente este texto para os adventistas. Ele simplesmente afirma que todo pecado é iniquidade, maldade ou ilegalidade, um desrespeito da lei, sem qualquer necessidade de referir-se ao Decálogo.

***1 João 3:22. Os Dez Mandamentos novamente.**

A mesma velha pressuposição novamente: que “os mandamentos” são sempre os Dez Mandamentos. Mas o versículo seguinte acaba com essa brincadeira, mostrando o que realmente é. “E seu mandamento é este, que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, como ele nos ordenou.” Isto não é o Decálogo, mesmo!

***Apo. 12:17. O remanescente guarda os mandamentos. Este texto mostra que o remanescente, o último estado da igreja, iria guardar os Dez Mandamentos, portanto, iria guardar o sábado.**

RESPOSTA: 1. Isso ocorre sob o dragão, que os adventistas do sétimo dia dizem ser a Roma pagã. Mas Roma pagã se acabou há mais de 1.300 anos, como eles admitem. Portanto, isto se aplica a um tempo passado, e não ao presente. **2.** Diz o texto que “os mandamentos” são os Dez Mandamentos? Não! Nem há nada insinuando isso. Eles apenas assumem isso, como de costume. **3.** Vez após vez, por todo o Novo Testamento, outras coisas são chamadas de “os mandamentos”. Assim, os “dois grandes mandamentos”, Mateus 22:36-40, os preceitos de Cristo: João 14:15, 21; 15:10; 13:34; Atos 11:2; os ensinamentos dos apóstolos: 1 Cor 14:37; 1 Tes. 4:2; 2 Pedro 3:2, etc. É muito mais provável que a referência é feita a estes, ao invés da lei antiga, que foi abolida.

***Apo. 14:12.** Veja as notas sobre o Cap. 12:17, acima.

***Apo. 22:14. Guardam os seus mandamentos.**

1. Se a versão comum estiver correta, as observações sobre Apo. 12:17, podem ser aplicadas aqui também. 2. Mas na leitura correta, nada é dito sobre os mandamentos. A *Versão Revisada* o traduz assim: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras.” Assim traduz também *A Bíblia União Americana*, o *Diaglott*, etc. Assim, este texto, na realidade, não dá referência ao assunto dos mandamentos.

Assim, nós examinamos cada texto, de Gênesis a Apocalipse, dos quais os sabatistas dependem para a perpetuidade da lei e do sábado. **1.** Todos esses textos são capazes de receber uma interpretação diferente daquelas que os sabatistas dão a eles; estas passagens não tem o significado que os adventistas atribuem a

elas. **2.** Sinto-me confiante de que temos, de forma justa e conclusiva, provado que esses textos acima não ensinam o que os adventistas reivindicam.

Quanto a mim, sinto-me profundamente impressionado de que a teoria sabatista tem sido toda construída em cima de uma interpretação restritiva, forçada, e não natural da Bíblia, e que não pode resistir ao teste de uma crítica honesta. Quanto mais eu estudo, mais claros estes fatos tornam-se para mim. Eu sou profundamente grato a Deus por ele ter me tirado desse erro!

CAPÍTULO XXII

A NATUREZA DO HOMEM

Sobre este assunto eu farei apenas uma breve discussão, simplesmente chamando a atenção para alguns dos principais pontos.

A crença de que o espírito do homem sobrevive à morte do seu corpo, e vive em um estado consciente, tem geralmente sido aceita por todos os povos em todas as épocas, em um âmbito quase universal. Tanto as nações mais bárbaras, quanto as mais iluminadas, têm concordado com este ponto. O aumento da inteligência nas gerações mais avançadas, não tem diminuído essa crença, mas sim a tem confirmado. Os melhores pensadores da raça humana têm defendido esta fé. Embora este fato não seja decisivo, ele tem muito peso.

Assim, esta doutrina tem sido a fé universal da igreja cristã em todas as épocas. As exceções a ela têm sido poucas e sempre consideradas heréticas. Este fato tem grande peso. Não deve ser ele considerado levianamente.

Os judeus que tinham por tantos séculos se beneficiados das revelações de Deus, também acreditavam que o espírito sobrevivia depois da morte do corpo.

Os livros apócrifos dão o ponto de vista dos judeus, pouco antes da época de Cristo. Aqui estão alguns versos: Os ímpios “suportarão a tortura eterna pelo fogo.” 4 Macab. 9:9. “A vingança divina está reservando-lhe fogo e tormentos eternos, que se apegarão a ti para sempre.” Capítulo 12:12. “Não vamos temer aquele que pensou que matou; porque grande é o julgamento da alma e do perigo de tormento eterno reservados para aqueles que transgridem.” Cap. 13:14. Dos mártires é dito: “Através do qual também eles estão agora ao lado do trono divino, e vivem uma vida abençoada.” Cap. 17:18. “Os filhos de Abraão, com sua mãe vitoriosa, estão reunidos ao coro de seus pais, tendo recebido almas puras e imortais de Deus.” Cap. 18:23. “O tirano Antíoco foi tanto punido na terra quanto é punido agora que ele está morto.” Verso 5.

Estes textos mostram claramente que os judeus acreditavam na imortalidade da alma, o estado consciente dos mortos, e castigo eterno.

Assim, o historiador judeu, Josefo, que viveu na mesma época de Paulo, afirma claramente que o grupo dos judeus acreditava na imortalidade da alma. Dos fariseus, ele diz: “Eles também acreditam que as almas têm vigor imortal nelas.” *Antiquidades*, Livro 18, Capítulo 1. Mais uma vez: “Eles dizem que as almas são incorruptíveis, mas que as almas dos homens bons só são removidas para outros corpos, mas que as almas dos homens maus estão sujeitas a punição eterna.” *Guerras*, Livro 2, Capítulo 8. De outra seita judaica, os essênios, ele diz: “Eles ensinam a imortalidade da alma.” *Antiquidades*, Livro 18, cap. 1. Mais além, ele diz: “Sua crença é que os corpos são corruptíveis e que a matéria de que são feitos não é permanente, mas que as almas são imortais e continuam para sempre...Mas, quando elas estão livres dos laços da carne, elas então, como liberadas de um longo cativeiro, alegram-se grandemente.” *Guerras*, Livro 2, cap. 8. Dos saduceus, ele diz: “Mas a doutrina dos saduceus é que as almas morrem com os corpos.” *Antiquidades*, Livro 18, cap. 1. Mais uma vez: “Eles também não acreditam na duração imortal da alma e nas punições e recompensas no inferno.” *Guerras*, Livro 2, cap. 8.

Josefo diz muito mais sobre esse assunto, de modo que não pode haver dúvidas, quanto à crença dos judeus naquela época, pois ele era um deles, e conhecia bem as suas doutrinas. Ele diz que eles acreditavam na imortalidade da alma, o estado consciente dos mortos, e castigo eterno. Os esforços dos aniquilacionistas para negar isso são fúteis e não sinceros.

A FÉ DA IGREJA PRIMITIVA

A igreja cristã primitiva mantinha a mesma doutrina. Os mártires são representados na morte como indo imediatamente para o céu. “Eles apressaram-se a ir para Cristo”, diz Eusébio em *História Eclesiástica*, Livro 5, cap. 1. Ele diz que eles, na morte, “receberam a coroa da imortalidade.” Mesmo capítulo. Mais

uma vez: “Em paz, partiram para Deus.” Livro 5, cap. 2. De alguém que havia morrido na mesma época que outro, ele diz, que era “para ligar-se ao primeiro como seu companheiro, no caminho para o céu.” *Livro dos Mártires*, cap. 11. Dos mártires que haviam morrido, ele diz: “Sendo transferidos para o céu e para o paraíso dos prazeres celestiais.” *Livro 10*, cap. 1.

Escrevendo na última parte do segundo século, Eusébio diz: “Mas sobre esse tempo, também, outros homens surgiram na Arábia como propagadores de falsas opiniões. Eles afirmavam que a alma humana, desde quando o estado atual do mundo existiu, perecia no momento da morte e morria com o corpo, mas que seria levantada novamente com o corpo no momento da ressurreição”. *Livro 6*, Cap. 37. Eu mostrarei que estes hereges defendiam a mesma doutrina que os adventistas defendem hoje. Se eles vivessem nos primeiros anos da igreja cristã, eles seriam conhecidos como “os propagadores de falsas opiniões”, da mesma forma como acontece hoje.

SOMENTE UMA PLANTA ENFERMA

Ocasionalmente, aqui e ali, ao longo da história da igreja, os homens surgiram defendendo o sono da alma e a aniquilação dos ímpios. Mas a doutrina não foi recebida com aprovação; tendo sido recebida apenas por poucos, teve uma existência doentia, e logo desapareceu.

Minha longa convivência com essa doutrina me convenceu, de que ela não dá os frutos que os adventistas reivindicam a ela. Eles dizem que a crença nesta doutrina irá salvar os homens da infidelidade, o espiritismo, universalismo, etc.. Eu penso diferente. Uma proporção maior de adventistas do sétimo dia tem ido para a infidelidade, o espiritismo, e universalismo do que de qualquer outra igreja com a qual estou familiarizado. O número tem sido muito grande e está aumentando. Ao mesmo tempo em que eles convertem um infiel, eles produzem muitos outros. Muitas vezes, eu observei, que infiéis e opositores da igreja cristã, ficavam muito satisfeitos com o nosso ataque à fé ortodoxa, e eles iam embora fortalecidos em sua incredulidade e ódio pela igreja. Isto criou dúvidas em minha mente quanto à utilidade de ensinar aquela doutrina. Notei também que homens como: Wesley, Whitefield, Edwards, Spurgeon, Moody e outros que intransigentemente pregaram punição eterna, têm sido mais bem sucedidos em ganhar almas e converter os cétricos a Deus.

Eu vi também que esta doutrina, nas mãos dos adventistas, levava a discussão, contenda, discussão e argumentação, e a perda de piedade e devoção. Este tipo de evangelismo, naturalmente, pega homens desse mesmo estado de espírito, em vez do humilde e devoto. Assim, no seu conjunto, não vi nenhum bem nessa doutrina.

Os adventistas afirmam que a doutrina do estado consciente dos mortos leva ao espiritismo. Mas, como dito acima, fatos refutam isso. Mais pessoas do adventismo vão para o espiritismo, do que das igrejas evangélicas. Essas igrejas mantêm tão fortemente outras doutrinas, que, absolutamente, eles são proibidos de abraçar o espiritismo. Além disso, a Bíblia proíbe buscar os mortos e afirma, claramente, que eles não sabem nada das coisas na terra. Veja Deut. 18:9-12; Jó 14:21; Ecl. 9:5, 6; Lucas 16:19-31. Assim, após o esforço de quarenta anos, o espiritismo não tem conseguido causar muito mais impressão sobre a igreja do que tiveram outros erros, e nem há qualquer perspectiva de que o terá no futuro.

A PRINCIPAL FORÇA DA DOCTRINA

O que mais pesa para aqueles que crêem no sono dos mortos e a aniquilação é o argumento racional. Muitos textos das Escrituras são definitivamente contra eles, e eles sentem isso; mas, para eles, estes textos devem ser explicados, porque a doutrina ortodoxa não é razoável. Até onde podemos ver, nada permanece vivo no homem que morre. Assim, os adventistas afirmam que com a morte, tudo se acaba. Mas isso não significa necessariamente, que é isso o que realmente acontece. As agências mais poderosas do universo são invisíveis. O próprio Deus é “invisível”. 1 Tim. 1:17. Os adventistas crêem que os anjos e os demônios estão constantemente em torno de nós; mas nunca os vemos. O ar nos envolve por todos os lados; mas não podemos vê-lo. Mesmo a água convertida em vapor torna-se invisível. Tome o calor, a eletricidade e a gravidade, os agentes mais poderosos com os quais estamos familiarizados; eles são invisíveis. Quem já viu a gravidade? Nós a vemos puxar a maçã da árvore, e o carvalho gigante que com um estrondo vai ao chão, vemo-la mantendo a vasta Terra em seu lugar ao redor do Sol; mas a coisa em si, nós nunca vemos. O que é a luz? Ninguém pode dizer.

Após eras de estudo, os mais capazes dos cientistas não conseguem dizer o que é vida, mesmo em sua forma mais básica ou na mais simples das plantas. Sabemos que ela existe, pois vemos os seus efeitos; e vemos quando ela se vai; mas, o que ela é, de onde veio e para onde ela vai, ninguém pode dizer. Diante desses problemas não resolvidos, as maiores mentes ficam mudas, e, reverentemente, reconhecem a sabedoria insondável de Deus.

Mas de todos os mistérios mais profundos da criação, o maior é o da alma humana, a parte pensante do homem. O que é pensamento? Ele não pode ser visto, nem ouvido, nem pesado, nem medido. Não podemos dizer que ele é alto, ou grande, ou longo, ou redondo, ou quadrado. Como, então, podemos afirmar que a mente (ou o espírito) não pode existir separada da carne e dos ossos, simplesmente porque não podemos vê-la partir? Tal raciocínio é apenas uma dedução superficial. Como nós vimos, isso seria negar a existência de Deus, dos anjos, demônios e as maiores forças da natureza, como o calor, a eletricidade, a gravidade, o princípio da vida, etc. Só Deus pode nos dizer o que é a alma e sua natureza. Por isso esta é uma questão, que só pode ser resolvida pela Bíblia. Assim, o grande argumento para a aniquilação é que não é razoável que Deus permita que o pecado e os pecadores continuem a existir, como uma mancha na sua criação. Mas o mesmo argumento provaria que um Deus Todo-Poderoso, de pureza e amor, nunca teria permitido que o pecado entrasse em sua perfeita criação; ou se tivesse entrado, ele o teria destruído imediatamente. Mas, fatos refutam esse raciocínio. Pecado e pecadores estão aqui. Eles estiveram aqui desde que o mundo começou, era após era. Deus não apagou o pecado nem os pecadores logo que eles apareceram, nem tem manifestado pressa em trazê-los a um fim. Ele permite que milhões de pecadores vivam, não só para nenhum propósito, pelo menos naquilo em que sua própria salvação está em jogo, nem como um aviso para os outros; mas, tanto quanto podemos ver, o exemplo deles fortalece outros no pecado e introduz milhões a um mundo tão vil como eles mesmos. Até mesmo os anjos caídos, que não estão sob o tempo da graça, cujas vidas não podem trazer nada de bom para si mesmos, mas que só vivem para levar outros para longe de Deus, ele tem dado permissão para viver por milhares de anos.

Quem pode afirmar que o que Deus tem assim permitido por milhares de anos, desde que começou a criação, tanto quanto sabemos, ele não poderia continuar permitindo por séculos vindouros, ou para sempre? Podemos dizer que isso não seria de acordo com as nossas ideias de sabedoria e bom senso. Tem sido o passado de acordo com as nossas ideias? É o presente como nós gostaríamos que fosse? Não! Então, isto destrói o argumento. Até que nós tenhamos sabedoria infinita, é melhor termos cuidado em como nós julgamos os caminhos de Deus. Se nós pudéssemos ver, reunidos em um só lugar, todo o pecado, toda a dor, sofrimento, aflição e angústia, lágrimas e miséria em nossa terra, no seu dia a dia, seria tão horrível quanto o próprio inferno. No entanto, Deus vê tudo isso e permite que tudo vá em frente. Se nós já não soubéssemos que isso é um fato, nós consideraríamos tudo isso, como sendo incompatível com os atributos de Deus. Nós simplesmente, pela fé, aceitamos o que não podemos explicar. A punição eterna apresenta um problema que não é mais duro de aceitar do que isso, portanto, pode ser verdade, mesmo sendo contrário ao nosso raciocínio finito.

Os adventistas se deleitam em representar o inferno com todos os horrores de um fogo literal, corpos sendo torrados, torturados, etc., e depois declaram que isto é o que as igrejas ortodoxas acreditam. Mas ninguém acredita ou ensina essas coisas. Coisas materiais da terra são usadas para representar as coisas espirituais do outro mundo. Assim, é fogo aqui, trevas exteriores ali, vermes acolá, o banimento aqui, ser cortado em dois ou em pedaços ali, etc. Nós não temos a pretensão de saber exatamente o que vai ser, somente que será um temível estado de castigo eterno.

DECLARAÇÕES DAS ESCRITURAS

A Bíblia ensina que há um espírito inteligente no homem, que permanece em um estado consciente após a morte do corpo. O que é um espírito? Jesus disse: “Deus é um espírito.” João 4:24; e, “um espírito não tem carne nem ossos.” Lucas 24:39. Assim, então, é um espírito inteligente, consciente e imortal, que não tem nem carne nem ossos. Paulo diz que Deus é “o Pai dos espíritos”, Heb. 12:9, em contraste com os “pais de nossa carne”. Se ele é o Pai dos espíritos, então, necessariamente, estes devem participar de sua natureza. Por isso Jesus diz: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.” João 3:6. Note o contraste marcante entre a carne e o espírito. Eles são de diferentes naturezas. Isaías diz: “Os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos carne, e não espírito”. Como Deus é superior ao homem, o espírito é superior à carne. Deus é o Pai de nossos espíritos, mas certamente, não das nossas carnes. Por isso Paulo diz: “Nós somos os filhos de Deus.” Atos 17:29. Nossos espíritos,

então, são de uma fonte diferente, e de uma natureza mais elevada do que os nossos corpos. Assim, o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, é um espírito inteligente, imortal, sem carne ou ossos. Ele apareceu no batismo de Jesus, Mat. 3:16, e no dia de Pentecostes, Atos 2:2-4; ele ensina e nos guia, João 14:26; 16:10. Aqui está, então, outro espírito imortal.

Os anjos são conscientes, seres inteligentes, mas eles são espíritos. “Quem fez seus anjos espíritos.” Heb. 1:7. Assim, os demônios são espíritos; e também seres inteligentes, e não morrem. Veja Marcos 5:1-13. Aqui, um homem com um espírito imundo encontrou Jesus, e o conhecia. Ele falou com Jesus e disse que havia muitos deles no homem. Jesus transferiu-os do homem para os porcos. Isto mostra que eles podem existir em um corpo, ou fora de um corpo vivo, e ainda serem inteligentes em ambos os casos. Isso mostra que os espíritos são seres inteligentes, não simplesmente o ar, ou fôlego, ou uma influência, como os adventistas tentam provar. Assim, em 1 Reis 22:21, 22 diz: “Ali, veio um espírito e se apresentou diante do Senhor e disse, ‘vou persuadi-lo’ (Acabe).” O Senhor mandou-o ir.

Temos visto através de Josefo, que os fariseus acreditavam na imortalidade da alma; e que o espírito vivia depois da morte do corpo. Sobre esta questão, Paulo declarou que ele era um fariseu. “E Paulo, sabendo que uma parte era de saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: ‘Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado. E, havendo dito isto, houve dissensão entre os fariseus e saduceus; e a multidão se dividiu. Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem estas coisas”. Atos 23:6-8. Os fariseus acreditavam na ressurreição, nos anjos e nos espíritos, e assim também Paulo. Os adventistas crêem nos dois primeiros e negam o terceiro. Paulo enumera várias coisas no céu, como: “Monte Sião”, “Jerusalém celeste”, os “anjos”, “Deus o juiz”, “Jesus”, e, finalmente, “os espíritos dos justos”. Heb. 12:22-24. Todos estes textos e muitos outros provam que um espírito é um ser inteligente, sem carne ou ossos, vivendo e agindo da mesma forma que os homens no corpo.

É fácil mostrar que o homem tem um espírito. Vejamos: “Há um espírito no homem”. “O espírito dentro de mim constringe-me.” Jó 32:8, 18. “O Senhor formou o espírito do homem dentro dele.” Zac. 12: 1. É dito a respeito do espírito como sendo uma entidade distinta, que se distingue do corpo. Este espírito não é dependente do corpo para a vida, mas sim o corpo é dependente dele. “O corpo sem o espírito está morto.” Tiago 2:26. Em todos os lugares, o espírito é reconhecido como superior ao corpo. Este espírito no homem sabe e pensa. “Qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está?” 1 Cor. 2:11. Então o espírito pensa, raciocina, sabe. Mais uma vez: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca.” Mat. 26:41. Por isso, é o espírito que deseja, quer. “Meu espírito esquadrinhou.” Salmo 77:6. Então, ele é a parte pensante do homem. O espírito não morre com o corpo. Nem uma única vez em toda a Bíblia é dito ou insinuado, que o espírito morre, enquanto que é claramente afirmado que ele não desce ao pó com o corpo. “Então, o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.” Ecl. 12:7. Isso é muito claro! Mais uma vez: “Quem conhece o espírito dos homens que sobe, e o espírito dos brutos que desce para a terra?” Ecl. 3:21. O espírito do homem, então, vai para Deus. O corpo pode ser destruído, sem destruir o espírito. “Para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo.” 1 Cor. 5: 5. Davi diz: “pois (a nossa vida) passa rapidamente e nós voamos.” Salmo 90:10. Sim, nós voamos!

O caso do ladrão na cruz nunca poderá ser razoavelmente harmonizado, com o sono da alma no momento da morte. “E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E Jesus disse-lhe: ‘Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso.’” Lucas 23:42, 43 . São feitos todos os esforços possíveis para contornar o claro significado deste texto; mas, em vão. Jesus claramente disse: “Hoje estarás comigo no paraíso.” Se ele foi para o paraíso naquele dia, então todos os cristãos vão para lá no momento da morte. Seu corpo não foi para o paraíso, pois foi enterrado. Assim, o seu espírito viveu e foi para lá. Imediatamente, após falar ao ladrão, Jesus disse: “Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito”, versículo 46. O seu espírito foi com o ladrão ao paraíso naquele dia. Assim, Estevão ao morrer, disse: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito.” Atos 7:59. Esta doutrina da sobrevivência do espírito está em toda a Bíblia.

A Bíblia representa o corpo como o tabernáculo ou templo no qual o homem vive. Jesus disse: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”. “Ele falava do templo do seu corpo.” João 2:19, 21. Então Pedro disse: “Enquanto estou neste tabernáculo”. “Eu devo deixar este meu tabernáculo”. 2 Ped. 1:13, 14. Paulo ensina a mesma doutrina. “Ainda que o nosso homem exterior pereça, o homem interior se renova de dia em dia.” 2 Cor. 4:16. Há, então, um homem interior e um homem exterior. O homem interior é o

homem substancial, o que não perece. Paulo prossegue: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando muito ser revestidos da nossa habitação, que é do céu. Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Para nós que estamos neste tabernáculo, gememos, sendo sobrecarregados;... Por isso estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto estamos no corpo, estamos ausentes do Senhor (porque andamos por fé, e não por vista); mas temos confiança e desejamos antes estar ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor”. 2 Cor. 5:1-8. Veja quão clara é a declaração de Paulo: “A nossa casa terrestre”, “tabernáculo”, “no corpo”, “ausente do corpo”, etc. Os adventistas nunca falam dessa maneira: em casa, no corpo, ausentes do Senhor; mas ausente do corpo, presente com o Senhor. É somente fazendo violência às escrituras que este texto pode se harmonizar com a ideia do sono da alma.

Novamente, vamos ouvir Paulo. “Eu conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não posso dizer; Deus o sabe), foi arrebatado ao terceiro céu. E eu sei que tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não posso dizer; Deus o sabe), foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar.” 2 Cor. 12:2-4. Então, Paulo acreditava que um homem poderia estar fora de seu corpo e ir para o céu e ouvir palavras lá. Os adventistas fogem de tais ideias.

O texto a seguir é tão claro sobre o assunto do estado consciente dos mortos, que os adventistas se mostram perplexos em relação a ele. Eles têm tentado várias explicações, todas contraditórias e nenhuma satisfatória a eles mesmos. Eu estive lá e sei. Paulo diz: “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas se eu vivo na carne, este é o fruto do meu trabalho; não sei então o que escolher. Porque de ambos os lados, estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, que é muito melhor. Mas, o permanecer na carne é mais necessário para vocês.” Filip. 1:21-24. “Morrer é lucro”, “um desejo de partir e estar com Cristo”, “eu vivo na carne”, “permanecer na carne”- esta era a fé de Paulo. Ele estava entre duas coisas: se permanecia na carne e pregava Cristo e ajudava seus irmãos, ou partia e estaria com Cristo. Como isto é totalmente contrário às ideias adventistas!

Veja a mesma doutrina sendo ensinada no caso do homem rico e Lázaro, Lucas 16:19-31. “E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão: o homem rico também morreu e foi sepultado, e no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio e, clamando, disse: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe a ponta do seu dedo na água e refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.’ Mas Abraão disse: ‘Filho, lembra-te de que em tua vida recebeste boas coisas, e Lázaro somente males; e agora este é consolado, e tu és atormentado. E, além disso, entre nós e vós há um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem eles poderiam passar para nós, os que daí viessem’. Então ele disse: ‘Peço-te, pois, ó pai, que o envie para a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que ele lhes dê testemunho, para que não venham também para este lugar de tormento’. Abraão disse-lhe: ‘Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.’ E ele disse: ‘Não, pai Abraão, mas se um dentre os mortos for a eles, hão de se arrepender.’”

1) Este ensinamento é do próprio Cristo. 2) Como vimos, era o que os fariseus acreditavam no que diz respeito aos mortos. 3) Jesus aceita e confirma sua doutrina. 4) Estes eventos ocorreram entre a morte e a ressurreição, enquanto os irmãos do homem rico ainda estavam vivos na terra. 5) Por isso, imediatamente após a morte e antes da ressurreição, o homem rico está no inferno e Lázaro é recompensado. 6) Eles estão ambos conscientes. 7) Abraão está vivo ali. 8) Ambos pensam e falam. Assim, os mortos certamente sabem alguma coisa. Se não tivéssemos nenhum outro texto, este por si só, refutaria o sono dos mortos. Jesus disse que Deus é “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Deus não é Deus de mortos, mas de vivos.” Mat. 22:32. Então, os patriarcas estão vivos e não apagados da existência no momento da morte. Mais uma vez: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma.” Mat. 10:28. Se o corpo é tudo o que há do homem, se a alma é simplesmente a vida do corpo, então os homens podem matar a alma. Mas Jesus diz que eles não podem matar a alma. Então, a alma não morre com o corpo. Quão claramente estes textos contradizem a fé adventista! E ainda eles pretendem ser guiados pela Bíblia. Assim, encontramos Moisés no monte com Jesus, embora ele tenha morrido e tenha sido enterrado há mil e quinhentos anos antes. Deut. 32. “Eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.” Mat. 17:3. Mas por que citar mais? Estes fatos são decisivos.

Muitos dos textos citados para provar o sono da alma, se referem apenas ao corpo. Assim Gen. 3:19, “Tu és pó, e ao pó te tornarás.” Isto não pode referir-se ao espírito, que não tem nem carne nem ossos, Lucas 24:39; mas retorna a Deus no momento da morte, Ecl. 12: 7. Leia os seus textos de prova. “Davi dormiu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi.” 1 Reis 2:10. Foi o espírito de Davi enterrado? “Então o homem se deita, e não se levanta...Oh, se quiseses me esconder na sepultura.” Jó 14:12, 13. Será que o espírito de Jó deitou-se na sepultura? Foi escondido na poeira? Dificilmente! “Se eu esperar, o túmulo será a minha casa.” Job 17:13. Será que o espírito vai para a sepultura? “Não há nenhum trabalho, nenhum projeto, nem conhecimento, nem sabedoria, na sepultura para onde fores.” Ecl. 9:10.” Muitos dos que dormem no pó da terra.” Dan 12:2. “Lázaro dorme”, “Lázaro está morto.” “A essa altura, já cheira mal.” João 11:11, 14, 39. Isso poderia ser dito do espírito? Será que o espírito de Lázaro se deteriorou? Certamente que não! Leia o texto favorito deles, Atos 2:34. “Davi não subiu aos céus”. O contexto mostra, claramente, que isso é dito do corpo. “Ele está ao mesmo tempo morto e enterrado, e sua sepultura está conosco.” “Ele falou da ressurreição de Cristo.” Versos 29, 31. Assim, em 1 Cor. 15, as várias expressões sobre estar dormindo são todas explicadas pelo assunto discutido, isto é, a ressurreição do corpo. Em 1 Tes. 4:13-16, isto é explicado da mesma maneira. Paulo está se referindo à ressurreição. Toda essa classe de textos refere-se apenas aos corpos que vão para a sepultura na morte. Como o espírito não vai para lá, estes textos não têm qualquer referência a ele, e, portanto, não provam nada a respeito dele. Um texto simples explica todos eles: “As sepulturas foram abertas, e muitos corpos de santos que dormiam ressuscitaram.” Mat. 27:52. Sim, sepulturas, corpos, dormiam - isso é tudo o que há ali. Os adventistas vão aos nossos hinários ortodoxos, e selecionam expressões que se referem àqueles que estão dormindo em suas sepulturas, e assim, tentam provar que todos nós acreditamos no sono da alma. Mas isso é falso, como nós bem sabemos, pois elas se referem somente ao corpo.

Assim, o seu texto principal, Ecl. 9:5-10, “Os mortos não sabem coisa nenhuma”, é limitado pelo contexto “qualquer coisa que se faz debaixo do sol”, verso 6. Compare isso com outros textos onde a mesma expressão é usada. “Com Absalão, foram duzentos homens... Eles foram, na sua simplicidade, e eles não sabiam de nada.” 2 Sam. 15:11. Outra: “Mas o rapaz não sabia de nada; só Jônatas e Davi sabiam do negócio.” 1 Sam. 20:39. De um professor orgulhoso, Paulo diz: “Ele é orgulhoso, não sabendo nada.” 1 Tim. 6:4. Eram todos estes, absolutamente, sem pensamento ou consciência? Não! Estes textos querem dizer simplesmente, que eles não sabiam nada sobre as coisas mencionadas. Assim, em Ecl. 9:5, o contexto explica. “E já não tem parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.” Verso 6. Salmos 146:3, 4, “Não confieis em príncipes, nem em filho de homem, em quem não há ajuda. Sua respiração sai, ele volta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos.” Seus pensamentos, suas finalidades. A margem da *Versão Revisada* lê “propósitos”. A palavra grega para pensamentos é DIALOGISMOI. *Greenfield* a define como: “o raciocínio, pensamento, cogitação, propósito”. A ideia é a seguinte: se confiamos nos príncipes terrestres, ao morrerem, seus propósitos perecem, e então, ficamos desamparados. Portanto, este texto é facilmente explicado, como também o são, os poucos textos restantes que são usados para ensinar o sono dos mortos.

ANEXOS

Anexo A

A cidade de Battle Creek, em Michigan, quando se julga os fatos honestamente, fornece uma boa ilustração da falha do adventismo. Começando em 1855, a cidade foi a sede da denominação por cerca de meio século. Era a casa do pastor White e esposa. Durante todos esses anos, ela foi beneficiada com o trabalho de seus maiores líderes, e a influência de suas grandes conferências gerais. Aqui foram construídas, a grande custo, as suas grandes instituições, como as suas grandes editoras, sua faculdade, seu hospital de renome mundial, a sua grande tenda, etc. Quando eu me retirei em 1887, havia cerca de dois mil sabatistas ali, todos unidos. Muitas vezes, preguei naquela grande tenda, quando todos os assentos, os de baixo e os da galeria, estavam cheios. Na faculdade, eu lecionei para uma classe de cerca de duzentos alunos, todos eram homens e mulheres jovens, se preparando para trabalhar, seja como pastores ou obreiros bíblicos. Agora, desde 1914, o colégio está fechado e sem utilidade para a obra; o sanatório se revoltou contra a denominação, e quase todos os da gestão, médicos, enfermeiros e auxiliares são guardadores do domingo; as editoras foram queimadas e o que restou delas mudou-se dali; a igreja diminuiu para cerca de quatro ou cinco mil membros; o tabernáculo vive em grande parte vazio, é um “elefante branco” em suas mãos; três grupos distintos de guardadores do sábado, agora se reúnem todos os sábados, sem ter nenhuma conexão entre eles. Pior ainda, um grande número têm se desviado, perdendo a fé em tudo, e não participando em nada. Tem sido como um ciclone desolador.

Cerca de vinte anos atrás entre os homens mais fortes nas fileiras, homens de quem toda a denominação era orgulhosa, estava o Doutor J. H. Kellogg, chefe do sanatório; o pastor A. T. Jones, editor, autor, ministro, orador; o pastor E. J. Waggoner, editor, autor, pregador; o pastor Geo. Tenney, ministro, editor, missionário; o pastor L. McCoy, ministro, capelão do hospital; entre muitas pessoas em posições importantes, como gerentes de negócios, professores universitários, médicos, etc.. Todos estes estão agora fora da igreja, e toda a sua influência é contra a igreja.

O que aconteceu ali está constantemente acontecendo em todos os campos de suas antigas igrejas. É em novos campos e terras estrangeiras, onde a história da igreja é desconhecida, que os seus principais ganhos são feitos. Posso citar um grande número de igrejas por todo o país, que eram igrejas grandes e fortes, trinta, quarenta anos atrás. Agora, elas estão extintas ou restou apenas uns poucos que se reúnem no canto de uma antiga igreja. Tais são: Norridgewock no Maine; Danvers em Massachusetts; Memphis, Wright, e Monteray em Michigan; Knoxville, Sigourney, Winterset e Osceola em Iowa; com dezenas de igrejas menores em muitos dos estados. A coisa não se desgasta. Se o passado servir de padrão, em vinte anos, portanto, muitos de seus homens fortes sairão e se oporão a eles, e muitas de suas melhores igrejas vão cair. Em 1912, as últimas estatísticas disponíveis, eles tinham 4.000 trabalhadores na obra, com milhões de dólares gastos, eles só ganharam 4.000 novos membros em todo o mundo, isto é, um para cada trabalhador. A *Review and Herald*, 23 de abril de 1914, diz: “Tome 1912 como uma base, e nós concluímos que custou a esta denominação praticamente de US\$ 900 a US\$ 1.000 para cada pessoa adicionada à igreja.”

Como isso se compara com as alegações de que a mensagem deles é a mais maravilhosa que o mundo já teve, e que o poder de Deus está com eles, como em nenhum outro povo? Os fatos são contra eles.

Anexo B

O sistema do adventismo do sétimo dia descansa em seu fundamento, nas teorias, sem suporte, de um velho agricultor, ignorante, em seus últimos dias e os devaneios de uma menina sem estudo, doentia, e excitável. Guilherme Miller, o fundador do adventismo, tinha sessenta e um anos de idade em 1843, ano

em que ele predisse que seria o fim do mundo. Ele morreu seis anos depois; decepcionado e confuso. Ele tinha apenas uma escolaridade limitada. Ele rejeitava toda ajuda bíblica e dependia exclusivamente de suas próprias ideias da Bíblia. Veja *A vida de Miller*, por Tiago White, páginas 46, 48, 59. Ele aceitava como infalíveis as datas encontradas na margem da Bíblia. Estas foram organizadas por Usher de acordo com a melhor informação obtida na época. Investigações posteriores mostraram que estas datas estavam incorretas, diferindo em muitos anos. Miller baseou todos os seus cálculos sobre essas datas antigas e definiu, através delas, o início e o final de cada período profético da Bíblia. Com isso, ele marcou 1843 para o fim do mundo, e todos os outros períodos para encaixar nesta data, como as setenta semanas, os 2.300 dias, os 1.335 dias, os 1.290 dias, os 1.260 dias, as sete igrejas, sete selos, trombetas, etc. Ele disse que todas elas estavam absolutamente corretas.

Então, apareceu a Sra. White, uma mera menina, sem nenhum conhecimento de história ou cronologia, e colocou seu selo de aprovação em todos os números e datas de Miller, e disse que nada deveria ser alterado. Vamos ouvi-la: “Vi que o diagrama de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que ele não deve ser alterado, que os números eram como ele queria.” *Primeiros Escritos*, página 64, da edição de 1882. A denominação deverá sempre respeitar estas datas, estando certas ou erradas. Então, todo o seu sistema profético repousa sobre as figuras de um velho agricultor e uma menina ignorante, setenta anos atrás. Deus tenha piedade deles!

Anexo C

As expectativas fanáticas dos adventistas. Por cerca de 70 anos, os adventistas do sétimo dia previram que alguns meses ou anos, antes do final, o Espírito Santo seria derramado sobre eles, como aconteceu no Pentecostes. Eles chamam isso de “chuva serôdia”. Em seguida, ocorrerá o “alto clamor”, para fechar a obra. Assim, desde 1914, eles pregam e publicam que tudo isso começou, e que a obra vai se fechar rapidamente. Desta obra, Ellen White diz: “Milagres são operados, os doentes são curados e sinais e maravilhas acompanham os crentes”. *O Grande Conflito*, na página 430, edição de 1884. Ela dedica cinco capítulos prevendo que as maravilhas ocorrerão pouco antes do final. Leia-os. Eu só posso esboçar alguns itens. Satanás aparece pessoal e visivelmente a todos, em glória deslumbrante, alegando que ele é Cristo vindo à Terra. Todos, com exceção dos adventistas, o aceitam como tal. Ele sorri para eles e os abençoa. Todos gritam “Cristo veio.” E Satanás lhes diz que os adventistas são blasfemos, ímpios, por trabalharem no domingo e que todos devem ser mortos. Páginas 442, 443. Leia-o.

O espiritismo toma posse de todas as igrejas. Páginas 405, 422; Igreja e Estado se unem. Páginas 423, 424, não só nos Estados Unidos, mas “por toda a cristandade”. Página 444; Satanás, então, instiga todos os órgãos legislativos a emitir um decreto, que faça com que todos os guardadores do sábado sejam mortos e exterminados, a não ser que se retratem até um prazo determinado. “Nenhum homem pode comprar ou vender”, aqueles que não guardam o domingo. Página 422; quem se recusar a guardar o domingo “deverá ser condenado à morte.” Os guardadores do sábado “serão lançados na prisão, alguns serão exilados, alguns serão tratados como escravos.” Página 426. “Eles serão ameaçados de destruição.” Página 427. Os adventistas, então, “fugirão das cidades e vilas e se reunirão em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários.” Página 445. “Muitos de todas as nações serão lançados no cativeiro injusto e cruel, e condenados à morte.” Página 445. “Em toda parte, grupos de homens armados, instigados pelas hostes de anjos maus, estão se preparando para a obra de morte, com gritos de triunfo, com vaías e imprecações, eles estão prestes a cair sobre a presa.” Página 452.

Só então Cristo aparece e os 144.000 adventistas do sétimo dia são elevados às nuvens e salvos. Todo o resto da humanidade, mundanos, metodistas, batistas, e todos os guardadores do domingo, são totalmente destruídos. Isto é o que os adventistas creem e ensinam. Leia o livro acima citado. De todos as teorias radicais e fanáticas já pregadas, esta ganha de todas. Para que isso possa se adequar ao histórico do progresso da humanidade, seria necessário voltar mil anos. Seria a revolução mais milagrosa que o mundo já viu, e tudo dentro de poucos anos. Teria que ser mundial, “todas as nações.” Página 445. Índia, China, Japão, onde não se dá importância ao domingo, receberá o decreto de morte para aqueles que trabalharem naquele dia. A tendência do mundo inteiro segue em um sentido contrário, a separação de Igreja e Estado, maior liberdade de pensamento, de maior tolerância para com todas as crenças religiosas, e uma maior frouxidão na observância do domingo. Só cego não vê isso!

Anexo D

A supremacia do papa, não o domingo, é a “MARCA” do papado. A única afirmação suprema do papado; o TESTE essencial de lealdade a todo católico; a única coisa que todo católico deve jurar, quando ele se junta a essa igreja; a única coisa acima de todas as outras, insistida em todos os catecismos e livros doutrinários, é a SUPREMACIA DO PAPA DE ROMA. Ninguém pode ser católico e negar esta afirmação. Converta-se a isso, e todo o resto é consequência. Durante a supremacia papal, dezenas de milhares foram martirizados, porque não se curvaram à autoridade do papa. Foi isso que ocorreu a grande Reforma sob Lutero e originou o nome PROTESTANTE. Contra isso, é o que as igrejas protestantes vêm alertando por trezentos anos. O TESTE, a MARCA de lealdade de um muçulmano é reconhecer a autoridade suprema de Maomé como um profeta; de um mórmon, reconhecer Joseph Smith como profeta de Deus, de um cientista cristão, reconhecer a autoridade de Eddy; de um católico, reconhecer a autoridade do papa de Roma como suprema. Nesta cidade, nós temos diversas igrejas católicas e dezenas de outras igrejas que guardam o domingo. Alguém pensa que essas igrejas são católicas, só porque elas guardam o domingo? Não! Os católicos pensam que eles são católicos por causa da guarda do domingo? Não! Será que essas igrejas, cada vez mais, se consideram católicos, porque eles guardam o domingo? Não! É então, uma MARCA católica o guardar o domingo? Não! Pois, ninguém, quer seja católico, protestante, mundano, ou qualquer outra pessoa, nunca pensa nisso como uma marca de um católico. Assim, ninguém na igreja ou fora dela, considera uma pessoa como sendo católica, só porque ela guarda o domingo, o qual não pode ser a marca do papa.

Mas, no momento em que a pessoa reconhece a autoridade do papa como suprema, todos passam a considerar essa pessoa, como sendo católica ou papista. E a igreja católica a reconhece como tal. Mas se ela simplesmente guarda o domingo e nega a autoridade do papa, será que a Igreja Católica a aceita? Enfaticamente, não! Então qual é o TESTE, a MARCA de um papista? É o reconhecer a supremacia do papa de Roma; isto marca a pessoa como sendo católica.

Assim, *A Nova Enciclopédia Universal de Johnson*, diz: “Igreja Católica Romana, o corpo de cristãos que reconhece a autoridade do papa de Roma.” O mesmo artigo dá o credo a que todo católico deve jurar obediência: “Eu prometo e juro verdadeira obediência ao bispo de Roma, sucessor de Pedro, príncipe dos apóstolos e vigário de Jesus Cristo.”

Aqui você tem a MARCA da igreja. Não é a guarda do domingo, mas a autoridade suprema do papa. Cada catecismo ou obra doutrinária católicos têm em negrito esta manchete: “MARCAS DA IGREJA.” A guarda do domingo nunca é dada como uma delas, mas a supremacia do papa está sempre na lista. Marque bem este fato!

Anexo E

Eu elaborei a seguinte declaração e a li a um padre católico, líder em Grand Rapids, Michigan, que prontamente assinou embaixo, como será visto a seguir:

“A doutrina católica da mudança do sábado é a seguinte: Os apóstolos, por instrução de Jesus Cristo, mudaram o sábado para o domingo para comemorar a ressurreição de Cristo e da descida do Espírito Santo, ambos ocorridos no domingo. A mudança foi feita pelos próprios apóstolos, e, portanto, pela autoridade divina, logo no início da igreja. Há referências a esta mudança em Atos 20:7; 1 Cor. 16:1, 2; Apocalipse 1:10, etc.; no entanto, estes textos não indicam positivamente tal mudança, assim, católicos recorrem às declarações dos primeiros pais cristãos, onde essa mudança pelos apóstolos é confirmada e deixada sem qualquer dúvida. Os católicos também contam com a tradição da igreja, que diz que a alteração foi feita pelos apóstolos. Os católicos nunca ensinam que a mudança do dia foi feita pela igreja, duzentos ou trezentos anos, depois de Cristo. Tal declaração seria contrária a todos os fatos da história e as tradições da igreja.”

“A santa Igreja Católica começou com os apóstolos. São Pedro foi o primeiro papa. Portanto, quando dizem que a igreja mudou o sábado, eles querem dizer que isso foi feito pela igreja, nos dias dos apóstolos. Nem a igreja nem o papa, duzentos ou trezentos anos depois dos apóstolos, tiveram alguma

coisa a ver com a mudança do sábado, pois a alteração foi feita séculos antes. Os católicos não chamam o primeiro dia da semana de sábado, mas o chamam de domingo, ou o Dia do Senhor.”

“A declaração acima pelo pastor D. M. Canright é verdadeira e é a pura doutrina católica. Rev. James C. Pulcher, padre da Igreja de SãoTiago, Grand Rapids, Michigan.”

Em resposta à minha pergunta, o arcebispo John Ireland me escreveu assim: “Saint Paul, 2 de março de 1914. Caro senhor: Para responder a sua pergunta, eu afirmaria que o sábado judaico era simplesmente um preceito positivo na lei mosaica, que caducou com a lei. Os apóstolos e os primeiros cristãos instituíram o domingo, como um dia de oração especial, em honra dos grandes mistérios da religião cristã: a ressurreição e a vinda do Espírito Santo, ambos ocorridos no primeiro dia da semana. Atenciosamente, John Ireland.”

Tenho examinado cuidadosamente a *Enciclopédia Católica*, o *Dicionário Católico*, um grande número de catecismos católicos, grandes e pequenos, vi que todos concordam em localizar a mudança do sábado, no tempo dos apóstolos e pelos apóstolos. Isto é, enfaticamente, a doutrina da Igreja Católica. Nem uma única autoridade católica localiza a mudança em qualquer outro tempo. Os adventistas são injustos ao omitir esse fato, quando eles citam apenas uma parte do que os católicos dizem. As autoridades católicas acima citam Atos 20:7; 1 Cor. 16:2; Apo. 1:10; o mesmo que os protestantes fazem para provar que a observância do Dia do Senhor se originou com os apóstolos.